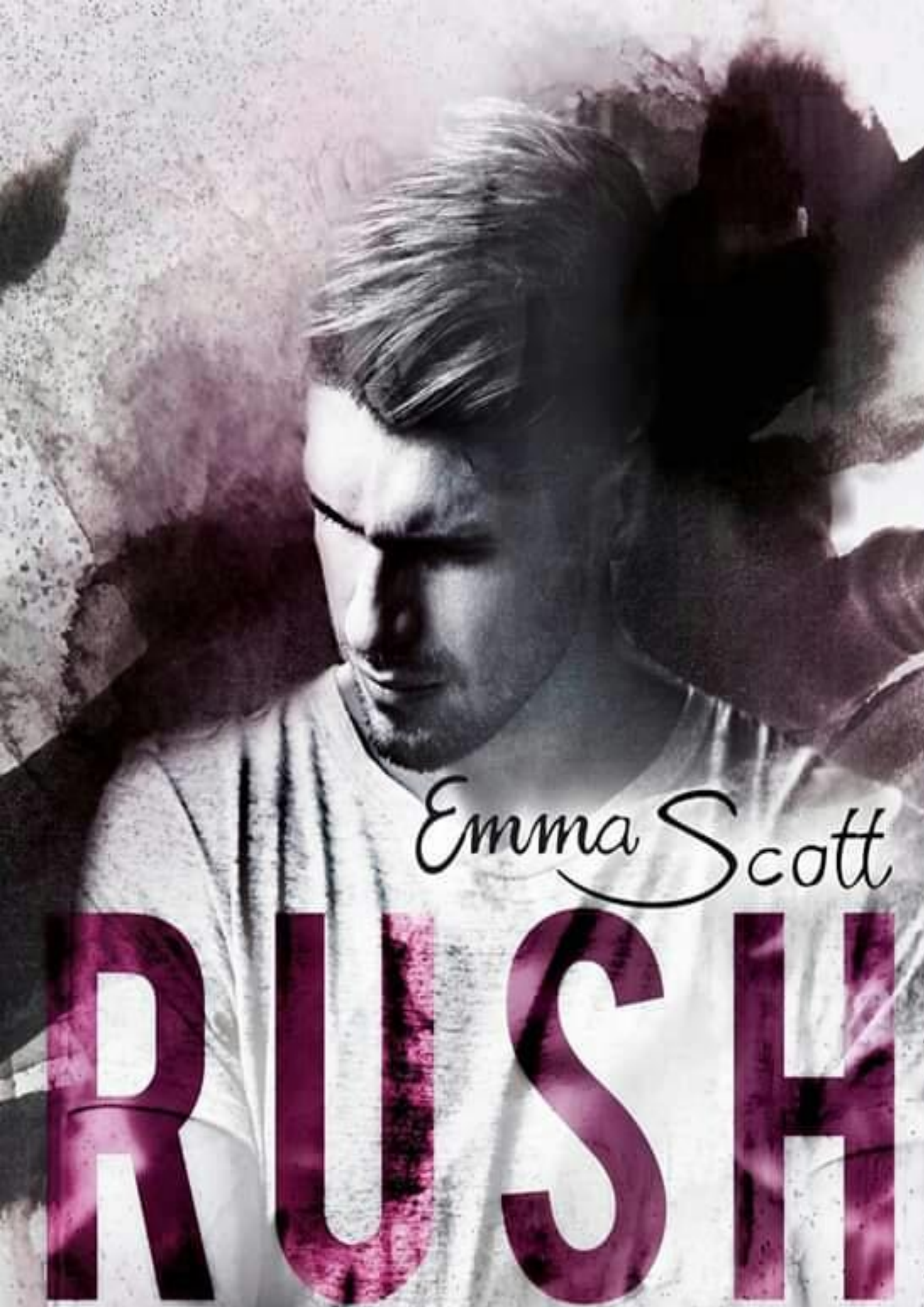
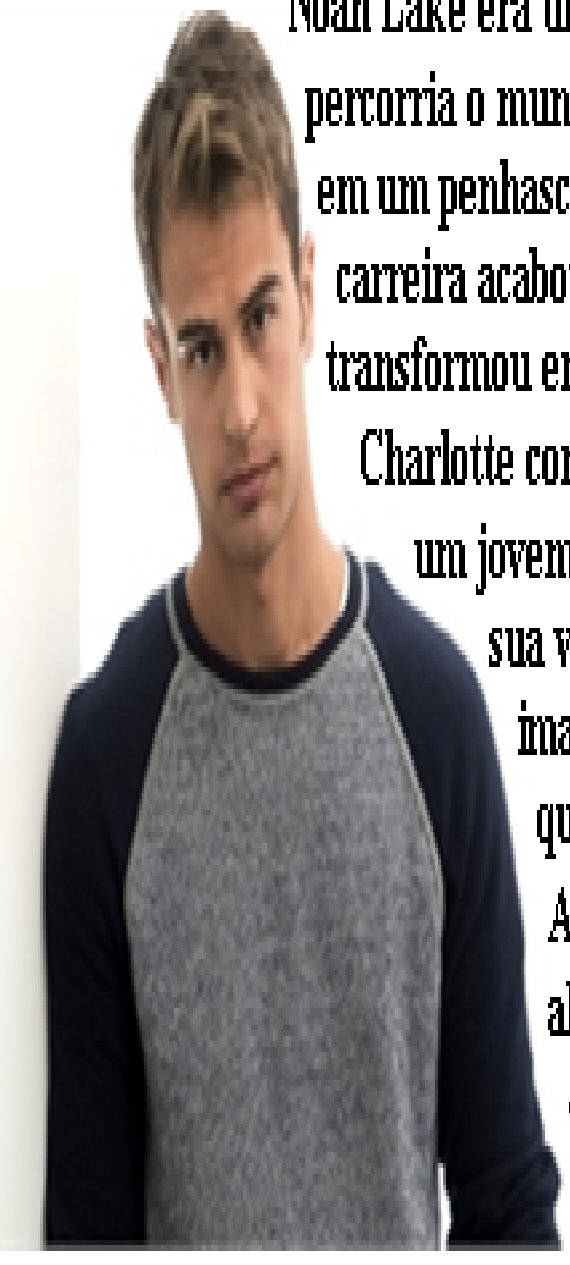

Emma Scott
RUSH

Sinopse

Ser cego não é triste; não ser capaz de suportar a cegueira, isso que é triste. – John Milton.

Charlotte Conroy, violinista formada em Juilliard, estava no auge da grandeza quando a tragédia a sobrevoou com asas negras, destruindo suas esperanças e partindo seu coração. A música que costumava tocar em sua alma ficou silenciosa, e ela se sente à beira de largar o violino para sempre. Para pagar as contas, ela aceita um emprego como assistente pessoal de um jovem amargo e zangado que ficou deficiente por causa de um terrível acidente...



Noah Lake era um atleta de esportes radicais, jornalista e fotógrafo. Ele percorria o mundo em busca de sua próxima adrenalina, até que uma queda em um penhasco o deixou em coma. Ele acordou e descobriu que a sua carreira acabou, que seus sonhos se despedaçaram e seu mundo se transformou em uma escuridão sem fim e que nunca poderá se reerguer.

Charlotte começa a ver que, sob o exterior irritado e frágil de Noah, há um jovem que está sofrendo. Ela está determinada a mostrar a ele que sua vida não acabou, que ele tem muito pelo que viver, não imaginando que ela se tornaria a única luz na escuridão dele, ou que ele a ajudaria a encontrar a música na dela.

A vida que ele conhecia acabou. A vida que ela quer está fora de alcance.

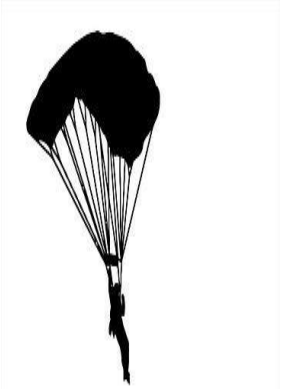
Juntos, eles devem enfrentar os seus medos e redescobrir o que significa realmente viver.


Disponibilidade:
Tuka
Tradutora:
Dri
Revisora Inicial:
Anny
Revisoras Finais:
Bia e Lu
Leitura Final:
Tuka
Diagramação:
Federicci
Arlequina's Legacy Traduções
ALT

Ato I

Adágio[1]

[1] **Adágio** *é um andamento musical lento, por consequência composições músicais com esse tempo são conhecidas como* **adágios.**



Prólogo

Noah

Corro pelo Grand Couloir, Courchevel, França. O vento gelado atinge minhas bochechas enquanto desço entre pedras irregulares, levantando rajadas de neve, cada vez mais rápido, para baixo e para baixo, até estar quase na vertical. Meu coração bate forte e a minha respiração na minha máscara grita como um javali. A adrenalina bombeia em minhas veias em vez de sangue.

A descida se inclina. Um penhasco. Eu não ligo, eu me abaixo para ir mais rápido, e então não há nada sob meus esquis e estou voando...

...eu estou voando, planando, o nylon move acima de mim e seguro os bastões com um punho branco. O ar está quente e o céu está dourado e azul - o crepúsculo caiu sobre Kahului. Minha asa delta mergulha e voa, e sinto o vento mudar. Eu me movo com ele, voando cada vez mais alto, até as ilhas serem poças de areia com barba verde.

Voo baixo, me curvo e quase viro. Solto um grito de triunfo e chego no limite da corrente, mais alto ainda, até quase tocar o sol, como Ícaro, só que não me queimo. Não. Eu subo.

E quando estou alto o suficiente, coloco a asa delta em uma queda livre, com meu cinto se esticando até que ele se desfaça e o nylon se rasgue, até que seja apenas eu desafiando o oceano, e não vou piscar primeiro. Eu sigo descendo, com as mãos prontas para cortar a água como uma faca. Eu estou caindo...



...estou caindo em La Quebrada, Acapulco, a cento e trinta e seis pés de altura e à cinco segundos de profundidade segura antes que as ondas recuem novamente. Meus nervos estão como um medo elétrico - aquele chiado perfeito que é quase orgásmico, quase insuportável. Despenco e grito com o meu triunfo, arrogantemente, pois sou invencível.



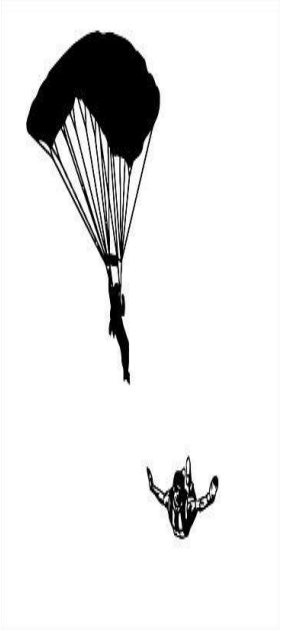
A água corre para me encontrar e eu a corto perfeitamente; como uma flecha no frio azul esverdeado, para baixo, para baixo, onde partículas de poeira douradas movem na infusão verde cromo. Eu não paro, nem diminuo. Não posso. Desço mais fundo, e começo a engasgar com minha vitória. Meus pulmões se contraem, meus tímpanos explodem e ainda assim afundo. A água agora está verde escura, agora apenas escura e agora preta. Não consigo respirar. Eu não consigo ver. Minha cabeça atinge as extremidades irregulares do mar e tudo que sinto é dor...

Um grito escapa da minha garganta, um último grito, eu acho, antes de me perder no abismo escuro. Mas não, eu posso gritar, para poder respirar. Eu não estou submerso. Eu não estou perdido no fundo. Estou em uma cama, na cidade de Nova York, com meu corpo coberto de suor e minhas mãos segurando os lençóis.

Alívio percorre através de mim como a adrenalina fez uma vez, e eu abro meus olhos. Mas meus olhos já estão abertos. Não estou mais no escuro, mas estou tão cego quanto. Cego.

Eu estou cego.

Antes...



04

Charlotte

Ele foi gentil como sempre. Eu queria dizer a ele para se soltar, que estava tudo bem. Depois de oito vezes - sim, continuei contando - há muito tempo que parou de doer. Eu disse para mim mesma que ele estava sendo atencioso. Atencioso, mas entusiasmado. Talvez um pouco entusiasmado demais. Mais uma vez, acabou antes de me aquecer; ele caiu em cima de mim depois de alguns minutos. Mas o sorriso cansado e satisfeito de Keith quando ele levantou a cabeça da curva do meu ombro aqueceu meu coração, mesmo que meu corpo ficasse sem o desejar.

Eu era nova na coisa de "fazer sexo", mas gostei. Um pouco, se eu tivesse sendo honesta. É verdade que eu ainda não havia alcançado o Grande O, mas tinha 21 anos e ainda era uma novata. Imaginei que chegaria lá com a prática. E estava mais do que disposta a dedicar tempo ao meu lindo e novo namorado. Meu primeiro namorado. Meu primeiro amor. Meu primeiro tudo.

Estendi a mão para Keith novamente, mas ele virou e beijou minha mão. — Eu tenho aula. – disse ele. — E você, minha querida, fará uma audição hoje à noite. A mais importante da sua vida.

— Até agora. – disse com um sorriso. — Depois de me formar, vou para a Phil[2]. Ou talvez Boston.

---

[2] ***Phil: é a abreviação para a Philharmonic. Significa Filarmônica em Inglês.***

E deixar meu irmão mais velho orgulhoso. As palavras de Chris ecoaram em meus pensamentos: *"Primeiro Juilliard e depois a Phil!"* Sua despedida quando fui para a faculdade. Eu a mantive como um mantra, prometendo tornar suas palavras realidade. Ganhar uma vaga no Spring Strings - o projeto mestre de Keith - seria um passo nessa direção; um risco em meu currículo.

Um pensamento ofuscou meu sorriso. Eu me virei para Keith. — Se for o contrário hoje à noite, eles não irão pensar que entrei por nossa causa?

Keith vestiu seu jeans, de costas para mim com o seu cabelo loiro brilhando no raio de luz que entrava da minúscula janela do dormitório. — Provavelmente. – ele disse. Ele se virou e se inclinou sobre a cama, me beijando suavemente antes de se afastar e sorrindo aquele sorriso vitorioso que ainda depois de um mês tinha a capacidade de fazer meu coração disparar no peito como um pássaro enjaulado. — Então é melhor provar que eles estão errados.



Às vinte para as seis, subi a Broadway com o case[3] de violino na mão. Minha saia preta de linho reta, blusa branca e jaqueta preta estavam um pouco pesadas para o clima, mas uma brisa leve afastou o calor remanescente do dia. Um dia impressionante de primavera, se é que houve algum. Mas a cidade de Nova York poderia ter sido atingida por um furacão e eu me sentiria invencível naquela noite.

Eu ia ganhar a cobiçada vaga de violinista no Spring Strings Quartet. Sabia disso, não porque estava cheia de arrogância ou ego. Desde que cheguei a Juilliard quase três anos atrás, a música que vivia em meu coração estava prosperando e florescendo de uma maneira que eu não poderia imaginar. Eu não apenas toquei as notas das composições diante de mim, criei harmonias perfeitas por

---

[3] ***Case de Violino: é como é chamado a caixa para transportar um instrumento como o violino e outros mais instrumentos de cordas.***

habilidade e infundi-as com amor. Amor pela música. Amor pela vida.

E agora amor por Keith. De todas as mulheres que se reuniam ao redor dele como pombas em torno de uma estátua de bronze, ele me escolheu. Meu coração estava transbordando, mas eu ganharia meu lugar honestamente. Eu daria tudo a eles.

Eu tocaria Mozart, é claro. Mozart, que sentia ser o meu guia espiritual; que me chamou através dos séculos com sua música que, na minha opinião, era uma perfeição absoluta. Senti a música de Mozart nos meus ossos, no coração e na alma. Sempre toquei com o coração nas mãos, mas com Mozart, eu me despia.

As três primeiras fileiras do Alice Tully Hall estavam cheias de esperanças, algumas murmurando em voz baixa, outras dando-me olhares de desdém. Todos sabiam que eu estava namorando Keith. Mas isso não importava. A música estava viva em mim e eu estava prestes a soltá-la.

Toquei a cadência ferozmente técnica do Concerto para Violino Nº 5 de Mozart para Keith e os outros dois diretores estudantis - ambos idosos como ele e duas mulheres - me olhavam duvidosamente. Eu estava muito perdida na música para ver os rostos enrugados relaxarem, transformando-se de uma dúvida grosseira, em choque e em alegria atordoada. Eu estava imersa demais para ver os rostos dos outros esperançosos perderem o desprezo enquanto ouviam. Até o fim. Então os aplausos, pequenos para o salão quase vazio, mas estrondosos para mim, vieram e acordei como se tivesse um sonho erótico.

Eles me cercaram por todos os lados, parabenizando-me mesmo que metade ainda não tocasse. Alguns enxugaram lágrimas dos olhos, outros apenas balançaram a cabeça enquanto me banhavam com elogios.

— Surpreendente. Senti isso nas minhas *entranhas*.

— Estou louco de inveja, mas no bom sentido, juro.

— E eu aqui pensei que você era apenas a atual de Keith, mas não...

Isso minha atenção. — A atual dele...?

Mas então Keith estava lá, me abraçando e me girando. — Temos uma super estrela, não é? – ele riu e me beijou, e depois colocou a boca perto da minha orelha. — Eu acho que te amo, Charlotte.

Lágrimas surgiram nos meus olhos. Agora eu tinha certeza que meu coração não aguentaria mais uma gota de felicidade. Eu o beijei também com tudo o que eu tinha. — Eu também te amo.



Uma semana até a noite de abertura.

Eu estava no meu dormitório com Melanie Parker. Ela ganhou a cobiçada vaga de violoncelista dos Strings e nos tornamos melhores amigas antes do final do primeiro ensaio, um mês atrás. O pragmatismo dela - e o corte pajem de cabelo escuro - me lembraram de Velma das antigas reprises de Scooby-Doo que Chris e eu costumávamos assistir quando crianças. Agora, Melanie e eu estávamos conversando e rindo enquanto lia piadas idiotas da Internet.

— Ok, espere, aqui está uma boa. Qual é a diferença entre um pianista e Deus?

— Sério, Char...

— Deus não acha que ele é pianista. – Levantei as minhas sobrancelhas para ela. — Entendeu?

— Sim, entendo. Como alguém pode ser tão talentosa quanto você e, no entanto, uma idiota tão gigantesca, está além de mim.



Eu encolho os ombros, rindo. — Por que os músicos deveriam ser monótonos e sérios o tempo todo?

— Isso é outra piada?

— Acho que nem todos os músicos. – refleti. — Mozart costumava escrever cartas para a mãe dele descrevendo coisas particularmente satisfatórias que ele havia composto.



— Só você acharia isso admirável. – Melanie olhou para o relógio através dos óculos gatinho. — Droga. Estamos atrasadas.

Nós guardamos nossas coisas e saímos quando meu celular, ainda na minha mesa, tocou.

Na porta, Melanie levantou o seu case de violoncelo. — Tique-taque.

— Eu sei, mas deixe-me... – eu corri de volta para a mesa e olhei a tela. — É um número de Bozeman. Alguém está ligando de casa. Não são meus pais ou Chris, ou teria identificado.

— Você sabe como me sinto com atraso. – disse Melanie, batendo o pé.

Eu gostaria de ter ouvido ela. Gostaria de ter deixado o celular sozinho e ido para o ensaio. Teria tido mais algumas horas de uma feliz ignorância antes que a navalha caísse, como uma guilhotina, para sempre dividir minha vida em *Antes e Agora*. Antes estava tão cheio de luz, amor e música. Agora estava escuro, frio e quieto.

— Alô?

— Charlotte? – Uma voz de um homem. Lacrimejante. Trêmula. Uma voz engasgada com lágrimas.

— Tio Stan?

— Oi, querida. – Uma respiração ofegante misturada com um soluço. — Eu tenho más notícias. Você pode precisar se sentar.



Meu peito apertou e meu coração acelerou, e depois disparou para alcançá-lo. Mas não me mexi. Eu me senti paralisada. — O que aconteceu?

— É Chris, querida. Eu sinto muito. Eu sinto muito...



Tio Stan me contou o que aconteceu, mas me lembro disso em partes e, no final, apenas uma parte importava. Chris se foi.

Ele se foi.

Antes e agora. Bem desse jeito.



— Você vai perder a noite de abertura? – Os olhos de Keith, que eu sempre pensei serem azuis como um dia sem nuvens de verão, estavam frios. — Charlotte, temos uma semana.

Levantei meus próprios olhos ofuscados, inchados e vermelhos para encontrar os dele incrédulos, embora não tivesse forças para fazer mais do que murmurar. — O funeral é em quatro dias...

— Não, eu sei, eu sei. – ele suspirou e ficou em cima de mim, esfregando meu ombro com uma mão. — Cristo, que grande confusão. Pobre criança.

Imaginei que ele se referia a mim, embora ele nunca tivesse me chamado assim antes.

— Vou pensar em alguma coisa aqui. – disse Keith. — Mas a sua vaga no Strings... preciso preenchê-la, Char. Você sabe disso, certo?

Balancei a cabeça e limpei o nariz com os pedaços de um velho Kleenex que eu estava segurando a manhã toda. — Eu sei. – eu disse, levemente surpresa com quanto pouco isso me incomodou. Na

verdade, isso realmente não importa. As palavras de Keith vieram até mim longínquas, como uma transmissão distante do espaço.

Ele me abraçou, ainda de pé. Minha bochecha encostou no bolso lateral áspero de seu jeans. — Você vai ficar bem, Char. Apenas vá e fique com sua família. Eu gostaria de estar com você.

Olhei para cima em suas palavras como um leve lampejo na escuridão. — Gostaria?

— Isso é impossível, é claro.

Eu me encolhi. — Ah.

— Não posso me ausentar agora, mas você vai ficar bem, criança. – ele me incentivou carinhosamente, como se ele fosse um treinador e eu fosse uma atleta mirim que desistiu da partida que venceria o jogo. — Sim, você verá. Muito bem.

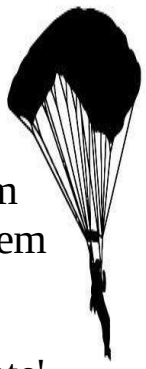


Bozeman, Montana. Não havia um lugar mais bonito na terra, no que me dizia respeito. Até essa viagem para casa. Eu voei de avião ao meio-dia, mas o vale do Gallatin parecia escuro, como se eu estivesse de ressaca da noite mais longa.

O voo tinha sido um borrão, a viagem do aeroporto com o Tio Stan foi um pesadelo. Ele tinha medo de falar comigo, como se eu fosse quebrar ao menor som. Nós dirigimos em seu SUV brilhante para minha casa, e eu me senti como uma prisioneira andando no corredor da morte. *Não é a minha morte. Chris. Chris está morto.*

Chris estava morto.

Esse pensamento, ou variações dele, dançou em meu cérebro como os esqueletos pintados que eu tinha visto em um festival de *Dia de los Muertos* em um Outono. Mas eu não conseguia entender bem a enormidade disso. Não enquanto estiver na cidade de Nova York,



no avião ou no carro do Tio Stan. Mas assim que eu chegasse em casa, estaria lá. Eu nunca fiquei tão petrificada ao ver meus pais em toda a minha vida.



Uma espécie de vigília estava acontecendo desde o 'incidente'. Entrei na sala com painéis de madeira de bordo, com as tapeçarias dos nativos americanos na parede e o cheiro flutuando de oito caçarolas diferentes da cozinha.

Fui cercada por velhos amigos e familiares. Eu tive que percorrer uma floresta de sorrisos molhados de lágrimas e palavras reconfortantes para alcançar minha mãe. Elaine Conroy, professora do ensino fundamental. Ela caminhou com um lenço na mão e um olhar de pânico nos olhos, como se tivesse perdido alguma coisa e não conseguisse pensar onde procurar. Ela *havia* perdido algo, seu filho, e nunca o recuperaria.

Ela me encontrou, abraçou e apertou, uma e outra vez, como se tivesse que ter certeza de que eu era real ou que não Iris escapar de suas mãos como fumaça.

Gerald Conroy, meu pai, professor de matemática, era uma estátua silenciosa, as sobrancelhas aparentemente permanentemente franzidas, como se estivesse tentando resolver algum problema grande e terrível - um problema que não tinha solução. Porque não havia.

O cavalo pulou. Chris foi jogado. Ele caiu da pior maneira possível.

Não havia mais nada a resolver, a não ser como esses fatos simples resultaram no vazio escuro que se abriu em nossas vidas.

Dois dias depois, eu estava na Igreja Presbiteriana da Primeira Manhã, olhando meu irmão adormecido em um caixão. Ele só tinha que dormir, não tinha? Ele parecia bem. O colarinho estava alto para esconder os ossos quebrados no pescoço, mas por outro lado... Meu irmão mais velho. Minha inspiração. O meu melhor amigo.



"Primeiro Juilliard, depois a Phil!"

Não, Chris. Primeiro a dor. E mais e mais, até que meu futuro foi deformado e se afogou em lágrimas, e eu não conseguia mais vê-lo.

Eu me ajoelhei com minha testa apoiando contra a madeira escura do caixão na penumbra da igreja e fiquei lá até que a igreja de alguma forma se transformou em meu quarto em casa.



Fiquei na cama por dois dias até que meus pais, com medo de não me formar, me levaram de volta à escola. Eles me disseram que estavam bem e não me preocupar, mas é claro, isso era mentira. Nenhum de nós jamais ficaria bem novamente, e sabíamos disso.

Voei de volta para a cidade de Nova York, sentindo-me submersa em água gelada. Não esperava que a minha vaga no Strings ainda existisse. Não me importei com isso. Mal conseguia encontrar meu caminho para meu dormitório, e muito menos tocar.

Mas esperava que o homem que eu amava estivesse esperando por mim, para me confortar do pior do sofrimento. Estar lá por mim quando eu mais precisava dele. Mas Keith não atendeu nenhuma das minhas ligações e, quando voltei a vê-lo, ele estava andando pelo Lincoln Center com o braço em volta de Molly Kirkpatrick, a baixista do Spring Strings. Minha vaga foi dada e a vida continuou.

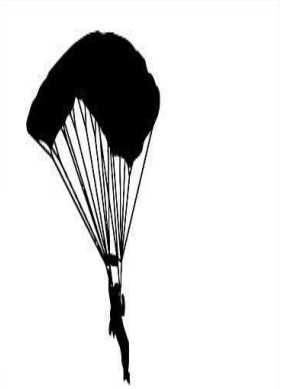
Antes e agora.

Alegria, euforia, amor... Eles me levaram tão alto, mais alto do que eu jamais pensei que fosse possível. Mas então o vento mudou, as correntes caíram e caí em queda livre, impotente para fazer qualquer coisa, exceto ver o chão se erguer para me encontrar.

Voltei para meu prédio estudantil em Juilliard, coloquei o violino no case e o fechei.

O tempo não voa; ele sobrevive e eu também. O horizonte não é tão vasto, as cores não eram tão vibrantes aqui no chão, e era mais difícil para eu ver o meu futuro da minha nova perspectiva baixa. Mas era mais seguro aqui em baixo. Muito mais seguro.

Agora...



02

Charlotte

Um ano depois...

Eles estavam fazendo isso de novo. Coloquei meu travesseiro sobre o rosto, mas as paredes eram muito finas. Eu podia ouvir os gritos de êxtase de Reya e os gemidos baixos de Collin em destaque. Uma sinfonia carnal que, muitas vezes, isso serviu como o meu despertador. Eu espiei debaixo do travesseiro para olhar para o meu despertador verdadeiro. Seis e meia. Eu tinha que acordar em quinze minutos de qualquer forma, então talvez devesse um agradecimento aos meus colegas de quarto. Talvez seus apetites sexuais insaciáveis tivessem me dado um banho primeiro para variar.

Tirei minhas cobertas e corri pelos pisos de madeira para o único banheiro do apartamento, para descobrir que Emily tinha chegado antes de mim. Eu a ouvi cantarolar sob o jato de água.

— Droga.

Desci o pequeno corredor até a cozinha, pensando que poderia pelo menos ter um momento para tomar uma caneca de café sozinha, apenas para encontrar Forrest, o quarto colega de quarto, na bancada do café da manhã, colocando cereal em sua boca e as lentes dos óculos brilhavam com a luz do laptop. Ele olhou para cima quando eu entrei.



— Ei.

— Ei. – murmurei, agradecida por ele já ter feito o café. — Emily acordou cedo. – eu tentei não parecer petulante.

— Ela está levando as crianças ao zoológico do Central Park. – disse Forrest. — A mãe deles está almoçando ou algo assim e quer a casa vazia.



Uma casa vazia. O que eu não daria...

Emily era uma babá e a principal provedora do nosso pequeno grupo. Isso significava que ela e Forrest ficaram com o quarto maior, Reya e Collin no seguinte, e eu, a solitária, fomos rebaixados para um pequeno quarto na parte dos fundos do lugar, com uma vista deslumbrante da parede de tijolos do prédio vizinho. Mas o menor quarto significava o menor aluguel - a US$ 1.200 - e isso já estava ultrapassando o limite externo do meu orçamento.

Eu tive que me lembrar de que poderia ser pior. Muito pior. Poderia estar em um prédio infestado de ratos em um bairro assustador, em vez de em Greenwich Village. Eu estava fazendo isso em *Manhattan*. Ok, talvez nem tanto 'fazendo' como chiando. Estando por um fio, sério, mas em Manhattan. Isso tinha que contar para alguma coisa, não é?

Bocejei tanto que meu queixo estalou e Forrest olhou para mim. — A poesia improvisada de Collin fez você ficar acordada ontem à noite? – ele apontou o queixo para a sala de estar que continha as marcas da reunião de Collin: cinzeiros cheios, garrafas vazias e um monte de papel espalhados por todo o lado. Uma fina névoa de fumaça - cigarro e maconha - ainda pairava no ar.

— Qual é a novidade? – eu disse, servindo uma caneca de café.

— Você deveria ter tocado para eles, tirá-los de sua tristeza. – Forrest sorriu. — O triste lamento de um violino solitário é provavelmente tudo o que seria necessário para enviá-los além do limite, para o abismo escuro de sua dor.



Eu forcei um sorriso. Meu contrato de aluguel aqui diz que me formei na Juilliard com um bacharelado em música, mas raramente pratiquei e nunca em casa. Se eles estavam curiosos sobre o motivo de eu não fazer o teste em algum lugar, nunca perguntaram.



Emily saiu do chuveiro com um roupão e seu cabelo loiro curto ainda úmido. — Vai trabalhar esta manhã? – ela me perguntou e deu um beijo na bochecha de Forrest.

— Claro. – eu disse, voltando pelo corredor. Trabalhei no mesmo horário todos os dias nos últimos nove meses, não que alguém se desse ao trabalho de notar.

Jesus, pare de sentir pena de si mesma! Deus sabia quantas noites estavam me deixando chorona pela falta de sono adequado. Um banho quente e um metrô sem pressa para o trabalho iriam me curar.

Exceto que quando voltei pelo corredor, descobri que a porta do banheiro estava fechada e o chuveiro ligado. Eu bati na porta. — Vou me atrasar para o trabalho!

— Dois minutos, eu juro! – Reya ligou.

Eu podia acreditar nela até ouvir a voz baixa de Collin atrás da porta também, e o riso de Reya.

Inclinei minha cabeça contra a porta e fechei os olhos. Eu invejava Reya e Collin tanto quanto eu os detestava. Eles pareciam estar tão apaixonados que mal conseguiam tirar as mãos um do outro. Ou talvez fosse apenas luxúria. Às vezes, como agora, eu gostaria que eles evaporassem em uma nuvem de sua própria paixão. Emily e Forrest também, com sua firme devoção um pelo outro, que não eram fogo e fogos de artifício, mas doces e estáveis.

A dor profunda no meu coração palpitava quando me lembrava do que eu tinha e perdi, e então palpitava, parada no corredor do nosso pequeno apartamento superlotado.



É incrível como você pode se sentir tão sozinha sem nunca estar sozinha.





Trinta minutos depois, finalmente tomei banho, vesti-me e peguei minha bolsa e suéter. Lutei na porta para colocar os meus sapatos enquanto meus colegas de quarto se reuniam vagarosamente na cozinha.

— Não se esqueça do aluguel. – Emily disse como um meio de expulsão. — Segunda-feira.

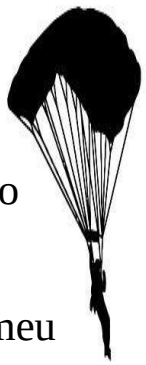
A tensão nas minhas costas aumentou um pouco. Eu quase disse que era infinitamente mais fácil pagar aluguel quando não tinha medo de perder o emprego, mas qual era o sentido? Corri pela bela agitação do meu bairro de Greenwich Village, aproveitando os momentos mais breves para admirar as ruas arborizadas e os prédios de tijolos vermelhos. Isso reforçou meu humor um pouco... Até chegar ao metrô no momento em que o escolhido derrapou a distância.

Eu me encolhi quando o vento do trem soprou em meu casaco e despenteou meu cabelo. Não foi forte o suficiente para me empurrar, mas voltei cambaleando de qualquer jeito. Senti a rigidez em meus ossos e músculos ficarem mais tensos, como se eu estivesse amarrada por dentro.

Eu me perguntei quanto tempo tinha antes de me encolher sob essa pressão e simplesmente me quebrar completamente.



— Oito e quinze, Charlotte. – disse Maxine, batendo no relógio com uma unha postiça de acrílico vermelho sangue. Seu cabelo



grisalho estava tão preso no coque que eu tinha pena do seu couro cabeludo.

— Eu sei, me desculpe. – disse a minha gerente quando abri meu armário e peguei meu avental. — Você sabe como é o metrô... – eu coloquei meu crachá na minha camisa branca de botão, prendendo meu polegar no processo.



Maxine cruzou os braços sobre a gola alta preta. — O metrô funciona no horário. Você, por outro lado...

Amarrei meu cabelo em um rabo de cavalo. — Prometo que não acontecerá novamente.

— Mmmhmmm.

Minha gerente saiu e Anthony Washington - um artista gráfico e meu melhor amigo - espiou por dentro. Seus olhos eram as coisas mais amigáveis que já vi o dia todo; tão marrom quanto a pele e gentil com bondade.

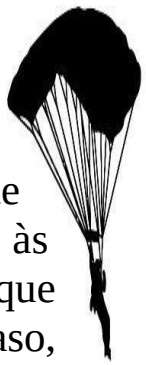
— Está lotado. – disse ele. — Mesa para quatro nas suas mesas. Quer que eu pegue as bebidas deles?

— Você é bom demais para mim. – eu disse, colocando o meu bloco de pedidos no bolso. — Obrigada pela cobertura, mas eu cuido disso.

Anthony estava de pé em cima de mim, realmente muito alto, mas todo mundo era; Eu mal tinha 1,60m. Ele arrumou a gravata amarela clara que todos nós tínhamos que usar. — É um péssimo dia para chegar atrasada, querida. – disse ele. — Ouvi do Skeletor que algumas coisas irão acontecer hoje.

Um medo gelado preencheu minhas veias. — É?

Mas não havia tempo para conversarmos. O restaurante estava enchendo.



O Annabelle's era um bistrô de café da manhã e um restaurante que servia como uma lanchonete descontraída - não era aberto até às oito da manhã. Mas o restaurante está agora mais impaciente do que descontraído, e passei o turno inteiro tentando recuperar o atraso, tentando ao máximo um sorriso estampado no meu rosto. Maxine - Skeletor, para Anthony - me observava como um falcão. Só era preciso uma queixa sobre espinafre florentino frio ou mais um café muito devagar e eu estaria torrada.



Fiz isso completamente sem pressa, mas estava enlouquecendo. Não receberíamos dinheiro até o final do turno, mas eu poderia fazer as contas. Já tinha sido um Março devagar e eu teria que ter duas noites de morte - e eu quero dizer *morte* - no meu segundo emprego como garçonete neste fim de semana se eu tivesse uma oração para pagar o aluguel.

Arrumei meu cabelo e respirei, determinada a almoçar melhor que do café da manhã... e então, a minha manhã foi salva. Os garçons estavam juntando as mesas nas minhas mesas.

— Mesa para dez. – Anthony disse, enquanto assistíamos o grupo de pessoas bem vestidas entrar. Ele agarrou meu braço. — Garota, aquele é Neil Patrick Harris.

— O que? Não…

Olhei com certeza, no centro do grupo estava o belo ator, conversando e rindo facilmente com os seus amigos.

Anthony cutucou meu cotovelo e me deu o seu próprio sorriso irradiante. — Seu cavaleiro de armadura brilhante.

— Você acertou.

A mesa para dez de Neil Patrick Harris salvaria o meu mês. Eu respirei fundo, determinada a não me fazer de boba na frente da celebridade e de seus amigos, e preparei meu bloco de notas.



Atrás de mim, no caixa, um jovem de boné de beisebol para trás digitou uma mensagem de texto raivoso em seu celular. — Dane-se essa porra de cara!

O restaurante inteiro parou para olhar - Annabelle não era o tipo de lugar para explosões. Mas essa também era a cidade de Nova York; os clientes voltaram às suas conversas um momento depois, imperturbáveis, quando o jovem levantou as mãos.



— Diga a esse bastardo que ele pode conseguir sua própria comida. – ele disse a Maxine e saiu furioso.

A comoção acabou e voltei meu foco para a minha mesa quando a voz fria e penetrante de Maxine me parou.

— Charlotte, por favor?

Eu corri para o caixa. — Sim?

Ela empurrou uma pequena pilha de caixas embrulhadas em um saco plástico em minha direção. — Preciso que você faça esta entrega.

Meu coração apertou. — Mas... eu acabei de chegar...

— Anthony pode cuidar disso. Isso é importante. – ela apontou o queixo pontudo para Anthony.

Ele hesitou, mas Maxine acenou com a mão para ele. Anthony olhou para mim desamparado, murmurando *desculpas*, e o vi caminhar até a minha mesa, nas minhas mesas, para servir meu Neil Patrick Harris.

Maxine franziu os lábios fortemente pintados. — Esta é a entrega para um Lake. Sei que não é o mesmo que uma estrela da Broadway, mas todos os nossos clientes são igualmente importantes, não são?

— Mas a grande festa... é nas minhas mesas. Por que não enviar Anthony? Ou Clara?



Atrás de nós, Anthony disse alguma coisa e toda a mesa do NPH caiu na gargalhada. Maxine levantou uma sobrancelha fina como lápis para mim conscientemente. Suspirei e assenti. Anthony era caloroso e gentil e podia fazer dez pessoas - incluindo um artista famoso - rirem em um piscar de olhos. Eu teria feito um trabalho adequado, mas estava "tensa" e, às vezes, "um pouco boba". O que quer que isso significasse.



— Você precisa se apressar. – Maxine estava dizendo agora, me entregando um pedaço de papel com um endereço. — Parece que o Sr. Lake perdeu outro assistente, mas não vamos perder o negócio, hum?

Concordei com a cabeça. Lake, quem quer que fosse, pedia na Annabelle pelo menos uma vez por semana e algum assistente mal-humorado ou entediado - eles pareciam mudar de vez em quando - vinha buscá-lo. A julgar pela explosão do jovem revoltado, Lake havia perdido outro.

Peguei o saco de comida para viagem, dei um último olhar para a festa de Neil Patrick Harris e saí. Tentei olhar pelo lado positivo: talvez esse Lake fosse um tipo de cara que dava boas gorjetas.

Sim, vai sonhando.

Pelo que ouvi, era algum tipo de eremita temperamental. Mesmo se ele desse vinte por cento, não havia como a gorjeta dessa entrega corresponder à gorjeta com uma festa de dez pessoas. O melhor que eu poderia esperar era fazer a entrega e voltar antes que a hora do almoço terminasse.

O endereço era um sobrado na West 78th, a cerca de dez minutos a pé. Eu me apressei a um ritmo acelerado. Se o cara encomendou ovos, eles já estavam frios e a última coisa que eu precisava era de Lake ligando para Maxine e reclamando que eu estou demorando muito.

Desci a Amsterdam Street e virei à direita na 78th. Era um lindo dia de primavera. O ar está quente, mas ainda não grudento pela



umidade do verão, e o céu estava cheio de sol. A 78th era uma rua arborizada, varrida de maneira limpa, com prédios típicos de Nova York um ao lado do outro, e a residência Lake, um sobrado de três andares de tijolos vermelhos, apertada entre duas pedras marrons. Subi os três degraus da porta da frente e toquei a campainha.



Sem resposta.

Toquei novamente e estava prestes a tocar pela terceira vez quando uma voz dura e de um homem jovem respondeu pelo interfone, com seu tom rouco de sarcasmo. — O que, você voltou para uma referência?

Esse é o filho do Lake? pensei. Limpei a garganta e apertei o botão. — Eu não sou ele. O assistente. Ele foi embora. Eu acho.

— Estou ciente. – respondeu a voz. — Então, quem diabos é você?

Fiz uma careta. Não perdi apenas a mesa de Neil Patrick Harris para aguentar um recluso e até um filho mais rude, se é que ele era o filho dele.

— Sou da Annabelle. – respondi e tentei um tom mais neutro. — Eu trouxe seu pedido, se você quiser.

Outra pausa e, exatamente quando pensei que não haveria outra resposta, a porta abriu.

Ela abriu para um adorável hall de entrada com um pequeno lustre brilhando acima de mim. Em frente, havia um corredor estreito e o que parecia ser uma área muito pequena - escura e cheia de caixas e móveis. Apesar de estar sendo usado como depósito, o primeiro andar estava limpo, com o piso de madeira caro por baixo e acabamento emoldurado por cima.

Peguei a escada à esquerda, passando por várias pinturas caras no caminho. O segundo andar se abriu em uma sala de estar, elegantemente mobiliada em bege com vários tons de azul para destacá-las. Arte de bom gosto pendurada nas paredes e vasos de



cristais - sem flores - sobre as elegantes mesas em mogno caro. Uma mesa de centro de vidro em frente à lareira continha os restos de um Big Gulp[4], batatas fritas e alcaçuz aglomerados.



— Café da manhã dos campeões. – murmurei, supondo que a bagunça devia pertencer ao ex-assistente cujo trabalho eu estava realizando e eu estava perdendo meu dinheiro para pagar o aluguel.

À direita da sala havia uma cozinha espaçosa com todos os elegantes balcões de quartzo e utensílios de aço inoxidável. Mas a pia estava cheia de louça suja e caixas vazias de comida dos restaurantes do bairro - nenhum deles barato - estavam empilhadas no balcão. Apesar das pequenas bagunças, era obviamente o lar de uma pessoa rica. No bairro residencial e a poucos passos do Central Park, o proprietário teria que ser. Embora o segundo andar fosse muito grande para eu ver o resto, eu sabia que estava vazio.

— Olá? – eu chamei. — Sr. Lake?

Outra pausa, e então, do terceiro e último andar, onde eu assumi que os quartos estavam localizados, ouço a voz dura e fria do mesmo jovem. — Apenas deixe no balcão.

Se o som era amargo, ele era aquela voz.

Coloquei a pilha de caixas no balcão da cozinha ao lado do resto. Sabia que a conta já havia sido paga, mas ele incluiu a gorjeta? Normalmente, eu teria deixado ao destino ou a sorte, mas precisava de cada dólar que pudesse conseguir.

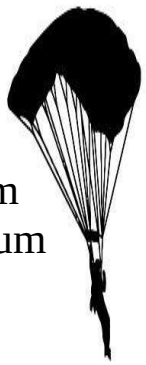
— Ok. – eu disse. — Hum, há mais alguma coisa que eu possa fazer por você?

— Sim, você pode dar o fora.

Senti o sangue correr pelas minhas bochechas - uma sensação de raiva e humilhação. Eu não deveria ter permitido; Afinal, trabalhei no

---

[4] ***Big Gulp: é uma marca registrada da 7-Eleven, uma marca de refrigerantes em galão.***



atendimento ao cliente, mas isso ainda doía um pouco. Sem mencionar que, foi um choque ouvir esse tipo de linguajar em um sobrado tão elegante.

— Imbecil. – murmurei baixinho. Desci as escadas batendo os pés, abri a porta e a deixei bater sozinha.



Corri de volta para Annabelle's. Eu ainda tinha parte da hora do almoço para tentar recuperar o dinheiro perdido, e talvez o bastardo rude já tivesse deixado uma gorjeta.

Estava errado em ambos aspectos.

A "coisa que estava acontecendo", de que Anthony falara antes, agora estava acontecendo. Annabelle Pratt - a proprietária com o mesmo nome - tinha um sobrinho que acabara de se mudar para Nova York para seguir uma carreira de ator, e ele precisava de um emprego. Harris Pratt havia chegado para aprender tudo enquanto eu estava na entrega. Maxine me puxou para o lado para me dizer que cada um dos seis garçons e garçonetes perderia um turno para dar a esse cara toda a responsabilidade.

Esse tipo de nepotismo descarado teria transformado um inimigo instantâneo qualquer outra pessoa aos olhos da equipe atual - isso certamente fez comigo. Mas Harris era doce, atraente e sofria de uma abundância ridícula de charme de boa índole. Eu assisti, com nojo, quando Clara - que estava perdendo um turno lucrativo para o café da manhã - flertou descaradamente enquanto mostrava o sistema de pedidos nos computadores. Cavando sua própria cova com um sorriso no rosto.

O meu próprio turno acabou. A hora do almoço não foi suficientemente rápida para eu terminar, e tirei o meu crachá no quarto dos fundos, desejando não chorar. Maxine apareceu para pagar as gorjetas.

— Aquele cara Lake deixou alguma coisa? Pela minha entrega?

Sua sobrancelha arqueada acentuou seu couro cabeludo.



— Eu só pergunto porque ele foi rude como o inferno comigo.

— Não é surpreendente. – Maxine contou meu dinheiro. — Ele troca de assistentes, como algumas pessoas trocam papel higiênico. Também os trata da mesma forma.



— Qual é a história dele? – perguntei. Eu estava tendo a mãe de todos os dias ruins. Por que eu me importava com algum idiota? Mas ele era jovem quando eu esperava um homem velho e disse isso a Maxine.

Ela encolheu os ombros. — Jovem. Velho. Ele é um bom negócio. – ela me olhou severamente. — Espero que você não tenha sido rude também.

Balancei minha cabeça que 'não'. Certamente o cara não tinha me ouvido chamá-lo de imbecil. A não ser que ele tivesse uma audição supersônica.

— Que bom. – Maxine colocou quarenta dólares na minha mão. — Vejo você segunda-feira.

Suspirei. Esses quarenta, mais os trinta e cinco das gorjetas não chegavam a metade do que eu precisava. Metade.

Anthony - ainda trabalhando o resto do almoço - correu para o quarto dos fundos e tentou colocar algum dinheiro na minha mão. — O NPH é generoso e aquela era a sua mesa para começar.

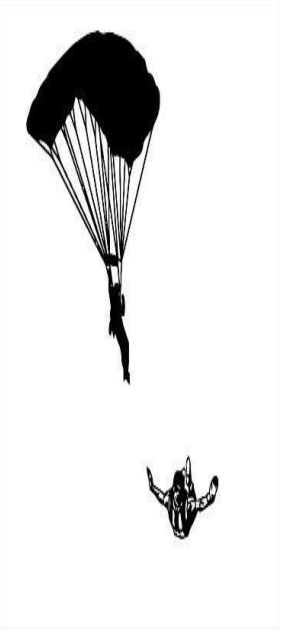
Novas lágrimas surgiram nos meus olhos com a gentileza do meu amigo, mas rapidamente desviei a cabeça. Se Anthony me visse chorar, nunca me deixaria recusar.

— De jeito nenhum, Anthony. Você mereceu. – Levantei-me para fechar meu armário, com muita pressa para tirar meu avental. Eu o abracei, escondendo meu rosto contra seu ombro. — Eu te amo. Tenha um ótimo fim de semana.





Corri antes que ele pudesse falar uma palavra de protesto. Na rua, em direção ao metrô, encontrei vinte dólares no bolso da frente do meu avental e imediatamente caí em lágrimas.



03

Charlotte

O Lucky 7’s, graças a Deus, estava lotado naquela sexta à noite. Eu caminhei por trás do bar Greenwich em um cenário de música barulhenta, conversas altas e servindo copos com outros dois garçons - Sam e Eric com quem trabalhei todas as sextas e sábados à noite. Eles não eram gêmeos ou irmãos, mas isso não me impediu de sempre me referir a eles como uma entidade: *Samneric*, como o *The Lord of the Flies*[5]. Eu mencionei a eles quando fui contratada há três meses, pensando que era uma coincidência inteligente. Eles nem tinham ideia do que eu estava falando.

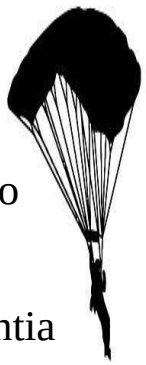
Agora, Samneric se apressaram ao meu redor, conversando facilmente com os clientes enquanto eu tropeçava no caminho através de pequenas conversas. Eu não era apaixonada em ser uma bartender. Eu era muito "nervosa" e "levemente pateta", o que quer que isso significasse. Mas Janson, dono do Lucky 7, estava desesperadamente com falta de mão de obra quando me candidatei e pude lembrar as combinações de coquetéis com perfeita precisão. Ele estava sempre me incentivando a servir um para mim de vez em quando para relaxar.

"E, pelo amor de Deus, te mataria flertar um pouco?”

Sabia o que ele queria dizer, mas simplesmente não tinha o gene de paquera. Eu tentei, mas não tinha filtro. Palavras escapavam da minha boca antes que eu pudesse detê-las, e honestidade não filtrada

---

[5] ***The Lord of the Flies: é um titulo de livro do autor William Golding.***



não era necessariamente a primeira coisa que um cara embriagado em um bar procurava.

Às vezes, pensava que Janson só me mantinha porque sentia pena de mim. Samneric me disseram que era porque eu parecia uma garota dos sonhos de algum movimento indie.



"*Os caras gostam disso. Muito.*" eles me disseram.

"Gostam como?" Eu perguntei.

Sam e/ou Eric haviam esclarecido: *"Você é fofa de uma maneira triste e inteligente"*.

Eu também não sabia o que fazer com isso, mas fiz o possível para parecer uma bartender em um bar escuro. Para Annabelle's, eu parecia certinha e conservadora. No Lucky 7, eu usava uma blusa preta que realçava meus peitos irrelevantes, delineador escuro e deixava meu cabelo solto. Era como uma fantasia para mim. Eu nem era bonita e nem uma garota muito festeira.

Eu não sabia o que era

Por volta das dez, Melanie Parker abria caminho pelo bar através da multidão de boêmios, artistas e descolados ricos de Greenwich Village que estavam valorizando o bairro a um ritmo alarmante. Ou assim minha melhor amiga gostava de dizer. Ela olhou com desdém para um rapaz de suéter muito caro e apontou o queixo para mim como forma de cumprimento.

— Boa noite? – ela comentou. As luzes de neon azuis atrás de mim iluminavam os seus óculos de gatinho. Ela parecia bastante valorizada em um cardigã branco e uma saia de camurça marrom, mas essa era sua *"fantasia de trabalho"*. Melanie deu aulas de violoncelo para as crianças da elite de Manhattan quando ela não estava tocando na arena por algum ato musical experimental fora da Broadway. Ela afastou a franja escura dos olhos. — Como está o aluguel?



Eu servi a ela o de sempre - uma Old Fashioned[6] - e encolhi os ombros. — Pergunte-me novamente amanhã à noite. Eu preciso de dois turnos matadores para conseguir ele.

— Foda-se este trabalho. – disse Melanie, espetando a cereja em sua bebida com uma pequena espada de plástico. — Foda-se os dois trabalhos.

Fiquei feliz por outro cliente ter exigido minha atenção. Estava prestes a responder que era fácil para Melanie dizer isso, quando ela tinha um apartamento que ela dividia com sua namorada estável de dois anos como uma rocha. Mas eu sabia no que ela estava falando e, com certeza, ela estendeu a mão pelo bar para tocar a minha.

— Você sabe o que deveria estar fazendo. – disse ela em um tom mais suave. — Quando foi a última vez que você praticou?

— Quarta-feira. – eu disse, e isso era a verdade. — E me custou trinta dólares por uma sala para praticar no Kaufman. Trinta dólares que eu realmente não tinha.

Eu pensei que era muito corajoso da minha parte, considerando o estado lastimável das minhas finanças. Duplamente, pois havia sido uma perda de tempo. A maioria das minhas sessões de prática foi uma perda de tempo; Eu toquei as notas, mas não senti a música.

— Alguma ideia sobre uma audição?

Limpei o balcão com um pano. — Talvez.

— Char, já faz um ano.

— Agora não, Mel. Eu tive uma semana difícil, ok?

Melanie fechou os lábios, embora seus olhos fossem suaves. Ela começou a dizer algo, mas eu não a ouvi. Meu coração despedaçou

---

[6] ***Old fashioned: é uma bebida alcoólica, ou um coquetel aperitivo, feito com uísque, bíter, açúcar triturado e guarnecido com uma casca de laranja.***

quando a porta da frente do bar se abriu para permitir a entrada de três homens e uma mulher. Um dos homens estava com o braço em volta de uma morena linda.

Melanie parou de falar e fez uma careta. — Nem preciso me virar. É aquele filho da puta do Keith, não é?

Eu balancei a cabeça e desviei o olhar quando o grupo se sentou em uma mesa no canto. — Estou bem. Totalmente bem.

— Você está? Suas mãos estão tremendo.

Olhei para a concha de gelo na minha mão e um copo na outra. Ambos tremiam. Coloquei os dois para baixo e limpei as mãos no avental. — O que diabos ele está fazendo aqui? Existem oito bilhões de bares na cidade...

Minha voz sumiu, pois parecia que Keith havia sido designado para comprar a primeira rodada do grupo e agora estava abrindo caminho pelo bar. Alto, loiro e musculoso, Keith Johnston parecia pertencer a um surf na praia em vez de a um bar escuro de Greenwich. Eu me xinguei por não ter escapado pelos fundos antes que ele pudesse me ver.

— Charlotte? – Keith se aproximou do bar sem sequer olhar para Melanie. — Eu nunca esperava vê-la em uma espelunca como esta, muito menos cuidar do balcão! Como você está? Faz algum tempo. A última vez que te vi... – Seu rosto de repente se torceu com um olhar que era meio simpatia, meio pena e cem por cento falso para todo mundo, menos para ele. — Ah, droga, eu me lembro. Seu irmão...

— O que eu posso te servir? – perguntei alto.

Keith ignorou minha pergunta e se inclinou para frente, conversando comigo de uma maneira suave e intensa, como se eu fosse a única mulher no lugar, no mundo inteiro. Era um movimento patenteado de Keith Johnston, um dos muitos que me fez apaixonar por ele, me fez confiar nele e acreditar que ele era sincero quando me disse que me amava.



— Charlotte, escute. Não sou bom com o luto. Você sabe disso. Quero dizer, sinto as coisas tanto, tão profundamente, que a sua dor... foi demais. Então eu fui embora. Foi covarde e não tenho orgulho, mas tive que fazer. Seus olhos... Você sabe que foram seus olhos que me atraíram para você, esses seus grandes olhos de corça...



Esses meus "grandes olhos" doíam de lágrimas pela maneira como ele falava sobre meu luto e minha dor como se fossem coisas que eu fiz para ele. Impus a ele.

— E quando você voltou do funeral, esses olhos lindos estavam cheios de tanta tristeza, não havia mais nada. A Charlotte que eu conhecia se foi e no lugar dela havia alguém que eu não conhecia. Alguém que não pude alcançar. Eu deveria ter lhe dito isso então... mas eu não era forte o suficiente. Eu sinto muito. Eu sinto muito.

Melanie olhou para ele de queixo caído com admiração. — Você está brincando comigo? Você acha que ela vai comprar essa besteira?

Confortável, Keith virou-se para ela, com um sorriso educado e falso nos lábios. — Olá Melanie. Prazer em vê-la novamente também. Se você não se importa, estou conversando com Charlotte.

Eu balancei minha cabeça levemente para Melanie e ela estreitou os olhos. — Eu estou indo ao banheiro. *Eu volto já.*

— Ela está certa, você sabe. – eu disse quando Melanie se foi. — É tudo besteira o que você acabou de dizer, e mesmo que não fosse, você deveria ter conversado comigo há um ano. Um ano, Keith. Em vez disso, volto do funeral - de Montana para encontrar o meu namorado com outra garota e minha vaga no Strings se foi.

Ele inclinou a cabeça com um sorriso perplexo nos lábios. — É com isso que você está chateada? O Strings na primavera? Charlotte, você perderia *a noite de abertura*. Eu tinha que fazer *alguma* coisa. O show deve continuar, certo?

Esfreguei um ponto no balcão com o pano. — E nós, Keith? – perguntei em voz baixa, odiando o quanto patética eu parecia. Por



que eu estava recebendo suas desculpas em vez de apenas jogar uma bebida em seu rosto? Mas uma parte de mim precisava ouvir respostas, mesmo depois de todo esse tempo. Um encerramento, eles chamam. Talvez não doesse tanto se ele tivesse um bom motivo. Algo em que eu podia acreditar. Algo mais do que aquele com que eu vivia - que ele e eu tínhamos sido uma mentira.



Mas seu sorriso ridículo e perplexo reapareceu. — Nós? Não me lembro de termos sido exclusivos, Char. Estávamos "juntos". – ele realmente fez aspas no ar aí. — Por algumas semanas, certo?

Dois meses, uma semana e quatro dias, pensei. Provavelmente poderia contar as horas se realmente pensasse nisso.

— Fiquei ocupado com o Strings, então me formei... – Keith encolheu os ombros com seu sorriso se alargando. — Mas é bom vê-la novamente e, por mais que eu goste de conversar, meus amigos enviarão uma equipe de busca se eu não voltar com a bebida.

Ele colocou o braço no balcão como se estivéssemos em um bar e piscou para mim como um vaqueiro no oeste do país. De repente, fiquei constrangida por esse imbecil fingido ser parte do motivo pelo qual meu coração magoado e partido não conseguia encontrar minha música.

— Sinto muito. – eu disse, jogando o pano no balcão. — Estou de folga.

Passei por Samneric para chegar ao beco do lado de fora, sentei-me em um balde para transportar gelo virado e caí em lágrimas. Não pelo que Keith me fez passar, mas pelo terrível déjà vu daqueles terríveis meses após a morte de Chris. O rosto agradavelmente indiferente de Keith trouxe tudo de volta para mim rapidamente.

Chorei pelo que pensei ter tido com Keith, que era - como se vê - nada. Mas principalmente chorei por Chris. Eu chorei por meu irmão, a dor no meu coração latejava junto com o meu pulso. Eu poderia ter chorado a noite toda e as lágrimas nunca parariam. Havia um poço sem fim delas que nunca parecia secar.



Dez minutos depois, contive o choro e voltei para dentro. Felizmente, Keith estava de volta à sua mesa e Melanie havia retornado, juntamente com outros amigos da Juilliard: Mike Hammond, Felicia Strickland e Regina Chen. Todos reconheceram Keith e me cercaram no bar, como uma barreira protetora. Meus olhos ameaçaram ligar o sistema hidráulico novamente com a gentileza deles.



— Você perdeu, Char. – Regina disse sobre seu martini. — Foi uma festa épica - mesmo para os meus altos padrões -, mas poderia ter sido ainda mais épica se você estivesse lá.

— Eu tentei arrastá-la para sair. – disse Melanie. – Mas...

— Mas eu estava ocupada. – eu disse rapidamente. — Desculpe, Regina. Vou tentar ir na próxima.

— Eu vou te cobrar isso. – disse Regina. — Estou pensando no final de Maio. Salve a data, Conroy, ou você já era.

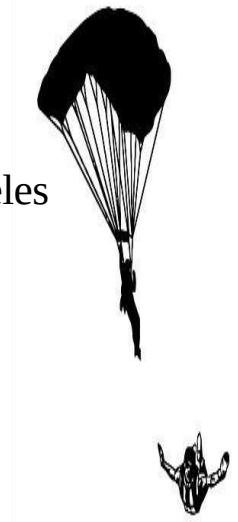
As festas de Regina Chen eram lendárias entre a galera da Juilliard. Todo mundo tinha que trazer seus instrumentos e um monte de gente tocava os temas de programas de TV populares. Participei de algumas antes da morte de Chris e nenhuma depois.

Regina e o resto dos meus amigos da Juilliard pensaram que eu estava dando um tempo nas audições. Apenas Melanie sabia a verdade. Que eu não gostava mais de tocar na frente das pessoas. Não quando minha música estava tão vazia agora. Rotineira. Notas em uma página e nada mais.

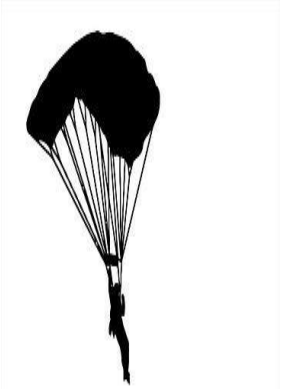
Meus amigos me mantiveram conversando e rindo de outras coisas, e antes que eu percebesse, meu turno acabou.

Terminei a noite com noventa dólares em gorjetas. Muito bom, mas não o suficiente.

Muito bom, mas não o suficiente.



Foi incrível - e deprimente - o quanto da minha vida naqueles dias poderia ser descrito com essa frase.



04

Noah

Acordei do mesmo maldito pesadelo, o sonho que era ao mesmo tempo ferozmente aterrorizante e impiedosamente glorioso. Ofeguei, sem me afogar em nada, enquanto tentava manter as imagens que pintavam minha escuridão com cores vibrantes. Havia neve branca e céu azul, tonalidades douradas do pôr do sol e água azul esverdeada. No sonho eu pude enxergar novamente.

Às vezes, isso fazia valer a pena o terror.

Às vezes, me fazia desejar nunca ter acordado.

Eu vagamente me perguntei na época. Poderia ter sido de manhã. Poderia ter sido três da tarde. Meus padrões de sono estavam fodidos desde o acidente e que diferença isso fazia? Amanhecer ou anoitecer, era tudo o mesmo nada preto para mim.

Tirei as minhas cobertas encharcadas de suor. Elas fediam e eu também. Eu precisava de um banho e Lucien precisava se apressar e contratar outro assistente. Faziam três dias desde que uma garota daquele restaurante entregou comida, juntamente com a notícia de que Trevor - o idiota inútil - havia desistido. *Boa viagem.* Trevor era lento, estúpido, e se saísse daqui sem roubar algo, ficaria chocado.

Não que eu saiba.

Deitei-me nos travesseiros com um suspiro escapando de mim e escutei. O tráfego da rua estava silencioso. Sem vozes. Sem carros. Imaginei que eram três horas da manhã e decidi verificar com o



precioso relógio de pulso que me deram na clínica de reabilitação. Especialmente projetado para filhos da puta cegos como eu, ele dizia a hora pressionando um botão.

A hora é 03h22min da manhã, terça-feira, 31 de março.



Bem próximo. Eu pressionei de novo. E de novo. A voz robótica preencheu o silêncio. Não aguentava o silêncio. Se eu ficasse quieto o suficiente, se prendesse a respiração e não se mexesse, poderia fingir que estava em uma caverna no fundo do chão, onde nenhuma luz do sol chegava. Como aquela antiga caverna de mineração no Colorado que visitei uma vez. Lembro-me de pensar que esse tipo de escuridão final era impossível. Sempre havia luz no mundo, mesmo na noite mais escura. Sempre havia escuridão e sombras, nunca apenas... Nada.

Ha. A vida - vadia que ela era - com certeza me mostrou.

Mentir perfeitamente imóvel era uma má ideia, de qualquer forma. Eu me senti como se estivesse enterrado vivo com uma mente flutuando no éter preto. Sem corpo. Sem peso. E totalmente sozinho.

Apertei o botão novamente. Repetidas vezes, mas isso não foi suficiente.

— Sistema, ligado. – disse ao sistema estéreo ativado por voz que Lucien instalara três meses atrás, quando saí da reabilitação. — Toque Rage Against the Machine.

O sistema começou "*Killing in the Name Of*", e eu disse para tocá-lo cada vez mais alto, até que eu pudesse sentir o baixo batendo no meu estômago como um segundo batimento cardíaco. Mas apenas por alguns segundos. Se eu fosse barulhento demais, os vizinhos ligariam para a polícia. Eles tocariam a campainha, e então eu tinha que descer dois lances de escada como o idiota desajeitado e desastrado que eu me tornei. Eu teria que abrir minha porta para estranhos que diriam ser policiais, mas como diabos eu saberia?...



Regulei a música para níveis normais, deixando a letra gritar e ficar furiosa por mim. Eu também queria gritar, mas às vezes me preocupava que, se o fizesse, nunca pararia.



Rangi os dentes e meus olhos se fecharam com tanta força que minha cabeça doía. Tinha que ter cuidado. Muito disso despertava o Monstro e essa era a última coisa que eu precisava. Mas precisava *sentir* que meus olhos estavam fechados.

Pelo menos então a escuridão fazia sentido.

Finalmente, eu não aguentei meu próprio cheiro por mais um minuto. Outro palavrão. Todo sentido trabalhou em excesso para compensar os meus olhos inúteis. Como ouvir aquela garota do restaurante me chamar de *imbecil*. Eu sei que ela pensou que tinha se safado, mas eu a ouvi. Eu ouvi e lembrei. Era a última voz - além das repreensões do velho Lucien - que eu ouvia em três dias. Ela tinha uma voz agradável. Bonita. Melhor do que o lamento nasal de Trevor, pelo menos.

Disse ao sistema de som para calar a boca, e encontrei a beirada da cama com as pernas e a mesa de cabeceira com a mão esquerda. Meus dedos tocaram em um pequeno frasco de plástico - na minha cabeça era laranja com uma tampa branca - e ouvi-o rolar, depois cair da mesa. Ele atingiu o chão perto do meu pé e depois rolou mais um pouco.

— Maldito inferno. – murmurei, mesmo quando uma pontada de algo realmente próximo do pânico passou por mim. Não posso perder o controle desses remédios. Eles eram as únicas coisas que mantinham o Monstro adormecido.

Ajoelhei-me no chão de madeira, mantendo o meu rumo entre a cama e a mesa, e procurei o frasco. Encontrei-o contra o pé da cama e segurei-o firmemente na minha mão. Coloquei o frasco cuidadosamente sobre a mesa ao lado da pequena lâmpada - coisa inútil - orientando as pílulas para a base, para saber onde elas estavam.



Então larguei a beirada da mesa e me levantei no escuro vazio.

Esta não era a minha casa. Antes do acidente, o planeta inteiro era minha casa: flats e apartamentos, mansões e hotéis... Eu dormia em resorts sofisticados, nos sofás de amigos, dormia em cabanas da vila ou sob o céu aberto. Em todos os continentes.



Este era o "pequeno lugar dos meus pais na cidade" e, antes do acidente, eu só estive aqui algumas vezes. Minha mãe estava sempre redecorando quando moravam aqui, então eu não tinha ideia de como seria, e mesmo depois de ficar aqui por três meses, ainda não conhecia a planta. Ela ainda era uma paisagem alienígena que não conseguia mapear.

Mas a jornada da cama para o banheiro era familiar, pois era a minha caminhada mais frequente. Seis passos para a porta do banheiro e a madeira fria sob meus pés descalços se tornaram um frio porcelanato. Quatro passos para as pias duplas à minha direita, mais três depois disso e minhas mãos patéticas e tateando tocaram o gabinete de vidro do chuveiro. O banheiro era enorme. Cavernoso. Todo som amplificado.

Eu encontrei a alavanca do chuveiro e comecei a ridícula dança de tentativa e erro de tentar obter a temperatura certa. Uma curva de dois segundos no sentido anti-horário geralmente era quase certa, mas às vezes a ultrapassava ou diminuía e a água escaldante ou fria caia. Nunca deixou de me surpreender quanto complicado para caralho as coisas mais simples se tornaram.

Tirei minha calça de moletom, cueca boxer e a camiseta que cheirava a suor velho. Eu consegui entrar debaixo do chuveiro sem deixar cair nada, ou usar condicionador de cabelo em vez de sabonete, e com cuidado - muito cuidado - saí e toquei na prateleira por uma toalha.

Vazia.

Claro. Porque as duas toalhas estavam no chão em algum lugar, nesse banheiro enorme ou no quarto. E desde que Trevor foi embora,



não havia ninguém para lavar a roupa. Não que Trevor estivesse entusiasmado. Não que eu quisesse aquele idiota lavando minhas roupas.

Fiquei no tapete do banheiro, pingando e me esfriando. O que faço agora?



Agora. Que merda. Eu faço?

Por que me incomodei com um banho? Por que eu me incomodei com alguma coisa? Vacilei entre não dar a mínima e tentar. Tentando continuar, ou seguir em frente, ou qualquer mantra de psicoterapia que eu ouvi durante os meses torturantes e cansativos da minha reabilitação física. Às vezes eu realmente queria sair dessa raiva que estava envolvida em torno de mim como uma jaqueta e descobrir tudo. Tentar me *ajustar*. Fazer algum esforço verdadeiro para ser bem *ajustado*.

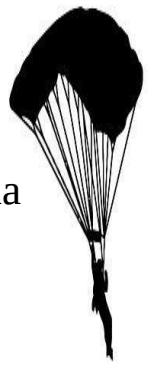
Ah, como isso deixaria mamãe e papai orgulhosos.

Na maioria das vezes, como ficar lá no chuveiro sem toalha limpa e minha pele arrepiada, eu só queria bater meu punho através do vidro. Queria ouvi-lo quebrar, sentir a dor forte, o sangue quente pingando. Lutei para controlar o desejo, respirando profundamente. Eu senti meu caminho de volta para o quarto.

A cômoda estava dentro de um dos closets, em frente à cama. Entrei e toquei na maçaneta da terceira gaveta. Estava quase vazia. Restam apenas duas camisetas. Usei uma para me secar e puxei a outra sobre minha cabeça. Eu senti o arranhão da etiqueta na minha garganta.

A irritação foi rápida e aguda.

Eu tirei meus braços, virei, coloquei de volta na frente do lado direito, porque Deus sabia que eu não queria parecer um idiota ridículo e patético, cego, que não podia colocar a porra da camiseta do lado certo para as legiões de Ninguém que habitava meu mundo agora.



Encontrei roupas íntimas limpas na segunda gaveta e uma última calça de moletom, depois apertei o botão do meu relógio.

A hora é 4h10min de 31 de março.

Meu Deus, levei quase uma hora para fazer o que eu costumava levar quinze minutos. Mas eu fiz isso. Isso deveria ter contado algo. Certo? Eu não merecia um A por esforço?



Em vez disso, senti as primeiras pontadas na parte de trás da minha cabeça - um leve e uma calorosa dor que explodiria se eu deixasse.

O Monstro estava acordando.

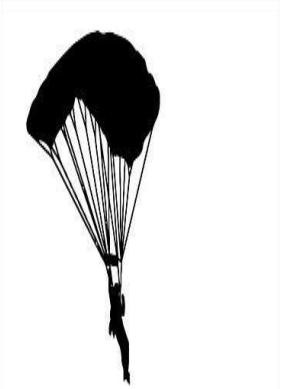
Eu toquei em volta da cama e peguei o frasco de comprimidos da mesa lateral. Não ousei me atrapalhar até a pia do banheiro para pegar água. Empurrei e girei a tampa, coloquei uma cápsula na minha boca e a engoli.

Lençóis sujos que se dane, sentei rapidamente na cama e deitei perfeitamente imóvel, desejando que o Monstro voltasse à hibernação. Soltei um suspiro que parecia ser que eu o peguei a tempo. A dor não piorou do que uma leve dor de cabeça e depois começou a diminuir completamente.

E ainda não me mexi. Ouvi Nova York acordar do lado de fora dos muros deste sobrado, de dentro da minha prisão escura. A cidade ficava do lado de fora da porta e, no entanto, parecia tão distante. Outro mundo. Um mundo de cores e táxis amarelos claros e tijolos vermelhos, e eu estava preso nesse poço de escuridão, apenas capaz de me lembrar, mas nunca mais o conhecer. Engoli um grito e depois dormi, mergulhando no esquecimento.

Rezei para não ter aquele pesadelo horrível novamente.

Eu esperava contra a expectativa que sim.



05

Charlotte

Segunda de manhã era 1º de abril, e eu pensei que era adequado. Parecia que alguém estava brincando comigo. Maxine estava doente e Annabelle veio aqui para ver seu sobrinho trabalhar em seu primeiro turno de verdade e me colocou no caixa. Eu recebia apenas gorjetas de pedidos pendentes – sempre com uma perspectiva de merda - e ainda estava com pouco para o aluguel.

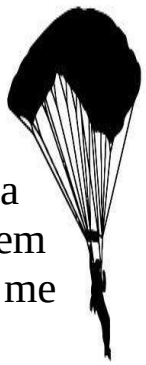
Trabalhei no turno com uma pesada pedra de pavor no estômago, sabendo que teria que ir para casa e encarar Emily, dizer a ela que ela teria que me cobrir e depois passaria os próximos três turnos - não quatro, tendo perdido um para Harris - reparando o dano.

Por volta do meio-dia, um cavalheiro de aparência gentil, com cabelos brancos penteados, e vestindo um terno azul marinho caro com uma gravata amarela pálida, contornou o balcão da recepcionista e se aproximou de mim.

— Estou aqui para pegar o pedido para o Sr. Lake? – ele disse com um suave sotaque francês que eu reconheci por telefone quando ele fez o pedido.

— Ah. – peguei a sacola plástica de comida e coloquei no balcão. — Isto é para o... Sr. Lake?

O homem sorriu gentilmente. — É. E você deve ser nova para não ter reconhecido o pedido. Receio que ele seja um cliente frequente.



— Sim, ele é. Mas não sou nova. Eu simplesmente nunca recebo os pedidos dele e, geralmente, um cara mais jovem vem buscá-los. –Minhas bochechas queimaram. — Ah, caramba, me desculpe. Só quis dizer que você... você não parece um assistente.



O sorriso do homem aumentou. — E eu não sou, embora a necessidade exija isso hoje. – ele retirou sua carteira de maneira significativa.

— Ah, certo. – eu registrei seu pedido. — US$ 32,29, por favor.

O homem mais velho - imaginei que ele tinha mais de sessenta anos - me entregou um cartão de crédito e dei uma olhada no cartão antes de colocá-lo na máquina: um Platinum Amex. O nome dizia Lucien Caron.

— Na verdade, eu entreguei o pedido da semana passada depois que o outro cara saiu. – eu disse a ele. — O Sr. Lake era muito jovem também.

— Ah? – O homem chamado Lucien levantou as sobrancelhas. — Você *conheceu* o Noah?

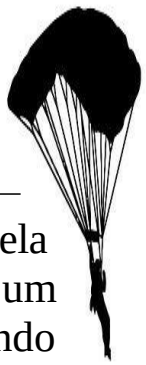
Então o imbecil tinha um nome. *Noah*. Um bom nome, pelo menos.

— Não exatamente. – eu disse. — Só ouvi a voz dele. Ele me fez deixar a comida e depois me *pediu* que eu saísse do sobrado. *Imediatamente*.

Lucien apertou os lábios. — Receio que o Noah sofra uma deplorável falta de educação. Eu peço desculpas por ele se ele foi excessivamente rude, o que devo assumir que ele foi.

Encolhi os ombros. — Está tudo bem. Fiquei um pouco surpresa no começo, mas todos nós temos nossos dias ruins, certo? – *Como hoje. Ou o resto desta semana ou mês...*

— Charlotte? – Annabelle se aproximou de mim - uma mulher gorda de túnica azul e uma nuvem de perfume. Ela deu a Lucien um



sorriso tenso enquanto me puxava um passo de volta do caixa. — Você deu uma tigela de sopa para aquele mendigo lá fora? – ela acenou em direção à vitrine da frente, onde um homem com um casaco sujo estava comendo em uma pequena tigela, derramando sopa de milho em sua barba desgrenhada.



— Dei. – disse a ela, consciente de que Lucien estava ouvindo discretamente. — Mas eu paguei por isso. Eu sempre pago.

— Você sempre…? – Annabelle se irritou e deu a Lucien um sorriso ainda mais tenso e mais falso. — Termine a transação deste cavalheiro e, em seguida, encontre-me no escritório, por favor?

Eu assenti levemente. — Hum, claro.

Annabelle se afastou e senti meu pescoço ficar vermelho quando voltei para o caixa.

— Nenhuma boa ação fica impune, não é? – Lucien sorriu gentilmente. Ele se virou para a vitrine onde o mendigo estava terminando sua sopa. — E, às vezes, basta uma palavra ou gesto gentil para tornar um dia ruim um pouco mais suportável, oui[7]?

— Sim, eu acho. – eu disse, dando um pequeno sorriso. — Aqui está.

Passei-lhe o recibo, que ele assinou com uma bela assinatura em loop e uma gorjeta de vinte por cento.

— Qual é o seu nome, mademoiselle[8]?

— Charlotte Conroy.

— E eu sou Lucien Caron. – ele se curvou elegantemente. — A que horas você termina seu trabalho hoje, se eu posso perguntar?

---

[7] ***Oui: significa sim em francês.***
[8] ***Mademoiselle: significa senhorita em francês.***



Eu pisquei. Hum, vamos? Isso é impossível. Ele era bom demais, refinado demais para tentar pegar garotas mais de quarenta anos mais novas do que ele. Ainda assim, eu não conseguia imaginar por que diabos ele estava me perguntando isso.



— Termino às duas horas. – eu olhei para o escritório nos fundos onde Annabelle estava me esperando. — Se eu não for demitida primeiro, é isso.

Lucien sorriu e pegou a sacola para viagem. — Se eu puder, gostaria de voltar nesse horário e talvez possamos tomar um café?

— Hum... Claro.

Ele me deu outro aceno rápido de cabeça. — Às duas, Srta Conroy.

— Claro, até mais. – eu disse, me perguntando o que acabei de concordar.



Annabelle fez um longo discurso sobre propriedade da empresa e como ela deveria ser distribuída (alerta de spoiler: não para pessoas sem-teto), mas ela não me demitiu. Ela ficou por perto, no entanto. Eu podia praticamente vê-la pensando em como o calendário ficaria com o nome do sobrinho escrito ao lado de todos os meus turnos.

E, para acrescentar insulto aos ferimentos atingidos pela pobreza, o restaurante ficou lotado o dia todo. Se eu estivesse trabalhando nas minhas mesas de costume, teria ganhado US$ 150 facilmente. Como não estava, ganhei menos da metade disso com gorjetas de pedidos. Eu planejava sair de lá assim que às duas horas chegassem, e então, Lucien Caron voltou para o restaurante já quase vazio.

Ah, certo. Meu encontro.



Mas gostei de Lucien, e quando ele me deu um sorriso educado em cumprimento, sorri também. Ele pegou uma mesa perto da vitrine e esperou.

— Quem é Vincent Price lá? – Anthony murmurou quando eu comecei de novo.



— Acabei de conhecê-lo esta tarde. – murmurei também. — Ele trabalha para o Lake e quer conversar comigo sobre algo. Ele parece bom o suficiente.

Anthony sorriu. — Todos os serial killers parecem. É assim que eles mantêm os seus disfarces. Tosse três vezes se precisar de ajuda.

Eu ri e dei uma cotovelada nas costelas dele. Não havia nada de assustador em Lucien Caron, embora ele se parecesse um pouco com Vincent Price: o charme do velho mundo de uma época passada. Ele também me lembrou do meu avô favorito, que faleceu quando eu tinha dez anos. Vovô Harold estava sempre tirando moedas do meu ouvido. Lucien parecia que poderia tirar uma nota de cinquenta e nem perceber.

Eu me juntei a ele na mesa ao lado da vitrine e Anthony anotou nosso pedido. — Tenho um desconto para funcionários. – disse a Lucien.

O homem mais velho acenou com a mão. Um anel no mindinho com uma safira do tamanho de uma moeda de dez centavos brilhava ao sol da tarde. — Dadas as políticas deste restaurante sobre essas coisas, é mais seguro que eu pague, você não acha?

Eu me mexi no meu lugar. — Provavelmente está certo.

— Além disso, parece injusto tirar deste estabelecimento mais do que talvez eu já tire.

— O que você quer dizer?

— Pedi que você se encontrasse comigo, Srta. Conroy, para conversar um pouco com você sobre algumas... possibilidades.



Ele ficou em silêncio quando Anthony voltou com um café preto e um cappuccino. Quando ele saiu, Lucien recostou-se na cadeira e mexeu a bebida com uma colher pequena.

— Estou começando do final, quando deveria começar do início. Gostaria de conhecê-la e contar uma coisa da minha situação. Então iremos daí, ça va[9]?

— Hum, claro.

— Então. – Lucien tomou um gole de cappuccino. — Conte-me sobre você, Charlotte. O que te trouxe a Nova York? Ou talvez você seja uma nativa?

— Ah, não. Sou de Montana. Vim aqui por causa da universidade.

— NYU?

— Juilliard.

Os olhos azuis de Lucien irradiaram. — Sério? E você é dançarina? Atriz?

— Musicista.

— Claro. E o que você toca?

— Violino. Pelo menos em teoria. Eu me formei em junho passado, mas... não sou capaz de fazer muito com isso desde então.

— Entendo. Sim, os artistas têm dificuldades, muitas vezes, dando os primeiros passos em direção à grandeza.

— Hum, sim. – eu disse, por falta de uma resposta melhor.

— Mas uma graduada da Juilliard. – disse Lucien. — Você deve ser bastante talentosa. E o que você mais ama no violino?

---

[9] ***Ça va: significa "está bem" em francês.***



Recostei-me no meu lugar. — Não penso nisso há muito tempo. – pensei em dizer algo seguro, algo sobre como toco desde criança. Em vez disso, disse: — Amo que, quando tocado corretamente, o violino soa como se a alma do músico estivesse cantando.



Merda, de onde isso veio? Mas percebi que isso era verdade. Pelo menos para mim. Uma verdade que eu corria o risco de esquecer.

— Mas não toco assim ultimamente.

— Você ainda não o encontrou. – disse Lucien gentilmente.

Eu me mexi na minha cadeira. *Não, me chamaram de prodígio. A próxima Hilary Hahn...* — Sim, algo assim.

— Sinto que sim, Srta Conroy. Você me parece uma jovem que possui um grande coração. Você diria que isso é verdade?

— Já me disseram isso antes, principalmente a minha família. Mas, para ser perfeitamente honesta, eu não sei, Sr. Caron.

— Por favor, me chame de Lucien.

— Ok, Lucien. Estou tão ocupada tentando manter minha cabeça acima da água desde que me formei. Acho que realmente não sei o que sou.

Ele sorriu como se esta resposta o agradasse. — Acho que a honestidade é uma mercadoria muito subestimada e rara atualmente.

— Sim, bem, eu tento. Às vezes, não tenho filtro. Deixo escapar coisas compulsivamente. – eu ri logo depois e limpei a minha garganta. — De qualquer forma…

Lucien tomou um gole de seu capuccino e olhou ao redor de Annabelle's. — Este é um ótimo estabelecimento. Deve ficar bastante lotado nos horários de pico, oui?



— Sim.

— E para sobreviver nesta cidade, é preciso uma renda estável.

— Ou duas. – eu disse. — Eu trabalho aqui e como garçonete nos fins de semana para sobreviver.



Lucien pareceu satisfeito. — Você trabalha?

Encolhi os ombros. — O aluguel não é barato, nem a Juilliard. Pagarei os empréstimos para estudantes até...

— Até você ter a minha idade.

Eu ri, e não apenas para ser educada também. — Sim, Provavelmente.

— Você é trabalhadora. – disse Lucien com a expressão pensativa retornando.

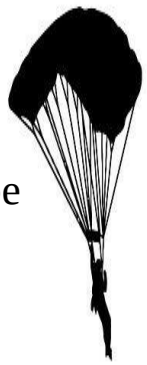
— Eu acho. Meio que tem que ser, para manter-se nesta cidade.

Ele assentiu com a cabeça de cabelos grisalhos. — Conroy, muito bem. Isso é muito bom.

— O que exatamente? – perguntei. — Caron, por que está me perguntando tudo isso? Você parece um verdadeiro cavalheiro, mas essas perguntas... Talvez eu seja apenas uma garota ingênua de Montana, mas estou realmente confusa. Como se você fosse um líder de um culto do dia do juízo final prestes a me levar para uma masmorra na França ou algo assim.

Lucien riu com vontade. — Ah, por favor, você é uma jovem encantadora por satisfazer essas perguntas de um homem velho, então deixe-me garantir que elas têm um propósito. Benevolente. Talvez seja lucrativo para você.

Ah Deus, ele é um cafetão. Ou um senhor da máfia. Nenhum dos dois parecia verdade; não havia nada em Lucien que fosse ameaçador. Percebi então que estava em Nova York há pouco menos



de cinco anos e já estava cansada. Mesmo assim, todo mundo sabe que é melhor prevenir do que remediar.

Bebi meu café, esperando.

— Eu sou o executor das finanças de Grayson e Victoria Lake, no que diz respeito aos investimentos, propriedades, títulos e... de seis meses para cá, cuido das necessidades pessoais de Noah, seu filho de 24 anos.



— Qual é a história dele?

— Não é muito boa, eu receio. – Lucien olhou para mim. — Você não ouviu falar no Noah Lake?

— Eu deveria?

— Suponho que não, a menos que você acompanhe os eventos e notícias do que eles chamam de 'esportes radicais'?

— Você quer dizer snowboard ou corridas de bicicleta?

— Sim, e asa-delta, escalada, paraquedismo... – Lucien abaixou sua xícara de cappuccino com alguma finalidade. — Noah Lake era um participante ávido em todos os tipos de esportes radicais e trabalhou como jornalista em uma revista dedicada a essas iniciativas. Ele não se contentou em meramente relatar as emoções e o perigo, mas também participava. – Seu sorriso tornou-se carinhoso e remanescente. — Sempre um aventureiro, desde a infância. Não houve um tempo em que me lembre que Noah não estava assustando sua pobre mãe até o fim com suas acrobacias. Não foi surpresa para ninguém que ele faria uma carreira nisso. Um espírito livre. – Seu sorriso desapareceu. — Até o acidente.

Senti um nó na garganta quando minha imaginação fértil evocou todos os tipos de ferimentos terríveis para combinar com a voz amarga que ouvi no outro dia. — Noah foi ferido gravemente?

Lucien olhou para mim diretamente e seriamente. — Sim, Srta Conroy, ele foi.



— O que aconteceu?

O rosto do velho cavalheiro ficou tenso e seus olhos azuis grandes. — Ele estava em um trabalho para a revista para a qual escrevia - *Planet X*. Eles o mandaram saltar de paraquedas em um penhasco no México. É extraordinariamente perigoso, saltar de paraquedas em penhascos, mas Noah era experiente... e totalmente destemido. No entanto, naquele último salto, ele julgou mal a profundidade da água que o recebeu e bateu a nuca na rocha irregular. Ele passou doze dias em coma como resultado.



Ofeguei involuntariamente. — Ah, não. Ele está... paraplégico? *Isso explicaria por que ele está recluso*, pensei. Mas então o sobrado tinha dois lances de escada e nenhuma rampa à vista.

— Ele não está paraplégico. Por algum milagre, ele conseguiu evitar danos permanentes na coluna vertebral.

— Isso é um alívio.

— Ele está, no entanto, totalmente cego.

Eu me recostei. — Cego.

Parecia simples. Sem dor. Quase não trágico, comparado às inúmeras lesões debilitantes que ele poderia ter sofrido. *Ou algo pior. Como o Chris…*

Eu bani todos os pensamentos do meu irmão e pensei no Noah Lake. Tentei imaginar como seria ter minha visão roubada - uma cortina preta grossa caindo, bloqueando as cores do mundo, suas visões e luzes, e os rostos daqueles que eu amava.

— Que horrível.

— Antes de nos aprofundarmos nesses detalhes um tanto horríveis, chego, finalmente, ao objetivo por trás desta entrevista. – Lucien se inclinou para frente, sobre a mesinha. — Vejo em você uma jovem trabalhadora, sem medo de dizer o que pensa, mas com o coração e a alma de uma artista. Uma mulher de costas largas e



relutância em se render - pois você deve ter os dois traços para sofrer a natureza competitiva de sua profissão musical, oui?

Ele falou tão gentilmente e foi muito atencioso. Eu não podia deixá-lo continuar pensando que eu era algo que eu não era. Virei minha caneca de café várias vezes, observando o líquido preto girar.



— Não toco mais, Sr. Caron. Não pratico há um ano. Algumas coisas aconteceram e... – eu olhei para ele. — Estou apenas dizendo a você para que você não tenha uma ideia errada sobre mim.

— Eu respeito essa honestidade. – disse ele gravemente. — No entanto, tenho grandes expectativas com você.

— Grandes expectativas para o que?

Lucien cruzou as mãos sobre a mesa. — Gostaria que você se tornasse a próxima assistente de Noah. Não apenas uma que cuida de tarefas e da casa, mas uma assistente pessoal no verdadeiro sentido da frase.

Eu me recostei, absorvendo isso. — Sr. Caron, eu não sou qualificada nem treinada para ajudar uma pessoa cega.

— Noah também não permitiria tal pessoa em qualquer lugar perto dele. Sua falta de qualificação nessa área é um trunfo para nossas intenções e propósitos.

— Ser pouco qualificada é uma coisa boa?

Lucien riu, apesar de ter sido uma risada elegante. — Entrevistei e contratei seis assistentes profissionais nas últimas nove semanas. Todos eles desistiram ou foram demitidos por Noah logo depois. Nenhuma dessas seis entrevistas foi como esta.

— Talvez seja porque eu não sabia que era uma entrevista de emprego. – disse com uma risada débil. — Quero dizer... por que eu?

— Porque, Srta. Conroy, eu exijo - Noah exige - alguém com tenacidade e compaixão, capaz de ver através do verniz áspero o



jovem sofredor abaixo. Alguém que tratará Noah com bondade, apesar de nunca lhe retribuir uma fração da mesma cortesia.

— Ele não vai? O que há de errado com ele? Além da cegueira, quero dizer.



— O acidente roubou mais do que a visão de Noah. Ele tirou toda a alegria e felicidade que ele possuía de fazer o que mais amava, deixando amargura e raiva. – Lucien se inclinou para frente com seriedade. — Ele está sofrendo, Srta Conroy, e eu temo que, a menos que ele possa começar a encontrar aceitação, esse sofrimento o consumirá, e o jovem vibrante que eu conheci estará perdido.

— Eu não sei o que dizer.

— Não diga nada ainda. – Lucien pegou um cartão de visita de uma elegante caixa prateada e deslizou-o sobre a mesa para mim. — Eu pediria que você fosse para casa hoje à noite e ficasse online. Pesquise no Google o nome dele e ligue para mim depois de fazer isso. A qualquer hora desta noite, responderei a qualquer pergunta que possa ter.

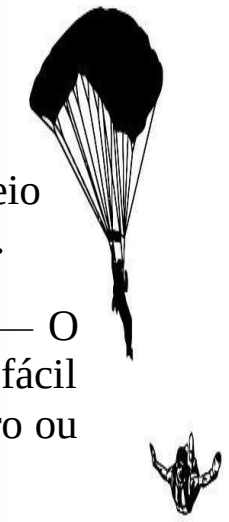
Houve um curto silêncio. Peguei o cartão, virei várias vezes na minha mão. Lucien estava olhando para mim com tanta esperança em seus amáveis olhos azuis.

— Posso perguntar, pelo menos, quanto esse trabalho paga?

— Claro, minhas desculpas. – Lucien disse com uma risada curta. — O ponto, como vocês americanos gostam de dizer. O salário é de US$ 40.000 por ano, mais uma pensão alimentícia e todos os benefícios de assistência médica.

Balancei a cabeça, tentando manter a calma. — Sim, isso parece bom. Perfeito. Ótimo.

Ah, meu Deus! De repente, essa conversa não era mais tão estranha; foi um presente que caiu no meu colo. Eu mal podia deixar de pular da minha cadeira e jogar meus braços em volta do pescoço



de Lucien. Ele era como uma espécie de fada padrinho, que veio me resgatar de colegas de quarto barulhentos e péssimas gorjetas.

— Devo avisar, Srta Conroy. – disse Lucien gravemente. — O que você encontrará ao pesquisar o acidente de Noah não será fácil de ver. Mas preciso que você veja, para que, quando ele for severo ou duro com você, você entenderá que não é a fonte da dor dele.

— Ok. – eu disse lentamente. — E depois?

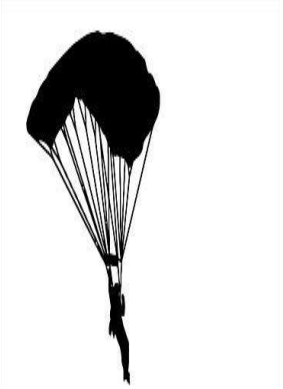
— Se estiver disposta a aceitar o cargo, você se encontrará com Noah - amanhã, de preferência. Ele exige a aprovação de todos os novos contratados. Uma formalidade, mais do que qualquer outra coisa, mas é justo que ele tenha um pouco de autoridade, mesmo que ele a use para intimidar e atormentar.

Intimidar e atormentar? Isso não parecia promissor, mas - eu tinha que admitir - o salário estava dançando na minha cabeça com cifrões de verdade em torno dele. E benefícios? Assistência médica? Isso foi a cereja no topo do bolo para uma garota como eu, que teve que ficar em uma clínica lotada por quatro horas com febre de 40 graus no inverno passado.

— Tenho medo de ir. – Lucien levantou-se e esticou a mão. — Deixo você com este pensamento de despedida: estou contratando uma assistente pessoal, Srta Conroy. Esse é o trabalho no papel. Mas tenho grandes esperanças de que, se você assumir o cargo, se tornará mais para Noah. Alguém que ele precisa mais do que uma empregada doméstica ou cozinheira.

— O que ele precisa?

Ele sorriu tristemente. — Alguém que fica.



06

Charlotte

Fiquei extremamente tentada a pegar meu celular e entrar no Google e pesquisar *"Noah Lake"* no trem para casa. Mas Lucien merecia que eu desse minha atenção total. Sem mencionar, que eu estava um pouco preocupada com o que eu estaria olhando. *"Detalhes horríveis"*, Lucien dissera. Coisas sobre o Noah que *"não eram fáceis de ver"*.

Cheguei em casa perto das quatro da tarde. Emily ainda não havia voltado do emprego de babá, mas logo estaria em casa, exigindo o aluguel que eu não tinha. Forrest e Collin já estavam lá, saindo da sala porque Deus me livre, que eu já teria o lugar por uma hora.

Passei por eles com um *oi* murmurado e me tranquei no meu quarto. Liguei meu laptop e digitei *"Noah Lake"*.

Surgiram várias manchetes:

"Atleta de esportes radicais em coma depois de um salto de paraquedas no penhasco de Acapulco"

"Jornalista e fotógrafo do Planet X transportado de avião para o Hospital Naval De Acapulco em estado crítico".



"Jornalista de esportes radicais, Noah Lake, de 23anos, chega à UCLA"



Cliquei mais algumas e comecei a ler. A essência era a mesma. Em Julho passado, Noah estava saltando de paraquedas de um penhasco de trinta e três metros em *La Quebrada*, no México. Os penhascos eram notoriamente traiçoeiros, permitindo apenas uma profundidade segura de onze pés para paraquedistas por alguns segundos de cada vez.

Noah tinha sido um mergulhador habilidoso, mas algo deu errado. Um dos mergulhadores locais especulou que Noah havia confundido o mergulho, a água era muito rasa e ele bateu com a nuca nas rochas que cobriam o fundo do oceano. Ele foi levado para o Hospital Naval local e depois levado de avião para a UCLA, em coma o tempo todo. Todos esses artigos declararam que ele não deveria sobreviver por uma semana, muito menos sobreviver à cirurgia que substituiria a parte de trás de seu crânio quebrado por uma placa de metal.

Eu pesquisei mais fundo com o meu coração doendo pelo que estava lendo.

Noah permaneceu em coma por doze dias. Quando finalmente acordou, estava cego e mal conseguia falar. Duas semanas depois, ele foi declarado suficientemente bem para iniciar uma série cansativa de cirurgias na pele e no tecido muscular do pescoço e das costas. Aparentemente, as pedras o haviam mordido como um tubarão, arrancando a carne de seu corpo. Ele precisou de um total de seis cirurgias - incluindo enxertos de pele - para reparar o dano e quase morreu novamente quando o local de enxerto na perna foi infectado. Durante todo o tempo, ele permaneceu cego, embora os médicos esperassem que, à medida que seu cérebro se recuperasse, sua visão retornasse lentamente.



Isso nunca aconteceu.

Coloquei minha mão no meu coração enquanto lia e fiquei mais do que um pouco enjoada. *Caramba, pobre rapaz.*



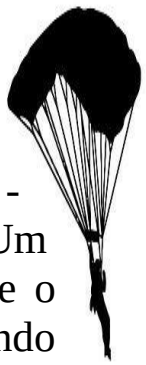
Os artigos mais recentes falavam de Noah sendo transferido para o Hospital Lenox Hill, em Nova York, cerca de um mês após sua última cirurgia, e depois para uma clínica de reabilitação em White Plains. Lá, ele foi submetido a terapia física e cognitiva. Ele teve que reaprender até as tarefas mais básicas: caminhar, falar claramente, segurar uma colher e fechar o punho. Mas seu progresso nisso foi rápido: os seus médicos ficaram chocados e frequentemente mencionaram estar impressionados com a sua determinação. *"Sobretudo"*, disse um terapeuta de reabilitação, *"dado o fato de estar enfrentando simultaneamente a cegueira".*

O último artigo sobre o acidente mencionou que ele havia terminado sua reabilitação em Janeiro deste ano - apenas três meses atrás, fiquei admirada - e estava escondido em algum lugar fora dos olhos do público.

Recostei-me, com o meu coração ferido pelo que tinha lido. Que coisa horrível de suportar. Não é de admirar que ele fosse amargo. Eu pensei que seria também.

Voltei ao Google e digitei *'Noah Lake Planet X'*. Outra série de artigos apareceu. Artigos mais felizes e emocionantes de antes do acidente, todos eles escritos pelo próprio Noah.

Soube que o *Planet X* era uma revista de sucesso - impressa e on-line - dedicada a documentar esportes radicais em todo o mundo, com um foco intenso em geografia, história e pessoas locais. Um cruzamento entre *National Geographic* e a *Sports Illustrated*. Noah Lake tinha sido o jornalista e fotógrafo mais popular e um talentoso atleta radical por direito próprio. Ele participou de muitos esportes e escreveu histórias em primeira mão das experiências. Suas próprias fotografias de tirar o fôlego ou vídeos *GO pro* acompanharam os eventos que desafiam a morte. Tudo, desde paraquedismo, salto em altura até windsurf, ele fez tudo.



E cada artigo parecia vir de um canto diferente do mundo - França e África do Sul, Tailândia e Havaí... Ele era um nômade. Um vagabundo em busca de emoção, bem-vindo entre a elite rica e o mais pobres dos moradores, e em casa com todos eles. O mundo inteiro tinha sido sua casa e eu sabia então por que Lucien me pediu para pesquisar a história do Noah no Google em vez de me contar ele mesmo. Porque tudo o que Noah havia sofrido já era ruim o suficiente, mas aqui na minha frente, em fotos coloridas brilhantes, era tudo o que ele havia perdido também.



Aqui estavam suas fotos de exuberantes florestas tropicais, praias de areia escura, corredeiras brancas espumosas e desertos escarlates ao nascer do sol. Olhei para uma foto que Noah havia tirado no Nepal enquanto caminhava para o Monte. Acampamento base do Everest. O mundo inteiro se espalhou diante dele em cores deslumbrantes: neve branca brilhando com o pôr do sol laranja, montanhas que se estendiam para sempre, rostos marrons dos Sherpas sorridentes e suas bandeiras multicoloridas. Senti lágrimas surgindo dos meus olhos.

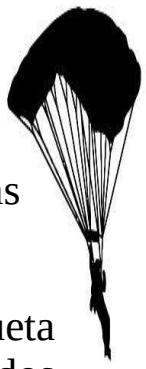
— Maldito seja, Lucien. – sussurrei.

E então, cliquei mais uma vez, no Google Imagens, e o meu coração despencou em algum lugar perto do estômago quando tive o meu primeiro vislumbre verdadeiro de Noah Lake.

— Ah... meu... Deus. – disse em voz alta para ninguém. — Você tem que estar brincando comigo.

A maioria das imagens era dele usando vários chapéus de proteção: óculos de proteção, máscaras de esqui ou óculos de sol velhos. Ele estava sempre cheio de roupas de neve, equipamento de escalada ou de banho que realçavam o que eu pensava ter sido uma construção atlética bastante atraente: alta e magra. Mas uma foto...

Planet X teve uma foto promocional dele que parecia ter saído direto de uma revista de moda masculina, e isso fez o meu coração palpitar ridiculamente só de olhar para ele. Noah Lake foi



impressionante. Pode ter havido uma palavra melhor para ele, mas meu cérebro não foi capaz de identificar. Eu apenas o olhei.

Na foto, ele usava uma camisa preta por baixo de uma jaqueta preta. Seus cabelos eram castanhos escuros, quase pretos, e cortados curtos, exceto por uma cabeleira esvoaçante em cima. Seu rosto era angular, esculpido, com a quantidade certa de barba por fazer. Ele tinha sobrancelhas grossas e escuras, nariz reto e boca macia. Vi em algumas das outras fotos que ele era alto e, de alguma forma, seu rosto lindo e um pouco estreito confirmou isso em minha mente.



Mas eram os olhos dele que pareciam desafiar a natureza. *Essa cor era real ou algum tipo de truque maluco do Photoshop?* Avelã era a cor exata: marrom, mas salpicado de verde e dourado, como veludo marrom coberto de esmeraldas esmagadas e flocos de ouro. Eu nunca vi nada como eles antes ou depois.

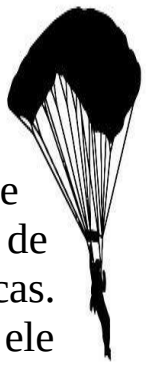
E pensar que aqueles olhos surpreendentes agora são inúteis.

Quase com relutância, continuei passando a foto de outras pessoas, fotos dele andando pelas ruas da cidade europeia com o braço pendurado casualmente sobre uma mulher incrivelmente linda ou outra. Pouco antes do acidente, ele havia assumido um relacionamento com uma modelo francesa chamada Valentina Paquette. Alta, loira e deslumbrante.

Valentina, pelo amor de Deus. Percebi que estava apertando minha mandíbula.

— Não seja idiota. – eu me repreendi, ainda rolando a tela, e depois dei um gritinho, afastando-me da minha tela.

Abaixo de todas as fotos de Noah em alguma pista de esqui, ou pendurado em uma rocha (com os músculos tensos e magros que se esforçam com o esforço), havia três fotos, ilícitas, a julgar pela qualidade ruim. Fotos de celular tiradas rapidamente em um quarto de hospital.



Aparentemente, duas eram de Noah antes que ele fizesse cirurgias pelos danos causados nas costas. Ele estava deitado de bruços, com a cabeça completamente envolta em bandagens brancas. Tubos e fios percorriam de todas as partes do corpo, como se ele fosse biônico. Mas as costas dele... Eu nunca vi algo tão horrível na minha vida.



No lado direito, três marcas irregulares - como se algum leão o tivesse arranhado - passaram pelo pescoço até o meio do ombro. À esquerda, eu sinceramente não conseguia entender o que estava vendo: uma bagunça estriada de sangue e carne rasgada e poças de líquido branco... *Ou talvez isso fosse osso*? Eu não sabia, mas era repulsivo. Eu rapidamente desviei os olhos. A terceira foto era de sua perna, sua parte interna da coxa, onde um longo e áspero retângulo de pele havia sido removido. *O enxerto de pele.*

Eu rapidamente voltei para a foto promocional do *Planet X*, maravilhada por esse homem bonito ter sofrido tanto horror e dor... E que Lucien havia infligido uma fração disso em mim, para que eu sentisse pena dele. Lágrimas surgiram em meus olhos pelo que tinha visto; pelo que Noah tinha sido e tudo o que havia perdido. Eu não pude evitar. *"Uma grande molenga"* como meu irmão sempre me provocava, especialmente quando me flagrava enxugando os olhos com um comercial sentimental.

Pensei em ligar para Lucien e dar-lhe um sermão quando uma batida bateu na porta.

— Char? É a Em.

— Sim? – eu disse, feliz que minha voz soasse quase normal.

— Hum, você sabe que dia é hoje, certo?

Afastei uma mecha de cabelo, olhando entre o celular, a foto de Noah e a porta do quarto onde Emily estava esperando do outro lado.

— Dê-me um minuto, Emily. – eu disse. — Preciso fazer uma ligação e depois conversaremos.



Emily murmurou algo que eu não entendi direito e imaginei que ela fosse embora. O som das vozes estava enchendo a sala de estar. Outra reunião improvisada que eu sabia que duraria até altas horas da noite. Outra noite sem dormir. Nem uma hora de paz de espírito para tomar uma decisão muito importante que pode ser a melhor coisa que já fiz, ou o pior erro da minha vida.



Peguei um caderno, caneta e calculadora. Tentando o máximo possível para não deixar que as circunstâncias sombrias do acidente de Noah me influenciassem, criei minha resposta para Lucien.

Dez minutos depois, com a música a todo vapor na sala de estar, enfiei travesseiros na fenda debaixo da porta para ajudar a abafar o som, respirei fundo e disquei o número do cartão que recebi no início da tarde.

Ele atendeu após o segundo toque. — Alô?

— Lucien, é Charlotte Conroy.

— Ah, Charlotte, ma chere[10]. – ele parecia caloroso, mas cauteloso. — Não esperava ter notícias suas tão cedo... e temo que isso não seja uma coisa boa.

— Depende. Eu tenho algumas perguntas e algumas condições. Eu vi o acidente do Noah no Google. Deus, as fotos...

— Peço desculpas se foram muito perturbadoras, mas eu queria que você visse o porquê...

— Você queria que eu sentisse pena dele, então eu aceitaria o emprego. – eu disse. — Não é?

— Não foi para você aceitar, minha querida. – disse Lucien com seu tom ficando sério. — Mas foi para que, se você aceitasse o trabalho, sentiria empatia em relação a seu cargo.

---

[10] ***ma chere: significa minha querida em Francês.***



— Especialmente quando ele é um idiota delirante comigo? – balancei minha cabeça e suavizei minha voz. Lucien poderia ser meu novo chefe, afinal. — Você fala sobre toda essa empatia por ele, mas o que vai acontecer comigo? Vou ser submetida a abusos e insultos verbais todos os dias, o dia todo? Porque se for esse o caso, entendo por que esses outros profissionais se demitiram.



— Noah não abusará de você, verbalmente ou de outra forma.

— Acredito que você disse *"intimidar e atormentar".*

— Foi uma má escolha de palavras da minha parte.

— Estou apenas tentando me proteger, Lucien.

— E você tem todo o direito disso. – respondeu ele. — Noah está zangado, amargo e mal-humorado, e ele não fará nenhuma tentativa de esconder isso de você. Mas ele também é um homem bom, no fundo. Não será fácil trabalhar com ele, Charlotte. Isso eu garanto. Mas o conheço e a irmã dele desde pequenos. Sua casca é desagradável, mas ele não morde. Eu prometo.

— Ok. – eu disse lentamente. Os nervos tremiam no meu interior, mas a determinação os conquistou. — Quando fiz a entrega da comida na semana passada, vi que o primeiro andar do sobrado de Noah parece vazio.

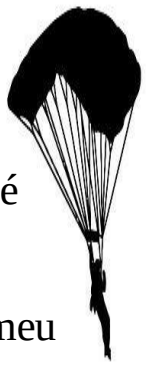
— Ele é.

Sem coragem, sem glória, pensei. Eu fechei meus olhos e disse: — Eu quero viver nele.

Silêncio.

Senti meu grande plano de fuga começar a se desfazer naquele silêncio e, em seguida, Lucien disse: — Há muito tempo que eu queria um assistente de Noah. Eu me preocupo com ele...

Minhas esperanças aumentaram e depois desapareceram.



— Mas Noah não permitirá. Já foi sugerido isso antes e ele é inflexível.

— E se eu pudesse convencê-lo? – eu disse, torcendo meu cobertor na cama.



— Charlotte...

Olhei para a porta do quarto. Do outro lado, parecia uma festa completa. *Na segunda-feira.* Virei as costas e peguei o telefone com as duas mãos no ouvido.

— Lucien, tive um ano difícil e preciso de um pouco de paz. E é isso que vai me tornar uma boa assistente para ele. Seu plano do Google funcionou. Sinto-me mal por Noah e, se você acha que estar com ele, ajudá-lo ajudaria a aliviar parte de sua dor, então eu sou a favor. E também farei o meu melhor porque, em uma observação mais egoísta, eu não posso me permitir o contrário.

Lucien fez um som como a expiração da fumaça do cigarro. — Vou contar a situação ao Sr. e à Sra. Lake. Eu sei que eles estão ansiosos por Noah morar sozinho, mas não posso fazer nenhuma promessa. Ultimamente, Noah pode ser uma mula teimosa.

Eu assenti rapidamente. — OK, eu entendo. Obrigada.

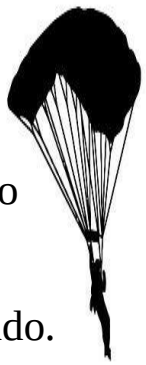
— Os termos do seu salário precisarão ser renegociados, para contabilizar as taxas de aluguel.

Fechei os olhos e disse rapidamente: — Mesmo salário. US$ 40 mil.

— Você deseja morar sem aluguel. – ele disse.

— Eu estaria trabalhando vinte e quatro horas por dia, certo? Quero dizer, se Noah cair e se machucar no meio da noite, eu estarei lá. Não é isso que você quer?

Lucien suspirou. — Mais do que tudo.



— Então, o quanto a paz de espírito vale para você? Ou para o Sr. e a Sra. Lake?

Dei um puxão no meu cabelo, sabendo que estava pressionando. Mas são tempos desesperados, e tudo isso...



— E agora é você quem está me manipulando, Srta Conroy. – disse Lucien, embora eu pudesse ouvir o sorriso dele pelo telefone.

— Não vou falhar, Lucien. – disse com a esperança aumentando. — Ou o Noah.

— Minha querida, isso é muito para garantir. Talvez mais do que você imagina...

— Eu consigo. – eu disse. — E não vou desistir. Redija um contrato. Um contrato por um ano, e eu o assinarei. Eu prometo que não vou desistir. Não por um ano, pelo menos.

— Vou discutir isso com os Lakes, Srta Conroy, mas Noah deve concordar em contratá-la primeiro.

Eu balancei a cabeça, prendendo meu lábio entre os dentes. — Quais são as minhas chances?

— Há um mês, eu diria que você não tinha. Mas acho que a realidade da situação é algo que os Lakes - e possivelmente até Noah - não podem mais ignorar. A instabilidade desses estranhos entrando e saindo de sua vida não é boa para ele. Podemos encontrá-lo receptivo. *Podemos*.

Não foi muito, mas aceitei. Lucien e eu discutimos mais alguns detalhes e fizemos planos para nos encontrarmos depois do meu turno em Annabelle’s e depois caminharmos até o sobrado do Lake para minha entrevista oficial...

Estávamos prestes a desligar quando Lucien disse: — Traga seu violino.



— Por quê?

— Noah tem muito poucas opções de entretenimento hoje em dia. Ele pode ser mais aberto à você morar lá, se demonstrar seus talentos.



Comecei a lembrá-lo de que eu não estava mais disposta a me apresentar, mas me ocorreu que, se eu pudesse morar no sobrado na cidade, teria tempo para praticar, talvez para encontrar minha música novamente em relativa paz e sossego.

— Eu levo.

Nos despedimos e eu reprimi um sorriso. A festa do lado de fora da minha porta estava em pleno andamento e eu dancei na minha cama com a música abafada. Não foi uma boa ideia aumentar minhas esperanças assim, mas não pude evitar. O que Lucien havia dito sobre eu me meter na cabeça provavelmente era verdade, mas eu aprenderia a lidar com isso. Mais do que lidar com isso. Afinal, eu não era tão sexy. Por quarenta mil dólares por ano e sem aluguel, eu seria a melhor assistente que poderia ser.

Eu só tinha que convencer o Noah Lake.

Voltei para a cama e olhei a foto promocional do *Planet X* novamente. Cara lindo. Sorriso bonito. Deve haver um bom homem escondido lá embaixo, certo?

Eu tracei a curva de seus lábios. — Deve haver.



07

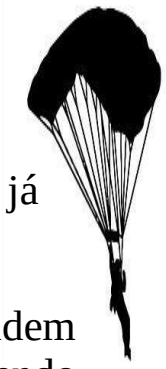
Charlotte

Lucien me encontrou no Annabelle's depois do meu turno. Caminhamos até o sobrado do Lake durante uma linda tarde de primavera, eu com meu case de violino na mão. Eu tive um bom dia em termos de gorjetas, o que significava que o cheque de aluguel que dei a Emily naquela manhã - espero que seja o meu último, embora eu ainda não tenha dito a ela - não iria ser devolvido. Lucien e eu discutimos os pontos mais delicados da minha contratação. Consegui manter o salário de 40 mil, tirar os domingos de folga, tempo para praticar e ter o espaço para morar no primeiro andar só para mim.

Meu espaço para morar. Todo para mim. Eu praticamente pulei ao lado de Lucien com uma alegria vertiginosa, embora tenha sido acalmado com o meu estômago apertando com o nervosismo. Saber que ia encontrar Noah cara a cara era intimidador como o inferno... em vários níveis.

Eu me perguntei se ele ainda era tão bonito quanto aquela foto promocional do *Planet X* ou se seus ferimentos o haviam alterado de alguma forma. Perguntei-me se ele seria realmente tão rude como tinha sido na primeira vez que nos conhecemos ou se muito daquele imbecil tinha acabado de ser um ato. Afinal, eu era uma estranha na casa de um cego; Eu poderia ter saído com um dos vasos de cristal e ele nunca saberia disso. Talvez ele estivesse apenas tentando se proteger.

Mas, na maioria das vezes, eu me perguntava se ele concordaria com tudo o que Lucien e eu proporíamos, porque embora eu tivesse



apenas um vislumbre daquele espaço no primeiro andar, eu já estava o fazendo meu.

— O sobrado pertence aos pais de Noah, que residem permanentemente em Connecticut. – Lucien estava me dizendo enquanto fumava um cigarro de Dunhill[11]. — Quando lhes disse ontem à noite que você queria morar lá, eles ficaram emocionados. Além de se preocupar constantemente com o filho, eles têm preocupações válidas sobre a manutenção da propriedade.



— Eles não veem muito o Noah?

Os lábios de Lucien fizeram uma linha fina antes de responder. — Receio que não. Eles viam no início, por segurança. O visitavam regularmente nos vários hospitais e nas clinicas de reabilitação em White Plains. Mas depois que lhe deram o sobrado - aparentemente para se recuperar - ele deixou bem claro que não queria visitantes de nenhum tipo.

— Nem mesmo a família dele?

— Nem seus pais, nem sua irmã, nem a quantidade de amigos que ele fez durante o que ele chama de “outra vida”.

A firmeza no meu passo desapareceu. — Se ele nem vê a família, por que ele concordaria em me deixar morar lá?

— Isso não caberá a ele, não inteiramente, embora vamos manter a mãe dele sobre as acomodações por enquanto. Eu disse a ele que você viria hoje para entrevista para a contratação. Não disse nada sobre você ser uma assistente residente.

Mordi o meu lábio. — Isso parece um pouco desonesto, não é? Pensei que você teria pelo menos abordado isso com ele.

— Eu poderia ter abordado. – respondeu Lucien. — E Noah teria me negado completamente e se recusado a entrevistá-la.

---

[11] ***Dunhill: é uma marca britânica de cigarro.***



— Ah.

Lucien parou e deu um tapinha na minha mão. — Há momentos nesta vida em que devemos fazer o que é melhor, e muitas vezes o que é melhor não é o que é fácil.



Chegamos ao sobrado e olhei para a residência de três andares, tentando não pensar muito sobre tudo o que estava em jogo. Lucien deu um tapinha na minha mão.

— Faça a entrevista como faria em uma contratação normal. Seja honesta. Seja você mesma. Deixe que ele se acostume com você, tal como ele é capaz, e deixe o resto comigo.

Ele abriu a porta da frente e se afastou para me deixar entrar. — Noah? Nous sommes arrivés[12].

Sem resposta.

Lucien fez um sinal para eu andar na frente dele subindo as escadas. Eu sei que ele estava fazendo isso por etiqueta, mas me senti como um escudo humano até lembrar que Noah não podia me ver. Eu poderia estar usando um sombreiro e um tutu rosa, e isso não teria importância. Não, sua primeira impressão sobre mim se formaria quando eu falasse.

Isso não foi um pensamento reconfortante.

No segundo andar, a cozinha à minha direita estava um pouco limpa; Imaginei que Lucien esteve aqui no fim de semana. A mesa de centro quadrada de vidro estava livre de desordem e estava entre um sofá de couro bege de um lado e uma poltrona combinando do outro.

Noah Lake estava na poltrona.

Por um segundo, todo pensamento racional e normal saiu da minha cabeça. O único que fez algum sentido foi que a foto promocional do *Planet X* não lhe fez justiça. De forma alguma.

---

[12] ***Nous sommes arrivés: quer dizer "Já chegamos" em Francês.***



Ele usava uma camiseta preta com decote em v, calça esportiva cinza e tênis de corrida que pareciam novos em folha. Suas pernas estavam literalmente para fora da beirada da poltrona, confirmando minha suspeita de que ele era alto. Bem mais de um metro e oitenta, fácil.



O acidente não havia roubado sua beleza, como eu imaginava, embora sua pele fosse um pouco mais pálida, seu cabelo um pouco mais comprido atrás. Ele usava o mesmo comprimento de barba no queixo e nas bochechas angulares. Na verdade, ele era ainda mais bonito pessoalmente do que na foto - um exemplo impressionante de beleza masculina, se eu já vi uma. Mas algo estava faltando.

Seu sorriso, pensei. O acidente roubou seu sorriso. O cara na foto promocional era um jovem radiante e cheio de vida e alegria de viver, como Lucien poderia dizer. O Noah que estava sentado diante de mim agora parecia que era como se uma carranca estivesse permanentemente gravada em suas características marcantes. Como se tivesse passado meses desde que ele pensou em sorrir.

Eu estava vagamente consciente da mão de Lucien nas minhas costas, empurrando-me gentilmente para frente para que ele pudesse entrar na sala. Ele me guiou para o sofá de frente para Noah, e eu sem palavras me sentei nele. Coloquei meu case de violino no chão ao lado dos meus pés.

— Noah, comment ça va[13]? Bien[14]?

Noah fez um barulho evasivo. Aqueles olhos surpreendentes cor de avelã estavam fixos na mesa de centro de vidro à sua frente.

— Noah, esta é Charlotte Conroy. – disse Lucien. Percebi que ele não estava sentado para se juntar a nós.

— Prazer em conhecê-lo. – eu disse a Noah, agradecida por ter juízo suficiente sobre mim para não oferecer minha mão.

---

[13] ***comment ça va: significa "Como você está?" em Francês.***
[14] ***Bien: significa "Bem?" em Francês.***



A cabeça de Noah se levantou e ele virou na minha direção, tentando me concentrar pelo som. Seus lindos olhos passaram por mim e seu olhar pousou logo abaixo do meu queixo.

— Imbecil. – disse ele com a sua voz grossa e suave, mas fria também.



Eu estremeci. — Desculpa...?

— Noah! Tiens-toi bien[15]! – Lucien repreendeu, mas Noah o ignorou.

— Você é a garota que entregou comida na semana passada. Reconheço a sua voz. – Os lábios dele se curvaram. — Um dos presentes de despedida ao ser golpeado e ficar cego é um senso apurado de tudo o mais. – ele inclinou a cabeça na direção de Lucien. — Esta é quem você acha que seria uma boa assistente?

Acima de mim, Lucien esfregou os olhos, cansado. — Mon Dieu[16], Noah...

— Ainda surpreso? – Noah zombou. — Eu não sou nada se não for coerente. Você pode ir, Lucien. Vamos acabar logo com isso.

Lucien franziu a testa e depois colocou a mão no meu ombro. — Volto em quarenta e cinco minutos. Você tem o meu número, caso as coisas terminem mais rapidamente. Noah, s'il vous plaît être gentil[17].

— Toujours[18]. – Noah murmurou. O sotaque dele era quase tão perfeito quanto o de Lucien.

Lucien suspirou e me deu um sorriso de despedida que era ao mesmo tempo esperançoso e com pena, depois nos deixou. Ouvi a porta da frente fechar e fiquei sozinha com o Noah Lake.

---

[15] Tiens-toi bien: Significa "Comporte-se" em Francês.
[16] Mon Dieu: Significa "Meu Deus" em Francês.
[17] s'il vous plaît être gentil: Significa "Por favor, seja gentil."em Francês.
[18] Toujours: Significa "Sempre." em Francês.



A luz do sol da tarde inundou a sala com luz quente. Parte dela ficou presa no dourado de seus olhos e meu estômago apertou. Eu pensei que poderia olhar para aqueles olhos o dia todo, me perder em sua beleza. *Incrível. E em pensar, que eles são apenas uma espécie de decoração agora.*



— Não é muito educado, não é? – Noah disse, me tirando dos meus pensamentos.

— Desculpe…?

— Olhar para o pobre cego é má educação. – disse ele lentamente, como se estivesse falando com uma criança grossa.

— Eu não estava olhando. – eu me mexi no sofá de couro. — Bem, talvez um pouco. Você não é o que eu esperava. E além…

— Além do que?

— Nada. – eu disse, amaldiçoando minha língua solta.

— Além do que?

Cruzei os braços sobre o peito. — Se você insistir, eu diria que você não tem muito do que reclamar sobre má educação. – eu fiquei tensa, pronta para ser expulsa da entrevista antes mesmo de começar.

Em vez disso, Noah encolheu os ombros. — Não há argumento aí. E você disse que não sou o que esperava. O que você esperava? – Seu desdém voltou. — Óculos escuros e uma bengala?

— Trabalho no Annabelle's desde antes de você começar a fazer pedidos lá. Pensei que você fosse mais velho. – *E menos visualmente deslumbrante.*

— Eu sou mais velho que você, não sou? – ele perguntou. — Você parece jovem. Vinte anos?

— Vinte e três em Outubro.

— Você já foi assistente antes?



— Não. Eu sou uma musicista...

— Bom. – disse ele, sentando-se ereto. — Quanto mais experiência esses chamados profissionais têm, mais irritantes eles são. Então, vamos fazer isso. Vou lhe dizer os requisitos do emprego. *O trabalho de verdade.* Nada do que Lucien pode ter lhe dito. O que estou procurando e o que ele ou meus pais querem são duas coisas diferentes. Entendeu?

Eu balancei a cabeça.

— Oi?

— Ah, eu... desculpe...

Ele suspirou irritado. — Aqui está uma dica útil: se você balançar a cabeça, eu não consigo ver. Ou balançar a cabeça. Ou encolher os ombros. Ou dedos do meio. Ou danças interpretativas. Quando faço uma pergunta, você precisa realmente falar.

— Ok, desculpe. – eu disse, e suspirei. *Não deixe que ele te chateie. Pense no espaço privado, na paz e tranquilidade…*

— E não peça desculpas. – ele retrucou. — Cristo, se há algo que eu odeio mais do que balançar a cabeça, são desculpas.

— Entendi, mas você está me deixando muito nervosa.

— Eu estou? E estou tendo um dos meus bons dias.

Este é um bom dia? Talvez Lucien estivesse certo. Talvez eu esteja louca. Eu tirei a minha jaqueta leve antes de começar a suar. — Eu gostaria de um copo de água. Posso?

— Fique à vontade.

— Obrigada. Voce gostaria de um?

Não estava tentando marcar pontos com o pedido. Ao contrário do que Noah poderia pensar sobre minhas maneiras, meus pais criaram seus filhos para serem educados. Mas a pergunta pareceu



desestabilizá-lo um pouco. Seu intenso olhar cor de avelã procurou-me e errou; ele se concentrou em um espaço à minha direita. Tão perto. Eu só tinha que me inclinar um pouco e nossos olhos teriam se encontrado.



— Hum, não. – ele disse. — Não.

Comecei a balançar a cabeça e me dei por mim. — OK. Eu só vou...

Eu me levantei e fui para a cozinha. Encontrei um copo nos caros armários de madeira escura à esquerda da pia e me arrisquei com a água da torneira de Nova York. Não ia vasculhar na geladeira garrafas ou filtros. Durante todo o tempo, senti a atenção nítida de Noah em mim tão fortemente quanto se ele estivesse olhando com olhos atentos.

Dei um longo suspiro, me fortalecendo mentalmente. *Ele é rude, mas está com dor. Lembre-se disso.* Mas também decidi que, se ele cruzasse a linha, eu andaria.

Mas com aluguel gratuito e um salário suportável, eu saberia a linha quando a visse?

Voltei a sentar no sofá e coloquei meu copo perto de em uma montanha-russa com a Torre Eiffel.

— Melhor? – O tom cortante da voz de Noah estava de volta. — Podemos começar agora?

Encontrei a minha cabeça balançando novamente e disse rapidamente: — Sim. Sim. Estou pronta.

— Tudo bem, eu vou dizer isso rápido. Ser minha assistente significa se manter fora do meu caminho e garantir que tudo e todos os demais façam também. Você está aqui para limpar o que eu fizer, garantir que eu tenha o que preciso para sobreviver, e é isso. Lave a louça e retire o lixo. Você vai limpar o chão e, se não é sádica, me avisar com antecedência que ele ainda está molhado. Você vai espanar e aspirar, lavar minhas roupas, dobrar e guardar, e talvez até



passar a ferro. Odeio-as amassadas, e Deus sabe que quero permanecer apresentável às dezenas de pessoas que eu não serei divertido. Você cozinha?

Pisquei com a pergunta repentina. Noah falou de maneira brusca e rápida, com o cérebro trabalhando à todo gás. Mas a última pergunta foi uma oportunidade para eu marcar alguns pontos para conseguir o emprego. Ou assim eu esperava.

— Sim, eu cozinho. – disse brilhantemente. — Nada sofisticado, mas minha mãe me ensinou o básico. Faço um ótimo frango assado...

— Esqueça. – Noah retrucou. — Você fará as minhas compras, como cereais e salgadinhos, mas não cozinha. Não para mim, pelo menos. Tenho vários lugares de onde encomendar e você fará esses pedidos e os atenderá.

— Você pede por cada refeição?

As sobrancelhas dele se levantaram. — Você tem algum problema com isso?

— Parece muito dinheiro...

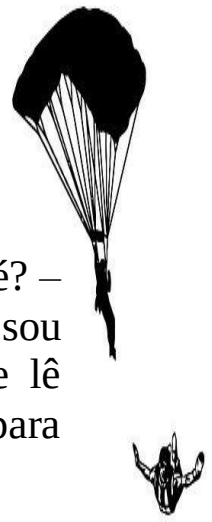
— É muito gentil da sua parte se preocupar, mas a gestão do patrimônio não é uma de suas obrigações. Nem estar questionando o que como.

— Está bem, está bem. Só... você não está cansado de pedir comida para viagem?

Ele inclinou a cabeça e o desdém nos lábios estava de volta. — Isso está muito baixo na minha lista de coisas de que estou cansado.

Eu me recostei. — Ah. Certo.

— Você fará pedidos de livros. Audio books, porque não estou aprendendo a porra de Braille, não importa o que os terapeutas me digam. Escuto muitos livros, então, quando eu fazer um pedido, você deve fazer o pedido imediatamente. Eu não quero esperar. Nunca.



— Audio books? Então, eu pediria online ou algo assim?

— Isso seria algo que filhos da puta cegos fariam agora, não é? – ele perguntou em um tom irônico e divertido. — Não, eu sou especial, por isso tenho um dispositivo de escuta especial que lê pequenos cartões digitais especiais e é isso que encomendará para mim. Comprenez-vous[19]?

— Sim. Acho que sim. – respondi. Percebi que a grosseria dele não era direcionada a mim, mas a si mesmo. Noah exalava um ódio próprio como um vapor, e decidi mostrar a ele que podia ver além dos comentários sarcásticos e fazer uma conexão.

— De que tipo de livros você gosta? Pergunto porque também sou uma grande leitora. Sempre fui. Desde que eu era criança, e eu... hum... é por isso.

Fiquei em silêncio sob o olhar fulminante de Noah. Ele não conseguiu encontrar os meus olhos, mas caramba, se ele não era intimidador de qualquer maneira.

— Gosto de todos os tipos de livros. Posso continuar? Ou você gostaria de saber a minha cor favorita a seguir?

Tanta coisa para fazer uma conexão. — Continue. – eu disse, cruzando os braços sobre o peito.

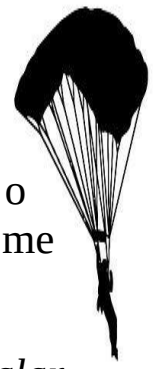
— Você executará todas as minhas tarefas e isso provavelmente consumirá a maior parte do seu tempo - se eu decidir que você pode ter o emprego. Ele vai mantê-la fora por toda a cidade. Você está familiarizada com Nova York, ou você é uma caipira recém-chegada do ônibus?

— Eu estou familiarizada. – eu disse, com a minha voz ficando fria.

— Que bom. – ele se inclinou sobre as pernas compridas com os olhos ainda um pouco para baixo. — E, por último - e este é o

---

[19] ***Comprenez-vous: Significa "Entendeu" em Francês.***



aspecto mais importante do seu trabalho, não posso enfatizar isso o suficiente - você não deve, em hipótese alguma, falar comigo, me tocar ou me ajudar, a menos que eu lhe peça especificamente.

Minhas mãos caíram no meu colo. — Espere, eu não posso *falar* com você?



— Se você se refere aos seus deveres, fique à vontade. De outra forma…

— Caso contrário, nada? Nunca?

— Por que você iria querer?

— Ah, não sei. Apenas uma questão de cortesia. *Oi como você está…*?

— Vamos esclarecer uma coisa. – disse Noah. — Você e eu não seremos amigos. Somos empregador e funcionária, e é isso. Se Lucien encheu sua cabeça de coisas sobre me tirar da minha concha ou me mostrar um lado positivo, esqueça. Você não existe até que eu exija. Não vai ser como a história em que a garotinha arrogante visita o aleijado doente e o faz sair novamente.

Recostei-me no sofá, meio chocada. *Ele acabou de fazer referência ao Jardim Secreto?* Ele não estava brincando que lia muito. Parecia que foi tudo o que ele fez.

— Você também pode estar pensando que tantas outras pessoas lidaram com suas adversidades melhor do que eu. – continuou Noah, com a sua voz escorrendo desprezo. — Você pode me dar esse repertório cansativo e dizer que a cegueira, para muitos, não é nem uma desvantagem, mas apenas "uma parte de quem eles são" ou alguma coisa igualmente nauseante. Esqueça isso. Já ouvi isso milhares de vezes. Não sou heroico nem estoico, e não dou a mínima para o que as pessoas pensam de mim. Eu tive uma vida que foi destruída e estou muito furioso. Mas adivinhe? *Isso não é da sua conta*.



Pensei no que tinha visto no Google e senti um rubor subir pelo meu pescoço. Lucien tinha feito isso da minha conta, e agora isso parecia errado. Aposto um milhão de dólares que Noah não fazia ideia das fotos do hospital. Eu me coloquei no lugar dele e senti a vulnerabilidade, a completa falta de controle e a perda. Eu provavelmente ficaria muito brava.



— Ainda está aqui?

— Sim. – eu disse incisivamente. — Ainda estou aqui.

Os contornos rígidos de sua expressão suavizaram um pouco com a calma determinação em minha voz, mas apenas por um instante. Então o muro caiu novamente. — Hum. Você deve estar desesperada pelo trabalho.

— Isso não é da *sua conta*. – eu disse. — Mas estou disposta a fazê-lo e fazê-lo bem. Então, o que mais? Não posso falar com você - não, melhor do que isso - *eu não existo* até que você precise. O que mais?

Se Noah ficou impressionado com a minha incapacidade de me filtrar, ele não demonstrou. Talvez ele até preferisse. Foi a única razão pela qual pude pensar por que não me expulsou. *Expulsar-me? Ele tem sorte de eu não sair*.

— Sim, o que mais? – Noah meditou. — Você não virá correndo quando bato a minha canela ou tropeço. Você *não me ajuda*. Está claro?

— E se você se machucar de verdade?

— Quando o cheiro do meu corpo em decomposição a alertar sobre minha situação, você poderá ligar para as autoridades.

Revirei os olhos. — E se você cair e bater a cabeça? E se você estiver inconsciente?



— Nesse caso... – Sua resposta afiada afunilou e o desprezo saiu de seus lábios. Ele olhou para a mesa - ou nada, eu acho, já que ele não podia ver a mesa. — Nesse caso, deixe-me dormir.

Eu me recostei com meus ombros rígidos caindo um pouco. Ele estava com a língua tão afiada, e então, sem mais nem menos, a dor inundou, como um buraco em uma represa.

— Eu não posso fazer *nada*. Eu não...

Ele levantou a cabeça, como se ele estivesse acordando de um devaneio. — O que? Não, claro que não, de maneira nenhuma. Mas não se preocupe. – O desdém que arruinou sua beleza voltou com vingança. — Acredito... que já tive a pior queda que já terei, então tudo em que precisa se concentrar é manter tudo fora do meu caminho. Você pode fazer isso?

Balancei a cabeça e me dei por mim. — Eu posso fazer isso.

— Que bom. – De repente, ele parecia tão cansado. Exausto. Mas ele reuniu algum entusiasmo falso e bateu palmas uma vez. — Parabéns. Você está contratada. Você começa segunda-feira às oito da manhã. – Um pensamento ocorreu a ele. — Você provavelmente não mora no centro da cidade. A que distância você está? Porque se você mora em um bairro e eu tenho que ouvir desculpas do porquê você está atrasada todos os dias, podemos nos poupar do incômodo agora...

— Eu moro em Greenwich Village.

— Então você não terá motivos para se atrasar. Nunca.

— Certo, mas... hum...

— Mas o que? Essa entrevista acabou. Você é livre para dar o fora. Eu tenho um quebra-cabeça para terminar, e um tiro ao alvo mais tarde, então se você não se importa... – ele inclinou a cabeça com o meu silêncio. — Não é fã do humor do pobre cego? Eu vou trabalhar nisso.



Noah permaneceu na cadeira, mesmo que eu pudesse ver que ele estava ansioso para deixá-la. Tive a sensação de que ele não queria que eu o observasse sair da sala, que ele não queria reconhecer sua cegueira de forma alguma.



— Bem? – ele perdeu a paciência. — O que foi?

— Hum, acho que deveríamos ligar para Lucien.

— Por quê? Eu já terminei. Você pode discutir os detalhes e a papelada com ele mais tarde. Agora, você precisa sair da minha casa antes que eu mude de ideia sobre a sua contratação.

— Apenas... ligue para ele. – eu disse. — Ou eu posso ligar.

Noah, com aquele desdém horrível, acenou para mim e pegou um telefone de aparência estranha no bolso da calça. — Ligue para o Lucien.

Eu não disse nada com as minhas mãos torcendo no meu colo, esperando. Qualquer emoção que eu tenha sido contratada - e deixe-me dizer que não era muita coisa naquele momento em particular - foi amenizada ainda mais pelo fato de Noah estar a dez segundos de perder a paciência.

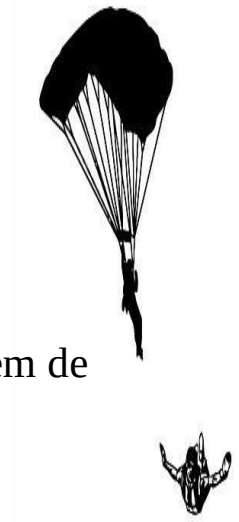
— Lucien. – ele disse quando a ligação foi completada. — Terminei minha entrevista com *sei lá quem,* mas ela não vai embora até eu falar com você. Alguma ideia do porquê?

Eu vi os olhos de Noah se arregalarem com o que Lucien estava dizendo e um gemido de raiva torceu seus belos traços. — Acredito que me tornei muito claro sobre esse assunto *várias vezes.* – Uma pausa. — Não. No Inglês básico não é bom o suficiente? Je vis seule et c'est final[20]. Vous m'entendez[21]? Acabou, droga! – ele desligou o telefone e o deixou cair no colo, com o olhar para baixo. — Saia.

---

[20] ***Je vis seule et c'est final: Significa "Eu moro sozinho e acabou." em Francês.***

[21] ***Vous m'entendez: Significa "Você está me ouvindo?" Francês.***



— Hum, o Lucien...?

— *Saia!*

Eu me encolhi e levantei no momento em que uma mensagem de Lucien chegou no meu celular.

Estou a caminho.

Eu não estava prestes a sentar e esperar por ele. Corri escada abaixo, deixando Noah perder a cabeça sozinho, e encontrei Lucien do lado de fora no momento em que ele entrava. Seu rosto estava cheio de preocupação.

— Charlotte, só espero que ele não tenha feito ou dito algo imperdoável...

— Não, mas ele está irritado. Deveríamos ter contado a ele sobre eu morar aqui.

— Eu cuidarei dele. Isso significa que ele te contratou?

Bufei. — Sim, mas não posso dizer que estou super empolgada. Quero dizer, ele me tratou como um inseto debaixo do sapato, mas pelo menos ele não me *odiou*. Ele vai me odiar, Lucien, e me demitir antes mesmo de eu começar.

— Impossível. – O gentil cavalheiro deu um tapinha na minha bochecha. — Espere aqui. Por favor. Dez minutos.

Balancei a cabeça e me sentei na varanda, me abraçando, apesar do calor da tarde. Fiquei ali por quase exatamente dez minutos, esperando. A certa altura, pensei ter ouvido gritos vindos de dentro, mas com o barulho da rua era difícil dizer.

Finalmente, Lucien apareceu. Seu rosto estava tenso, mas ele sorriu brilhantemente para mim quando desceu os degraus.



— Muito bem, ma chere. Vou limpar o primeiro andar para que você possa se mudar neste fim de semana e começar a trabalhar na segunda-feira. A menos que você precise avisar seu senhorio ou o seu empregador?



— Não, tudo bem em ambos os aspectos. – eu disse, com uma emoção aumentando no meu peito, apesar da terrível maneira como a entrevista com Noah terminou. Isso estava realmente acontecendo. Minha má situação de vida, meus empregos ruins, minha luta apenas para manter minha cabeça acima da água; tudo acabou. Pelo menos por um tempo.

— Mas espere, o que aconteceu? – perguntei, enquanto caminhávamos de volta pela rua. — Noah está de repente bem comigo morando aqui?

O sorriso de Lucien era tenso. — Ainda não, mas tenho certeza de que ele irá mudar de ideia.

Mordi meu lábio. — Estou desistindo de muito para fazer isso. Quero dizer, é algo que fico feliz em desistir, mas depois que o fazer, não há como voltar atrás.

— Você nem precisa. Os pais de Noah deram a ele um ultimato que acabei de passar para ele: permitir uma assistente residente ou perder o uso do sobrado.

Eu bufei. — Então é chantagem. Não é à toa que ele está furioso.

O sorriso de Lucien desapareceu. — É para o próprio bem dele. Você está aqui, minha querida, para o próprio bem dele.

— Mas a entrevista toda foi à toa.

Lucien parou e me olhou seriamente. — Até ou a menos que Noah aprenda a viver como um homem cego, e não como um homem que costumava ser avistado, ele sempre precisará de um assistente. Seus pais sabem disso, eu sei disso, e Noah sabe. – ele sorriu para mim e deu um tapinha na minha mão. — E eu, por um lado, estou emocionado que agora essa pessoa seja você.



Forcei um sorriso e continuamos andando. *Isso faz um de nós.*





Pensei em tudo no metrô de volta a Greenwich, e todas as minhas apreensões desapareceram com a expectativa de dizer a Emily que eu estava indo embora. Chega de festas noturnas, sem espera pelo banheiro e nem mais despertadores carnais. Eu estaria livre de tudo isso e teria bastante tempo e dinheiro para tentar encontrar minha música novamente.

Minha música.

Meu violino

Meu violino ficou na casa de Noah.

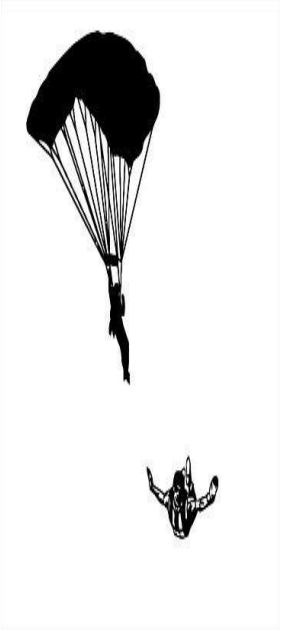
Eu nunca tinha ficado sem o meu violino. Ele era um Samuel Eastman, não um brinquedo barato. Meus pais haviam trabalhado duro para economizar para comprar o violino quatro anos atrás, como presente de ida para a faculdade. O pânico irracional tomou conta de mim.

Noah não pode ver. E se ele tropeçar no case e ficar furioso? Ele já está furioso. E se ele estivesse tão furioso que jogasse pela janela? Ou decidisse mexer com ele e quebrar uma corda?

As chances de Noah fazer alguma dessas coisas provavelmente eram pequenas, mas eu não podia deixar meu violino lá. Eu tinha que voltar.

— Merda. – murmurei.

A senhora sentada ao meu lado balançou a cabeça. — Hummmm. Eu ouvi isso, querida.



08

Charlotte

Toquei a campainha do sobrado, ainda tentando recuperar o fôlego da minha corrida do metrô. Esperei Noah atender. E esperei. E esperei.

Toquei de novo e depois uma terceira vez. Meu dedo estava pronto para uma quarta quando o interfone tocou.

— *O que?* – Noah disse, com a raiva ainda propícia em sua voz.

Eu me encolhi, relutante em ter uma segunda dose do tipo particular de charme do Noah, mas meu violino estava lá. Eu quase não toco mais, mas mesmo o pensamento de ficar sem ele me deixou enjoada.

— Sou eu. Charlotte. Deixei meu violino na sua sala de estar.

— Seu o quê? – E antes que eu pudesse responder: — Por que diabos você trouxe um violino?

— Lucien me pediu.

— Ele deve estar ficando senil.

Eu me arrepiei instantaneamente, surpresa com a rapidez com que Lucien se tornara importante para mim. — E vou fingir que não ouvi isso.

— Isso não pode esperar?



Franzi meu rosto. *Este cara está falando sério?* — Vou demorar dois segundos, vou entrar e sair.

Outra pausa. E a porta se abriu.

Entrei e subi correndo as escadas, com a intenção de pegar meu violino e sair - talvez dar uma espiada nos meus futuros aposentos. Eu também esperava que Noah estivesse lá em cima, não querendo mais nada comigo. Em vez disso, eu o encontrei na sala, sentado nos últimos três degraus que levavam ao terceiro andar, com as mãos pendendo dos joelhos. Seu olhar foi lançado para baixo e não se moveu quando eu cheguei.



— Hum, oi. – eu disse.

Imaginei que podia olhar tudo o que queria enquanto esperava por uma resposta, e o olhei. *Meu Deus. Ele é como uma obra de arte. Uma obra de arte rude, ranzinza e mal-humorada.*

Eventualmente, percebi que Noah não se incomodaria em responder. Vi meu instrumento no chão ao lado do sofá e a capa de chuva de nylon azul no braço do sofá. Eu fiz uma careta. Noah gritou para eu sair e me apressei como um filhote repreendido, esquecendo tudo.

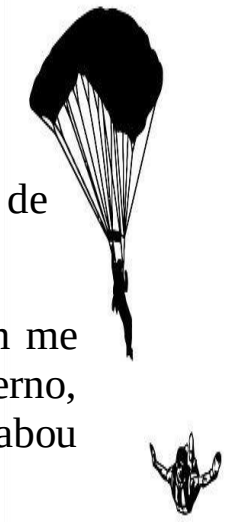
Não vou permitir que ele me atinja novamente, declarei e quase sai do meu corpo quando Noah falou.

— Exatamente como o plano que todos vocês criaram.

— Eu não sabia nada sobre ele.

— Não se envergonhe com as desculpas. – ele resmungou. — E agradeço a você e Lucien pela boa dose de condescendência. Por desperdiçar o meu tempo com uma entrevista cujo resultado foi uma conclusão precipitada.

— Engraçado, eu poderia dizer o mesmo sobre você.



Ele piscou e seus olhos me procuraram, arregalados de surpresa. — E como diabos você poderia?

— Você realmente não estava me entrevistando. Você nem me fez perguntas, ou sobre minhas qualificações ou referências. Inferno, tenho minhas dúvidas de que você saiba meu nome. Você acabou relatando sua lista de tarefas e fim da história.

— O seu ponto, é?

Encolhi os ombros na minha jaqueta e cruzei os braços. — O que quero dizer é que acho que não importava quem estivesse sentado à sua frente. Foi a mesma "entrevista" que você fez meia dúzia de vezes, provavelmente pretendendo que a pessoa vá embora algumas semanas depois.

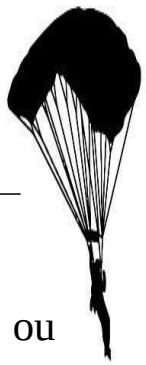
Ele sorriu. — Até agora, tive seis por seis.

— Você teve seis por sete. Você pode não se importar com o tipo de problema que coloca em Lucien cada vez que ele precisa procurar outro assistente, mas eu me importo. Eu me preocupo com ele, e por isso vou fazer o melhor trabalho possível.

— Certo. – ele bufou. — E o salário e o aluguel gratuito não têm nada a ver com isso.

— Não, você está certo. Eles tinham muito a ver com isso. Eu estava meio que... ficando sem nada até que essa oportunidade apareceu. – eu firmei minha voz. — Tenho muito em jogo aqui, para que você possa me alfinetar e rosnar para mim tudo o que quiser, mas não vou a lugar algum. Acho justo informar.

Houve um silêncio e eu pensei que provavelmente tinha cruzado a linha. Ou que ele ria de mim. Ele poderia esperar uma semana e me demitir, dizendo a Lucien que simplesmente não trabalhei direito. Sentindo-me tola, esperei até que ele falasse, esperei pelo sarcasmo e deboche.



Em vez disso, Noah inclinou a cabeça, com a testa franzida. — Você é sempre tão honesta?

— Hum, bem, sim. Eu não *pretendo* ser grosseira com você, ou qualquer coisa... – eu movi meus pés. — Não sei você fará o mesmo.



— Honestidade é melhor do que fingir que tudo é arco-íris e sol, e infinitamente melhor que a piedade.

— É por isso que você é tão rude com as pessoas? Para evitar a pena?

— Funciona, não é?

— Não com todo mundo. – eu suavizei minha voz. — Eu... eu sei sobre o seu acidente. Lucien me disse e eu...

Noah levantou a mão como se quisesse afastar minhas palavras. Eu podia ouvir sua voz se esforçar pelo tom sarcástico de antes, mas ele parecia cansado e profundamente aflito. — Não consigo pensar em uma única razão pela qual precisamos falar sobre o acidente, você consegue?

Eu balancei minha cabeça. — Não, acho que não.

— Seus aposentos são no primeiro andar. – disse Noah, abatido. — O meu, é no terceiro. A menos que esteja cumprindo suas obrigações, fique de fora deles. O segundo andar também é seu, se você quiser. Quase nunca estou aqui, mas isso não significa que pode trazer seus amigos para uma festa todos os dias. Ou *nunca*. Ela ainda é a porra da minha casa.

— Hum, ok, sem problemas. – disse, e depois observei, chocada, como o Noah se levantou cuidadosamente.

Oh meu Deus…

Eu sabia que ele era alto, mas não esperava um metro e oitenta, talvez um metro e oitenta e cinco. Eu mal tinha um metro e sessenta.



Se fôssemos dançar devagar - comigo de salto - eu poderia encostar no queixo dele.

Dançando com Noah? De onde diabos isso veio? Fechei minha boca aberta e observei enquanto ele caminhava lentamente para a sala de estar. Ele manteve as mãos ao lado do corpo, esforçando-se para parecer casual, até que seu quadril encontrou o encosto da poltrona em que estava sentado antes. Ele manobrou ao redor e sentou-se.



Meu coração doeu um pouco por ele, não por sua cegueira, mas porque ele estava se esforçando tanto para parecer como se não existisse.

— Meus sentidos de Aranha estão formigando. – disse ele. — Você está me encarando, não está?

— Sim. Você é muito mais alto do que eu pensava.

Ele reuniu um pouco de seu desprezo habitual. — Sou mais alto do que você pensava, mais jovem do que pensava e, de *alguma forma*, você continua sendo um mistério completo para mim. Então, vamos desvendar isso. Como você definiria a sua aparência?

Eu paralisei. — Desculpe?

— É uma pergunta difícil? E sente-se, se você não se importa. – ele bateu no canto do olho. — Já tenho uma pontaria fraca. O mínimo que você poderia fazer é me dar uma chance de reagir.

Eu me sentei de novo no sofá. *Entrevista, segunda rodada.* Meu pulso acelerou um pouco, pois essa conversa, eu poderia dizer, seria muito diferente da primeira.

— Você quer saber como eu sou?

— É um pedido injusto, considerando tudo?

— Não, acho que não.



Ele recuou com a suavidade na minha voz. — Se for demais para você processar de uma só vez, eu vou esclarecer. Cor de cabelo?

— Hum, castanho.



— Castanho. – Noah esfregou o rosto. — Jesus, e eu sou o cego. Escuro? Claro? Como parece no sol? Tom avermelhado ou dourado? Ou é simplesmente castanho desbotado e sem graça?

— Tem um pouco de loiro claro nele. Especialmente no sol.

— Castanho então. Continue. Ele é longo? Curto?

— Na altura dos ombros. Eu o uso preso na maioria dos dias, já que é muito crespo e pode ficar fora de controle.

— Isso é fascinante. Olhos?

Cruzei os braços sobre o peito. — Azuis.

— Apenas azuis?

— Eles são *apenas azuis* se você vai ser assim tão rude.

Ele suspirou e passou a mão pelos cabelos escuros. — Lembro de cores, ok? Muitas delas. Todas as combinações e tonalidades. Quando você diz "azuis", não sei o que isso significa.

— Azul um pouco de cinza.

— Aleluia. Pele?

— Sim, eu tenho pele. – eu disse e ri logo. Ele fez uma careta. — Foi uma pergunta engraçada.

O canto da boca moveu, mas ele não disse nada.

— Tenho a pele pálida com algumas sardas. Posso me bronzear se tiver tempo, o que não tenho. Sem mencionar, que Nova York não é realmente conhecida por suas praias com areia branca.



— Não. Não é.

Seu rosto assumiu uma expressão distante, e eu imaginei que ele estivesse se lembrando de praias com areia branca que ele havia visitado em sua "outra vida". Fiz uma anotação mental para pelo menos tentar ver o que disse. Mas então, ele abriu a boca novamente, e qualquer simpatia que eu tinha saiu pela janela.

— Altura, peso e constituição? Você não parece gorda, mas baixa. Você é baixa?

— Eu sou...? – eu cruzei os meus braços novamente. — Minha constituição é irrelevante e é inapropriado até perguntar.

Noah deu uma risada áspera. — Ah, Cristo, não se iluda. Meu pau parece ter sido quebrado junto com o meu crânio, então, se você tem medo de que eu dê em cima de você, não fique.

Eu levantei os meus ombros. — Eu tenho um metro e sessenta, e é só isso que precisa se preocupar. E não me fale sobre o seu pau - quebrado ou não. Agora sou sua funcionária e isso é assédio sexual.

Fiquei chocada ao vê-lo parecer um pouco arrependido.

— Como quiser.

Houve um silêncio então, e ele parecia estar esperando por algo. Eu tinha a sensação de que, apesar da cara fechada aparentemente esculpida em seu rosto, ele meio que gostou da nossa conversa.

Bem, não tenho cicatrizes para a vida em só conversar com ele, pensei. *Também posso começar a ganhar meu salário agora.*

— Então. Você leu o Jardim Secreto?

— O que?

— Você falou sobre a menina que visitou a criança doente. Esse é o *Jardim Secreto*, certo?

Ele encolheu os ombros. — Eu li há muito tempo.



— Você sempre gostou de ler?

— Sim. Isso te surpreende?

— Um pouco.

— Por quê? Porque eu era um atleta idiota que gostava de se jogar das montanhas?



— Talvez. – eu admiti. Eu também tive que admitir - para mim mesma - que a beleza de Noah também me havia prejudicado. Eu nunca esperei que um homem tão bonito gostasse de livros, muito menos literatura clássica. Vergonha queimou minhas bochechas.

Noah encolheu os ombros. — Você não pode escrever nada, a menos que leia muito e eu escrevia os artigos que acompanhavam minhas fotos. Para a revista em que trabalhei. – Uma careta de dor surgiu em seu rosto. — Porra, o que estou dizendo? Deixa isso pra lá. Já acabamos. Você pode ir e não se esqueça do seu maldito violino desta vez.

— Eu não vou. – Uma estranha pontada de decepção tomou conta de mim quando peguei meu case e capa e me levantei.

— Por que Lucien quis que você o trouxesse, afinal?

— Eu não sei. Talvez ele tenha pensado que você gostaria de me ouvir tocar. Ele disse que você provavelmente não vai me ouvir lá de baixo, mas eu vou praticar todos os dias...

— *Provavelmente não vou te ouvir?* – Noah disse. — Eu posso ouvir tudo. Você pratica todos os dias? Você é boa? Ou vou ser tratado com os sons de tortura e unhas de gatos em um quadro negro?

Revirei os olhos. — Eu toco desde os cinco anos de idade e me formei na *Juilliard* no ano passado. No mínimo, eu não sou péssima.

— Para que você está praticando? Uma audição para uma grande orquestra? Meio que derrota o propósito de trabalhar aqui, agora, não é?



— Não, não, não há audição. Eu não... eu tenho que praticar para não perder a prática.

Noah estreitou os olhos que estavam olhando à minha esquerda. — Ok, vamos.



Eu pisquei. — Vamos?

— Toque alguma coisa.

— Ah. Não toco muito na frente das pessoas.

Ele inclinou a cabeça. — Você gastou 40 mil por ano em uma universidade que ensina a tocar na frente das pessoas e não toca na frente das pessoas?

— Eu toco às vezes.

— Agora é às vezes. Vamos ouvir isso.

— Sério?

— Eu pedi, não pedi?

— Soou mais como uma ordem, mas tudo bem. – eu me sentei novamente. — Algum pedido?

— Surpreenda-me.

Abri o case, peguei meu violino e o coloquei debaixo do queixo. Centenas de peças diferentes passavam na minha cabeça. Coloquei o arco nas cordas, pensando em tocar a 24º Caprice de Paganini. Era incrivelmente difícil, e embora eu não fosse uma exibicionista por natureza, eu meio que queria ver a expressão presunçosa e duvidosa desaparecer do rosto de Noah.

Em vez disso, do nada, o Adágio do Concerto No. 5 de Mozart saiu do meu violino.

Toquei, com as notas pairando e enchendo a sala de estar, como mel infundido com fogo. Eu era apenas um receptáculo, observando



meus dedos vibrarem e o arco deslizar para cima e para baixo nas cordas. Esse tipo de experiência sublime não acontecia comigo desde a audição para o Spring Strings. Eu pensei que estava perdida para sempre, mas aqui, agora...



Antes que a melodia pudesse mudar para um ritmo mais rápido e ardente, eu parei, deixando a última nota pairar suavemente no ar antes de soltá-la. Meu coração disparou e olhei para o arco, surpresa que era minha mão que o segurava.

Olhei para Noah. Ele estava sentado, atordoado.

— Por que você parou? – ele perguntou, com apenas uma sombra de sua amargura sempre presente permanecendo em sua voz.

Gaguejei por um momento, incapaz de responder e, em seguida, devolvi meu instrumento ao case. — Eu estou indo agora. Eu tenho que ir.

— Charlotte?

Eu me virei. — O que?

— Você deveria tocar para as pessoas com mais frequência.

Também não tinha o que dizer. Eu me senti estranhamente exposta, traído pela música que acabou de sair de mim pela primeira vez em quase um ano. Eu fechei minha capa.

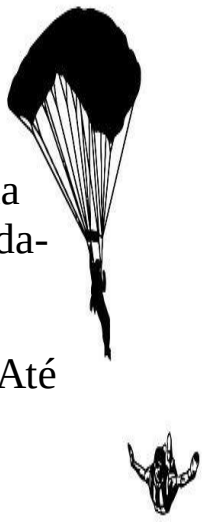
Noah virou a cabeça na direção das janelas que davam para a rua. — Está chovendo? Não ouço chuva.

— Ah, não. Não está.

— Então por que você está vestindo uma capa de chuva?

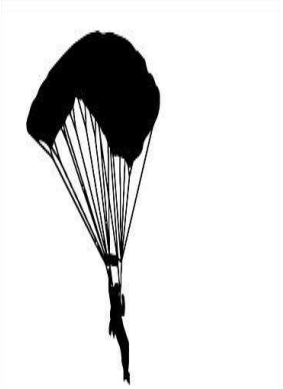
Olhei para minha manga. — Como você sabia?

A expressão de Noah azedou novamente, com a sua voz endurecida. — Eu posso ouvir o barulho do nylon. Deixa pra lá. Vá.



Barulho de nylon? *Quem é esse cara?* — OK. Vejo você na segunda-feira. – eu estremeci. — Quero dizer, *voltarei* segunda-feira. Oito da manhã em ponto.

Eu estava quase descendo as escadas quando Noah disse: — Até mais, Charlotte.



09

Charlotte

O resto da semana passou e, no sábado, eu recrutei Anthony, Melanie e Samneric para me ajudar a me mudar. Nós cinco, mudamos meus poucos pertences para o primeiro andar do sobrado antes do almoço. Por respeito a Noah, mantive todos no primeiro andar e reduzi toda a conversa sobre ele até terminarmos e compramos uma pizza em uma lanchonete local depois.

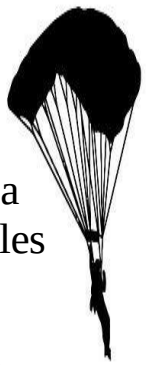
— É tão estranho que ele não seja um velho louco. – disse Anthony. — Eu pensei que havia um limite mínimo de idade para os reclusos - sessenta e cinco ou mais.

— Ele não é um recluso. Na verdade, não. Ele está apenas tentando lidar com a cegueira. O acidente foi tão terrível e ele perdeu muito...

— Espero que você seja cuidadosa. – interrompeu Melanie. — Você mal conhece esse cara e vai morar na casa dele?

— Ele está são. – eu disse. — E tenho uma fechadura na porta do meu quarto. Eu vou trancá-la. – Isso era principalmente para ela, pois eu sabia que nunca precisaria disso. Noah era um idiota rude, mas ele não era perigoso. Não sabia explicar como sabia disso, então não me preocupei em tentar.

Meus amigos e eu conversamos sobre meus novos deveres e como Annabelle's e Lucky 7 ficariam bem sem mim. Acontece que a resposta foi boa nos dois casos. Harris ganhou mais dois turnos,



Clara três. No Lucky 7, Samneric me disse que Janson havia contratado uma "loira gostosa", que era basicamente o sonho deles realizado.

— Nós amamos você, Char. – disse Sam. — Mas aquela garota... – ele assobiou baixinho.



— Ser bartender nunca foi o que você gostava. – Eric disse um pouco mais diplomaticamente. — Você sempre parecia ter algo mais a fazer. Ganharam-se todos, certo?

Eu esperava que ele estivesse certo. Trabalhar para Noah poderia ser exatamente o que eu precisava ou um pesadelo completo. Eu sorri levemente. — Eu aviso você.

Anthony me acompanhou de volta ao sobrado. — Você me liga se as coisas ficarem estranhas, certo?

Eu o abracei e fui envolvida em seu abraço de braços compridos. — Eu vou ficar bem.

— Annabelle’s vai ser uma merda sem você. – disse ele, com um sorriso dividindo seu rosto escuro. — Esqueça isso: sempre é uma merda. Agora vai ser mais. Promete que vai visitar?

— Você está de brincadeira? Dada a frequência com que Noah encomenda lá, será como se eu nunca tivesse saído.

— Eu posso viver com isso.

Eu o abracei e o observei se afastar, com uma pequena pontada no meu coração. Conheci Anthony quando ainda estava chocada com o golpe duplo de Chris e Keith. Não foi a primeira vez, que gostaria de conhecê-lo antes de Keith. Ou em vez de Keith. Mas as pessoas ocupam certos lugares no coração de alguém e tentar amontoá-las em outro lugar só causa tristeza a longo prazo. Anthony e eu éramos amigos e é isso que sempre seremos.







Quando finalmente estava sozinha no meu novo espaço, sorri por tanto tempo que minhas bochechas começaram a doer. Meu quarto aqui era do tamanho da sala de estar do meu antigo apartamento, com muito espaço para minha mesa, cômoda e duas mesas laterais que peguei em uma venda na calçada. Eu tinha um banheiro do outro lado do corredor com banheira e chuveiro, e uma área que dava para um quintal fofo. O quintal era um gramado cercado com um pequeno pátio e nada mais, mas quem se importava? Era um espaço verde na cidade e, se eu precisasse de mais, o Central Park ficava a meros de quinze minutos a leste. Se eu queria uma vista da água, o Hudson estava ali, cinco minutos a oeste.

Aposto que Noah tem uma vista espetacular do rio a partir do quarto dele, pensei, e então lembrei com uma pequena pontada que Noah não tinha nenhum tipo de visão.

Sentei na minha cama e liguei para Montana. Minha mãe atendeu no segundo toque.

— Charlotte? Está tudo bem?

Essa foi sua nova saudação desde que Chris morreu. Ela disse isso com alegria forçada, mas acho que depois de perder um de seus dois filhos, você não pode deixar de ficar obcecada um pouco pelo restante.

— Eu estou bem, mãe. Muito bem, na verdade.

Eu contei a ela sobre meu novo emprego e condições de vida. Ela fez muitos barulhos que parecia estar ouvindo, mas eu sei que ela não estava realmente lá. Eles a mantinham com todos os tipos de medicamentos. Eu tive sorte de ter encontrado ela em um momento mais lúcido. — Como está o papai?



— O que? Ah, tudo bem. No trabalho. Querida, tudo parece ótimo, mas e a sua música? Você já pensou mais em uma audição?

— Ainda não, mãe. Estou ansiosa por um pouco de paz e sossego. E talvez um pouco de dinheiro extra. Por falar nisso, posso enviar-lhe alguns...



Eu odiava oferecer tanto quanto odiava perguntar. Também não éramos pobres, mas não exatamente acostumados, e como minha mãe teve que deixar o emprego há dois meses, imaginei que as coisas estavam apertadas em casa.

Mas ela recusou e eu pude praticamente vê-la acenando para minha oferta com a mão. — Ah Deus, não, querida. Trabalhe duro, mas descanse quando puder. Você estará em casa em breve?

Apenas o pensamento fez o meu corpo começar a tremer em pavor. Ver a lápide de Chris e saber que ele estava em outro lugar, e não conosco, sorrindo e fazendo piadas estúpidas e sendo uma das melhores pessoas que eu já conheci...

Mordi meu lábio. — Se você precisar de mim aí, mãe, eu irei.

— Não, acho melhor se não fizermos confusão, não é?

Senti lágrimas ardendo nos olhos. Ela parecia uma velhinha. Minha mãe ganhou dez anos ao longo de um. — O que você quiser.

— Sim, você apenas aproveite seu novo emprego e seu novo apartamento, e ligue novamente em breve, ok?

— OK. Eu te amo, mãe. Lembranças para o papai.

— Eu te amo, Charlotte. Mais do que a terra, o mar e o grande céu acima.

As lágrimas estavam caindo agora. Era algo que ela costumava dizer para Chris e eu quando éramos pequenos. — Eu também, mãe.

Esperei até que ela desligasse, porque não conseguia fazer isso primeiro. Nunca mais. Ela teve que escolher quando e como terminamos uma conversa, para não precisar ouvir o silêncio onde costumava estar minha voz.

Isso não era muito, mas era uma coisa pequena que eu poderia dar a ela, de qualquer maneira.



No domingo, Lucien me deu um tour pelos andares superiores do sobrado. Eu o segui pelas escadas que se abriam em um corredor que corria perpendicularmente às escadas.

— No corredor à sua direita, há um pequeno banheiro de hóspedes e, além disso, um quarto de hóspedes. Você não precisará fazer mais do que tirar um pouco de pó e arejá-lo, pois eles não são amplamente utilizados.

À nossa esquerda, o corredor era mais longo. Lucien abriu uma porta para um espaço que parecia escritório, no lado esquerdo, com equipamentos de ginástica espalhados e uma esteira embaixo de uma janela. A vista não era grande: a parede do prédio vizinho, mas a luz natural do glorioso dia de primavera entrava.

— Lembre-se de que você não deve mexer nas coisas, nos halteres dele e etc. – disse Lucien, sorrindo para mim. — Uma boa regra, em geral, não mova as coisas sem o conhecimento dele.

— Claro.

À direita, uma pequena lavanderia com equipamentos de última geração.

— Compre apenas sabão em pó sem perfume e nunca amaciante de roupas. – disse Lucien. — Os perfumes são muito fortes para Noah, e economize seu próprio perfume, se você usar. Não queime



incenso ou acenda velas perfumadas, se desejar, use essas máquinas para suas próprias roupas. Não esperamos que vá a uma lavanderia enquanto a tivermos aqui.

Apertei seu braço em choque simulado. — Chega de arranjar moedas e levar sacos de roupas no ônibus? Lucien, você é um santo.



— Sim, bem, quanto mais fácil pudermos fazer isso para você, melhor.

Eu sabia que ele queria dizer *'quanto mais tempo você ficar'*. Eu havia assinado um contrato de um ano para meus aposentos na casa, mas sabia que Lucien o quebraria se eu estivesse verdadeiramente infeliz.

Em frente estava o que eu presumi que era o quarto principal. O quarto de Noah. A porta estava entreaberta e eu pude perceber pela fenda que as cortinas estavam fechadas.

Lucien bateu e depois abriu a porta. — Noah? Eu trouxe Charlotte.

O quarto era enorme, mobiliado elegantemente e a sua peça central era uma cama king-size com dossel de design moderno, coberta por um elegante edredom bege. Não havia o dossel, mas quatro postes presos a vigas que formavam uma moldura em forma de cubo. De um poste, uma longa cortina branca estava artisticamente pendurada e dobrada em um canto superior.

Do outro lado da cama havia uma TV de tela plana pendurada na parede, acumulando poeira. Nas laterais da TV, havia dois armários. Presumi que um dele e um dela, de quando os pais de Noah residiam aqui. No final do quarto, havia uma área com uma mesa e duas cadeiras de veludo de aparência francesa diante de uma grande janela. Imaginei que este quarto devia ter uma vista espetacular, mas pesadas cortinas escuras estavam penduradas na janela e fechadas. Comparadas com o resto do quarto, que era claro, bege e moderno, as cortinas formavam um pano de fundo preto, isolando o mundo completamente.



Noah estava sentado em uma das cadeiras na frente daquelas cortinas, de costas para nós e com os ombros curvados. Vi fones de ouvido em seus ouvidos e um fio branco arrastando-se para um dispositivo cinza que parecia algum tipo de CD player portátil especializado.



Lucien sorriu, com a sua voz tingida de tristeza. — Ele está lendo. – Mais alto, ele chamou: — Noah, *allô*!

Noah não se virou, mas acenou com a mão com desdém, reconhecendo nossa presença e nada mais.

— O livro dele deve ser cativante, caso contrário, tenho certeza de que ele o deixaria de lado para cumprimentá-la adequadamente. – disse Lucien com o seu sorriso ficando seco.

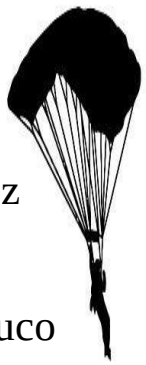
Retribui seu sorriso com um sorriso irônico. — Ah, tenho certeza.

Quando Lucien me levou em direção ao closet no lado esquerdo da TV, dei um olhar rápido para o Noah. Ele usava uma camiseta preta e calça esportiva cinza, e eu não pude deixar de admirar suas longas pernas, e o pouco de músculo em seu braço visível sob as mangas curtas. Eu só queria que ele não estivesse sentado tão inconsciente, com o cotovelo na mesa com uma mão sobre os olhos, como se estivesse em profunda concentração.

Eu odiava até pensar que a palavra "torturado" - parecia tão melodramática - mas essa foi a impressão que ele deu. Seu corpo foi feito para nadar nos oceanos e correr pelas pistas de esqui, não sentado curvado em quartos escuros.

— Isso está um desastre.

Desviei o olhar de Noah e me juntei a Lucien na entrada. Eu tive que concordar com a avaliação dele. As roupas saíam das cômodas e estavam penduradas pela metade nos cabides, se estavam penduradas.



— Quase tudo precisa ser lavado. – disse Lucien. — Talvez possamos fazer segunda-feira o dia da lavanderia?

Assenti. A entrada estava uma bagunça, mas um pouco inebriante. O ar estava pesado com o cheiro de roupas caras e colônia, dominando qualquer outra coisa. Belos ternos, calças e camisas sociais se alinhavam nos dois lados da cabine, mas pareciam não utilizados.



Segui Lucien até o banheiro que ficava do outro lado do quarto, como as janelas. Era um espaço enorme e cavernoso, e o mais bonito - e único - que eu já tinha visto. Feito em cores modernas e vibrantes: os azulejos de pedra no enorme chuveiro e ao redor da enorme jacuzzi eram de uma cor azul esverdeado deslumbrante, enquanto as pias duplas estavam envoltas em mármore amarelo. Mas, a bagunça de toalhas caídas no chão e restos de pasta de dentes na pia, pareciam algo de uma revista de casa e jardim.

— Uau, Lucien. Eu nunca vi mármore amarelo.

— Sra. Lake estava sempre reformando ao sobrado para se adequar às suas fantasias. – Seu celular tocou e ele levantou um dedo. — Um momento, por favor.

Lucien saiu para atender sua ligação... e desceu, até o segundo andar. Fiz uma careta no banheiro bagunçado, não muito ansiosa para limpá-lo, e então Noah falou. Eu quase sai do meu corpo.

— Contratei um serviço de limpeza. – disse ele da mesa ao lado das janelas com cortinas. — Você lava, cozinha e faz tarefas apenas.

— Ah, eu pensei em limpar também. – eu disse, entrando no quarto. — Eu apenas supus...

— Você supôs errado.

— Ok... mas, por quê?

— Você prefere limpar banheiros?



— Hum... não exatamente.

Noah suspirou e encolheu os ombros, como se isso respondesse à minha pergunta. Ele se virou levemente, de modo que seu belo rosto estava de perfil, com o seu olhar na parede à sua frente, com um fone no ouvido e outro sem. Comecei a entender quantos sinais sociais recebemos dos olhos das pessoas; suas expressões faciais, quando e como eles olham para você. Noah não conseguia olhar para mim, então me perguntei o que fazer a seguir.

— O que está escutando? – perguntei facilmente. — É bom o livro?

— Bom o bastante. O tour acabou. – ele virou as costas para mim. Ele colocou o fone de ouvido de novo e apertou um botão no dispositivo.

Noah, por outro lado, tinha sua própria marca de sinais sociais.

No térreo, Lucien terminou a ligação e eu contei o que Noah havia dito sobre a contratação de um serviço de limpeza. — Eu pensei que a limpeza fazia parte dos meus deveres profissionais.

O sorriso de Lucien voltou, iluminando todo o rosto. — Essa foi a ideia de Noah, *ma chere*, e estou bastante surpreso com isso. Não importa o fato de ele parecer ter se adaptado à ideia de você morar aqui com a velocidade da luz. – ele se afastou, satisfeito. — Se isso não é progredir, não sei o que é.

Fiz uma careta. — Mas por que contratar e pagar outra pessoa? Por que não me deixar fazer isso?

Lucien levantou as sobrancelhas brancas e encolheu os ombros timidamente. — *Je ne sais pas*[22]. Ele insistiu nisso. O mais surpreendente é que, enquanto os Lakes pagam seu salário, o serviço de limpeza sai do bolso de Noah.

Franzi meu rosto. — Como? Ele nem tem emprego.

---

[22] ***Je ne sais pas: Significa Não faço ideia." em Francês.***



Lucien abaixou a voz. — Durante sua permanência no *Planet X*, muitas das despesas de Noah foram pagas pela revista. Como consequência, ele economizou a maior parte de seu salário, mal gastando um centavo.

— Ah. Isso foi inteligente.



Lucien esfregou o queixo, pensativo. — Não, eu estou errado. Ele teve um luxo: um carro antigo. Um Chevy Camaro 1968. Preto com detalhes brancos, se bem me lembro. Vocês, americanos, o chamariam de "carro esporte antigo" ou "carro de corridas". Ele restaurava sua antiga glória e corria de vez em quando, dando à mãe uma nova dose de preocupação todas as vezes. Mas Noah sempre gostou de andar rápido e aquele carro, segundo me disseram, era o amor da vida dele.

— Onde está agora?

— Guardado em uma garagem na Flórida. Eu falei com ele sobre vendê-lo. Uma vez. – ele levantou uma sobrancelha significativamente. — *Uma vez.*

Só conseguia imaginar como aquilo terminava, mas eu conseguia entender por que Noah se agarrou a ele. Como lembrança de seus dias anteriores, onde a velocidade e o perigo eram sua norma. E, pensando, agora estava escondido em uma garagem escura em algum lugar, para nunca mais ser dirigido novamente.

— E agora, minha querida, chegamos às tarefas mais importantes.

Lucien pressionou um pedaço de papel na minha mão. Era uma prescrição, assinada por vários médicos e com o meu nome na parte inferior como *"autorizada a comprar"*. Havia vários antidepressivos listados e um medicamento chamado *Azapram*. Eu nunca ouvi falar dele.

— Esta é a solicitação de para compra dos medicamentos de Noah. Ele não toma nenhum remédio para o humor, então você não



precisa se preocupar com isso, a menos que ele peça, mas o último, *Azapram*, é para as enxaquecas. Ele só tem doze comprimidos de cada vez, pois esse medicamento é extremamente poderoso - e provavelmente viciante..., mas deve ser comprado antes que ele acabe. – Lucien pressionou o papel na minha mão. — Não posso enfatizar isso o suficiente. Noah nunca deve ficar sem esses comprimidos. Se ficar e depois sofresse uma enxaqueca, estremeço ao pensar no que aconteceria.



Eu estremeci. — Elas são muito más, essas enxaquecas?

— Elas são abomináveis. – Os olhos azuis de Lucien nublaram com tristeza. — Lembro, dos dias anteriores à criação dessa droga, o sofrimento dele. Somente a morfina poderia parar a dor que assolou meu pobre garoto.

Eu senti minha garganta secar. — Ele as tem frequentemente?

— Elas parecem aparecer uma vez por mês, mais ou menos. Mas enquanto ele tomar o *Azapram* imediatamente, seu sofrimento é mínimo.

Balancei a cabeça solenemente e peguei o papel. — Eu vou ficar. Eu prometo.

Lucien se preparou para sair e, na porta da frente, ele pegou minha mão e bateu levemente.

— Estou tão feliz que você está aqui. Eu moro na cidade, mas frequentemente estou fora para negócios, sempre temendo o que pode acontecer com ele na minha ausência. Pela primeira vez, Noah terá apoio constante. Com o tempo, ele não poderá deixar de se acostumar com você e, em seguida, talvez... – Seus olhos azuis brilhavam enquanto suas palavras se arrastavam. — Não posso deixar de sentir uma esperança para meu Noah. Obrigado, Charlotte, por estar aqui.

Sei que Lucien não pretendia, mas senti o peso da pressão exercida sobre mim por seu sorriso esperançoso e palavras sinceras.

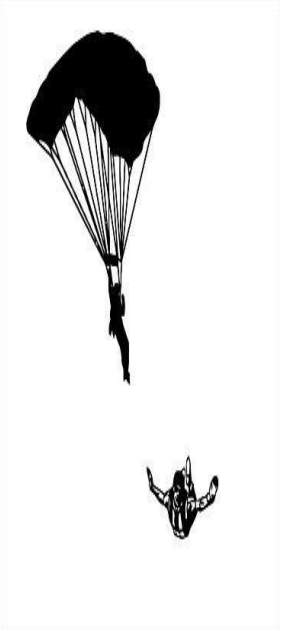


Eu queria dizer a ele que eu *"não existia"* para Noah até que ele precisasse de mim, e que a ideia dele se acostumar comigo parecia tão absurda quanto unicórnios subitamente subindo pelo sobrado.

Mas Lucien estava olhando para mim com tanta bondade.



Eu forcei um sorriso. — Tenho certeza de que vamos nos dar bem.



10

Charlotte

No meu primeiro dia no trabalho, acordei com um despertador, não com colegas de quarto fazendo sexo do outro lado de paredes finas como papel. O chuveiro - *meu chuveiro* - estava desocupado, e quando fiz café na cozinha no andar de cima, tive tempo para saborear em paz. Sentei-me e ouvi os ruídos da rua do lado de fora, pensando que toda a cidade de Nova York estava aberta para mim de uma maneira que nunca havia sido antes. Eu não estava me virando, para me espreguiçar, mas pela primeira vez em muito tempo pude tomar um drinque com os amigos ou assistir a um filme sem me estressar com o esforço que essas pequenas despesas teriam na minha conta bancária.

Olhei para as minhas roupas: jeans e uma camiseta velha. Não tenho muito estilo, mas passei a maior parte dos meus dias em uniforme de trabalho. Eu não sabia qual era meu estilo. Agora que eu tinha um pouco de gastos arbitrários, pensei em descobrir. Mas, primeiro, eu tinha um trabalho a fazer e pretendia fazê-lo bem.

Lucien havia me dito que desde sua reabilitação em *White Plains*, os padrões de sono de Noah eram irregulares. Tomei um gole de café e ouvi um movimento no andar de cima que me dizia que não havia problema em subir e pegar a roupa. *Silêncio.* Não há tábuas rangendo ou qualquer outra coisa. Eu deveria pedir e pegar o café da manhã de Noah antes das nove horas. Imaginei que esperaria até fazer a entrega para começar com as roupas dele.



Fiz um café da manhã simples para mim - ovos e bacon - depois saí para pegar o pedido de Noah. Todas as segundas-feiras, vinha de um pequeno café na 75th. Apenas um bolo dinamarquês e um café com leite. Fiz a caminhada sob o sol brilhante da primavera, com uma firmeza nos meus passos e um sorriso no rosto que eu não tive, servindo mesas e rezando por boas gorjetas.



Voltei para o sobrado com o café da manhã e subi para o terceiro andar. A porta estava entreaberta, mas o quarto estava escuro. Coloquei minha cabeça. Noah estava sentado onde ele estivera no dia anterior - à mesa e cadeiras perto da janela - exatamente na mesma posição: debruçado sobre um tocador de audio books e com fones de ouvido. Cortinas grossas e pesadas estavam fechadas, mantendo o quarto escuro.

A cena era tão idêntica a ontem que eu quase me perguntei se Noah havia se mexido. Mas suas roupas eram diferentes: calça preta em vez de cinza e uma camiseta branca. *Esta é a vida inteira dele agora? Apenas lendo. Nem mesmo lendo, ouvindo alguém ler.*

— Noah? – eu chamei da porta. — Café da manhã.

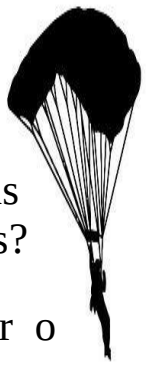
Ele acenou com a mão sem se virar e eu lhe trouxe *a massa* e o café. Ele não olhou quando eu me aproximei, mas ele não pôde olhar; nunca iria olhar para mim. Ponho o café e a sacola branca em cima da mesa.

— À sua direita. – disse um pouco mais alto que uma voz normal.

— Tudo bem, obrigado. – ele murmurou, com a cabeça baixa e olhos fechados.

— Vou começar a lavar a roupa, se isso estiver bem para você.

Ele apertou um botão no dispositivo e recostou-se. Ele inclinou a cabeça em minha direção com o seu olhar pousando no meu queixo. Eu logo descobriria que isso era o equivalente ao contato visual.



— Você vai me perguntar antes de realizar todas as suas tarefas? – ele perguntou. — Ou você pode... sabe... apenas fazê-los?

Cruzei os braços, tentando o meu melhor para não deixar o sarcasmo dele chegar até mim. — Desde que eu entre e saía do seu quarto, queria ver se isso será um bom momento para você.



— Tenho todo o tempo do mundo. – murmurou Noah.

Eu também percebi agora que suas não respostas provavelmente seriam tudo o que eu poderia esperar, então comecei a lavar a roupa.

O quarto como um todo estava escuro, mas a entrada era escura como breu. Fiquei parada um momento, pensando que esse era o mundo de Noah, permanentemente. Ele nunca seria capaz de encontrar o interruptor na parede e ligá-lo, como eu fiz. *Eu também ficaria irritada. Mais do que irritada. Devastada.*

Juntei as roupas espalhadas por todo o lado, sem saber exatamente o que estava limpa e o que estava suja, mas prefiro mastigar papel de alumínio que perguntar a Noah. Eu percebi que ele não saberia, e me perguntei como, além da textura, ele sabia o que estava vestindo quando se vestia.

Lavei, coloquei para secar e dobrei suas roupas, e quando voltei uma hora e meia depois, Noah ainda estava sentado na cadeira, com os restos de seu café da manhã na mesa diante dele.

Voltei para o closet, mas em vez de colocar as roupas de volta aleatoriamente, criei um sistema rápido para juntar as calças esportivas com camisetas que combinavam. Satisfeita, mas hesitante, voltei para o lado dele. Ele estava ouvindo atentamente o livro, com a testa apoiada na mão.

— Noah?

Ele deu um suspiro e apertou o botão do dispositivo. — O que foi agora?



— Eu só queria que você soubesse que terminei com sua roupa e queria mostrar como arrumei suas roupas...

Ele se virou para mim com os olhos castanhos brilhando. — Você reorganizou minhas roupas?



— Apenas... para que suas camisas combinem com suas calças. – eu disse rapidamente. — Para que você não precise se perguntar se possui cores combinando.

Ele estreitou os olhos, com os pensamentos trabalhando por trás de seu olhar aparentemente vazio. Sabia que estava profundamente consciente de parecer tolo por causa de sua cegueira - ele dificilmente andaria na minha presença - e, portanto, eu não fiquei surpresa que ele tenha aceitado essa pequena mudança.

Ele assentiu uma vez, bruscamente. — Bem.

— Você quer dar uma olhada?

— Vou deixar isso passar.

Foi uma resposta desdenhosa, mas me senti bem por ter feito o esforço. E esse pequeno sentimento de triunfo foi a minha ruína. Eu fiquei ousada. Ou talvez estivesse muito otimista.

— Está um dia lindo. Você gostaria de sair para um passeio?

Ele voltou ao seu dispositivo de áudio. — Não, eu não gostaria.

Deveria ter deixado ele sozinho, mas eu hesitei. O quarto estava escuro, mofado e com a necessidade de ser arejado. Mas principalmente a falta de luz me incomodava. Eu sei que não fazia diferença para Noah - o brilho do sol estava perdido para ele -, mas ele não gostaria de sentir os raios quentes em sua pele?

— Você tem certeza? Realmente está um dia perfeito para isso.



Encontrei o cordão da cortina e dei um puxão. O tecido pesado emitiu um som *estridente* e Noah se encolheu. Ele balançou a cabeça descontroladamente, arrancando os fones de ouvido.

— Que porra foi isso...?



Era estranho como Noah nem piscou quando um raio de luz brilhante caiu sobre seu rosto. Ele se apoiou na mesa, com suas feições retorcidas de raiva.

— Este é seu primeiro dia. – ele falou de modo ríspido, incrédulo. — *Primeiro* dia, e você já está violando a única regra que pedi para você seguir.

Eu paralisei, com meu coração batendo forte na garganta. Eu engoli. — Desculpa, eu apenas pensei que você gostaria...

— *Uma porra de regra.* Você se lembra dela?

— Sim. Eu...

— Eu pedi para você abrir as malditas cortinas?

— Não, mas...

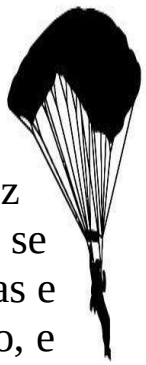
— Não, não pedi. *Então, por que você está abrindo as cortinas?* – ele ficou de pé, elevando-se sobre mim com os seus olhos castanhos sérios. Seu olhar passou por mim e através de mim, tentando me prender.

Mantive-me firme, cruzando os braços sobre o peito e tentando firmar minha voz. — Eu pensei que você gostaria de sentir o sol. Está tão escuro aqui e...

Ele riu, com um som amargo e feio. — É isso? Bem, adivinhe? – ele bateu na têmpora. — Está realmente muito escuro aqui também.

— Olha, eu só estou tentando...

— Eu sei o que você está tentando fazer. Há uma razão para eu ter essa regra sobre não fazer as coisas, a menos que eu peça. Eu não



sou um idiota. Você não abriu essas cortinas para mim. Você fez isso por você. E você não consegue fazer as coisas por mim para se sentir melhor, entendeu? A pena, eu descobri, vem de várias formas e conheço todas elas. Que boa tentativa, obrigado, mas não obrigado, e dê o fora daqui.



— Você não precisa ser tão rude. – eu disse com a minha voz tremendo.

Noah levantou as mãos. — Ei, é assim que eu funciono, querida. Se você não gostar, pode ir. Ninguém está forçando você a estar aqui, muito menos eu.

Eu poderia ter desistido. Eu quase desisti. Quase.

— Ok. – disse. Fechei as cortinas, inundando o quarto de volta na semi-escuridão. — Feliz?

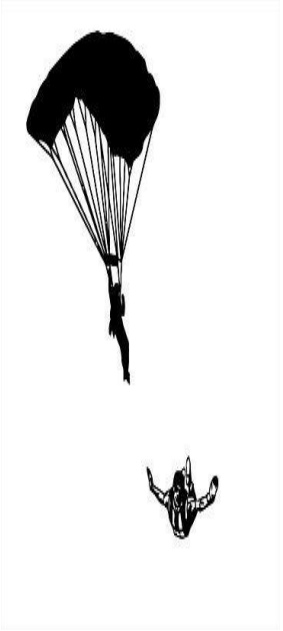
— Em êxtase. – ele disse amargamente. — Certifique-se que isso não aconteça novamente.

Eu me movi rapidamente para a porta. — Acredite em mim, não vai.

Dane-se ele, pensei, enquanto eu descia as escadas. *Eu não fiz isso apenas por pena. Está um dia lindo e ele não devia se fechar.* Mas percebi que os meus sentimentos ou opiniões não eram importantes para Noah, e se eu não aprendesse essa lição muito rápido, não iria durar um mês neste emprego.

Mas quando voltei naquela tarde para lhe trazer o almoço, ele ainda não havia se movido da mesa. A escuridão no quarto havia aumentado, e eu deixei sua comida sem uma palavra trocada entre nós. E isso me incomodou. Tudo isso. A escuridão, os audio books, as comidas encomendadas e o fato de Noah passar tanto tempo vivendo - não, não vivendo, *existindo* - neste pequeno mundo.

Não sei por que isso me incomodou tanto, como me importava tanto, e isso me incomodou acima de tudo.



11

Charlotte

— Ele me odeia.

Melanie ergueu os olhos da jaqueta de pele de leopardo falsa que ela estava olhando. — Já? Faz apenas uma semana.

Era domingo, meu dia de folga, Melanie e eu tínhamos caminhado de sua casa no Village até a Rua Lafayette para fazer compras e almoçar. Vasculhamos as araras cheias da *Screamin' Mimi's* por roupas vintage, como eu esperava animar meu guarda-roupa.

— Eu nem precisei de uma semana. Levou apenas um dia.

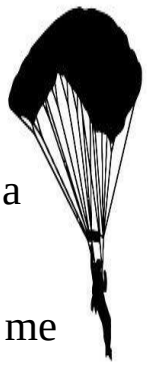
Melanie riu. — O que você fez?

— Abri as cortinas.

— Por isso, hein? Esse cara parece um completo idiota.

Meus ombros se curvaram. — Ele não é tão mau. – eu disse, esforçando-me para parecer casual enquanto vasculhava um pântano de camisetas de shows desbotadas. — Quero dizer, ele é rude, mas não é um idiota. Ok, talvez um pouco. Mas ele está apenas... tentando se recuperar do acidente.

Melanie estreitou os olhos para mim através dos óculos de gatinho. — Falando em se recuperar, você parece bem. Descansada. Idiota à parte, parece que o trabalho é bom para você.



— Eu acho que sim. – eu disse, cautelosamente, passando a mão pelo meu cabelo solto.

— Uhum. – Melanie sorriu. — Sabe, não há problema em me dizer que está fazendo o melhor. Como sua amiga, esse é realmente o tipo de coisa que eu quero ouvir.



— Receio que, se eu lhe disser que estou fazendo o melhor, você começará a me criticar sobre a audição.

Os olhos de Melanie se arregalaram em falsa surpresa. — Agora que você mencionou, a Filarmônica acabou de publicar uma chamada para violinistas da seção. Que coincidência!

Eu desviei o olhar. *Primeiro Juilliard, depois a Phil!*

O sorriso dela desapareceu. — Nada?

— Mel, eu acabei de me mudar. Dê-me um tempo...

— Quanto tempo? – Antes que eu pudesse responder, ela jogou suas escolhas sobre uma arara e me pegou pelos ombros. — Me dê um prazo. Dê-me uma pista que me diga que você está falando sério sobre sua carreira, porque sinceramente, eu não sei dizer. Ouvi dizer que você ainda não desistiu, mas estou realmente preocupada que você esteja mentindo. E você, minha amiga, não pode ter desistido.

Encolhi os ombros para abraçá-la. — Eu não desisti. – eu disse, pensando em como o adagio de Mozart havia saído de mim na frente de Noah. — Mas mesmo se eu tivesse, isso não é o fim do mundo. Há um milhão de outras carreiras que posso exercer.

— Outras carreiras...? – ela colocou os óculos no nariz - o equivalente a Melanie Parker de arregaçar as mangas, em preparação para uma briga. — Ok, chegou a hora. Está claro que vou ter que usar todo o Gênio Indomável como exemplo.

— Você tem que o quê?



— Lembra daquele filme, quando Will diz que é perfeitamente aceitável desperdiçar sua genialidade de poder cerebral e fazer uma camada de tijolos, ou ser um trabalhador da construção civil, ou qualquer coisa que seja? E seu amigo, Ben Affleck, diz que isso é besteira? Você se lembra?



Encolhi os ombros, impotente. — Eu acho…?

— Então, somos você e eu. Eu sou quem diabos Ben Affleck foi, e estou lhe dizendo que você tem um dom e está desperdiçando. Um dom que metade do corpo discente da *Juilliard* - pelo amor de Deus - mataria para ter. E você é Will, e está me dizendo que não, não, é totalmente legal você desistir e se tornar... o quê? Uma assistente pessoal?

— Não há nada de errado nisso.

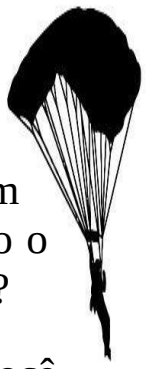
Melanie disse. — Foi exatamente o que Will disse! E eu e Ben Affleck estamos aqui para dizer que é uma besteira. Isso é um insulto para o resto de nós, que daria nossa teta esquerda por uma fração do talento que você está apenas jogando fora.

— Não faça isso. – eu disse, balançando a cabeça. — Isso é ridículo. E doentio.

— São apenas os fatos, senhorita. Você é *muito* talentosa. Você é talentosa no nível de Mozart, e isso me mata ver você negligenciar isso.

— Você está exagerando, para dizer o mínimo. Mozart era uma lenda. Até me comparar com ele é... bem, é quase uma blasfêmia.

— Eu não estou tão errada e você sabe disso. Mozart escreveu seu primeiro concerto aos quatro anos. Você tocou em um de seus concertos aos seis anos de idade. Você tocou nº 47 de Sibelius aos quatorze anos. *Sibelius*. Você acha que isso acontece todos os dias? Esse tipo de talento... é um milagre.



— Um milagre? Você sente o peso do que está jogando em mim? – eu levantei meu braço cheio de roupas. — Estou fazendo o meu melhor, Mel. Isso é tudo o que qualquer um pode fazer, certo?

Melanie deixou cair as mãos para o lado. — Charlotte, você passou por uma coisa séria. Você foi nocauteada e, em seguida, aquele idiota, Keith, chutou você quando estava caída. Então você tirou um tempo de folga e, se precisar de mais, deveria. Mas se você está pensando em desistir, acho que seria uma tragédia.

Uma tragédia. Perder Chris foi uma tragédia. Nada mais chegaria perto disso. Balancei minha cabeça.

— Você sabe como é difícil praticar todos os dias e não sentir nada? E eu pratico, Mel. Agora pratico todos os dias em casa e todos os dias não sinto *nada*. Estou apenas fazendo barulho.

— Você tem que ir lá. Você precisa praticar. Se não estiver se praticando como antes, é preciso fazer uma prospecção para isso.

— Estou tentando, Mel. Eu realmente estou.

— Então, faça um teste para a Filarmônica. Você tem muito tempo para se preparar. Coloque seu *Mendelssohn*[23] em forma e depois vá até lá e acabe com eles.

— Melanie, eu acabei de assinar um contrato de um ano para trabalhar como assistente de Noah.

— Os contratos podem ser quebrados. – Melanie levantou uma sobrancelha. — Você está tentando ou não?

Suspirei. — Vou pensar sobre isso. Mas não se surpreenda se eu me dar mal, porque com certeza eu vou me dar.

— Ah, esse otimismo! – Melanie me abraçou. — Eu estou orgulhosa de você. E você vai me agradecer um dia. Quando você for rica e famosa e rouba todos os shows de Hilary Hahn.

---

[23] ***Mendelssohn: era um compositor.***

Soltei uma risada, mas fiquei secretamente feliz pelo o assunto ter sido descartado. A ideia de uma audição não me emocionou nem me deixou nervosa, como as audições tinham feito no passado. Em vez disso, senti pavor, como se um telefone tocasse e uma voz me dissesse algo horrível. Não fazia sentido, mas minha psique havia confundido tudo para mim e eu não sabia como escapar disso tudo.

Continuamos vasculhando, e eu me vi gravitando em direção a vestidos de estilo boêmio em padrões coloridos, calças e blusas largas. Logo estava com os braços cheios de roupas.

— Boêmio é elegante, não é? – Melanie comentou.

— Parece que sim. Uma melhoria na *alta costura* de Annabelle.

Melanie levantou uma jaqueta de couro, com as mangas presas com centenas de alfinetes. — Acho que Sasha precisa dessa jaqueta. Ela sempre foi a Sid para a minha Nancy. Sem drogas, punk rock ou assassinato.

— Ela é uma garota de sorte, e eu também. – eu puxei sua manga. — Vamos. Lafayette nos chama.

— Ah é? Você está pagando? – Melanie sorriu. — Claramente eu deveria dar sermões arrogantes e autoritários com mais frequência.

— Não force a barra.



Na esquina da Lafayette, ao virar da esquina, sentamos à vitrine em uma mesa com toalhas brancas e fomos presenteados com o menu do meio-dia do pequeno bistrô. Os olhos de Melanie se arregalaram com os números. — Como se diz “fora do me orçamento” em francês?



— Eu não sei. Se Noah estivesse aqui, poderíamos perguntar a ele. Ele é fluente. Lucien, o cara que me contratou, ensinou a ele e a irmã, eu acho, desde pequenos.

Olhei em um silêncio repentino para ver Melanie me olhando com curiosidade. Acenei minha mão para o menu para distraí-la. — E não se preocupe com os preços. Eu pago.

— Tem certeza?

— Eu estou comemorando minha libertação do setor de atendimento ao cliente.

— Falando em comemorações. – disse Melanie lentamente, — Regina marcou uma data para sua próxima festinha musical. 20 de maio. Isso é daqui a algumas semanas.

— Melanie...

Ela levantou as mãos inocentemente. — Apenas estou dizendo isso. Vamos chamar um garçom aqui e pedir saladas de peixe cru *caríssimo* e, em vez disso, falaremos sobre Noah Lake.

Eu pisquei com a súbita mudança de assunto. — Falar sobre o que?

Os olhos escuros de Melanie tinham um brilho travesso. — Ah, que tal como ele é fluente em francês? Ou talvez como todo o seu rosto irradiou com a menção do nome dele.

— É? Não, não foi isso.

Ela piscou descaradamente para mim. — Então?

— Então?

— Então agora você está corando.

Eu peguei uma azeitona de um pequeno prato entre nós. — Olha, ele é... gostoso. Isso é apenas um fato. E como uma mulher humana de sangue quente, não posso deixar de apreciar isso nele. Mas, como



ainda estou confusa com Keith, seria uma idiota a pensar em me envolver com alguém agora. E Noah não quer se envolver. Ele me odeia, lembra? E entre nós dois, precisamos de uma empilhadeira para carregar toda a nossa bagagem.



— Bem, há "envolvimento" e depois há "sexo sem sentido". – Melanie sorriu maliciosamente.

Acenei minhas mãos, rindo. — Não, não... Você me conhece. Eu não faço sexo casual. Eu preciso que isso signifique algo de verdade. Não posso voltar e dar minha primeira vez a alguém digno, mas posso fazer com que a segunda conte. – eu suspirei. — Eu sinto falta do sexo, no entanto. Não que eu seja profissional ou algo assim. Não que Keith fosse bom nisso.

Melanie revirou os olhos e arrancou um pedaço de crepe no meio da mesa. — Por que isso não me surpreende?

— Mas sinto falta. Com Keith, sempre havia a *possibilidade* de que isso fosse alucinante, mas isso nunca aconteceu e eu estava muito empolgada para finalmente estar fazendo tudo para reclamar.

— E agora mora sozinha com esse cara Noah. As possibilidades não lhe passaram pela cabeça?

— Você não é a mesma pessoa que me avisou para trancar a minha porta? – perguntei secamente. — Além disso, ele é meu chefe, e isso está apenas pedindo problemas, em vários níveis.

— Uma brilhante resposta, se eu já ouvi uma.

— Não, não é nada disso. – eu disse. Eu queria dizer a ela que não éramos assim. Noah e eu éramos como planetas orbitando a mesma estrela: em trajetórias semelhantes, mas apenas cruzando caminhos de vez em quando. — Além disso, ele nunca pensaria em mim.

— Como diabos você sabe disso?

— Ele namorava supermodelos, Mel.



— E daí? Você está dizendo que não é o tipo dele ou que ele está fora do seu alcance? Porque a primeira eu poderia acreditar. As pessoas têm tipos. Mas a segunda é pura besteira, minha amiga. Você é linda. E sou qualificada para lhe dizer isso com toda a autoridade que me é conferida como lésbica.



— Ah, pare. Você sabe o que quero dizer. Certos caras querem que suas mulheres pareçam de uma certa maneira e, dado o histórico de namoro de Noah, é óbvio que não estou na categoria dele.

O sorriso malicioso de Melanie retornou. — Hummm, pensando muito, não é?

Joguei uma azeitona nela. — Ele não vai namorar ninguém de qualquer maneira. Ele nem sai de casa.

— Talvez ele só precise de motivação adequada. – ela colocou a azeitona na boca. — Coloque as mãos dele em seus peitos e veja o que acontece.

— Muito engraçado.

Melanie levantou o copo de água. — De qualquer forma, para seu novo emprego, isso nos proporcionou um banquete generoso. Em teoria. Se um garçom decidir fazer nosso pedido.

Eu levantei meu copo, silenciosamente brindando o fato de que não estávamos mais falando sobre as mãos de Noah e meus seios na mesma frase.

— Gostaria que Noah saísse. – eu disse depois de um momento. — Acho que é estressante demais para ele. Inferno, a casa dele deve ser um mistério.

— Como isso é possível? Pensei que você tivesse dito que ele mora lá há meses.

— Ele mora, mas ele quase não sai do quarto. Ele não quer saber de aprender a viver como cego. – eu brinquei com meu copo de água.



— Quero dizer, tentei abrir algumas cortinas e ele quase arrancou minha cabeça.

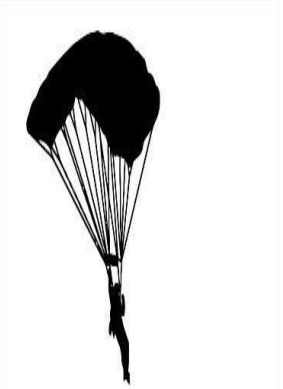
Melanie encolheu os ombros, mais interessada em rastrear nosso garçom inexistente agora. — Parece uma causa perdida.



Fiz uma careta e pensei no comentário dela várias vezes. Noah usava sua dor como uma armadura espinhosa. A minha estava enterrada no fundo, onde eu poderia fingir que não existia e, portanto, passar o dia, mas no final, era a mesma coisa, não era?

Pensei no sermão bobo de Melanie, *Gênio Indomável*. Tive a sorte de ter uma amiga que não estava disposta a desistir de mim. Além de Lucien, que estava muito ocupado, Noah não tinha isso. Ele não tinha ninguém.

Além de mim.



12

Noah

Desde o acidente, o tempo tinha um jeito de passar por mim sem que eu pudesse distinguir um dia do outro. Porém, quando o mês de Abril terminou e o mês de Maio chegou, tive uma compreensão maior da passagem de dias após um mês de horários que nunca variaram.

Uma mulher chamada Lola vinha limpar uma vez por semana. Isso foi uma determinação. Ela veio às terças-feiras e isso foi ideia minha. Para Charlotte, embora eu nunca lhe tenha dito exatamente o porquê. E foi Charlotte quem mais pediu a mesmice escura de horas e minutos da minha vida com uma rotina que nunca vacilou. Como ela perseverou quando não lhe dei razão para ficar perplexa. Outros assistentes tiveram o mesmo salário e nunca pareciam fazer o trabalho com o mesmo tipo de dedicação que ela.

Nós raramente nos falávamos. Eu não podia confiar em mim. Raiva e dor se enrolaram no meu coração como uma víbora, pronta para atacar. Eu tinha medo que isso a machucasse de uma maneira que não pudesse ser perdoado, que envenenaria sua doçura inerente ao meu veneno. Ou talvez eu já tivesse feito isso quando a insultei pelas cortinas estúpidas.

Ela ficou diferente depois disso. Mais distante. Eu senti vergonha e arrependimento daquele incidente por uma semana, como uma queimadura de sol que só desapareceu quando percebi que a mantinha longe de mim. Mantê-la a salvo da minha língua e temperamento vil. Ela não me disse nada além do que era necessário.



E lentamente, ao longo desse mês, tornou-se uma maneira horrível de viver. Não sei o que a fez diferente, mas *queria* falar com ela. Havia algo nela que me sentia atraído - uma dor que ofuscava até suas palavras mais alegres. Ela estava vivendo com algo pesado por dentro, e isso a estava pesando de alguma forma. Eu queria saber o que era.



Ou talvez só quisesse uma conversa normal, mas qualquer passo que eu dava para uma vida "normal" parecia uma derrota. Isso significava aceitar meu destino, a cegueira, a perda de tudo o que eu tive e tudo o que ainda tinha que fazer.

Porra.

Eu mantive minha boca fechada e a raiva travada atrás de dentes rangendo, e apenas ouvi.

As tardes entre às três e às cinco da tarde eram minhas horas favoritas do dia. Ouvia o som que o seu treino havia começado e depois caminhava até o topo da escada no segundo andar. Normalmente ela era diligente em fechar a porta do quarto, para não me incomodar. Eu ainda podia ouvi-la tocar - minha audição era quase biônica - mas às vezes ela se esquecia de fechar a porta. Aqueles dias pareciam pequenos presentes, como se ela estivesse tocando para mim, enchendo a casa com a voz de seu talento incrível.

Eu queria dizer a ela que não havia problema em deixar a porta aberta, mas as palavras ficaram presas na minha garganta. Então, ela saberia que eu estava ouvindo. Talvez ela tenha se tornado autoconsciente e não desempenhado da mesma maneira. Ou talvez ela se sentisse assustada com o pobre cego à espreita nas escadas. Eu não poderia arriscar, então apenas ouvia. Até os dias de portas fechadas eram melhores que nada.

Ela tocou uma peça mais que as outras. Eu não sabia o nome dela; música clássica nunca foi a minha praia, mas ela tocava repetidamente, e eu percebi que ela estava procurando algo também. Algum pouco de perfeição, eu imaginei. Ela era dura consigo mesma.

Exigente. Ela não sabia o quanto boa era e isso, eu acho, fazia parte de sua frustração. Mas inferno, ela era talentosa.

E em pensar, que ela estava apenas andando com esse dom, e você nunca saberia. Às três horas ela tocava e eu precisava me lembrar de que era a mesma pessoa que acabei de enviar para me buscar o almoço. Não fazia nenhum sentido. Eu já havia contratado alguém para limpar por ela. Eu me perguntei se deveria conseguir a mesma pessoa para lavar a roupa. A roupa era ruim para as mãos? Eu achava que não, mas me incomodou de qualquer maneira que Charlotte fosse forçada - por qualquer motivo - a trabalhar para mim. Charlotte Conroy pertencia a um enorme auditório em algum lugar, trazendo a casa abaixo.

E foi assim que aconteceu durante um mês inteiro, cada dia ficando mais doloroso para nós dois. Não poderia ter sido fácil para ela viver com medo de me irritar. Acrescentei outra camada de revolta e repulsa as minhas camadas de auto-aversão. Já tinha quilômetros de profundidade, camada após camada, com um núcleo fundido de raiva no centro que entrava em erupção de vez em quando.

Não tinha uma erupção em um mês, mas uma estava chegando. Em breve. E fiz um juramento de que isso poderia me destruir, mas eu tinha que proteger Charlotte a todo custo, mesmo que isso significasse que ela me odiasse. Isso era o melhor. Para ela.

Não me permiti considerar o que era melhor para mim.



Acordei uma manhã com o meu estômago roncando. Eu não tinha jantado na noite anterior; Eu estava de mau humor e não tinha tocado na comida que Charlotte havia trazido para mim. Comida chinesa, o que significava que era quinta-feira.



Eu não admitiria, mas estava ficando cansado de toda a maldita comida. Charlotte cozinhara algo para si mesma no andar de baixo que cheirava um milhão de vezes melhor. Mas eu não podia pedir para me juntar a ela, e comer na frente de alguém estava fora de questão de qualquer maneira.



Meu pedido de comida esfriou e, quando eu não aguentava mais o cheiro de molho pronto frio, eu joguei tudo no vaso sanitário. Consequentemente, uma fome voraz me acordou na manhã seguinte.

Encontrei o botão no meu relógio e apertei. Ainda não eram seis da manhã. Eu ainda tinha tempo. Com alguma sorte, eu poderia descer, pegar um cereal e voltar antes que Charlotte acordasse.

Tirei as cobertas e fui até a porta. Doze passos e havia a maçaneta. Puxei e toquei o batente da porta para garantir que eu não batesse. Quinze passos pelo corredor, com as minhas pontas dos dedos tocando a parede para manter a orientação. Então o corrimão, descer as escadas, então eu estava na sala de estar.

Senti meu caminho até a cadeira baixa e quadrada que marcava a metade do caminho, depois continuei, com uma mão na minha frente, procurando a bancada da cozinha. Eu toquei em granito frio, dei a volta e a madeira sob meus pés descalços se tornou azulejo. Minha mãe havia reformado a cozinha entre a minha última visita e o acidente, então eu não tinha a menor ideia de como poderia ser. Moderna e cara, quaisquer que sejam as cores, com o fogão, forno e micro-ondas que eu nunca poderia usar.

Quem se importa com o que parece?

Mas ainda me incomodava. Às vezes me sentia como alvo de uma piada terrível; como se o mundo inteiro estivesse me provocando com tudo que eu não conseguia mais ver.

Encontrei o armário que guardava o cereal e puxei a primeira caixa que toquei. Eu verifiquei para ter certeza de que era cereal e que Charlotte não havia mudado as coisas como vingança contra seu



empregador cego bastardo. Abri a caixa e cheirei. Farelo de passas. Eu poderia viver com isso.

Movi para a esquerda, senti o exaustor do fogão e depois o armário. Encontrei uma tigela, coloque-a ao lado do cereal. Até agora tudo bem, mas a geladeira era uma história diferente. Era um terreno baldio quase vazio quando eu morava sozinho. Agora estava cheio da comida de Charlotte. No meu primeiro passo, encontrei uma caixa de caldo de sopa, mas algumas tentativas depois, minha mão pousou na caixa de leite.



A irritação tomou conta de mim - ajudada e estimulada pela minha fome voraz - e coloquei a caixa na bancada. Encontrei a gaveta de talheres, peguei uma colher e depois servi o cereal, tocando a borda da tigela para me certificar de que não a transbordava. Abri a caixa de leite, despejei e coloquei de volta na bancada.

Ou esse era o plano.

Fui descuidado e coloquei na beira da pia. Tarde demais, senti a maldita coisa balançar e depois cair. Eu agarrei, errei e ouvi-o bater no chão. Meu tornozelo estava respingado. Inclinei-me e eu encontrei rapidamente a caixa, mas o estrago estava feito. Eu não conseguia adivinhar o quanto longe o desastre foi, mas a caixa estava quase cheia e agora parecia ter menos da metade.

Minhas mãos coçavam para jogar a tigela de cereal na pia, quando um cheiro doce de sabonete de baunilha chamou a minha atenção.

Charlotte.

— Ei. – ela disse suavemente. Hesitantemente. — Você precisa de alguma ajuda?

Rangi os dentes contra a raiva antiquada. — Não, eu não preciso. Eu te disse...

— Que eu não devo ajudá-lo sob nenhuma circunstância. – disse ela, com a voz rígida. — Eu não *existo* até que você precise de mim,



mas como não quero andar por um piso grudento, considere a limpeza da bagunça estar me ajudando. Se isso faz você se sentir melhor.

Não, eu queria dizer. Nada nunca me fazia sentir melhor, muito menos imaginar Charlotte de quatro, limpando meu leite derramado.



— Eu posso fazer isso. Onde estão as toalhas de papel...?

Comecei a me mover, mas ela me parou. — Espere! Você vai escorregar... Basta dar um grande passo à sua direita.

Fiz o que ela disse e meu pé encontrou o ladrilho seco. *Viva! Mas e agora?* Eu ia parecer um idiota tentando limpar uma bagunça que não conseguia ver. Fazendo o possível para conter a raiva, a irritação e a fome persistente, virei-me na direção de Charlotte e disse lentamente: — Você pode ir agora, obrigado. Eu cuido disso.

— Você tem certeza sobre isso?

Naquele momento, uma imagem de Charlotte tentou se formar em minha mente, como uma miragem vacilante no deserto. Na minha opinião, ela era uma mistura de cabelos castanhos e olhos azuis, de outras mulheres que conheci na minha vida passada - e conheci muitas mulheres na minha vida passada.

Eu não conseguia manter uma ideia sólida do rosto de Charlotte imobilizado, mas podia imaginar que ela estava de pé com os braços cruzados, lábios franzidos, sobrancelhas levantadas naquela pose universal que as mulheres ficam quando o cara com quem elas estão conversando é muito estúpido para viver. Minha irritação diminuiu um pouco.

Ela se aproximou e pressionou meu ombro - um empurrão suave para fora da cozinha. Sua mão pequena era quente e macia, mas firme também. Eu me movi para o outro lado da bancada e me sentei em uma banqueta quando ela começou a me dar um sermão com sua linda voz.



— Eu vi bagunças piores. Se você passasse menos tempo no seu quarto, e mais tempo aqui embaixo fazendo... bem, qualquer coisa, provavelmente aprenderia a se virar muito bem.

Eu a ouvi vasculhar, ouvi armários abrir e fechar, ouvi-a limpar o que não deve ter sido um desastre enorme, afinal, desde que ela limpou rapidamente.



— Na verdade, sei que você será capaz de lidar com isso sozinho, com tempo e paciência. Você tem muito do primeiro, mas nenhum do último...

Ela parou e eu praticamente senti seu olhar em mim - leve e doce.

— Está com fome? Eu ia fazer ovos e bacon. Voce gostaria de alguns?

Eu estava. A parte de mim que ainda dava a mínima queria tomar café da manhã com ela. A parte de mim que detestava o que me tornara, que recuava com humilhação pela forma como a menor das tarefas eram desastres em potencial esperando para acontecer, queria voltar para a sala sozinho. Mas ela não era uma idiota que Lucien contratou e que iria embora em uma semana. Talvez eu pudesse comer na frente dela como o desastre que eu era e tudo ficaria bem.

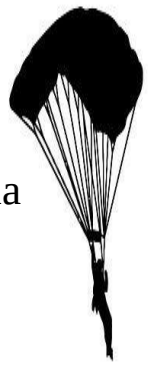
Talvez.

Cara, idiota, eu disse a mim mesmo. Está com fome? Então coma. Garfo, comida, boca. Não é uma ciência de foguete.

— Sim, tudo bem.

Um sorriso coloriu suas palavras. — Ótimo! Apenas me dê um minuto.

Ouvi seu farfalhar na cozinha, ouvi um barulho de frigideira e ovos fritando. Então ela colocou um lugar para mim na bancada.



— Hum, o garfo está à sua esquerda. Colher e faca à sua direita...

— Lembro-me de como os talheres são postos.

— *Ok*. – disse Charlotte e eu praticamente podia ouvi-la revirar os olhos para mim. Mais alguns minutos de silêncio não desconfortável, e um prato foi colocado na minha frente. — Aqui está.



Podia sentir o calor da comida e seus aromas pairando até mim. Meu estômago roncou e, se eu estivesse sozinho, teria pegado, usando os dedos e o garfo em ao mesmo tempo, limpando a comida sem um mínimo de maneiras. Ou dignidade.

Mas agora que o grande momento de comer na frente de alguém havia chegado, eu congelei.

— Café? – Charlotte perguntou.

— Sim. Preto.

— E suco de laranja?

— Sim.

Ouvi o barulho de uma caneca de cerâmica na bancada, depois o tilintar de vidro.

— O café está à sua direita. Suco à sua esquerda.

Eu não me mexi.

— Noah?

— Eu não como na frente das pessoas.

— Percebi. Por que não?

Meu lábio se curvou automaticamente, com o reflexo sempre que eu me lembrava do meu próprio ridículo. O que era frequente.



— Por que você acha? Sou pior que uma maldita criança. Eu tenho que usar meus dedos para encontrar a comida, eu derrubo as coisas e parece que estou sendo encarado. Não que eu saiba.

— OK.



Eu a ouvi colocando outro prato ao meu lado na bancada. Charlotte deu a volta e puxou a cadeira ao meu lado e sentou-se. Não do outro lado, mas lado a lado.

— Os ovos estão no lado esquerdo do seu prato, o bacon à direita e um sanduiche em cima. Não me importo se precisar usar os dedos e se derrubar alguma coisa, eu limpo. Nada demais.

Nada demais. Do jeito que ela disse, eu quase podia acreditar nela.

— Noah. – A voz dela era gentil, mas firme também. — Vai esfriar.

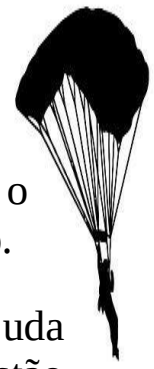
Peguei meu garfo e comecei a comer. Lentamente. Consciente de que não estava sozinho pela primeira vez em quatro meses.

A comida era simples; nada de sofisticado ou profissional, mas foi o melhor café da manhã que eu comi no que pareceu anos. Uma dor apertou meu coração com tanta força que quase ofeguei. *Companhia*. Alguém no meu espaço, me tocando, conversando comigo, apenas sentado ao meu lado e compartilhando uma refeição, como se eu estivesse inteiro.

Mas eu não estava.

Peguei o suco de laranja e quase derrubei o maldito copo, pegando-o bem a tempo. Um pingo atingiu meu pulso, mas pensei que era a extensão do dano.

— Bom reflexo. – Charlotte colocou um guardanapo na minha mão.



— Não é coisa de milagres. – eu limpei minha mão e joguei o guardanapo. — Isso é a segunda vez em uma manhã. Que ridículo.

— Você acabou de praticar. – disse Charlotte. — E não ajuda que esta casa não esteja projetada para você. Não. Os móveis estão todos do seu jeito, e uma mesa de café de vidro? Com quinas?

Eu podia imaginá-la balançando a cabeça em desaprovação.

— Sem mencionar, que cada copo desses armários é alto e fino, ou algum tipo de louça de cristal frágil que tenho medo de quebrar. Você precisa de alguns desses copos pequenos e grossos que podem levar mais do que uma pequena força para derrubar.

Eu estava perdido. Eu não era nada além de um idiota completo para ela, mas ela não desistiu. E enquanto uma parte do meu pequeno coração negro murcho se aquecia com a consideração dela, eu não conseguia entender por que estava desperdiçando seu tempo comigo.

— Por que você está aqui? – eu exigi, com a minha cabeça inclinada para a esquerda, onde ela estava sentada.

Ela paralisou no que quer que estivesse fazendo. — Eu trabalho aqui. – Suas palavras saíram tingidas de mágoa.

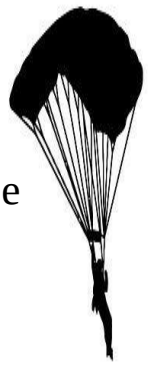
— Eu quis dizer, por que diabos você está trabalhando para mim e não está tocando em alguma orquestra sinfônica em algum lugar?

— Ah. – eu a ouvi fazer uma pausa, pensando e depois pegar seu prato. Sua voz se moveu e depois na minha frente enquanto ela o colocava na pia. — Eu te disse, estou dando um tempo.

— Você tem medo de não ser boa?

— Não. – ela disse fracamente. — Me chamavam de prodígio, há muito tempo atrás.

Eu amava sua honestidade. Sem se gabar, apenas os fatos, e ela tinha o talento para apoiá-la. Eu sabia; Ouvi provas todos os dias



entre às três e às cinco. Mas a dor nessas palavras... Era como se ela estivesse falando de seu talento no passado.

— Então, por que não fazer uma audição?

— Eu te disse. Estou fazendo uma pausa. E se eu fizesse a audição e entrasse, teria que quebrar meu contrato aqui. – Uma pausa. — Eu teria que deixar de ser sua assistente.



— Ótimo.

— Ótimo? – Não há como confundir a dor agora; aquela sílaba estava saturada dela. Eu senti o ar ficar tenso entre nós.

— Sim, ótimo, Charlotte. Você não pertence aqui, limpando minha bagunça. Você está desperdiçando seu tempo.

— Isto é um fato?

Senti que uma linha estava traçada e estava perigosamente perto de cruzá-la. Eu não sabia o que havia de errado comigo; Eu mal a conhecia, mas ela estava destinada a algo melhor que isso. Eu ouvi quando ela tocou naquele primeiro dia para mim e todos os dias desde então. Não havia nada errado em ser uma faxineira, mas isso não era para ela. Especialmente se a bagunça fosse eu.

— Sim, é um fato.

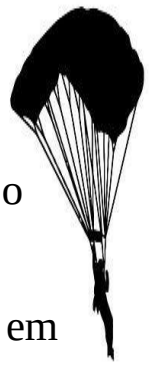
— É mais complicado que isso.

— O que é complicado nisso? Você quer tocar ou não?

— Sim. Eu quero.

— Então *toque*.

— Ah, porque é simples assim, certo? – ela disse para mim, com sua voz como um chicote. — Você tem todas as respostas. Você é uma fonte de sabedoria psicológica. Consertar-me é tão fácil. Apenas me leve a uma audição e - *bam*! Problema resolvido. Como se isso ajudasse. Como se você soubesse alguma coisa.



Bati meus dedos na bancada. — Eu estou apenas apontando o óbvio.

— *Eu* estou perdendo tempo? Diz o cara que fica escondido em um quarto, nunca vai a lugar nenhum ou faz qualquer coisa.



Eu fiquei boquiaberto. A ideia dessa garota ter algo em comum comigo me deixou mal do estômago.

— Você não está tentando nos comparar, está? Espero Deus que não esteja pensando que seu pequeno medo de palco é algo parecido com os destroços da minha vida. Nem *sequer* é o mesmo.

— Não sei. – disse ela, com a sua voz carregada e estranhamente grossa. — O medo do palco parece uma boa palavra para nós dois.

— Não, Charlotte. Eu desisti. Sou um exemplo de fracasso. Não desperdice sua vida esperando que algo chegue até você. Saia e pegue. Pegue. Porque nunca sabe quando tudo vai desmoronar.

— Isso já aconteceu. – ela sussurrou.

Suas palavras suaves cortam meu tom áspero, como se seu tom de sabe-tudo fosse uma faca de manteiga, e eu paralisei, com meu pulso acelerando em meus ouvidos. — O que você quer dizer?

— Deixa pra lá. Eu não deveria ter dito nada. – ela disse e fungou.

Ela estava chorando. Caramba, eu a fiz chorar.

— Charlotte...

— Você não é o único que perdeu alguma coisa, ok?

Aí está. A dor que ouvi ecoando por trás de cada palavra, bem aqui. A profundidade disso fez o meu coração apertar dolorosamente. — Quem? – *Quem fez isso com você, Charlotte, para que eu possa chutar a bunda deles?*



— Meu irmão. – eu a ouvi engolir as lágrimas. — Ele faleceu. Ano passado. Ele nos deixou e levou minha música com ele. Ou está perdida. Não sei como ou por quê, mas... simplesmente não consigo encontrá-la. É por isso que eu não faço audições. OK?



Senti uma mão invisível me dar um soco no estômago. Não acabei de cruzar a linha, eu pisei por toda parte. Eu e minha boca idiota e precipitada. Eu não esperava essa resposta ou algo parecido. Eu não sei por que - eu era um idiota, suponho -, mas eu supus que a dor dela tinha a ver com uma audição destruída ou algo assim. Mas o irmão dela...

Pensei em minha irmã gêmea, Ava, e no que faria se a perdesse. Eu a expulsei da minha vida junto com todo mundo meses atrás, mas ela foi a mais difícil de afastar. Impossível, na verdade, se não fosse pelo trabalho que exigia que ela morasse no exterior. Quando crianças, Ava e eu éramos todos os clichês gêmeos dos livros, e eu não conseguia imaginá-la como um todo. Era como ter metade do meu coração cortado.

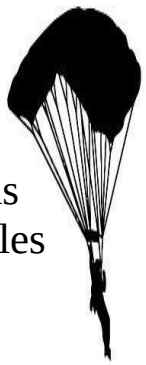
— Sinto muito, Charlotte. – A vergonha torceu minhas entranhas até que pensei que ficaria mal. — Não sei mais como conversar com as pessoas.

Sua voz soou abafada, como se ela estivesse limpando o nariz. — Sim, eu notei. Você é como um comentário ambulante na Internet, apenas vomitando tudo que vem na sua cabeça. Você não pode fazer isso com pessoas na vida real.

— Vida real. – eu bufei. — É isso que faço? Deixa pra lá. Eu sinto muito. Pelo que disse, por arruinar o café da manhã, por fazer uma sujeira com o maldito leite...

— Tudo bem.

— Não, não está tudo bem. Nem um pouco bem.



— Eu acho que não. Mas você não sabia. E a maioria das pessoas se sente da mesma maneira. Minha família e amigos... eles não entendem o que está me impedindo.

— O que está te impedindo?



— *Dói*. – disse ela simplesmente. — Dar o meu melhor *dói*. Não sei por que fico assim, mas fico, e agradeceria se você não me desse um tempo difícil, ok?

Eu assenti, desejando poder engolir de volta cada palavra estúpida que tinha falado. Eu saí cuidadosamente da minha banqueta e me orientei para as escadas, depois que soltei a cadeira, como um astronauta indo para o vazio.

— Noah?

Eu parei. — Sim?

— Você não desistiu.

— O que?

— Você disse que tinha desistido. Mas você não desistiu. Pode parecer, mas não é verdade.

Eu não respondi Não pude. Ela estava realmente dizendo isso para mim? Depois de toda a minha arrogância estridente e sem tato, ela estava tentando me fazer sentir melhor? A profundidade de sua bondade e generosidade me surpreendeu, mas ela estava errada. Eu desisti. Eu tive a vida perfeita e ela foi me arrancada para sempre.

Recuei para a solidão do meu quarto. Eu pretendia ir para a cama, mergulhar no sono, longe da memória da minha própria voz cortante que arrancou brutalmente a dor oculta de Charlotte e a arrastou para a luz do dia.

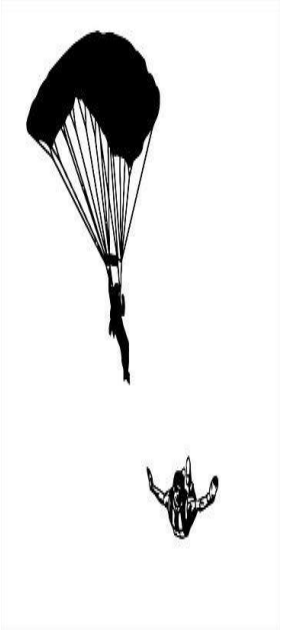
Em vez disso, me vi nas janelas com a mão no cordão da cortina. Eu a puxei, ouvi o som rangente quando as cortinas pesadas se abriram, me inclinei para frente e procurei o trinco na janela. Ele



ficou preso por desuso, mas o abri e o ar fresco da primavera pairou no quarto abafado.

Fechei os olhos, deixando a brisa passar sobre mim. Estendi minha mão e encontrei um raio de calor. A luz do sol entrou. Com um suspiro pesado, sentei-me em uma das cadeiras e me orientei para que a luz do sol caísse sobre o meu rosto. *Nada*. Mas eu podia sentir o sol laranja e dourado na minha pele e o azul da brisa. Eu podia ouvir o amarelo dos táxis que passavam, o marrom enferrujado das vozes berrantes, o verde do farfalhar das folhas nas árvores que se espalham nesta rua da cidade em minha memória.

Talvez Charlotte, pensei. *Talvez.*



13

Charlotte

O resto da semana continuou com Noah dizendo quase nada para mim. Tive a sensação de que ele estava com medo de falar comigo, como naquela manhã do leite derramado. Eu não poderia dizer que estava muito decepcionada. Eu poderia ficar sem ser criticada, mas ele disse que estava arrependido e eu o perdoei, porque foi assim que fui criada. Eu tentei ser alegre, mostrar a ele que eu tinha superado, mas ele era como um bloco de gelo. Que não se derrete.

Todos os dias, às três horas, eu começava praticar: o *Concerto para Violino por Mendelssohn*, em Mi menor. Era o que planejava tocar na audição na Filarmônica em algumas semanas. Eu enviei minhas transcrições, demos de áudio e a minha seleção escolhida, esperando que não conseguisse uma vaga. Mas eu consegui, e isso deveria ter me enchido de orgulho. Em vez disso, pratiquei o *Mendelssohn* da maneira que estava escrito na página e nada mais, ainda incapaz de encontrar a paixão nisso. A alegria.

Uma vez, quando terminei e devolvi meu violino ao case, ouvi as tábuas do assoalho rangerem no topo da escada. Eu tinha esquecido de fechar a porta do meu quarto, e o rangido era alto, mais alto do que a instalação de um sobrado velho. Alto como um passo.

Eu quase corri para o hall de entrada, mas me contive. Se isso fosse Noah - e *isso* é bem grande - eu só iria envergonhar a nós dois pulando com um bobo *"Te peguei!"* Poderia ser coincidência, mas me ocorreu que eu ouvia frequentemente as escadas rangerem depois de terminar o treino da tarde. Fiz uma anotação mental para deixar a

porta do meu quarto aberta a partir de agora. Ou melhor ainda, tocar na pequena sala de estar no meu andar, pois era a mais próxima da escada e o som iria direto até ele. Se ele não gostasse, ele poderia me dizer. Se ele estivesse ouvindo mesmo.

Meu próprio senso de Aranha me disse que ele estava.



Chegou uma segunda-feira nova. Fiz o café da manhã para mim e Noah me chocou ao aparecer na escada. Ele caminhou com cuidado até a cadeira, a meio caminho entre as escadas e a cozinha.

— Eu ia pegar seu café da manhã no Annabelle's em cerca de vinte minutos. – eu disse. — Mas posso ir agora, se você estiver com fome.

— Não estou no clima para o Annabelle's. Eu ia fazer uma segunda tentativa com o cereal.

— Cereal é tão chato. Eu tenho aveia, frutas e torradas... se você estiver interessado.

Ele encolheu os ombros, todo casual. — Se tiver o suficiente.

— Eu tenho.

— Sim, tudo bem.

Eu me virei para esconder meu sorriso. Às vezes eu sentia que ele podia ler silêncios, olhares, gestos, sem precisar de seus olhos.

Tomamos café da manhã juntos, dizendo não mais que um pouco de palavras, sentados lado a lado. Achei extremamente perturbador estar tão perto dele. Continuei roubando olhares, especialmente para os olhos dele.



A cor deles me lembrava daquelas ágatas que você pode comprar em alguns lugares turísticos nas montanhas. Meu pai levou Chris e eu para um quando éramos crianças. Você compra um pedaço arredondado de pedra feia e cinzenta e eles a abrem para que você descubra um ninho de cristais de ametista ou talvez quartzo branco lá dentro. A pedra que eu escolhi ocultava um estriamento lindo e suave de verdes, azuis e marrons, coberta de dourado. Fiquei chocada e tão feliz. Era difícil imaginar que uma pedra velha e feia pudesse conter algo tão bonito.



Quando ele terminou, Noah saiu da banqueta com um *obrigado* murmurado e subiu as escadas.

Eu paralisei no meu caminho para a pia, com os dois pratos na mão. — Aonde você vai?

— Ler. – ele disse sem parar.

— Bem, espere. – Joguei os pratos na pia e corri para ele. — Eu estava pensando, talvez, você gostaria de dar um passeio?

Ele parou e suspirou, com seus ombros caídos. — Eu sabia.

— Sabia o que?

— Eu sabia que se comesse aqui em vez de lá em cima, você consideraria isso como algum tipo de avanço.

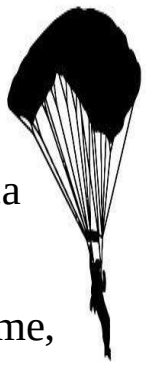
— Não foi? – perguntei, cruzando os braços sobre o peito. — Quero dizer, isso é duas vezes em uma semana.

— Você ofereceu aveia, então eu comi aveia. Fim de história. – ele continuou subindo as escadas.

— Então isso significa sem passeio? – eu disse.

— Sem passeio. – ele disse de volta.

Apertei meus lábios, mas um sorriso se espalhou de qualquer forma. Isso foi progresso, eu pude sentir. Eu queria ligar para Lucien



e dizer minhas boas noticias, mas se Noah descobrisse, ele nunca mais confiaria em mim.



Naquela tarde, Noah me mandou pedir seu almoço de costume, mas ele comeu na bancada da cozinha comigo. Ele mal disse uma palavra, ainda se protegendo. Pensei que isso também era progresso; que ele estava ao menos tentando conter suas palavras mordazes, e isso me levou a continuar tentando, a não desistir dele como todo mundo já fez.

— Tem certeza de que não pode mudar de ideia sobre um passeio?

Ele bateu os dedos compridos na bancada. — Lucien mandou você fazer isso?

— Mandou fazer o que? Sugerindo um passeio ao ar puro e sol quente? – eu sorri. — Não, eu criei isso *tuuudo* sozinha.

Ele não sorriu. Nem mesmo perto. *Mas um dia,* jurei, *vou fazê-lo sorrir mesmo se isso me matar.*

— Eu não sei, Charlotte. – disse ele calmamente, levantando da banqueta. — Não sei se é uma boa ideia.

Franzi minha testa. — Dar um passeio? Por quê...?

— Porque... – ele parou. Ele deu um passo na direção errada e teve que se reorientar com a bancada. — Porque nem sei qual direção estou seguindo, é por isso. Sou uma maldita piada.

— Noah... – coloquei minha mão em seu braço, para confortá-lo, mas ele se soltou das minhas garras e dei um passo para trás.

— Você não agarra o braço de uma pessoa cega como se ela fosse uma criança para ser guiada. Se você está tentando guiá-los, eles pegam seu braço.



Fiquei rígida e levantei o meu queixo desafiadoramente, pronta para responder que eu não estava tentando guiá-lo, quando me ocorreu que ele estava disposto a ser guiado.

— Ah. OK. Aqui. – eu estiquei o cotovelo e, para meu choque e espanto, Noah colocou aqueles dedos longos ao redor da dobra do meu braço.



Paralisei. Ou melhor, me encolhi e *então* paralisei. Senti uma vibração de eletricidade subir pelo meu braço quando ele me tocou, uma emoção agradável que deslizou pela minha pele, pelas minhas costas, até as pontas dos meus seios. Eu respirei fundo.

— Bem? Vamos a algum lugar ou não?

— Hum, certo. – eu disse e limpei minha garganta. — Para onde vamos?

— Pensei que estávamos indo para fora. – disse Noah irritado. — Não quer levar seu pobre cego para passear? Porra, Charlotte, tome uma decisão.

— Ei. – disse, virando-me para encará-lo. — Vamos parar com os palavrões, ok? Sou a favor de um palavrão na hora certa de vez em quando, mas você parece um personagem de um filme de Scorsese.

Pensei por um segundo que ele iria voltar atrás. Em vez disso, ele assentiu uma vez. — OK.

— OK?

— Eu disse ok. Vamos embora, logo.

Eu ofereci meu braço novamente.

— E tente não me levar até a vala ou me deixar em um táxi, se você não se importa.

Eu sorri apesar de tudo. — Farei meu melhor.







Eu nunca havia guiado uma pessoa cega antes e descobri rapidamente que não era tão fácil quanto parecia. Fiquei chocada ao descobrir que o mundo que eu dava por certo era na verdade uma pista de obstáculos perigosa, com armadilhas perigosas a cada passo. Eu me vi narrando todas as mudanças no terreno para garantir que Noah não tropeçasse ou quebrasse o tornozelo. E ele era tão malditamente alto que tive que afastá-lo dos galhos baixos das árvores na calçada que ameaçavam arranhá-lo.

Noah acatou todos os avisos de maneira rápida e graciosa. Ele também andou muito devagar. Tão lentamente que, na verdade, comecei a sentir que havia uma âncora me arrastando. Seu rosto era uma máscara de concentração e eu pude ver que ele estava lutando para não manter uma mão na frente dele, para afastar qualquer coisa que pudesse vir a ele no escuro.

— Você sabe. – eu arrisquei. — Se você tivesse uma bengala, saberia que o caminho estava livre.

— Tenho uma bengala. – disse ele entre os dentes. — A clínica de reabilitação me deu várias.

— Por que você não usa uma?

Ele não respondeu e eu não insisti. A caminhada era obviamente estressante o suficiente para ele.

Chegamos à Broadway, com suas ruas movimentadas e barulhentas, táxis buzinando, motores ligados e outros pedestres que lotavam a calçada. Noah xingou baixinho na terceira vez que alguém encostou em seu ombro.

— Sairiam do seu caminho se soubessem que você é cego. – eu disse gentilmente.



— Eles deveriam sair do meu caminho, mesmo que eu não fosse. – ele disse, mas pude ver que sua irritação era apenas uma máscara para esconder sua ansiedade. O suor escorria em sua testa, apesar de uma brisa agradável, e senti o seu aperto no meu braço apertar. Finalmente, ele parou e me puxou para perto dele. — Charlotte...



— Tudo bem. – eu disse a ele, me sentindo horrível por sugerir esse passeio quando ele obviamente não estava pronto. — Voltaremos. Eu vou te levar de volta.

— Não, espere. – ele ficou enraizado no local, com o queixo tremendo. — Apenas espere. Onde estamos?

— Columbus e West 77th.

— Isso não significa nada para mim. – ele deu outro suspiro. — Porra, está alto. Estamos perto?

— Nós apenas temos que atravessar esta rua e estamos lá.

— O parque está na nossa frente?

— Sim.

— Descreva-o.

— Descrever…?

— Charlotte, eu estou me sufocando. – Noah respirou. — Diga-me o que você vê.

— Ah, certo. Tem um muro. Um muro cinza-esverdeado, com uma vegetação caindo sobre ele. Há um banco, do lado de dentro desse muro, um pouco ao longo de um caminho pavimentado. Posso o ver daqui. É para onde estamos indo.

Ele assentiu e respirou fundo. — Tudo certo. Vamos.

Esperamos atravessar a Columbus, uma rua que estava muito lotada com carros velozes e caminhões estrondosos que passavam e



buzinavam. Finalmente, o farol mudou sem sons ou um piu de pássaros para os deficientes visuais, como alguns cruzamentos. Eu me perguntava como diabos uma pessoa cega atravessaria sem ajuda e percebi que a maioria das pessoas cegas provavelmente *teria* ajuda. Um cachorro, talvez. Ou uma bengala que eles realmente usavam.



Levei Noah ao banco, bem no interior do Central Park, e ele parou na frente dele, retirando seu aperto mortal no meu braço. — Me lembre novamente como isso deve ser bom para mim?

— Você foi muito bem. Você deveria estar orgulhoso.

— Orgulhoso do que? Andar aqui fora por quinze minutos sem ter medo?

— Quando foi a última vez que você esteve ao ar livre? Meses atrás, certo?

— Na clínica de reabilitação do norte do estado. – ele bufou uma risada que quase escondeu o seu suspiro de alívio por estar sentado. Quase. — Eles estavam constantemente me arrastando, tentando me fazer aprender a ser cego.

— Você não quer?

— Não.

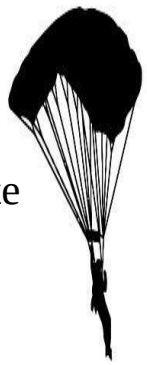
— Por que não?

— Porque isso significa que o jogo acabou. Eu perdi.

Eu fiz uma careta. — Eu não entendo.

— Não importa.

Ele soltou mais algumas respirações firmes e depois enfiou as mãos nos bolsos da calça esportiva. Ele sentou, com as suas longas pernas abertas. Se estivéssemos no metrô, ele teria ocupado dois lugares. Mas, apesar de toda a sua tagarelice, pude ver que ele



tentava desesperadamente parecer à vontade quando obviamente não estava.

— Então, qual é a sua história?

Pisquei e não pude deixar de rir. — Você é bastante conversador. Você quer ouvir de onde eu sou e tudo isso?



Ele assentiu. — Tudo isso.

— Bem, não é muito interessante...

— Não se menospreze. A vida de todos é interessante de alguma forma.

— Eu acho. Ainda não aconteceu muito comigo. Não comparado a você e onde você esteve.

Quis dizer isso como um elogio, não para abrir velhas feridas, mas Noah se encolheu de qualquer maneira.

— Onde eu estive? Você quer dizer o fundo do Pacífico? Essa foi a minha maior e mais recente excursão, mas que tal não falarmos sobre isso, hein?

— Eu não quis dizer...

— Sim, sim, eu sei. – Noah acenou com a mão. — É sobre você, não eu. De onde você é? Originalmente?

— Hum, Bozeman, Montana. Eu me mudei para cá aos dezoito anos.

— Montana. Terra de grande céu.

— Você já esteve lá?

— Não. Perdi.

— Perdeu?



— O grande céu. Eu perdi minha chance de vê-lo e agora se foi para sempre e... – ele balançou a cabeça. — Esqueça. É sobre você, não eu.

Cruzei meus braços e o encarei. — Você sabe, depois do nosso café da manhã conversando outro dia, não sei se estou com muita pressa de despejar minhas coisas em você.



— Eu não culpo você. – ele virou a cabeça na minha direção. — Prometo me comportar. Atravesse meu coração, espere eu morrer, enfie uma agulha na porra dos meus olhos inúteis. Ah, perdoe meu linguajar. Na porra dos meus olhos oculares inúteis.

Eu me mexi no banco. — Não estou acostumada a falar de mim.

— Obviamente.

— Alguns diriam que esse é um traço de caráter positivo.

— Outros podem dizer que vamos envelhecer e morrer esperando que você pelo menos me conte o básico de sua vida dita não muito interessante.

— Está bem, está bem. Que rabugento. – eu ri. — Hum, bem, eu vim aqui para Juilliard...

— Não, não, espere. Você não apareceu magicamente na Juilliard. Volte. Há quanto tempo você toca violino?

— Ah, desde que eu era criança. Desde quase antes que eu me lembre.

— Por quê? Seus pais te forçaram? Fizeram você ter aulas, esperando um prodígio?

— Exatamente o oposto. Estava desesperada para tocar.

Noah assentiu, com suas feições duras suavizando, como se ele gostasse dessa resposta. — O que te provocou?



— Vi alguns shows na PBS. Eu devia ter quatro anos. Havia uma mulher, solista - eu não sei quem era - e eu a assisti, apenas... hipnotizada.

Meus pensamentos voltaram para aquele dia, anos atrás. Eu ainda podia ver a TV antiga - ainda não era uma tela plana - e nossa sala de estar quente e marrom, com cheiro de madeira e especiarias alaranjadas.



— Era como se eu estivesse vendo uma versão futura de mim mesma. – disse a Noah. — Eu disse aos meus pais que queria tocar como ela estava tocando. Levantando-se, enquanto todos os demais violinistas estavam sentados. Eu queria isso, não pelos elogios. Não foi - e ainda não é - por isso. Antes que soubesse o que era um concerto, ou poderia nomear uma ópera, sabia que a solista estava cantando para o compositor. A música dela era o coração pulsante da peça e eu... eu queria ter isso. – eu balancei a minha cabeça com a memória, reprimindo o desejo estranho que brotou em meu coração. — Enfim, foi assim que começou.

Noah ficou quieto por um momento, depois disse: — E você era boa. Mais que boa.

— Eu acho. Acabou que eu tinha... uma aptidão.

— Você era um prodígio, quer dizer.

— Sim, essa é a palavra, eu acho. Mas meus pais queriam que eu tivesse uma vida normal, com uma experiência escolar normal e amigos normais. Então, eu tive aulas e toquei nas orquestras locais, em vez de ir a uma grande sala de concertos ou estúdio de gravação.

— Você se ressente disso? Você poderia ter sido uma grande estrela desde o início.

— Não, eu sou grata. Eu não queria me separar dos meus pais, ou Montana, ou... Chris. Eu pensei que a música sempre estaria lá e então eu estava contente em esperar. Consegui uma bolsa parcial para



a Juilliard, mas depois... as coisas ficaram difíceis durante o meu último ano.

— Seu irmão. – Noah disse calmamente.

— Sim. Mas também... bem, havia um cara. Um namorado. Acabou logo depois que Chris faleceu, e eu... – eu esfreguei meus braços. — Enfim, eu não estava indo tão bem depois disso.



— Este namorado, ele terminou com você, ou foi ao contrário?

— Ele terminou comigo.

Noah sentou-se e colocou o braço ao longo das costas do banco, atrás dos meus ombros. — Você está brincando comigo?

— Não, não estou, e você não deveria estar se comportando?

— Sim, mas... – ele passou as mãos pelos cabelos, com os seus olhos me procurando e desistindo. — Esse cara... ele terminou com você? Logo após a *morte* do seu irmão?

Eu balancei a cabeça.

— Olá?

— Ah, sim. – eu disse. — Mas não foi grande coisa. Mau momento. A tempestade perfeita de coisa horrível acontecendo ao mesmo tempo.

— Mau momento. – Noah bateu os dedos no banco. — E aí?

Eu olhei para ele de lado. — Você com certeza é intrometido.

— Sou jornalista - ou *fui*, em uma vida passada. Eu nunca deixei uma história inacabada. Não me deixe assim. Esse cara parece que precisa de um bom chute na bunda. O que aconteceu?

Eu podia sentir meu rosto franzir em perplexidade enquanto olhava para este homem sentado ao meu lado. — Ok, eu vou te dizer, com uma condição.



— Qual?

— *Uma mão lava a outra*, Clarice[24]. Você tem que responder à pergunta que fiz no início do nosso passeio. Por que você não quer aprender a ser cego?



Ele franziu a testa, olhou para protestar e depois assentiu. — Justo.

Contei a Noah sobre a morte de Chris e quando voltei a Juilliard para descobrir que Keith havia seguido em frente com outra mulher. Balancei a minha cabeça, com o remorso e vergonha queimando minhas bochechas, e meu coração doía com uma dor antiga que nunca parecia diminuir.

— Eu me apaixonei por Keith completamente. – confessei. — E quando digo me apaixonei, eu realmente quero dizer isso. Eu me apaixonei por *ele*, mas também me apaixonei por suas besteiras e mentiras. Ele foi meu primeiro amor, meu primeiro... muitas coisas. – eu limpei minha garganta. — Ele me disse que me amava e fiz algo realmente estúpido.

— Que foi?

— Eu acreditei nele.

— Isso não foi sua culpa, Charlotte. – disse Noah em voz baixa.

— Não, suponho que não. Mas deveria ter sido mais cuidadosa. Voltei a Nova York pensando: *"Meu coração está em pedaços, mas pelo menos tenho Keith. Pelo menos ele estará lá para mim."* Mas eu era apenas uma garota do interior na cidade grande, eu acho. Um clichê que foi presa fácil de um idiota em série como ele.

— O que ele fez?

---

[24] ***Uma mão lava a outra, Clarice: é uma referência a uma fala de Hannibal Lecter a Clarice por troca de informações.***



— Nada. Simplesmente deixei de existir. Eu não era o talento ardente que tinha sido. Eu estava confusa. Uma sonâmbula vagando pela escola. – encolhi os ombros, desejando que meus sentimentos correspondessem ao gesto vazio, mas então Noah não podia vê-lo de qualquer maneira. — Eu perdi tudo. Perdi minha vaga na Spring Strings, perdi Keith, perdi meu irmão e em algum lugar lá também perdi minha música. – eu enxuguei meus olhos. — Então, veio você. Minha assim chamada vida não tão interessante está em espera. Em poucas palavras.



Outro silêncio caiu, e eu esperei Noah me dar um sermão novamente, ou repreender-me por deixar um namorado estragar minha vida.

— Ele era um idiota, esse cara. – ele disse finalmente, com cuidado, como se estivesse pesando suas palavras antes de falar.

— Ou apenas o interpretei mal. Eu estava apaixonada e ele não, e me queimei.

— É por isso que ele é um idiota. Ter alguém como você. *Ganhar* tempo e carinho e... o amor de alguém como você.

— Alguém como eu?

— Sim, Charlotte. Alguém como você.

Mordi o lábio, esperando que ele me dissesse o que aquilo significava e me senti irritada comigo mesma por não ter coragem de perguntar a ele.

— Já alguma vez esteve apaixonado? – perguntei.

— Não, não estive. – ele disse rapidamente. — Minha última namorada me disse que me amava, mas eu estava apaixonado pelos meus níveis de adrenalina. E pensei que estar com alguém significava ficar em um só lugar. Eu não poderia fazer isso. – ele fez uma cara feia. — Ah. A ironia.



— Eu também me sinto presa. – eu disse. — Um tipo diferente de presa. Como se eu tivesse uma bola enorme e uma corrente presa no meu coração, não me deixando me expor ou... amar alguém nunca mais.



— Eu acho que você é muito generosa para estar tão cansada. – disse ele calmamente.

— Não me sinto cansada. Sinto-me uma idiota por ser tão confiante. O amor me ensinou duas lições: pode parecer verdadeiro e ainda ser uma mentira completa, e pode ser arrancado, deixando você com as mãos vazias e atadas.

A expressão de Noah de repente endureceu e sua voz ficou áspera e tensa. — Por que você me contou tudo isso?

Eu pisquei. — Eu me lembro de você ter *perguntado*.

Ele me deu uma olhada. Eu não sei como - ele é cego, afinal -, mas ele sabia, e eu senti um rubor queimar minhas bochechas.

— Eu não sei. Você é um bom ouvinte.

Ele zombou. — Então, eu tenho isso a meu favor.

— Você tem muitas coisas a seu favor. – eu disse gentilmente. — Sua vez. Por que você não quer aprender a lidar com sua cegueira?

— Se aprendo braille ou carrego uma maldita bengala, significa que aceito que essa seja minha vida agora. É estúpido, eu sei. Eu sou cego, não importa se aceito ou não, mas não posso desistir. Se fizer isso... então a minha antiga vida realmente se foi. – Sua voz perdeu a ponta no final, como uma corda desgastada. — Não quero desistir.

Mordi meu lábio, hesitante. — Mas... você não acha que é por isso que está com tanta raiva? Se você deixar isso ir, então talvez...

— Então minha vida vai melhorar magicamente? Que vou recuperar uma fração do que perdi e ficar satisfeito? – ele balançou



sua cabeça. — Impossível. Eu quero tudo de volta. *Tudo aquilo.* Não apenas a minha visão, mas tudo o que a acompanhava.

— Você não pode recuperá-la. – eu disse o mais gentilmente que pude. — Mas deve haver maneiras de facilitar essa nova vida para você. Existem tecnologias que você poderia tentar, certo?



— Não, Charlotte. Minha vida, minha carreira... nada disso sobreviveu ao salto no penhasco.

— Você poderia ter uma nova carreira. – arrisquei. — Talvez haja algo que você ainda não descobriu e que gostaria de fazer.

— Talvez. Mas como diabos eu a encontraria quando minha vida antiga ainda parece estar ali? Como se estivesse do outro lado dessa porra de cortina preta, e se a cortina simplesmente se levantasse...

Ele esfregou as mãos sobre o rosto e depois apoiou os cotovelos nos joelhos, com o olhar cego abaixado.

— Adorava meu trabalho, sabia? Eu adorava escrever e tirar fotografias, visitar todos os cantos do mundo e perder tudo isso... – ele engoliu em seco, com um pouco de dor. — Perder tudo é ruim o suficiente. Mas perdi algo mais, algo pelo qual ansiava e vivia, quase tanto quanto perder ar, comida e água.

— O que?

— A urgência. A adrenalina. A emoção de caminhar pelo limite da vida e da morte, como uma corda bamba. Eu não tinha um desejo de morte, mas adorava provocá-la. Quando pulava do avião ou esquiava... foi quando senti esse medo incrível. Esse medo de apertar o peito e de encolher que você está aí, prestes a perder tudo. Porque somente quando você está prestes a perder tudo, você percebe o quanto tem.

Noah ficou em silêncio, e vi a raiva amarga penetrar em seu rosto novamente, ao nível dele. Mas os seus olhos continham uma melancolia profunda que era mais potente do que qualquer outra coisa. Lembrei-me de ler sobre os cinco estágios da dor uma vez,

como a raiva acaba cedendo à tristeza. Talvez o que eu estava vendo nele fosse progresso. Como tomar café comigo ou concordar em dar um passeio. Minha mão coçou para pegar a dele.

— Conheço esse sentimento. – eu disse. — A urgência. Não da mesma maneira que você sentiu, mas... antes da morte de Chris, eu senti quando toquei. Uma imersão tão forte, era como se eu estivesse fora de mim mesma, assistindo, enquanto o resto de mim apenas... vivia a música. Algumas pessoas chamam de estar na zona. – eu arranquei uma linha perdida na costura do meu vestido. — Eu sinto falta disso.

Noah virou em minha direção, com seu olhar pousando no meu queixo, como sempre. — Me desculpe, eu disse que você estava perdendo seu tempo. Eu não tinha o direito.

— Está tudo bem. – disse suavemente. — É verdade. Também não posso deixar isso para lá.

Ele se virou para mim então, e o comportamento brusco escapou enquanto ele tentava segurá-lo. Suas sobrancelhas franziram como se estivessem dispostas a trabalhar com os olhos. Para me ver.

— Charlotte... como você é?

Levantei minha cabeça bruscamente. — Eu te disse como eu sou.

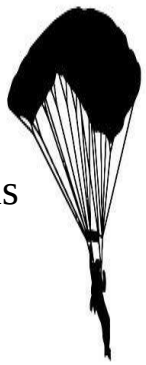
— Você me disse que as palavras nem sempre são suficientes.

Senti meu pulso acelerar e olhei para as mãos dele em seu colo. Mãos bonitas. Masculinas. Dedos longos. *Ele quer tocar meu rosto?*

— Bem, acho que não me importaria. Se acha que ajudaria... ou algo assim. – eu disse.

Noah balançou a cabeça. — Deixa pra lá. Esqueça que eu trouxe isso à tona. Isso é estúpido. Não vejo nada com as mãos.

— Você já tentou alguma vez?



— Não. Esse é apenas um clichê idiota em filmes ainda mais estúpidos.

— Como você sabe?

— Eu sei porque nada se compara a apenas ser capaz de ver. Nunca.



— Parece-me que, se o resto de seus sentidos foi intensificado, seu toque pode ser também.

Noah se mexeu no banco em minha direção. — Você está desesperada para eu colocar minhas mãos em seu rosto, Charlotte? Você tem uma verruga horrível na ponta do nariz que está morrendo de vontade de pular em mim?

Eu ri fracamente. — Agora você arruinou a surpresa.

— Mentirosa.

— Veja você mesmo. – eu disse, esperando que minha voz soasse tão leve quanto tentei.

— Posso?

— Sim. – eu disse. Como diabos fiquei tão nervosa? Ou porque? Ele estava tão perto que eu pude praticamente contar as manchas douradas em seus olhos.

Noah levantou as mãos devagar, e pude perceber que ele também estava nervoso.

— Continue. – deixei escapar. — Verrugas grandes e peludas... e uma monocelha que deixaria Frida Kahlo com inveja.

Noah deixou cair as mãos e revirou os olhos. — Você vai calar a boca? Eu tenho que me concentrar.

— Eu não estava pronta. Ok, eu estou pronta agora.

— Charlotte?



— Sim?

— Me desculpe, eu disse para você calar a boca.

— Agora você está parado.

— Talvez. Eu nunca fiz isso antes. – ele levantou as mãos, abaixou-as novamente. — As pessoas estão olhando para nós, certo?



— Sim. Uma multidão se reuniu.

— Ha ha.

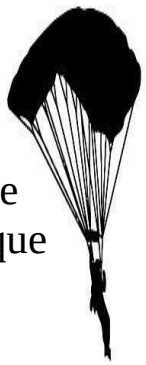
— É Nova York. Ninguém está olhando. – eu peguei a mão dele que tremia levemente e coloquei na minha bochecha. — Está bem. Continue.

A rua estava barulhenta e movimentada, mas naquele momento o próprio ar entre nós parecia frágil, e prendi a respiração quando Noah olhou para mim pela primeira vez.

Ele segurou a minha bochecha e então, levantou a outra mão para se juntar à primeira. Ele segurou o meu rosto assim por um momento, com o seu toque surpreendentemente gentil, e depois os seus polegares traçaram o contorno da minha boca. Levou tudo o que eu tinha para não ofegar com as sensações que um simples toque despertou em mim, e tinha certeza que ele podia ouvir meu coração bater; estava batendo como um martelo no meu peito enquanto seus dedos tocavam meus lábios.

Mantive-me perfeitamente imóvel, enquanto os arrepios passavam pelas minhas costas quando as suas mãos deslizaram para a parte de trás do meu pescoço, minha nuca, minhas orelhas, sentindo o tamanho e a forma delas. Seu rosto estava tão perto do meu que eu podia sentir o calor de sua respiração na minha bochecha. Seus olhos castanhos tentaram seguir onde ele me tocou, mas desistiu e fechou os olhos, deixando as mãos fazerem o que não podiam.

Ele arrastou as pontas dos dedos sobre o meu nariz, desceu os contornos, até as maçãs do rosto e depois até os olhos. Ele desenhou



cada sobrancelha, e eu fechei meus olhos enquanto seus dedos se moviam para baixo, sobre minhas pálpebras e depois meus cílios que estavam contra minha bochecha.

Finalmente, ele acariciou meu cabelo, arrastando as mãos ao longo do comprimento, sentindo a textura, passando fios em seus dedos longos, e então suas mãos caíram. Abri os olhos para uma expressão tão cheia de saudade que quase partiu meu coração.



— Eu tinha razão.

— Sobre o que? – eu consegui dizer.

Ele abriu a boca para falar, e então todos os seus contornos rígidos voltaram rugindo. Ele se afastou, ao seu lado do banco. — Eu estava certo que não consigo ver nada com as mãos. É estúpido tentar.

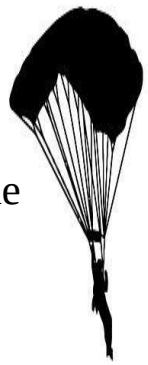
Uma profunda e vazia decepção tomou conta de mim. — Sério? Nada?

Ele virou a cabeça. — Nós devemos voltar. Quero voltar agora.

Ele se levantou sem esperar uma resposta, e eu fiquei com ele, sentindo como se tivesse sido roubada de algo que não sabia que queria.

Ele pegou meu braço e nós caminhamos. Ele se moveu um pouco mais fácil desta vez, mas seu rosto estava tenso novamente, com milhares de pensamentos escurecendo seus olhos.

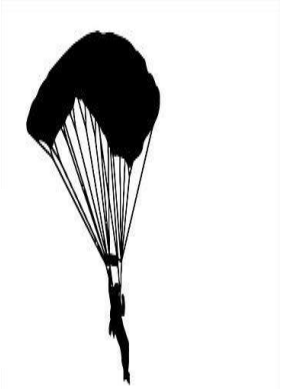
Enquanto caminhávamos, eu me distraí e observei os táxis amarelos, carros e pessoas passando. Tantas marcas e modelos diferentes de tudo. Tantas cores, tantas texturas, para tentar nomear todas elas, seriam inúteis. Seria impossível tentar descrever o crepúsculo ao cair sobre a cidade de Nova York. Eu não tinha as palavras. Mas naquele momento, eu gostaria de ter. Eu gostaria que houvesse alguma maneira de devolver tudo a ele. O pôr do sol e o céu azul, e até a adrenalina dele…



Meu braço inteiro estava quente onde Noah me tocou, e a pele do meu rosto ainda formigava com a lembrança de seu toque.

Tenha cuidado, eu me avisei. *Tenha muito cuidado*.





14

Noah

White Plains, Agosto...

"Sinto muito, Sr. Lake. Eu gostaria de ter notícias melhores, mas isso sempre foi uma possibilidade."

Não! Você me disse que havia uma chance. Você me disse que pode voltar. Garantiu-me que o inchaço do cérebro tinha sido mínimo. Um dano contido. Os gráficos pareciam bons, você disse. Estou reaprendendo todas as minhas habilidades. O prognóstico é excelente. Então, onde está minha maldita luz?

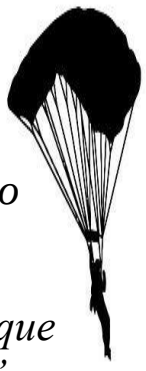
Esses eram os pensamentos gritando na minha cabeça. Tudo o que eu consegui com a minha boca paralisada foi "Foda-se."

"Noah!" A voz da minha mãe estava escandalizada.

"Entendo sua decepção, Sr. Lake."

O médico. Um da equipe. O capitão.

"No que é positivo, o seu progresso em todas as outras áreas é nada menos que surpreendente. Deve se considerar sortudo. Eventualmente, sairá desta clínica e falará com perfeita dicção. Dada a gravidade do seu acidente... bem, francamente, isso é um milagre."



Você me disse que havia uma chance. Eu estou me esforçando na fisioterapia todos os dias porque você me deu esperança...

A mão da minha mãe em cima da minha. "Existe algo que possamos fazer por você, querido? Algo que você precisa agora?"



O que preciso? O que eu precisava era que os médicos consertassem meu maldito cérebro para que pudesse ver novamente.

Sentei na minha cadeira de rodas, com meu queixo movendo. Tantas palavras e não pude dizê-las. Elas se amontoaram na minha boca, bloqueando-a com força, enquanto a realidade afundava seus dentes afiados e venenosos em mim.

É isso. Isto é definitivo. É assim que vou ser pelo resto da minha vida. Sem luz, sem cor. Eu nunca vou ver outro céu. Nunca vou ver outro pôr do sol. Eu nunca vou ver... nada. Nunca mais.

Minhas mãos seguraram os braços da minha cadeira de rodas com mais força do que jamais consegui alcançar durante a fisioterapia.

"Noah? Por favor, fale comigo, querido."

Não! Eu não posso ser assim! Não posso ser assim para sempre. Meu trabalho... Planet X... minha fotografia, meu carro... eu não aguento mais. O recife de coral em Cairns que deveria fotografar neste verão. As cavernas de Carlsbad que tinha planos de visitar em Setembro...

E assim por diante.

Eles empilharam sobre mim, um após o outro, todas as coisas que nunca mais faria, veria ou experimentaria novamente. Uma após a outra, até que o peso delas me pressionou na cadeira de rodas e eu mal conseguia respirar.

E então o futuro desenrolou diante de mim e ficou tudo preto. O que eu faria? Onde eu trabalharia? Ou viveria? E como? Eu não tinha planos de me casar tão cedo, mas isso estava lá, algum dia. E

agora... eu nunca veria minha esposa no dia do casamento. Nunca a veria andando pelo corredor em minha direção em seu vestido. Eu nunca a veria na primeira vez em que diria que a amava. Eu nunca veria o rosto de nenhum filho que poderíamos ter. Meus próprios filhos seriam misteriosos para mim.

Luzes de Natal penduradas em uma árvore; velas brilhando em um restaurante escuro; neve cobrindo longos pinheiros verdes...

Tudo isso. Desapareceu.

Apertei os braços até meus tendões doerem. Médicos e pais correndo nervosamente ao meu redor, me perguntando se eu estava bem, me implorando para responder. Mas eles estavam do outro lado da cortina preta, e ela nunca ia levantar.

Senti lágrimas ardendo nos olhos. Lágrimas. De jeito nenhum. Eu não ia chorar. Eu não ia desistir. Foda-se isso. Fodam-se todos eles. Eu não era essa pessoa que eles estavam tentando me fazer ser. Essa pessoa que não podia fazer o que eu fazia há 23 anos. Eu nunca aceitaria isso.

Nunca.



A erupção do Vesúvio[25] chegou.

Fiquei acordado a noite toda repetindo aquele momento no hospital, uma e outra vez, como se estivesse cutucando um monstro adormecido. Quando finalmente dormi, tive o pesadelo de sempre. Acordei sufocando tanto com o nada que pensei que poderia realmente morrer. Que ridículo se, depois de todo o inferno do acidente, fosse um maldito sonho que desse cabo de mim. Finalmente fui capaz de sugar o ar em vez de água imaginária, e o aperto no meu peito afrouxou e depois desapareceu. A escuridão, é claro, não.

---

[25] ***Vesúvio: nome de um vulcão.***



Nem o ultrajante senso de injustiça. A injustiça de tudo isso. Eu senti isso a cada segundo da minha vida. Foi o combustível da minha raiva e amargura, espreitando nos bastidores. Alguns dias ocuparam o centro do palco, exigindo atenção, e esse dia seria um daqueles dias.



Eu odiava tudo e todos. Odiava a cama em que me deitava, as paredes ao meu redor e o chão embaixo de mim porque sabia que era madeira, mas não a cor. Odiava o sobrado e meus pais por me deixarem morar nele, Lucien por tentar cuidar de mim, e Charlotte por não desistir semanas atrás, quando eu enfureci com ela por abrir as malditas cortinas em um lindo dia em uma cidade que eu não podia ver.

Eu odiava o idiota do seu ex-namorado por tocá-la, dormir com ela e depois abandoná-la. Eu odiava o irmão dela por morrer, por marcá-la com essa perda pelo resto da vida. Eu me odiava por alimentar sua dor com minhas perguntas estúpidas e erradas.

Odiava o México, odiava a revista por me enviar para lá, odiava a maneira como o perigo me tentava. Eu odiava os mergulhadores locais que também mergulhavam, e voltavam vivos e inteiros, enquanto eu me quebrei nas rochas abaixo.

Eu odiava, odiava, odiava.

Deitei na cama, sentindo o ódio tomar conta de mim como ondas na praia, subindo e diminuindo, me corroendo pouco a pouco. Um dia não sobraria nada.

Charlotte apareceu em algum momento da manhã, dizendo que tinha feito o café da manhã, e se eu gostaria de um pouco, ou preferia minha comida normal? Eu disse para ela dar o fora e não voltar o dia todo.

Eu odiava como falei com ela.

Eu odiava que ela fosse embora.



As horas se passaram e eu não pude fazer nada além de guiar a raiva. Eles me disseram que isso pode acontecer. Durante a minha reabilitação. Eles me ofereceram drogas para controlar meu humor. Tomei uma vez e as oito horas de nada que senti foram as mais aterrorizantes da minha vida. Eu já estava sem visão. As drogas me roubaram emoções, deixando-me entorpecido. Nunca voltei a tomar remédio para o mau humor. Mas naquela manhã, eu provavelmente precisaria de cerca de cem para reprimir o ódio que bombeava em minhas veias em vez de sangue.



Procurei meu pequeno MP3 player especial, modificado com ativação por voz para filhos da puta cegos como eu, e enfiei os fones de ouvido. Eu disse para tocar "*Psalm 69." do Ministry*. Alto. Mais alto. Tão alto quanto eu podia suportar. A música se infiltrou no meu cérebro, e eu esperava que deixasse espaço para mais nada. Em vez disso, alimentou minha raiva a alturas maiores, até que eu me senti pronto para explodir.

E então eu senti. As primeiras pontadas na parte de trás do meu crânio. O monstro, acordando. E não é um lento surgimento da hibernação. O monstro estava ganhando vida com uma velocidade que eu não achava capaz.

Eu disse para a música parar e me sentei rapidamente. Tirei os fones de ouvido e peguei o pequeno frasco de remédio para enxaqueca. Mas eu já estava em pânico, chocado com a rapidez com que a dor estava aumentando. Minha mão encostou no abajur; meu cotovelo bateu no remédio, derrubando o frasco. O medo tomou conta do meu coração e apertou junto com a dor na minha cabeça. Enrolou uma tira de aço em volta do meu crânio, mais e mais. O ódio que vinha marinando a manhã toda rapidamente se transformou em terror.

Eu procurei no chão, esperando desesperadamente que meus dedos se fechassem em torno daquele maldito frasco. Meus dedos tateando não encontraram nada além de piso de madeira, cabeceira da cama e a mesa lateral. Minha respiração ficou ofegante. Minhas roupas ficaram encharcadas de suor. Rastejei até perder toda a noção

de onde estava, e ainda não sentia nada além de madeira. Um grito saiu da minha garganta, fraco sob a dor latejante que era como uma britadeira no meu crânio.

Eu procurei de quatro até voltar para a mesa lateral. Apoiei meus cotovelos nela e me levantei, embora não tivesse ideia do porquê. Sem plano. Meus pensamentos estavam se separando sob a agonia. A tontura me atingiu e bati em algo para segurar e minha mão se fechou ao redor do abajur.

Com um grito irracional, atirei-o através da sala. A base quebrou quando atingiu a parede ao lado do armário, e eu senti como se estivesse quebrando também. A dor estava me atormentando, me despedaçando. Minha garganta emitiu um fluxo baixo e constante de gemidos, enquanto lágrimas e suor escorriam dos meus olhos e minha pele.

Fiquei de quatro novamente, levando a mesa lateral comigo. Ela tombou, machucando a minha coxa. Um pequeno beijo de dor em comparação com a agonia uivante na minha cabeça. Eu rastejei no chão como o patético miserável que me tornei, ainda procurando, ainda não encontrando nada.

Minhas mãos sentiram a madeira dura tornar-se azulejo frio. O banheiro. Delirando agora, perdido em uma névoa feia e aborrecida de agonia, desisti da busca e bati minha testa naquele azulejo, repetidamente; um ritmo constante que mantinha o tempo da batida na minha cabeça. Quanto tempo isso duraria? Este era o fim. Tinha que ser. Minha cabeça explodiu como uma cena horrenda em um filme de terror. Ou eu batia até meu crânio se abrir como um ovo e a dor sair. Estremeci, com meu estômago apertando.

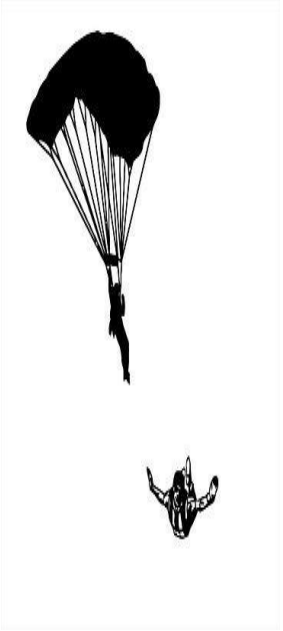
Faça parar... Ah Deus, por favor, alguém faça parar...

— Noah? Ah meu Deus!

Charlotte.



E em algum lugar, por trás da agonia em que ainda conseguia pensar, pensei que era possível que eu saísse desse turbilhão vivo, afinal.



15

Charlotte

— Dê o fora e não volte hoje.

Era como um balde de água fria jogado sobre mim, chocando e me esfriando ao mesmo tempo.

Pensei que ele estava melhorando. Eu pensei que estava fazendo a diferença.

Não deveria ter deixado isso doer tanto quanto aconteceu. Nosso passeio, ele comendo as refeições comigo, quando ele tocou meu rosto... Eu pensei que algo tinha mudado, apenas para descobrir que não estávamos mais longe do que estávamos no dia em que ele gritou comigo por abrir as cortinas.

Desci as escadas até o primeiro andar, dizendo a mim mesma que Noah tinha *"dias ruins"* e que todas as suas emoções não precisavam ser sobre mim. Na verdade, era melhor que elas não fossem. Éramos empregador e funcionária, certo? Nada mais.

Então, por que as lágrimas quentes ardiam em meus olhos? Enxuguei-as com raiva e comecei a fechar a porta do meu quarto, fechar a porta para *ele* e deixá-lo ter seu dia ruim e seu mau humor e sua negação que estava arruinando sua vida.

Eu quase fechei a porta.

Mas eu não fiz. Eu não pude. E é por isso que, algumas horas depois, ouvi o estrondo dois andares acima de mim.



Meu coração disparou a galope e me sentei na cama, com meu livro caindo no chão. A regra de Noah de que eu nunca o ajudaria, não importava o que ecoasse em minha mente, soando tão impossível de cumprir do que quando o ouvi pela primeira vez.



Corri pelas duas escadas, não tendo certeza do que encontraria, mas sabendo que algo estava terrivelmente errado. Quando meu pé atingiu o degrau no terceiro andar, um segundo estrondo soou, este com um baque pesado, marcado por um grito abafado.

A porta de Noah estava fechada, mas eu não me incomodei em bater. Eu a abri e, na perpétua escuridão de seu quarto, vi os restos do abajur de cabeceira contra a parede à minha esquerda, sua base de cerâmica quebrada em pedaços, o abajur danificado, o plugue mutilado por ter sido arrancado da parede. Do outro lado do quarto, ao lado da cama, a mesa de madeira resistente tinha sido virada. Gritos agonizantes vinham do banheiro.

Com o coração na garganta, corri para encontrar Noah de quatro, batendo a testa no azulejo de cerâmica.

— Noah? Ah meu deus! – eu corri até ele e me ajoelhei ao lado dele.

— Faça parar. – ele gritou. — Por favor, ah Deus, faça parar...

— O... ok. Por favor, tudo bem, por favor, não faça isso...

Segurei seus ombros e tentei puxá-lo para impedi-lo daquela pancada terrível. Mas ele estava com muita dor. Isso estava em cada músculo e tendão curvados de seu corpo. Sua camiseta estava encharcada de suor e um zumbido constante de agonia emanou de sua garganta. Finalmente consegui que ele se sentasse contra os armários abaixo das pias, e ofeguei com a horrível cor cinza de seu rosto. Suas longas pernas se contorciam, com as mãos fechadas em punhos e as abria repetidas vezes. Ele começou a bater a cabeça contra os armários atrás dele.

— Uma enxaqueca? – perguntei, sentindo-me frenética. — Onde estão suas pílulas? Você tomou uma das suas pílulas?



Ah meu deus, será que ele não tomou? De todas as tarefas que eu tenho que me lembrar... Mas não, eu tinha verificado seu fornecimento apenas no dia anterior.

Noah estava sacudindo a cabeça. — Não consigo encontrar... o frasco.



Eu não perdi um segundo e corri para o quarto. Fiquei de quatro, buscando freneticamente, e encontrei o pequeno frasco laranja que tinha rolado todo o caminho para o outro lado da cama, escondendo-se de Noah à vista.

Eu peguei e voltei para o banheiro. Noah se levantou, se apoiou para vomitar na pia. Eu corri para ele, firmei-o quando seu corpo paralisou. Ele não comeu nada o dia todo e eu só podia imaginar a pressão que o ar tinha em sua cabeça já doendo. Com certeza, quando ele terminou, soltou um grito abafado e teria caído no chão se eu não estivesse lá para ajudá-lo.

— Estou com as pílulas, Noah. Eu as encontrei. Vai ficar tudo bem. – eu enchi um copo com água da outra pia, espalhando-a por todo o meu pulso. — Apenas aguente firme.

Sua resposta foi gemer e agarrar os lados de sua cabeça como se estivesse tentando impedir que seu crânio se desfizesse.

Minhas mãos tremiam tanto que foi um milagre que tirei a tampa de segurança do frasco. Coloquei uma pílula de cor violeta na palma da minha mão, depois quase a deixei cair na pia. Peguei o copo de água e me ajoelhei no azulejo duro ao lado de Noah.

— Aqui. – eu pressionei a pílula em seus lábios. Sua boca se abriu um pouco, engolindo o *Azapram*. Eu segurei a parte de trás da cabeça dele com uma mão e com a outra segurei o copo na sua boca. — Agora a água. Tome…

Ele bebeu, e eu o observei engolir a pílula, respirando aliviada e rezando para que ele não vomitasse ao mesmo tempo.

— Quanto tempo demora para fazer efeito? – perguntei, tentando manter o pânico da minha voz.



— Não sei... – ele disse entre os dentes, com o rosto com agonia. — Ah, Cristo! – ele bateu a cabeça de novo, repetidamente no armário de madeira, como um horrível metrônomo mantendo tempo para a dor pulsante em seu cérebro.



— Não, não, isso não está certo. – eu disse, com minhas mãos torcendo. — Eu vou chamar uma ambulância...

— Não! – ele se agarrou ao ar. — Não, por favor... não vá embora.

— Mas Noah...

— Vai passar.

— Como você sabe? Já foi tão ruim assim?

— Sim. No início. Por favor... não me deixe.

Mordi meu lábio, insegura, mas um olhar para o rosto de Noah e eu concordei rapidamente. — Claro que não. Não vou te deixar. Eu não vou. Estou aqui.

Eu me aproximei e puxei-o para mim, para embalar sua cabeça contra o meu peito. Entendi que o barulho não era auto-mutável, mas para distrair-se da dor. Eu o balancei e acariciei sua cabeça que estava molhada de suor. Apenas segurei-o e balancei-o, mantendo um ritmo constante que ele poderia se concentrar, e ele se agarrou a mim. Ele envolveu seus longos braços em volta de mim e esperou que a medicação fizesse seu trabalho.

Depois de vinte minutos que pareciam horas para mim, provavelmente mais para Noah, eu senti seus músculos relaxarem de sua tensão em espiral e ele respirou longo e profundamente como se estivesse suspirando de alívio uma e outra vez. Eu não podia imaginar uma dor tão forte que te fizesse vomitar ou querer bater a sua cabeça.

Ele me soltou e caiu pesadamente contra os armários, com seu olhar baixo.



— Ok, eu estou bem. – ele murmurou. — Você pode ir. Estou um desastre. Eu cheiro mal. Você... – ele engoliu em seco e fechou os olhos com força. — Você não precisa me ver assim. Eu só vou tomar um banho e depois dormir. Obrigado. Obrigado novamente por... me ajudar.



Senti lágrimas arderem em meus olhos e pisquei-as antes que ele pudesse ouvi-las em minha voz. — Não vou deixar você, Noah. Você quer tomar um banho? Eu vou te ajudar, mas não vou sair agora só para que você possa escorregar e cair...

— Charlotte...

— *Não*. Vou ficar.

Pensei que ele protestaria novamente, mas ele se recostou no armário, com os olhos ainda fechados e as mãos pendendo frouxamente no colo. — OK.

Balancei a cabeça e soltei um suspiro firme. — Tenho espuma de banho de lavanda. No andar de baixo. Isso ajudará você a relaxar, mas não é forte. Prometo que você não vai cheirar como uma garota ou algo assim.

Ele não respondeu.

Levantei-me e abri a água da banheira. — Você gosta de quente? Fria? Em algum lugar entre os dois? Particularmente, gosto de banhos tão quentes que mal consigo aguentar e depois fico tonta quando saio, mas eu falo por mim. – eu estava consciente de que estava balbuciando como uma maníaca - a enxaqueca de Noah me assustara mais do que imaginei. — Então, hum, água morna?

— Não muito quente. Eu não aguento isso.

Eu fechei a torneira e fiquei de pé. — Eu vou pegar as coisas de lavanda. Não entre nessa água até eu voltar.

Corri pelos dois lances de escadas, para o meu banheiro, peguei o frasco de espuma de banho e corri de volta para cima. Eu estava sem fôlego quando cheguei ao banheiro de Noah, o que foi bom



porque ele estava na pia, gargarejando enxaguante bucal. Ele havia tirado a camiseta encharcada de suor e o suspiro agudo que fiz ao ver seu peito refletido no espelho foi camuflado pela minha respiração ofegante.

Ele foi esculpido em músculos magros - braços, abdômen, peitorais... um corpo simplesmente lindamente masculino envolto em pele lisa. Meu coração parou inexplicavelmente, e meu corpo estava todo quente. Mas desviei o meu olhar rapidamente. Agora não era absolutamente a hora nem o lugar para estar lhe olhando como um pedaço de carne.



— Estou de volta. – eu disse, indo para a imensa banheira e derramando uma boa dose de sabonete de lavanda. Então eu fui para o lado dele. — Está pronto?

Ele assentiu com a cabeça. — Se você insiste.

— Se quiser manter suas, hum… boxers, ou o que for, tudo bem. OK?

— Como se isso importasse. – ele murmurou e tirou a calça esportiva para revelar cuecas boxers. — O que eu vou fazer sobre isso? Você olhar ou não, é tudo a mesma coisa para mim.

— Vou lhe dar sua privacidade. – declarei. — Eu juro.

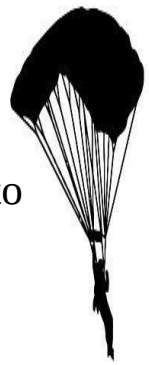
Suas feições suavizaram-se ligeiramente e, com a minha ajuda, ele foi até a banheira, andando devagar, como um homem velho. Na banheira, segurei-o, mas mantive meus olhos desviados.

— Continue.

Ele não disse nada além de tirar a roupa de baixo, e eu mantive minha promessa, mantendo-o à minha vista apenas o suficiente para ajudá-lo na água, onde as bolhas o cobriam até a cintura.

— Como está a água? Boa?

Eu poderia dizer pela expressão em seu rosto que era exatamente o que ele precisava mesmo antes de falar. — Está perfeita. – ele se inclinou para trás e fechou os olhos.



— E a lavanda? Não muito forte para o seu olfato superbiônico, certo?

— Não.

Ele não estava sorrindo - eu ainda tinha que ver isso acontecer - mas ele parecia contente e isso era bom o suficiente para mim. Sentei-me com força, com o pânico e o medo do incidente da enxaqueca desaparecendo de mim também, deixando-me esgotada.



— Você pode ir agora, Charlotte. – disse ele, depois de um momento, com os olhos ainda fechados. — Eu posso me virar.

Ajoelhei-me ao seu lado. — Estou com medo de que você adormeça na banheira. E além disso, acho que você foi deixado sozinho por tempo suficiente.

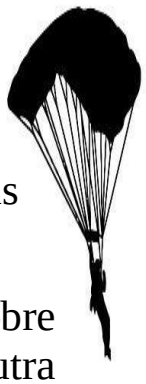
Ele se virou para mim, com o seu olhar pousando no meu queixo. Seus olhos, aqueles belos olhos, estavam úmidos e avermelhados e tentando tanto me encontrar. Mas ele não podia. Ele os fechou e recostou-se, com a boca abaixada.

Senti um aperto no peito, com o meu coração doendo por ele, querendo que ele se sentisse menos anulado do que estava. Deixei-o descansar e mergulhar, e depois de um tempo, ele pegou uma toalha. Ele esfregou o rosto com ele, depois deixou as mãos caírem enquanto ficava mais exausto a cada minuto. Eu limpei minha garganta.

— Posso ajudar?

— Eu tinha mil banhos de esponja no hospital e reabilitação. Eu pensei que tinha terminado. – ele encolheu os ombros e estendeu a toalha. — O que é mais um?

Tentei ignorar a proximidade de Noah, ou o fato de que ele estava nu sob as bolhas, mas minhas mãos estavam instáveis quando estendi a mão para tocar seu rosto. Eu segurei o queixo de Noah e virei-o em minha direção, depois passei gentilmente o pano por sua testa, depois por suas bochechas; primeiro uma depois a outra. Eu



tinha me recuperado há muito tempo da minha corrida pelas duas escadas, mas meu coração estava batendo de qualquer maneira.

Eu terminei seu rosto e lavei seu pescoço, e passei o pano sobre as amplas planícies de seu peito, descendo pelo seu tanquinho e outra vez. Meus dedos sentiram cada músculo definido e arrepios percorreram no meu braço, apesar do calor do banho. Eu estava tentando tratar isso como parte do meu trabalho, mas meu corpo traidor não poderia deixar de responder a ele.



Noah não respondeu nada. Pensei que poderia estar apreensivo que alguma mulher estranha - uma mulher que ele nunca poderia ver - estava tocando nele assim. Mas ele estava cansado, e eu me esforçava para me apressar, para levá-lo para a cama, onde ele poderia descansar.

Lavei os dois braços compridos, começando pelo ombro e depois descendo. Eu segurei sua mão em uma das minhas, lavando seus dedos longos, nenhum de nós disse nada até que eu terminei.

— Eu tenho que esfregar suas costas. – eu disse.

— Eu tenho cicatrizes. Elas são repulsivas.

— Eu não me importo.

Noah parecia exausto demais para discutir e se inclinou para frente. Ele apoiou os braços nos joelhos erguidos, com a cabeça baixa, revelando suas cicatrizes para mim.

Elas eram feias, sem dúvida, mas já tinha visto o horror mutilado e sangrento das feridas originais nas fotos no Google. As cicatrizes não eram nada comparadas a isso; eram meros ecos daquele terrível acidente, permanentemente esculpido em sua pele.

As três marcas que pareciam garras que eu tinha visto eram quase as mesmas aqui, agora brancas e estriadas, subindo pelo lado direito de suas costas, até o couro cabeludo. O lado esquerdo que exigira o enxerto de pele era pior: um retângulo irregular com bordas irregulares que cobriam quase todo o lado esquerdo da parte superior

das costas. O resto de suas costas era uma pele lisa e sem manchas sobre o músculo.

Eu ensaboei o pano e lavei suas cicatrizes com o mesmo cuidado gentil que tive com o resto dele. Eu podia sentir a textura irregular de sua pele por baixo do tecido.

— Isso não dá repulsa em você? – ele perguntou timidamente. — Isso me dá.

— Não. Surpreende-me que você tenha sobrevivido a isso.

Ele bufou. — Surpreende-me que eu quis sobreviver.

Senti um nó na garganta. — O que você quer dizer?

— Lutei muito quando eu acordei do coma ou então teria morrido. Eu deveria ter apenas... deixado fluir. Mas não deixei. Por causa da esperança. Esperança idiota estúpida e sem sentido.

Esperei que ele dissesse mais, mas não o fez e não consegui encontrar nenhuma palavra. Não as certas de qualquer maneira. Ele odiava pena e não havia nada que eu pudesse dizer que tornasse sua perda mais fácil de aceitar. Eu sabia disso em primeira mão. O luto teve que seguir seu curso e isso era tudo o que havia para isso. O meu ainda estava acontecendo e o de Noah também, então guardei minhas palavras. *Estou aqui para ele quando ninguém mais está*, pensei. *Talvez isso valha mais, de qualquer maneira.*

Em vez disso, gentilmente coloquei minha mão em seu ombro, só por um momento. Uma garantia silenciosa de que eu estava lá. E para minha total surpresa, ele colocou a mão sobre a minha. Estava quente da água do banho e úmida e forte de anos escalando pedras e escalando montanhas. Cobriu a minha por alguns segundos e depois deixou cair.

— Você quer que eu lave seu cabelo? – perguntei. Comecei a tocar as ondas escuras e sedosas na parte de trás de sua cabeça, mas ele se afastou do meu toque.



— Não. – ele murmurou, e em seguida, engoliu o ar. — Não, desculpe. As cicatrizes lá... são as piores. Não toque nelas... Por favor.

— Ok, eu não vou. O que você quiser.

— Eu quero dormir, Charlotte. Estou tão cansado.



— Claro. Vamos sair daqui.

Soltei a água e peguei uma toalha da prateleira. Desviei os meus olhos novamente enquanto ajudava Noah a se levantar e lhe dei a toalha. Ele envolveu-a em volta da cintura e eu o guiei para fora do banheiro, para a cama.

— Sente-se aqui e eu vou pegar algo para você usar.

Vasculhei em suas gavetas pela roupa de baixo, uma camiseta e algumas calças leves para dormir. Ele era capaz de se vestir e eu esperei até que ele terminasse, então o ajudei na cama. Ele tocou a cabeceira da cama, tomando cuidado para não bater a cabeça nela e se sentou.

— Descanse um pouco. Vou limpar a pia...

— Não, Charlotte...

— *Sim*. – eu disse com firmeza. — Não é problema.

Ele balançou a cabeça fracamente, com a fadiga arrastando-o para baixo. — Quis dizer... não vá ainda. Fique aqui comigo. Um pouco mais de tempo. Por favor.

Cada parte de mim congelou, exceto o meu coração que estava batendo loucamente. — Tudo bem. – eu consegui dizer, eu subi na cama.

Pensei que isso o chocou um pouco; Ele pensou que eu ficaria e seguraria sua mão, talvez. Mas Chris costumava me dizer que eu nunca fiz nada pela metade.

Deitei ao lado de Noah e segurei-o como no banheiro. Ele hesitou, inseguro, depois cedeu com outro suspiro. Ele envolveu um



longo braço em volta de mim enquanto eu me aconchegava nele, deixando-o descansar a cabeça acima do meu seio esquerdo, contra o meu coração contra o meu coração e eu rezei para que ele não notasse seu ritmo rápido.



— É minha culpa. – ele murmurou. — Trouxe isso para mim mesmo. Essa raiva... está me devorando vivo.

— O que aconteceu? – perguntei gentilmente, acariciando o cabelo ao longo de sua têmpora como fiz quando a enxaqueca o arruinou. — O que aconteceu com você?

Ele ficou em silêncio por um momento e quando ele falou, com sua voz estava cheia da velha amargura e cansada. — Eles me disseram que minha visão poderia voltar quando o meu cérebro se curasse. Talvez um pouquinho. Talvez tudo isso. Eles plantaram a semente e eu só queria... Eu gostaria que eles mantivessem suas bocas fechadas.

— Por quê?

— Porque eu poderia não ter lutado tanto para viver.

Instintivamente, meu braço ao redor de seus ombros se apertou.

— Minhas costas estavam em carne viva, então tiraram um pedaço de pele da minha coxa e colocaram-na nos meus ombros, e a infecção daquele pequeno fiasco quase me matou. Então eles me colocaram em um local de reabilitação no interior da fisioterapia. Não tenho o vocabulário para descrever o inferno que foi passar por toda a reabilitação completamente cego. Mas eu fiz isso. Eu me curei com apenas algumas cicatrizes horríveis, enxaquecas que parecem que o meu cérebro está prestes a explodir, e mudanças de humor incontroláveis. Minhas lembranças. Pensei que se a minha visão voltasse, tudo valeria a pena. Mas…

Mas isso nunca aconteceu, terminei em silêncio.

— E o tempo todo - o tempo todo em que estava me recuperando - as pessoas me disseram que eu tinha sorte. *Sorte*, ele disse entre os dentes, com a raiva dando-lhe um sinalizador de energia.



Acariciei sua bochecha, não querendo que a tensão trouxesse de volta aquela enxaqueca horrível, e ele relaxou um pouco.

— Tive *sorte*. Poderia ter morrido, disseram eles, como se isso fosse algum tipo de lembrete para mim. Poderia estar paralisado ou fazer um vegetal. Eu poderia ter tido danos cerebrais piores, seja ao bater nas pedras ou ao inalar a metade do valor de um oceano de água. Eu poderia ter perdido minha perna para a infecção, eu poderia, poderia ter, poderia ter. E o tempo todo, estou sentado aqui, no escuro, querendo apenas... gritar e nunca parar. Eu ainda me sinto daquele jeito. Mas não posso gritar o suficiente, então eu escuto música muito alto e fico mentindo ao redor odiando todos e tudo e me sentindo tão *sortudo*, porra.

— Você não estava autorizado a chorar pelo que você perdeu. – eu disse suavemente.

A cabeça de Noah levantou, com uma expressão de dor e surpresa em seus traços bonitos, como se o que eu dissesse fosse a última coisa que ele esperava. Seus olhos castanhos foram para a direita e para a esquerda; Eu nunca tinha visto ele tentar tanto me encontrar. Para fazer contato.

— Como você faz isso? Como você sabe o que fazer e dizer para que eu me sinta...?

— Então você sente o que?

— Tudo. Você me faz sentir como se tivesse uma chance em algo mais do que esse tormento.

— Você tem. – sussurrei, com lágrimas nos olhos. — Você tem, Noah...

— Deus, Charlotte. Eu não mereço você. – Sua mão estendeu e segurou minha bochecha. — Não chore por mim. Por favor, não chore. E não me deixe te beijar. Eu não deveria...

Mas ele beijou.

Segurei a minha respiração, com o meu coração batendo loucamente no meu peito, quando Noah colocou seus lábios nos



meus no mais belo beijo da minha vida. Apenas ele me tocando suavemente, docemente, por meio segundo, até que, com um gemido suave, ele se aproximou, para me beijar mais profundamente, mas não menos gentilmente. Eu provei a umidade quente de sua boca, a doce suavidade de sua língua que provou a minha, por um precioso e breve momento. Uma pedra quente e pesada pareceu cair na minha barriga e eu o puxei para mais perto. Para beijá-lo novamente. E de novo. Para beijá-lo a noite toda, porque agora que nós nos beijamos, eu não queria parar.



Mas ele estava exausto. A dor da enxaqueca havia roubado sua força. Ele pressionou os lábios sobre os meus mais uma vez, e então sua cabeça caiu de volta no travesseiro.

— Sinto muito. – ele murmurou, lutando para manter os olhos abertos. — Eu sinto muito. Por cada palavra dura. Toda vez que eu te tratei mal, ou gritei, ou xinguei. Eu sinto muito por tudo isso, e não porque você me encontrou hoje à noite e me salvou, mas porque você não merece isso... minha feiura.

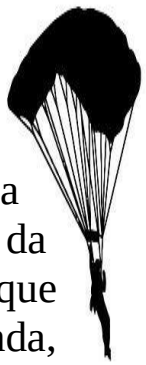
— Você não é feio, Noah. – sussurrei. — Você está sofrendo. Eu compreendo.

Ele balançou a cabeça contra mim. — Você também sente dor e não é como eu. Você não é nada como eu. Você é doce e gentil e me desculpe por ter te beijado. Eu não posso me *impor* a você, Charlotte. – ele suspirou, e eu sabia que o sono estava roubando ele de mim. — Eu não posso prometer que a raiva não vai voltar. Tenho certeza que sim. Mas sinto muito por isso. Lembre-se disso, ok?

Minha visão ficou turva de novo, com os meus olhos ardendo com lágrimas quentes. — Noah…

Mas ele estava acabado. Acabado de falar, de me tocar, acabado de terminar.

Deitei ao lado dele, observando seu rosto relaxar na paz do sono, segurando-o enquanto me permitia. Muito tempo. Então, devagar, para não perturbá-lo, saí da cama e fui embora. Deixei a porta entreaberta para o caso de a enxaqueca voltar e ele precisar de mim.



Lá embaixo, caminhei até o sofá da sala como uma sonâmbula e sentei-me. O crepúsculo cor de caramelo entrava pelas janelas da frente e eu me admirei de que havia luz do dia no céu. Parecia que estávamos trancados juntos por horas e horas. Eu sentei ainda, rigidamente, tentando conter a tempestade de emoções que giravam em mim. Com minhas mãos torcidas no meu colo, eu tive que me mover, conversar, fazer alguma coisa.



Desci para o primeiro andar, para o meu quarto, com minhas mãos trêmulas pegando - e quase soltando - meu celular em algum pânico estranho que me agarrou. Eu ia ligar para meus pais e chorar com eles por Chris. Ou talvez ligue para Melanie e diga a ela que Noah Lake me beijou e que o beijo tirou algo de mim que eu estava mantendo fechado.

No final, liguei para Lucien.

— Alô, aqui é Caron.

— Onde estão eles, Lucien? – eu exigi, com as lágrimas caindo despercebidas.

— Charlotte?

— O acidente não tem nem um ano. Ele saiu da clínica de reabilitação há quatro meses. Onde estão as cartas? As flores? Os telefonemas? Onde estão os amigos, a irmã e os pais dele? Noah disse para irem se foder e eles apenas obedeceram? Nenhuma pergunta foi feita?

— Ah, minha querida menina. Por favor. Diga-me o que aconteceu.

— *O que aconteceu?* – eu podia ouvir a histeria na borda da minha voz e lutei pela calma. *Ele me beijou, Lucien, e agora estou voando quando devo manter meus pés no chão.*

— Ele teve enxaqueca. E foi tão assustador, e ele não conseguiu encontrar suas pílulas, e se eu não estivesse aqui... – eu balancei a cabeça e engoli um soluço. — Ele precisa de *ajuda*. Ele precisou de ajuda por meses, e ninguém além de você se incomodou em tentar.



— E você, Charlotte. – Lucien disse calmamente. — Você está tentando.

— Não eu, Lucien. Ele não precisa de uma garota estranha que ele nunca viu, mas alguém que ele viu antes do acidente. Alguém em quem pode confiar. Mas todos desistiram dele, não foi?



— Eles fizeram o melhor que podiam. – disse Lucien, com sua voz pesada, mas também calmante. — Você está bem? Você precisa de mim para ir até você? Eu vou…

Funguei e limpei meu nariz na minha manga. — Não, eu estou bem. Desculpe-me por surtar com você. Eu só… fiquei um pouco chateada.

— Está perfeitamente bem. O que não está bem é ouvir você tão perturbada. Se for demais para você, eu te libero do seu contrato, sem perguntas. Sem consequências.

— Então, eu seria como todo mundo. – eu engoli o ar até que eu estava calma novamente, e envergonhada pela minha explosão. — Eu não vou desistir dele, eu prometo, só vou fazer o meu trabalho, mas não posso...

— Não pode o quê?

Quase disse a ele que eu não poderia me aproximar de Noah assim de novo. *Já é tarde demais. Estou com medo de que é tarde demais.*

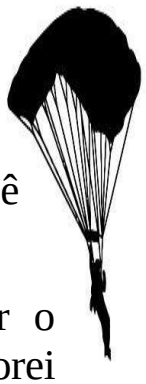
— Nada. Realmente sinto muito se assustei você. De verdade. Não sei o que aconteceu comigo. Eu deveria desligar.

Houve uma pausa e então Lucien disse: — Vou desligar este telefone, Charlotte, mas só se você tiver certeza de que está tudo bem.

— Eu estou bem, eu juro.

— E Noah?

— Ele está bem agora. Dormindo. Vou ficar no quarto de hóspedes no terceiro andar para poder ouvi-lo se a enxaqueca voltar.



— Obrigado, Charlotte. Eu não posso te dizer que paz você traz para o meu velho coração.

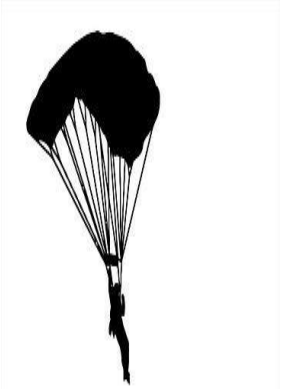
Desliguei o celular com o Lucien, desejando poder dizer o mesmo. Em vez disso, deixei o telefone cair da minha mão e chorei até que o terrível medo da enxaqueca de Noah se desvaneceu.



Minhas lágrimas secaram, ardendo pela horrível percepção de que, se eu não estivesse aqui, Noah teria estado em apuros. Talvez do pior tipo.

Eu disse a Lucien que não ia desistir de Noah, mas prometi fazer melhor que isso. Eu faria tudo o que pudesse para ajudá-lo, para aliviar sua dor quando ninguém mais está tentando.

Uma porta se abriu e eu passei por ela e não havia como voltar atrás.



16

Noah

White Plains, Outubro...

"É isso aí. Você está quase lá."

Meus ombros doíam, os tendões de meus antebraços doíam enquanto arrastava as barras paralelas em um passo lento e arrastado de cada vez. Minhas pernas moviam, mas apenas pela pura força de vontade, e meus pés mal conseguiam sustentar meu peso. O suor escorria do fim do meu nariz, percorreu em minhas costas, grudando na minha camisa. Gemi e deslizei minha mão direita mais um centímetro ao longo da barra, depois à esquerda. Meu braço direito se dobrou e eu quase caí. As mãos de Harlan seguraram minha cintura por trás.

"Vamos." murmurei. Rangi os dentes, concentrado. "Solte." As mãos do terapeuta recuaram.

Eu me levantei de novo e continuei a jornada agonizante através das barras paralelas. Ouvi Harlan aparecer na minha frente e quando cheguei ao fim, desabei contra ele. Ele me moveu para o tapete. Eu imaginei que fosse azul. O uniforme de Harlan era branco. Sua pele era marrom.

Deitei de costas, berrando como um touro.



"Você nunca desiste." disse Harlan, juntando-se a mim no chão. "Isso vai fazer você passar por isso, meu homem. Mais do que nada."

Ele estava errado. Eu não me forcei a passar por isso. Não havia nada para "passar". Nenhuma luz no fim do túnel, proverbial ou não. Eu me esforcei porque o desamparo era intolerável. Meus olhos estavam danificados - ou a parte do meu cérebro que traduzia para eles estava quebrada - mas eu faria meu corpo voltar a como era nem que isso me matasse. Eu poderia controlar isso, pelo menos.



Um breve silêncio me disse que Harlan estava me observando. "Você quer falar de uma mudança? Tirar alguma coisa do seu peito?" Ele deu um tapinha amigável no meu ombro.

Encolhi os ombros. "Não."

"Tudo bem. Vamos alongar você antes que fique tenso. Bem aqui. Economizar um passeio na sua cadeira favorita."

Que comediante, esse Harlan. Mas ele estava certo. Quando eu pudesse andar normalmente de novo, eu tinha grandes planos de empurrar a cadeira de rodas de uma janela ou jogá-la um lance de escadas. Eles nunca me deixariam, é claro, mas um cara poderia sonhar.

Harlan esticou minhas pernas, trazendo meus joelhos até meu peito, um de cada vez. "Empurre para trás", disse ele, com uma mão na parte inferior do meu pé e meu joelho dobrado.

Empurrei para trás contra a pressão de Harlan, sabendo que ele estava indo com calma, sabendo que, se ele quisesse, ele poderia enfiar minha própria rótula no meu nariz e não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso. Claro, que nem sequer passou por sua cabeça. Harlan era um cara legal, mas eu o odiava do mesmo jeito.

Enquanto passávamos pelos movimentos 'fáceis' da minha fisioterapia, minha mente vagou e eu procurei no escuro infinito na minha frente por alguma coisa. Um tom mais claro. Um pouco de cinza. Um cisco flutuando no dossel. Qualquer coisa.



"Qualquer coisa."

"O que, chefe?"

Porra. Não queria dizer isso em voz alta. Eu estava cansado, acho. O pesadelo da noite anterior tinha me degradado. Ou a fisioterapia. Ou a raiva implacável nisso tudo que estava me deixando para baixo, me fazendo descuidado.



Levantei meu queixo, mentalmente preparando meus lábios e língua para fazer o que deveriam fazer. "Qualquer... coisa... seria melhor... do que nada." Eu passei a mão sobre os olhos para mostrar o que eu queria dizer.

"Ei!" Harlan disse. "Seu sermão está vindo rápido, meu homem! Mas o que você está me dizendo? Você prefere ter algo para olhar? Sim, eu ouço você. Mas tem sido o que... dois meses? Eles dizem que há uma chance?"

"Sem... chance."

"Sim, isso é difícil, chefe. Mas se tivesse uma pequena neblina ou um borrão, seria pior."

Não pode ficar pior, eu queria gritar. Só meu corpo não conseguindo uma recuperação completa seria pior e eu não toleraria isso de qualquer forma. Eu me jogaria com a minha cadeira de rodas pelas as escadas.

"Pior?" Eu exigi.

Harlan se inclinou e esticou as minhas pernas, que perpetuamente pareciam ter adormecido e estavam lentamente acordando. Irritante. Ele falou o tempo todo, com sua voz tranquila e bonita preenchendo os espaços escuros do meu novo universo.

"Digamos que, em vez de nada, você ficou com um pouco de desfoque ou sombra. Nada mais, nada menos. Toda manhã você acordaria e imaginaria uma melhora. Está mais brilhante hoje? A sombra está levantando?"

Eu podia imaginá-lo balançando a cabeça, com o cabelo não muito grisalho, mas chegando lá.

"O escuro sem fim, isso é uma ferramenta. Uma ferramenta que você deve usar para aceitação."

"Besteira."

Disse essa palavra tantas vezes que sempre saía perfeitamente.

"A esperança é uma coisa maravilhosa.", disse Harlan. "Eu nunca direi a alguém para desistir da esperança, e você tem muito para ter esperanças, mesmo que você não ache agora. A esperança é o talvez. É gradações de preto em vez de apenas preto, e não é isso que você tem agora, Noah. O que tem é certeza. E às vezes, isso pode ser tão poderoso. Melhor mesmo. É honesto. Não um talvez, só a verdade."

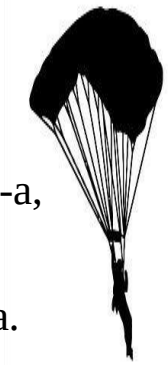
Ele colocou a mão no meu ombro novamente. "Você tem que decidir quando desistir."



Essas palavras vieram a mim nas primeiras horas da noite, depois da enxaqueca.

Esperança. *Esperança* do caralho. Ela simplesmente continua vindo, vivendo e crescendo, de modo que quando a mulher que você compartilha sua casa acaba por ser tão fisicamente bela como ela é em seu coração e espírito; Quando você descobre que ela tem um gosto tão doce quanto sua natureza, você pensa: *Talvez*.

Talvez o que disse para ela fosse uma mentira. Talvez eu pudesse ser o que ela merecia. Talvez pudesse fazer o mesmo esforço de apertar os dentes e suor que coloquei na minha fisioterapia, e canalizar isso para a vida cega, para que ela não tivesse que estar constantemente limpando atrás de mim, ou arrastando minha bunda para fora de casa. Meu escuro sem fim nunca iria embora. Isso era



certo. Mas beijar Charlotte foi uma explosão de luz cruzando-a, como um cometa.

Talvez. Talvez seja escalas de escuridão. A mais doce tortura.

Talvez seja esperança.





Quando acordei de novo, foi com rangidos no assoalho.

— Charlotte? – murmurei sonolento.

— Hum, oi. – ela soava suave e doce, mas nervosa também. — Desculpe acordá-lo. Só queria ver você. Como você está se sentindo?

Eu me arrastei para sentar contra a cabeceira da cama e passei a mão pelo o meu cabelo. — Eu me sinto como se tivesse sido atropelado por um caminhão.

— Você não comeu nada ontem. Gostaria de alguma coisa? Algo leve? Eu faço um bom suco de coco com abacaxi.

Eu estava cansado de pessoas fazendo tudo por mim. Tão cansado disso. — Sim, tudo bem. – eu disse timidamente. — Isso parece ótimo. Obrigado.

— Eu volto já.

Eu a ouvi sussurrando na cozinha, depois o barulho do liquidificador, e então ela voltou, e o aroma de abacaxi se misturou com seu próprio aroma de baunilha.

— Aqui está.

— Obrigado. – eu disse baixinho, e tomei um gole do copo frio que ela pressionou na minha mão. — É bom.

Eu ouvi o sorriso em suas palavras. — Minha mãe me ensinou. Claro, que ela sempre usava abacaxi fresco quando nós conseguíamos, o que não era comum em Montana, posso lhe dizer,



mas não posso cortar um desses sacanas adequadamente para salvar minha vida. O tipo embalado e congelado é mais fácil. Espero que você não se importe.

— Eu não me importo.

Um silêncio caiu e então a ouvi respirar. — Ok, bem, hum, você precisa ou quer mais alguma coisa?



O que eu precisava, percebi, era tirar minha bunda da cama, sair deste quarto. Por ela. Por mim também, suponho, mas principalmente por ela. Eu não tinha nada para dar a ela, nem uma coisa, mas eu podia fazê-la se sentir bem sobre seu trabalho. Isso eu poderia fazer.

— Charlotte?

Ela parou e virou-se. Eu ouvi a voz dela subir levemente. — Sim?

— Eu gostaria de dar um passeio hoje, se você estiver disposta a isso. Se você estiver livre Talvez por volta do meio dia?

— Hum, sim… sim! Claro. Eu poderia arrumar um lanche para nós. Nós poderíamos comer no parque?

Comendo entre outras pessoas. Não é minha coisa favorita. Mas ela parecia tão... feliz.

— Certo. O que você quiser.

— Certo, ótimo!

Ela estava falando comigo de forma diferente. Nosso beijo estava bem ali em seus lábios, colorindo as suas palavras, fazendo-a sorrir.

Seu estúpido, homem estúpido.

Charlotte não precisava das minhas investidas patéticas e a minha versão doentia de romance. Eu não estava pensando claramente na noite passada. Eu estava com dor e depois exausto em cada fibra do meu ser. Eu era o chefe dela. Ela era minha funcionária. Mas a lembrança de seus lábios macios nos meus

continuou rolando como uma bola de boliche, derrubando minhas pequenas razões, uma após a outra e eu não podia deixar isso acontecer.

Foda-se a esperança. Como Harlan disse, a certeza é melhor. E não havia certeza maior do que eu disse a ela ontem à noite sobre infligir minha feiura a ela. Eu prometi a ela que não faria isso e eu quis dizer isso.

Eu comecei a dizer a ela que talvez uma caminhada não fosse uma boa ideia, mas ela já estava saindo da cama. — Eu vou arrumar tudo e encontrar você quando estiver pronto. – ela estava sorrindo para mim. Eu não tinha que ver, eu podia sentir isso.

Quando ela se foi, caí de costas contra os travesseiros. — Porra.



Tomei um banho rápido e cuidadoso e me vesti. Todo o processo levou quase quarenta e cinco minutos. A velocidade, parecia que não era mais minha coisa.

Engole essa, floco de neve. Esses dias acabaram com um O maiúsculo.

Desci, pronto para dizer a Charlotte que eu mudei de ideia. Que eu não queria uma caminhada depois de tudo. Mas o que eu poderia fazer? Ela era minha assistente, e eu não podia ficar nesta maldito sobrado por mais um minuto.

— Fiz um lanche leve. – disse Charlotte, e eu ouvi o rangido do vime. Uma cesta de piquenique. — Sanduíches, frutas, queijo, vinho…

— Isso parece muito com um piquenique Francês. Lucien aprovaria.

— Vinho tinto está bom? Algumas pessoas são exigentes. Pensei que não era preciso checar.



— Traga o que você quiser. Eu não bebo.

— Ah, você não bebe? Não... nada?

— Nunca bebi. A maioria dos caras do *Planet X* se divertiu bastante, mas eu nunca fiz isso. Sem drogas e sem álcool. Eu sempre quis que meus momentos fossem naturais e nunca perdesse um dia para uma ressaca.



— Ah.

— Mas vá em frente. – eu disse rapidamente. — Eu não sou um idiota sobre isso. Isso não é só para mim.

— Outra hora. – disse ela. — E talvez seja melhor eu ficar sóbria, já que vou estar levando você através de ruas movimentadas e tal.

— Sem argumento meu aí.

Ela bufou uma risada. Eu a ouvi remexer na cesta e depois no tilintar de vidro enquanto colocava uma garrafa na mesa de café. — Bem, a cesta ficará mais leve, de qualquer maneira.

Eu segurei minha mão. — Eu vou carregá-la.

— Ah, hum, tem certeza?

Um pouco de irritação passou por mim. Não com ela, mas eu estava reduzido a alguém que não podia confiar em carregar uma porra de uma cesta e andar ao mesmo tempo. — Sim. – eu disse uniformemente. — Tenho certeza.

— É claro. – ela disse rapidamente, e então o doce aroma dela ficou mais forte quando ela se aproximou. Ela apertou a alça da cesta na minha mão. — Aqui está.

Eu segurei com a minha direita e o braço dela à minha esquerda, e ela me levou para as escadas.

— Ah! Você trouxe seus remédios para enxaqueca?

— Não. Não pensei nisso.



— Bem, você é um homem do mundo agora. Melhor prevenir do que remediar.

Homem do mundo? Deus, que bobinha. Uma bobinha doce e sexy.



Ela subiu e eu desci o último lance de escadas, para esperá-la no hall de entrada, tentando o máximo para não pensar em nosso beijo.

— Aqui está. – disse ela, descendo as escadas. Ela apertou o frasco de comprimidos na minha mão e sua pele tocou a minha, e até mesmo isso...

— Pronto? – Charlotte disse, com sua voz como um sol de otimismo.

Nós saímos.



A cesta no meu braço me fez sentir menos capaz de me defender de obstáculos invisíveis, e eu comecei a ver porque pessoas como eu usavam bengalas.

Sim, e anunciar a todos como você é impotente? Não, obrigado.

Charlotte descreveu o cenário quando nós chegamos. Na minha opinião, uma cena em branco lentamente se tornou habitada por táxis, carros, prédios e árvores. Minha memória de Nova York se misturou com as palavras de Charlotte. Não era tão bom quanto o real, é claro, mas ajudou.

Ela era boa em me guiar para longe de obstáculos como calçadas irregulares e meios-fios. Cristo, eu costumava ziguezaguear nas montanhas onde as rochas se escondiam sob a neve como minas prontas para explodir os meus ossos. Agora, uma rachadura na calçada poderia me deixar enviar para o espaço. Que ridículo.

A raiva surgiu, mas eu a engoli, jurando que Charlotte nunca teria que suportar eu rosnando para ela novamente.



— Estamos no parque agora. – disse ela. — Em *Strawberry Fields*. Você já esteve aqui?

— Não. Bem, talvez. Uma das babás pode ter trazido minha irmã e eu aqui. Eu não posso dizer com certeza.



— Tenho certeza que você se lembraria. É o memorial para John Lennon? Com a grande *Imagine* abrindo a rua?

— Não me soa familiar.

— Você gostaria que eu descrevesse isso?

— Claro, obrigado.

Charlotte descreveu o caminho pelo parque e depois a placa preta e branca de *Imagine*. Ela disse que estava repleto de flores coloridas que as pessoas abandonaram por respeito. Eu ouvi outras pessoas; vozes, passos, cheiros e o frio da sombra sobre a minha pele.

Nós caminhamos e Charlotte nos levou para fora da sombra e em uma clareira que não era exatamente privada, mas ela nos encontrou um pedaço de grama no sol. Eu a ouvi desenrolar uma toalha que ela deveria estar carregando sob o braço esquerdo. Nós nos sentamos e enquanto ela tira a comida, aquela sensação de coceira e de olhares se apoderava de mim.

— Está lotado aqui. – eu disse.

— Não é tão ruim. Provavelmente parece isso para você, mas a pessoa mais próxima está a uns bons seis metros de distância.

Eu assenti.

— Ninguém está te observando, eu juro. – acrescentou ela e pressionou um sanduíche na minha mão.

Comemos e conversamos sobre nada em particular, e foi o melhor dia que tive desde o acidente... e ainda assim me senti estranhamente oco. Como se a paz e o contentamento do dia estivessem fora do alcance e eu não soubesse - na minha eterna escuridão - qual o caminho para agarrá-los.



— Você está bem? – Charlotte perguntou.

— Eu não sei. Estou tão acostumada a me sentir chateada o tempo todo e agora me sinto um pouco entorpecido.

— Talvez seja uma coisa boa.



— Talvez. Parece como fracasso. Não devo me enfurecer e sentir raiva contra a morte da luz?

— Ah, amo Dylan Thomas. Acho que você é um dos "homens selvagens" desse poema. – eu ouvi o sorriso gentil em suas palavras. — Isso soa como você.

— Fui. – eu corrigi. — Fui eu. Não mais.

Ela se mexeu na toalha ao meu lado. — Ainda é você. Apenas outra versão. Noah 2.0.

Ela estava tentando me animar, mas a parte de mim que ria e sorria estava quebrada. Talvez além do reparo.

— Eu não sei, Charlotte. Estou esgotado agora. A enxaqueca chutou minha bunda, e estou meio que sentindo falta da dor. Mas ela pode voltar e a raiva com isso. Eu não quero que você tenha que aturar isso. Como eu disse, você não merece isso.

— Ah, eu sou muito mais forte do que parece.

Eu me virei em sua direção, desejando como o inferno que eu pudesse ver seu rosto. Eu menti para ela quando disse que as minhas mãos não tinham me dito como ela era. Eu não tinha "visto" o suficiente para formar uma imagem concreta, mas o suficiente para saber que ela era linda. Cristo, claro que era. Com seu exterior refletindo a beleza interior. *É por isso que eu tenho que salvá-la da porra do naufrágio que eu sou.*

— Charlotte, sobre a noite passada… eu não deveria ter te beijado. Isso foi um erro e errado e provavelmente ilegal de alguma forma, dado que sou seu empregador. Eu estava apenas... consumido pela enxaqueca e não pensando claramente.



— Ah. Sim, não, é claro. – ela disse, e eu ouvi a grama chegar ao fim quando ela a arrancava impiedosamente. — Eu entendo. Foi... uma situação intensa.

— Sim, intenso. E teria sido muito pior se não fosse por você. Acho que estava embriagado de dor e exaustão. Resumindo, me desculpe. Isso não vai acontecer novamente.

Eu soltei uma respiração lenta. *Então isso é uma droga.*

— Ok. – disse Charlotte, com a sua voz soando estranha e distante. Eu não sabia se ela estava aliviada, indiferente...

Ou talvez até decepcionada.

Ela inalou como se fosse dizer mais, mas imaginei que mudou de ideia. Eu ouvi um rangido na cesta de vime.

— Eu trouxe um livro.

Eu me recostei em minhas mãos. — OK.

— Você pode estar cansado de ouvir outras pessoas lendo com todos os seus audio books, mas eu pensei que você poderia gostar deste.

Ela estava certa; Eu já estava cansado dos audio books. Eu queria ler palavras em uma página, mas qual era a minha alternativa? Aprender braille? Exausto somente por contemplar.

— Qual é o livro?

— *A Origem do Silêncio*, de Rafael Melendez Mendón. Já ouviu falar dele?

— Soa vagamente familiar.

— Ele é muito bom, e este é o mais recente dele. Aquele com a qual ele meio que estreou quando saiu de seu exílio auto-imposto.

— Ah sim? Exílio?

— Ele morava em São Francisco, sozinho, escrevendo livros premiados e ninguém sabia quem ele era. Então ele publicou este, *A*



Origem do Silêncio, e meio que ressurgiu no mundo... – Sua voz mudou, ficou pesada. — Sinto muito, acabei de perceber como tudo isso deve soar para você.

— O que você quer dizer? Um recluso escondido em uma cidade grande? – eu ligeiramente fiz uma expressão estúpida. — Não vejo uma conexão.

Ela riu. — Eu não quis dizer nada. É muito bom mesmo.

— Você já leu isso?

— Sim, mas estou disposta a ler de novo, é tão bom.

— Tudo bem, vamos ouvir.

— Sim?

— Sim.

Deitei-me na toalha e escutei sua voz desenrolar a história de um sujeito chamado Eduardo que viaja para a América do Sul e descobre a Cidade da Meia-Noite - uma cidade arruinada no meio da selva e aparecendo apenas à noite. No final do capítulo dois, Eduardo está preso lá, e se depara com o governante da cidade - um homem frio e de coração amargo que também parece ser o gêmeo idêntico de Eduardo.

Mergulhei na história, surpreso com a forma como esse cara de Mendón conseguia tecer suas palavras com tanta perfeição - para formar uma imagem inteira aparentemente sem esforço, enquanto também contava uma história por trás das palavras. Sua capacidade de criar subtexto e alegoria era insana. Eu podia acreditar que ele era um ganhador de prêmios e me perguntava como o perdi em toda a minha mania de pedir áudio books.

— O que você acha? – Charlotte perguntou depois de um tempo. — Muito bom, certo?

— Muito bom. – eu disse secamente. — Da mesma forma que Picasso era um bom pintor.



— Sim, Mendón não é muito pobre. – Uma pausa. Eu ouvi mais grama sendo arrancada. — Você não me disse que gostava de escrever também? Para a revista?

— Sim.

— Li um dos seus artigos. Ok, li mais de um. Um pouco. Você é muito bom, Noah.



— Obrigado, Charlotte. Eu não era ruim, eu acho. Meu editor, Yuri Koslov, sempre insistia em mim sobre isso.

— Por ser bom?

— Ele me xingaria em russo e depois diria...

— Diria o quê?

— Deixa pra lá. Eu vou soar como um idiota arrogante.

— Diga-me! Vamos. Não está se gabando se é a verdade.

Eu senti o calor crescer no meu peito com suas palavras. Eu não falei muito sobre minha escrita. Eu sempre estive muito ocupado com os esportes para pensar muito nela, mas era meio que orgulhoso dos meus artigos. E eu tinha que admitir, uma parte de mim queria que Charlotte ficasse orgulhosa também.

— Ok. Yuri dizia: *"Você está sendo melhor que o assunto. Pegue leve ou escreva um livro, mas se você fizer o segundo, eu começo a publicar."*

— Noah! – Sua voz estava saturada de surpresa agradável, e eu poderia ter abraçado ela. Ou a beijado novamente. Beijado-a até estarmos embriagados um do outro.

— Faça isso! – ela gritou.

— Fazer o que? Escrever um livro?

— Por que não?

— O que eu escreveria? *Toda A Luz Que Não Posso Ver?*



— Cativante. Os advogados de Anthony Doerr podem discordar, mas eu gosto disso.

Claro, Charlotte sabia da referência. Ela era esperta. Ela leu muito, assim como eu. Ela tinha uma dor profunda que não conseguia abalar - medo do palco - como eu. E tudo o mais que eu gostava nela, eu gostava porque era exatamente o oposto de mim.



Ela cutucou meu joelho, e eu juro por Deus que senti na minha virilha. — Pensará sobre isso, não é?

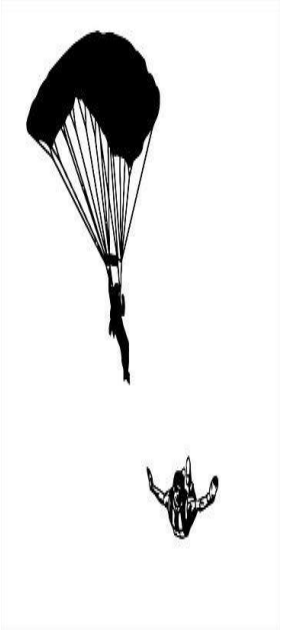
Ao contrário de mim, Charlotte sabia exatamente quando deixar um assunto de lado e retomou a leitura do livro de Mendón. Mas eu não estava realmente ouvindo. Quando meu sangue esfriara de seu breve toque, pensei no velho ditado: escreva o que você sabe. O que eu sei? Escuridão. Que perder a minha visão me fez sentir preso no meu próprio corpo. Fúria, sofrimento e ódio. Um futuro mais do mesmo.

Senti as sombras crescerem e roubar a luz do sol da minha pele. Uma mão macia no meu braço; Charlotte parou de ler.

— O que você pensou sobre isso?

Minha vida ou o que resta dela.

— Absolutamente nada.



17

Charlotte

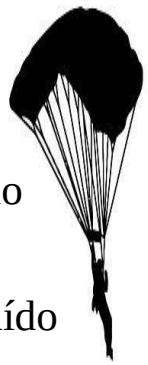
Na sexta à noite, eu estava ansiosa para sair. Melanie estava fora da cidade visitando seus pais com sua namorada, Sasha; Anthony passava o fim de semana com sua nova namorada em *Washington* e Regina vem me ver a semana que vem. Eu me vi vagando pelo sobrado, debatendo se deveria ou não subir e perguntar a Noah se ele queria se aventurar. Não como um encontro, claro. Não, apenas como amigos. Ou uma saída social depois do trabalho, já que ele deixara claro que éramos apenas funcionária e empregador. Como deveria ser. A última coisa que eu precisava era ter meu coração pisoteado de novo.

E Noah não era certo para mim de qualquer maneira. Alem do amor à leitura, não tínhamos nada em comum. Ele era rude e de língua afiada, e tenho certeza de que se me visse quando enxergasse, não teria dado a uma garota como eu uma segunda olhada.

— É melhor assim. – eu murmurei para mim mesma. — Eu não posso levar outro golpe.

Eu deveria ter sido consolada por esse fato. Em vez disso, apenas pensei em seu beijo, em suas mãos no meu rosto, suas palavras... *Para ter o amor de alguém como você*. Eu coloquei minha mão no meu coração como se eu pudesse massagear a pequena dor que vivia lá.

Vaguei para o segundo andar. Eu ouvi Noah acima, no escritório e academia, levantando pesos e, depois, correndo na esteira a uma velocidade que tinha certeza que não era seguro, mesmo para as



pessoas que podiam ver. Isso fazia parte de sua rotina normal. Não tão normal foi o que veio depois.

Eu estava na cozinha, fazendo um lanche quando ouvi o ruído lento e metódico de uma velha máquina de escrever.



Noah está digitando? Quando não consegue ver o que está fazendo ou lê-lo depois?

Pensei em nossa conversa em *Strawberry Fields*. Ele gostava de escrever. Ele tinha sido bom nisso. Um raio de sol de otimismo surgiu no meu peito. Isso era algo que ele podia fazer e parecia que ele estava disposto a tentar. Mas não em uma máquina de escrever.

Eu corri até o meu andar e liguei meu laptop. Levou apenas um minuto para encontrar o software para os deficientes visuais que lia telas, falava palavras escritas e tinha todos os tipos de sinos e apitos ativados por voz. Podem ser usados com teclados em braille ou normais e não exigem computadores especiais; eram compatíveis com qualquer coisa. E eles eram caros. O melhor que pude ver foi US$ 450.

Eu vou ligar para Lucien amanhã. Eu vou mostrar isso para ele. Quando é o aniversário de Noah? Ele está muito longe. 1º de Novembro. Um Escorpiano. Debochei com um sorriso. Isso explica muito.

Esses pensamentos correram pela minha cabeça até que um texto de Melanie tocou no meu celular.

Bem? Como foi?

Eu fiz uma careta de perplexidade e quase mandei uma mensagem de volta: *Como foi o que?*

E então isso me atingiu. A Filarmônica. A audição. Eu perdi a audição. Eu tinha esquecido tudo sobre isso.



A voz de Chris ecoou em minha mente. *"Primeiro Juilliard, então a Phil!"*

Ah meu Deus, como eu esqueci essa audição? Como eu deixei esse tipo de oportunidade escapar pelos meus dedos?



Minhas mãos tremiam quando fechei meu laptop. Também desliguei o celular, sem responder a mensagem de texto de Melanie, e subi na cama. Noah estava certo. Eu estava desperdiçando meu tempo. Eu deveria estar tocando com meu violino, e se pelo menos não tentasse encontrar aquela voz, poderia perdê-la para sempre. Eu tive que me enfurecer contra a morte da minha própria luz, ou então colocar meu violino em um armário e nunca tocá-lo novamente.

Prometi dizer a ele que precisava começar a procurar seriamente por um lugar em algum lugar. Talvez eu ainda pudesse trabalhar aqui meio período e eles poderiam me cobrar aluguel.

Ou você pode ficar séria e pedir demissão.

Mordi o meu lábio e me enfiei mais profundamente sob as cobertas. Eu odiava o pensamento, mas Lucien não disse que a melhor coisa a fazer era raramente o mesmo que o mais fácil? Mas eu tenho que escolher?

Eu caí em um sono profundo, no qual sonhei que estava tocando no palco, sozinha, e a única pessoa na plateia era Noah.

Na manhã seguinte, eu estava no terceiro andar, limpando e arejando os quartos de hóspedes vazios, e o escritório/academia. Na escrivaninha, estava a máquina de escrever que eu ouvira na noite anterior. Noah deve ter tirado de algum armário desde que eu nunca vi isso antes. Era uma clássica, elegante e preta com a palavra *Corona* gravada em dourado elegante na frente.

Havia papel ainda dentro. Com a escrita.

Não faça isso, pensei enquanto meus pés me aproximavam. Eu tive que espanar a mesa; isso fazia parte dos meus deveres. Meus olhos se voltaram para o papel uma vez, duas vezes, então me sentei na cadeira, atraída pelas palavras, datilografadas perfeitamente apesar



da cegueira de Noah. Ele deve ter sido um excelente datilógrafo, nos seus dias no *Planet X*; não era um *"atleta idiota"*, e aqui estava a prova.



Capítulo?

Certa vez, quando estava no Peru, fui até Machu Picchu, como todo mundo faz. Só que não subi o pequenino Huayna Picchu com quatrocentos outros turistas. Subi o grande, o Cerro Machu Picchu, com 1.600 pés de altura. Não foi o pico mais alto que já subi; nem mesmo perto. Mt. Everest Base Camp tem essa distinção. Mas o Picchu não era a trilha mais fácil: caminhos sinuosos e íngremes e florestas densas e abafadas. Era hora de verão. Dezembro. 25 de dezembro para ser preciso. Cheguei ao pináculo sozinho, por volta das três da manhã, e eu esperei o sol nascer. Um presente de Natal para mim mesmo.

Eu estava em missão para o Planet X e tinha minha SLR[26] *digital pronta. Mas quando os primeiros raios surgiram no horizonte a leste, aquela câmera de US$ 6000 quase saiu de minhas mãos.*

A luz surgiu primeiro como um brilho fundido através de uma névoa espessa. Imaginei um deus perdido, vagando pela terra e levantando a lanterna, procurando como eu, algo que ele nunca encontraria e não se importaria, porque era a jornada que importava. Sempre a jornada. A emoção da descoberta, das fronteiras e extremidades, de novos horizontes.

A luz tornou-se mais clara, espalhou-se pelas rachaduras e desfiladeiros das montanhas que circulavam e coloriu o céu em tons de violeta, laranja e dourado.

Eu observei a luz ficar mais forte, até que parecia que todo o Peru - todo o mundo - estava aos meus pés. As montanhas, envoltas em verde, me cercaram por todos os lados, desafiando-me a subir e a

---

[26] ***SLR: é a marca da câmera dele.***



ver o que havia além. O rio Urubamba passava através do verde abaixo como uma cobra albina, e as famosas ruínas eram apenas arranhões contra a montanha da minha vista.

A beleza dela roubou minha respiração e fez meu coração doer de uma maneira que não conseguia explicar. Eu tenho o meu juízo o suficiente para tirar algumas fotos, mas eu não queria ver isso se desdobrar através de uma lente. Eu queria ver com meus próprios olhos. Saborear. Não era apenas um novo dia, era o epítome de todos os novos dias, como se o mundo não existisse até que a luz o tocasse, e então tudo era meu.

Só meu.

Isso foi há três anos, e naquela época eu havia experimentado dezenas de corridas que desafiavam a morte – levando a adrenalina que me deixaram fraco, rindo e cheio de triunfo. Nenhum era comparado àquele momento, sentado sozinho naquela montanha.

Depois do acidente, eu pensei que nunca conheceria o tipo de felicidade pura e inalterada que eu senti no Peru novamente. Isso perdeu-se para mim quando as rochas roubaram minha vista. Essa euforia de possibilidades infinitas se foi para sempre.

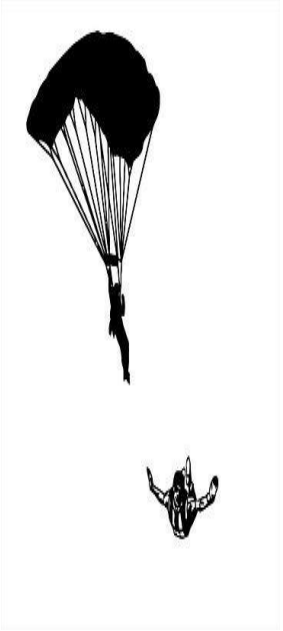
E então eu conheci Charlotte.

Respirei fundo e saí da cadeira como se tivesse levado um choque. Eu me virei e sabia que veria Noah atrás de mim, rosnando de raiva por eu bisbilhotar. Mas a porta e o corredor estavam vazios.

Lentamente, sentei de novo na cadeira e li o último parágrafo, repetidamente, tentando decifrar seu significado. Noah queria dizer que eu estava ajudando ele a sair de casa mais, só isso. Certo?

— Uma euforia de possibilidades sem fim. – eu murmurei, e um sorriso espalhou-se pelas minhas bochechas junto com o brilho quente que floresceu no meu coração.

As palavras encheram a minha mente, e qualquer ideia de resignação evaporou.



18

Noah

Na semana seguinte, eu tentei manter alguma distância entre Charlotte e eu; Eu não andava com ela nem comia todos os dias, mas os dias em que não passava eram pequenas partes do inferno a serem esperadas até que eu pudesse dormir em uma hora que fosse aceitável na sociedade normal. Mas até os dias passados com ela estavam me desgastando. Nós voltávamos de um passeio, e eu a ouvia tocar, e então eu voltava para o meu quarto com meus audio books e para viagem e a mesma besteira que eu vinha fazendo há meses.

Eu me perguntava o que aconteceria se eu pedisse a Charlotte para sair para jantar comigo.

Como um encontro.

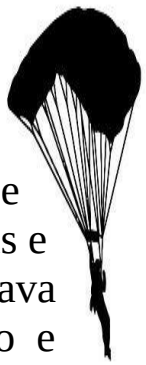
Então, imaginei-me sentado a uma mesa, cercado por outros clientes, derrubando uma bebida no vestido de Charlotte, ou me atrapalhando com uma faca e um garfo, tentando cortar um bife.

Ela não se importaria.

Sabia que isso era verdade. Ela me viu nu, vomitando e batendo minha cabeça como um maldito macaco em uma jaula. O que seria um jantar estranho a isso?

Você não é bom para ela e você sabe disso.

E isso também era verdade. Eu não era bom para ela. Ainda não. Mas talvez…



Caminhamos cada vez mais no Central Park todos os dias, e Charlotte detalhava a vegetação, os caminhos, as árvores retorcidas e as pessoas caminhando ou correndo. Quando ela me disse que estava nublado, pedi-lhe para descrever as nuvens, os tons de branco e cinza, o céu quando ameaçava chover, e o sol quando se pôs. Alguns dias, suas lindas descrições coloriam meu mundo negro e eu senti que tinha uma chance.



Outras vezes, ouvi-la era como tortura, e eu era o masoquista que nunca disse a ela para parar. Eu tomei tudo isso, como uma pequena pílula, e engoli tudo, tentando me forçar a pensar que eu era o suficiente.

Eu poderia dizer que ela estava hesitante naqueles dias ruins, não querendo me machucar. Mas ela fez o que eu pedi porque, como eu a lembrei, ela era minha funcionária e eu era seu patrão.

Alguns dias pareciam que eu precisava muito desse lembrete.



Certa manhã, o céu estava nublado, mas não pesado o suficiente para a chuva. Pelo menos é o que o cara da rádio disse. Deitei na minha cama, ouvindo por horas - desde antes do amanhecer, com certeza - me sentindo uma merda. Não havia outro jeito de colocar isso. Disseram-me na clinica de reabilitação que eu teria mudanças de humor. Grande. Senti-me no fundo de uma depressão, e um medo doentio de que outra enxaqueca estava a caminho e tomou conta.

Eu mantive os meus malditos remédios perto de mim desta vez e pensei em caminhar sozinho, para poupar Charlotte. Mas, ao contrário da última vez, não houve enxaqueca e, em vez de estourar de ódio, senti uma necessidade repentina, quase obsessiva, de sair. Não suportava ficar nessa porra de quarto ouvindo aquele desagradável programa matutino mais um minuto. Tirei as cobertas com um desejo maníaco de sair pela porta da frente como um ser



humano normal e dar um passeio. Mas eu não pude fazer isso. Eu precisava de Charlotte.

Tomei um banho longo e frio, na esperança de me acalmar. Eu me senti firmemente trancado, pronto para saltar ou morder, e prometi a Charlotte que ela nunca teria que sofrer de novo.



Ela parecia feliz - como sempre - quando eu pedi uma caminhada. Mas naquela tarde, quando viramos para a esquerda, em vez de partir da porta da frente, em direção ao oeste, pisei no freio imediatamente.

— Onde estamos indo?

— Eu pensei em tentar algo novo.

Soltei o braço dela. — O que há de errado com o Central Park?

— Nós estamos indo para um parque, só não o grande. – ela suspirou no meu silêncio. — Pode ser uma surpresa? Apenas um pouco? Eu acho que você vai gostar.

Dê-lhe isso e não seja um idiota sobre isso. Eu peguei o braço dela novamente e fiz uma piada de mau gosto para compensar por ser mal criado com ela. — Não é um campo de tiro de arco e flecha, é? Estou um pouco enferrujado.

Ela riu - como música que eu não merecia ouvir. — Como você adivinhou?

Caminhamos por dez minutos e depois a calçada de cimento sob nossos pés tornou-se cascalho. Franzi meu rosto. — Eu sinto cheiro de merda de cachorro. Ou isso é apenas o Hudson?

— Uhum, o primeiro. Estamos em um parque para cães.

— Por que diabos você me trouxe a um parque para cães? Não estamos aqui para conhecer algum treinador de cachorro-guia, estamos? Isto não é um maldito estabelecimento...?

— Pode se acalmar? – ela repreendeu. — Isso não é um estabelecimento. Pensei que você poderia gostar de uma mudança, isso é tudo. Algo diferente.



Murmurei um pedido de desculpas e ela me levou a um banco. Eu me senti melhor de uma vez; Podia sentir os amplos espaços ao meu redor, e o rio Hudson estava perto. Por que isso me acalmou, eu não sei, mas o desejo insaciável de sair passou um pouco.



Eu ouvi um som de raspagem no chão perto de nós, e a imagem de um Frisbee derrapando veio a mim tão claro quanto o dia. O som foi seguido por patas desordenadas sob o cascalho e farejando.

Charlotte disse: — Aqui, garoto. Venha aqui. Ah, você é um rapaz lindo, não é? – Sua voz ficou um pouco mais alta quando ela se virou para mim. — Um Husky, e ele é uma beleza também. Olhos azuis claros, ventre branco, cinza e preto por cima. Ele parece um lobo, mas a forma como a língua dele está pendurada, parece que ele é tão feroz quanto um cachorrinho. Quer dizer olá?

Eu não queria, mas também não queria machucar Charlotte. O cachorro tinha suas próprias ideias, de qualquer maneira. Ouvi-o movendo na minha frente e, em seguida, pesadas patas caiu no meu colo.

Recuei com um palavrão, mas o cachorro ficou parado, talvez esperando por um petisco. Comecei a me afastar e passei meus dedos em sua pele. Acariciei a cabeça do cachorro, suas orelhas macias e a nuca em volta do pescoço. Ele ofegou sua respiração fétida em mim, e reclamou, e colocou seu focinho na minha mão, e eu entendi, imediatamente, por que Charlotte me trouxe aqui.

Deus, essa garota.

Meu coração apertou dolorosamente, e nunca desejei tanto que eu pudesse ser algo bom e completo para ela.

Ouvi barulhos e passos correndo no cascalho. — Desculpe por isso. – disse a voz de um homem. — Estamos tentando ensinar Kona a parar de pular nas pessoas. Venha, Kona. Vamos.

O cachorro se afastou e senti a mão de Charlotte no meu braço.

— Isso foi bom, certo?



— Sim. – eu disse, mas eu ainda estava preso no balanço inferior do meu humor de montanha-russa. Tentei fazer o que me disseram na Fisioterapia: focar em algo positivo. — Parece aberto aqui.

— É. Muitos espaços amplos. Eu pensei que você poderia gostar da mudança.



Rangi meus dentes. Com cada palavra gentil que ela dizia, minha irritação comigo mesmo aumentava.

— Uma mudança? E você? Você deve estar cansada de fazer a mesma coisa chata comigo, dia após dia.

— Não estou entediada. – disse ela rapidamente. — Além disso, esse é o meu trabalho. Eu deveria estar te ajudando...

— Sim, tudo bem, mas se você pudesse ir a qualquer lugar do mundo agora, aonde você iria? Em algum lugar fora da cidade. – eu acenei minha mão para o nada escuro na minha frente. — Qualquer lugar exceto aqui.

— Iria para Viena, na Áustria. Ou talvez Salzburg. Ou ambos.

— Por quê?

— É lá que Mozart viveu e trabalhou. Adoraria ver a cidade natal dele e percorrer as mesmas ruas que ele.

— Ele é o seu compositor favorito?

— Para dizer o mínimo. Eu sou meio obcecada por ele.

Ela riu levemente, mas parecia tensa. Minha mudança de humor de merda estava vindo até ela, eu podia sentir isso.

— É isso que pratica todos os dias? A música dele?

— Não, aquilo é Mendelssohn. Se lembra daquela primeira vez que toquei para você? Quando esqueci o meu violino e voltei por ele? Eu toquei Mozart. Para você.



Rangi minha mandíbula com tanta força que pensei que meus dentes de trás se quebrariam. *Não, Charlotte. Você deveria estar tocando na frente de plateias esgotadas todas as noites. Não na minha. Não perca seu tempo ou talento comigo.*

— Você está bem? – ela perguntou quando não respondi. — Dia ruim?



Eu não respondi isso. — Você provavelmente já teria visto toda a Europa agora se tivesse seguido sua música mais cedo. – eu disse com firmeza. — Você teria visto Viena umas dez vezes.

— Talvez. Eu não queria sair de Montana. Eu não estava pronta, eu acho. Eu não acho que teria ido tão bem longe de casa. Mesmo chegando a Juilliard parecia o outro lado do mundo. Eu era uma pessoa caseira e meio idiota na escola.

— Por que isso não me surpreende? – eu disse, reunindo leveza suficiente para que ela soubesse que eu estava brincando.

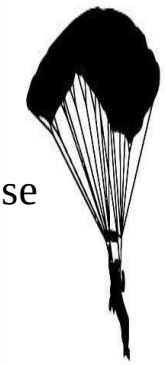
— Chocante, eu sei. – ela riu em troca. — Eu não era uma daquelas artistas que não são felizes, a menos que estejam no palco. Quer dizer, eu adoro me apresentar, não me entenda mal. Não há sentimento melhor do que estar submerso na música e criar uma experiência para o público. Mas também estava feliz em casa.

— Você não se arrepende? Mesmo agora?

— Não. Eu passei mais tempo com o Chris. Eu não trocaria essas memórias por nada.

Suas palavras gentis, sua doce honestidade... elas começaram a me acalmar como um bálsamo em uma queimadura. Senti a tensão no meu estômago se desenrolar um pouco até que algo atingiu uma cerca de arame logo atrás de nós. Eu não sabia o que a atingiu, talvez o Frisbee ou uma bola. Mas nem sabia que havia uma cerca. Fazia sentido manter os cães presos, mas também me surpreendia de uma maneira terrível.

Eu fiquei de pé e cuidadosamente caminhei ao redor do banco, com minhas mãos estendidas até encontrar o aço galvanizado. Fechei



meus dedos entre os elos, olhando para o que quer que estivesse além.

— Noah?

— Eu não sabia que isso estava aqui. – eu disse, com meu aperto apertando até doer. Obriguei-me a soltar e disse a Charlotte o mais calmo que pude: — Eu gostaria de ir para casa agora.





Nós caminhamos de volta para a casa em absoluto silêncio.

No hall de entrada, ela disse: — Vou sair mais tarde com os amigos para beber, mas é mais tarde. Depois do jantar. Eu queria saber se você queria sua comida de sexta à noite ou se eu poderia fazer algo para nós? Eu estava pensando em frango assado, arroz integral...?

— Eu não estou realmente com fome. – eu disse, tentando o meu melhor para não soar como um idiota ingrato. Tenho certeza que falhei miseravelmente.

— Ah. OK.

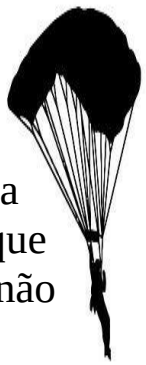
— Eu dou um jeito. – eu disse. — Pode ir, Charlotte. Saia com seus amigos.

— Você gostaria de ir comigo?

Eu sabia o que custava a ela me perguntar isso; Eu senti o desejo de perguntar a ela e nem conseguia reunir coragem. Acho que o salto do penhasco roubou minha espinha dorsal também. Mas, novamente, a ânsia implacável de *escapar* estava me consumindo e quanto mais cedo eu estivesse longe de Charlotte, melhor. Para ela.

— Não. Obrigado Charlotte. Não estou bem hoje. Acho que vou descansar. Mas obrigado por perguntar.

Eu me virei e subi as escadas antes que ela pudesse dizer outra palavra.



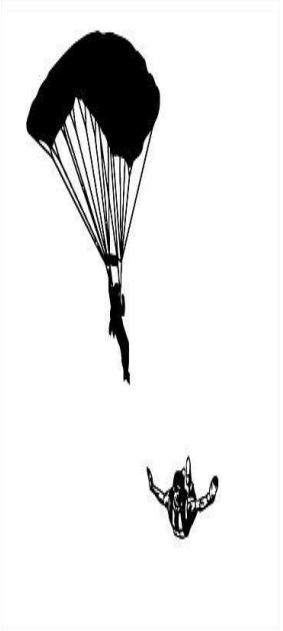
Sozinho no meu quarto, eu me joguei na cama, e não fiz nada além de ouvir o som da porta da frente se fechando, o que significava que Charlotte tinha saído. Meu relógio me disse que não eram nem quatro horas. Eu tinha horas para esperar.



Meus pensamentos voltaram para o parque de cães. Eu perguntei a Charlotte aonde ela iria se ela pudesse sair desta cidade, como se eu pudesse viver indiretamente através dela. Como se pudesse escapar da escuridão através de sua visão. Tudo o que eu conseguia pensar era sair, ir a qualquer lugar menos onde eu estava, que era uma câmara de nada. Um quarto em um sobrado. Strawberry Fields. Um parque para cães com espaços amplos que não eram muito largos, mas cercados. Todas as palavras diferentes que se resumiam à mesma coisa.

Não importa o nome ou dimensões; se uma brisa soprasse ou se não; se fosse povoada de cães ou pessoas ou apenas uma cadeira e uma voz lendo em meu ouvido, era tudo a mesma prisão escura para mim.

E eu tinha que sair.



19

Charlotte

Observei Noah subir as escadas. Inexplicavelmente, meu coração apertou e lágrimas caíram dos meus olhos. Ele estava tendo um "dia ruim", isso estava claro. Pensei em ficar aqui, mas sua expressão, sua voz... eu reconheci a dor neles. Eu parecia e soava assim muitas vezes nos primeiros meses após a morte de Chris, e eu só queria ficar sozinha. A "morte" de Noah era mais recente que a minha e ele ainda estava passando por isso.

Eu me preparei para sair, vestida com um vestido azul na altura do joelho, com um padrão artístico de diamante costurado em um fio marrom grosso ao longo da bainha. Escovei meu cabelo até que ele brilhasse e se acomodasse lindamente em volta dos meus ombros. Eu queria que fosse com Noah que eu sairia, que dançássemos lento sob as luzes da ponte do Brooklyn e descrevesse a ele o nascer do sol para que ele pudesse vê-lo. Como ele tinha em Machu Picchu.

Porque eu sou sua infinita possibilidade.

A garota refletida no espelho do meu banheiro corou lindamente.

— Você está se preparando para um desastre. – eu disse a ela. — Novamente.

Mas ela não estava ouvindo.





Encontrei a turma no Gin Palace, no East Village. A fachada do bar ostentoso era uma estrutura de ônix com acabamento dourado na noite de outono. Regina, Mike, Felicia, Melanie e Sasha estavam todos lá, sentados em uma fileira no andar superior do longo assento da plataforma que corria ao longo de um lado. Subi os dois degraus, e Regina e Melanie fugiram, então fiquei entre eles.



— Então? – Regina gritou quando Mike pressionou um gin e tônica - a especialidade do bar - na minha mão. — Como foi? A audição para a Phil?

— Ah, eu... eu não ganhei. – eu disse, agradecida por estarmos todos sentados lado a lado. Regina não sabia que eu estava mentindo, mas seria preciso dar uma espiada em Melanie e o gabarito acabaria. — Tudo bem, no entanto. – acrescentei rapidamente. — Não estava cem por cento preparada. – *Eufemismo do século.*

Regina levantou o copo em um brinde solene. — Um A por esforço, Conroy. Ficamos felizes em ver que você está chegando lá. E aqueles idiotas da Phil não sabem o que recusaram.

— Ok, ok. – eu disse, e dei um longo gole no meu gin e tônico. Senti uma mão no meu braço.

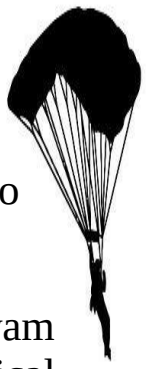
— Ei. – A voz de Melanie era estranhamente suave. — Estou orgulhosa de você. Eu sei que demorou muito para você fazer isso.

— Sim, bem...

— Mas como foi? O que você tocou? Se sentiu nervosa?

Não poderia mentir para Melanie. Nossa amizade simplesmente não funcionava dessa maneira. — Eu não quero falar sobre isso agora.

— Claro, claro. Beba um pouco. Relaxe. Comemore o primeiro passo no caminho de volta aos concertos de violinos, em vez de assistência pessoal.



Sorri ligeiramente e tomei outro gole longo. Um gole muito longo.

O grupo conversou sobre as várias orquestras que eles tocavam ou disputavam um lugar, e Regina falou sobre sua festinha musical que estava - ela me lembrava frequentemente - a uma semana de distância.



Eventualmente, foi a minha vez de começar a próxima rodada. Pedi a Melanie que fosse comigo para ajudar a carregar e, enquanto esperávamos com a multidão ao redor do bar, eu fui honesta.

— Eu não fiz o teste para a Phil. – falei.

O rosto de Melanie se contorceu de preocupação. — Ah, querida. Ainda é tão ruim?

— É pior. – eu disse. — Não congelei, ou estraguei tudo, eu nem sequer toquei. Mel... – eu apertei o seu braço. — *Esqueci*. Nem me passou pela cabeça.

Sua preocupação se transformou em perplexidade, com suas sobrancelhas se juntando sob sua franja grossa e escura. — Você... esqueceu? Você ganhou uma audição para a Filarmônica de Nova York e *esqueceu*?

— Eu pratico todos os dias. – eu disse miseravelmente. — Mas não sei para o que estou praticando. É tudo rotineiro. Sem objetivo. Não há alegria e, quando você pratica sua arte, deveria sentir alegria, não é? Você não faz isso por dinheiro ou fama, porque faz isso porque sua cabeça vai explodir, certo? Você sabe como é. Foi assim, mas não sinto mais isso e não sei como recuperar isso.

Melanie ouviu tudo isso enquanto a multidão gritava ao nosso redor. Finalmente, ela estreitou os olhos por trás dos óculos de armação de gatinho. — É aquele Noah, não é?

— O que? Não. Não é culpa dele. Eu nem estava pensando nessa audição, Mel. Ela nem estava no meu radar. E não porque ele está



exigindo ou ocupa todo o meu tempo. Acredite, se ele soubesse, teria me expulsado pela porta.

— Ele não precisa gastar o seu tempo para interferir. Ele está ocupando seu espaço na cabeça.



Não pude negar. E eu acho que isso estava em todo o meu rosto.

Melanie ficou boquiaberta. — Ah Cristo, você está apaixonada por ele? Ele é um idiota!

As duas garotas na nossa frente se viraram, sorrindo.

— Não há nada para ver aqui, continuem. – Melanie olhou para elas, depois olhou para mim. — Ele não está?

— Não, eu já disse. Não para mim. Para si mesmo, talvez, e isso transborda. Eu não sei. Ele continua me dizendo que não é bom para mim.

— Talvez você deva ouvir.

Pensei na página datilografada que encontrei no escritório. — Talvez. Mas estou recebendo mensagens confusas. Não sei dizer se ele está dizendo isso porque se importa comigo e é verdade e ele está tentando me proteger, ou se é uma mentira. Uma versão de "*Não é você, sou eu."*

A fila moveu. Com base na minha própria experiência passada atrás do bar, ainda estávamos a três pessoas de chamar a atenção do barman.

— Não importa mesmo. – eu disse. — Ele é atencioso, inteligente e tem um lado gentil que ninguém vê. Um lado que acho que nem percebe que tem. Ele é eloquente e protetor, e sei que se ele pudesse aprender a viver com sua deficiência... ele tem uma chance. – *Talvez tenhamos uma chance*.

Melanie me observou, com seus lábios contraídos.



— O que?

— Droga, você entendeu mal.

— Ah, eu sei. – eu gemi. — Quando me apaixono, me apaixono perdidamente. Eu não posso evitar. Mesmo sabendo que posso me quebrar em um milhão de pedaços quando atingir o fundo. – eu suspirei, mas um pequeno sorriso me escapou. — Nunca faço nada pela metade.



— O que?

— Nada.

— Olha, não sei o que está acontecendo com você e Lake; você está escondida naquela casa há semanas. Seja qual for o acordo, você precisa colocar a cabeça no jogo. Venha para a festa da Regina. Traga-o se quiser, mas venha. Esteja entre sua própria espécie e apenas... absorva isso. OK?

— OK. Eu prometo.

— Sim, sim. – ela riu secamente. — Tente não deixar isso escapar da sua mente. Ah, e eu tenho a solução perfeita para sua confusão sobre Lake.

— Ah, tem? – eu cruzei meus braços.

— Sim. Isso é uma coisa mágica. Funciona sempre como um encanto. – ela se inclinou para perto. — Converse. Com. Ele.



Na folga da minha noite de Sexta - e os dois gins e tônicos que consumi - começaram a desaparecer na volta do metrô. Não tinha medo de falar com Noah, só não tinha percebido que *precisava*. Meus sentimentos por ele eram uma enorme confusão, mas pelo menos agora eu podia admitir que eles estavam lá. Contar a Melanie

era como colocar pele e ossos em um fantasma. Mas quando o metrô se aproximou da minha estação, um sentimento de desconforto transformou as bebidas borbulhantes no meu estômago em uma turbulência cortante.

Depois do metrô, subi correndo os degraus da frente do sobrado e enfiei minha chave na fechadura. Mas abriu muito facilmente. A porta já estava destrancada. E eu sempre tranco a porta. Sempre.

Entrei e tranquei atrás de mim. O sobrado estava escuro, mas Noah não usava luzes, então ele não se incomodou em acender. Isso deveria ter me feito sentir melhor, exceto que estava muito quieto.

— Noah?

Era como entrar em uma câmara silenciosa. Não só não houve resposta como também não houve movimento. Sem tábuas rangendo, sem música e sem passos. Nada.

Joguei minha bolsa e suéter na cama do meu quarto e subi as escadas para o segundo andar. Estava vazio e escuro. Acendi a luz perto da escada. Nada. *Você está enlouquecendo sem motivo. Ele está lá em cima, como sempre, lendo ou dormindo.*

Mas minha pele coçou e meus nervos estavam latejaram de novo - desta vez com ansiedade. Algo estava errado. Eu sabia.

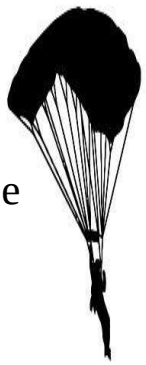
Corri para o terceiro andar e fiquei do lado de fora do quarto principal. — Olá? Noah?

Silêncio.

— Eu queria falar com você…

Empurrei a porta. A cama estava vazia. A área perto da janela estava vazia. Corri para dentro e procurei no banheiro e nos dois closets. Vazios.

— Não entre em pânico. – murmurei. — Apenas não entre em pânico.



Corri de volta pelo corredor, para a academia, depois a cama e o banheiro, procurando até nos closets. Nenhum sinal dele.

— Noah? Onde você está?

Corri para o segundo andar e fui para a sala de estar casual da cozinha que não era visível da escada, rezando para vê-lo deitado no sofá, dormindo. Ele não estava lá. Eu verifiquei a sala de jantar nunca usada, o armário de roupas de cama, o banheiro e até a despensa da cozinha, com meu coração batendo cada vez mais rápido cada vez que minha busca não dava em nada.



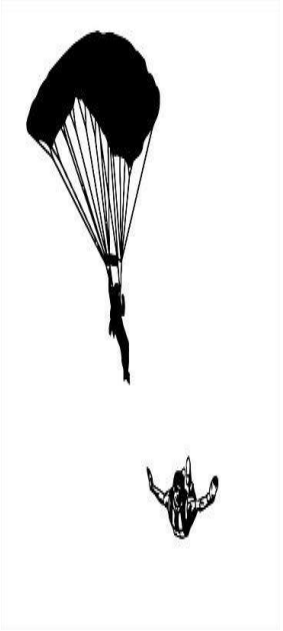
— Noah! Isso não tem graça!

Mais silêncio.

Corri até o primeiro andar e procurei na minha área, imaginando se ele teria escapado por lá enquanto eu estava no andar de cima ou se havia decidido tomar um pouco de ar fresco no quintal. O primeiro andar estava vazio e a porta que dava para o quintal trancada.

Minha mente aterrorizada não podia mais recusar-se a admitir.

Noah havia desaparecido.



20

Charlotte

— Ok, vamos pensar sobre isso. Não precisa entrar em pânico. – eu falei, mas minha voz soou tão alta e tensa no sobrado vazio que decidi que era melhor para os meus nervos não falar mais comigo mesma.

Talvez Noah esteja com Lucien e eles não me disseram.

Isso fazia sentido. Noah estava indo bem. Fazendo caminhadas. Talvez ele tenha ficado entediado e, como eu não estava por perto, ele ligou para Lucien. Isso não combinou com o comentário "não estou bem". Nem o seu dia ruim. Mas isso poderia acontecer, certo? Tentei imaginá-los juntos enquanto pegava meu celular na minha bolsa. Tentei imaginá-los em um pub em algum lugar, tomando uma cerveja; apenas dois caras saindo.

Mas Noah não bebe.

— Um restaurante então! – eu gritei para abafar pensamentos inúteis. Liguei para o número de Noah no meu celular. Soaria com uma voz dizendo o meu nome. Ele não atendeu e não havia opção para correio de voz. — Então, eu não posso gritar com ele. – eu murmurei.

Liguei para Lucien. Isso foi para o correio de voz. Tentei o meu melhor para deixar uma mensagem calma e falhei miseravelmente.



— Lucien, é a Charlotte. Eu posso estar pirando por nada e ele provavelmente está com você. Noah, quero dizer. É isso? Ele está com você? Porque ele não está aqui. Eu olhei por toda parte. Então, se você pudesse me ligar e me avisar se souber... alguma coisa. Isso seria ótimo, obrigado!



O suéter que usei naquela noite tinha um bolso. Coloquei o suéter de volta e guardei meu celular lá, depois realizei outra busca no sobrado. Dessa vez, olhei embaixo das camas e atrás das cortinas, como se Noah estivesse brincando de esconde-esconde comigo.

Ele não estava.

Saí pela porta da frente, com meu olhar varrendo as ruas de um lado para o outro.

— Noah? – eu chamei. — *Noah!*

Liguei para Lucien mais duas vezes e, às onze horas, meu estômago estava com um nó tão forte que pensei em vomitar meus coquetéis. O fato de Lucien não ter me ligado de volta era um alívio e um motivo de preocupação. Eu ainda tinha esperança de que ele e Noah estivessem juntos. Até que ele me ligasse de volta, Noah estava com ele e estava indo muito bem.

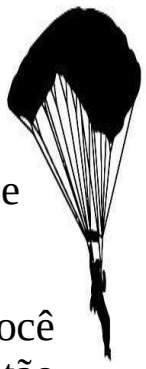
No quarto depois, comecei a sair pela rua quando meu celular tocou, mostrando o número de Lucien.

Ah por favor, ah por favor, ah por favor…

— Lucien...?

— Charlotte, desculpe, estive em trânsito e não percebi que meu celular estava desligado. Ele voltou?

Meu coração apertou e depois disparou a galope tão rápido que quase me deixou tonta. — Não, ele não voltou. – A culpa me destruiu. Foi a segunda vez que liguei para Lucien em pânico. — Eu não culpo você, se quiser me demitir. Saí... deixei-o sozinho e saí e agora ele desapareceu.



— Ele é um homem adulto. – disse Lucien solenemente. — Se ele escolheu sair de casa, isso não é tarefa sua.

— Você sabe que não é tão simples, Lucien. Não é como você ou eu saindo de casa. Em nossas caminhadas, ele geralmente está tão ansioso.



— Você o convenceu a dar um passeio? Lá fora?

Fechei os olhos contra as lágrimas que estavam ameaçando. Lucien estava viajando a negócios há semanas, e eu também esqueci isso. — Deus, eu nem te disse nada de bom que aconteceu, e agora ele está perdido...

— Charlotte. – Lucien baixou a voz, como se tivesse medo de ser ouvido ao seu lado. — Estou em Connecticut. Na residência dos Lakes. Acabei de chegar e eu não posso sair de novo sem causar suspeitas. Não quero preocupar os pais de Noah, a menos que eu precise.

— Ok. – eu sussurrei. — O que devo fazer?

— Primeiro, você deve se acalmar. Se destruir com a culpa não ajuda ninguém. Não é sua culpa que Noah deixou a casa por conta própria. No entanto, dado seu estado debilitado, quero que ligue para a polícia.

Agarrei o meu estômago. — Ah, Deus. OK. Vou fazer isso e procurar na rua aqui. Ficarei louca se não fizer alguma coisa.

— Tenha cuidado, minha querida. Ligue-me ao primeiro sinal de notícias.

Eu desliguei o celular com Lucien e liguei para a polícia. Depois de dar a descrição de Noah, parti para uma busca de uma mulher sozinha. Comecei a subir a rua, para o leste. Havia muitas lojas e restaurantes a alguns quarteirões; Noah pode ter decidido tentar. Mas o fato de ele dificilmente poder comer na minha frente tentou afastar qualquer pensamento positivo.



Os trovões retumbavam no céu acima de mim e um vento resistente e úmido soprou minha saia em volta dos joelhos. Uma tempestade no início do verão estava se formando. Corri pela rua, com meu olhar varrendo para a direita e para a esquerda, procurando. Amsterdã estava escura, então eu continuei indo para Columbus, que estava cheia de luz e som, e lojas que ainda estavam abertas.



— Demais. – murmurei. — Eu nunca vou encontrá-lo sozinha.

Naquele momento, o céu se abriu e a chuva caiu.

Voltei para o sobrado e estava encharcada quando eu cheguei. Minha respiração ficou presa no meu peito quando meus pulmões se contraíram com a visão que me cumprimentou.

Luzes vermelhas e azuis iluminavam a chuva prateada que caía. Dois policiais estavam saindo da calçada da frente do sobrado, retornando a viatura. Minhas veias se encheram de medo gelado. *Eles estão aqui para dar as notícias. As piores notícias...*

Corri até os policiais antes que pudessem entrar no carro. — Com licença?

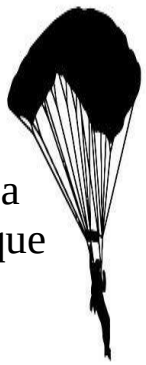
Eu não podia dizer mais nada. Fiquei ali, tremendo de roupa encharcada, esperando que os policiais - um filipino e um afro-americano mais velho - me dissessem o quanto ruim tudo seria.

— Senhorita? – o oficial filipino - o crachá na capa de chuva dizia Flores. — Você mora aqui?

Minha cabeça balançou. — Noah está bem?

— Noah Lake? Sim, acabei de deixá-lo. – disse o outro oficial. Seu crachá dizia Brant. — Nós o pegamos no Queens. Ele está um pouco irritado, mas nada sério.

— *Queens*? O que diabos ele estava fazendo no Queens?



— Sendo assaltado. – disse Flores. — De acordo com a senhora que nos ligou, ele estava falando com alguns bandidos que pegaram sua carteira, um bastardo louco.

— Poderia ter sido pior. – disse Brant calmamente, dando um olhar para o parceiro. — Fora das histórias em quadrinhos, os cegos geralmente não se saem tão bem nas brigas de rua.



— Não, eu não imagino que sim. – murmurei. — Obrigada, oficiais, por dirigirem até aqui.

Eles tiraram seus chapéus. — Apenas fazendo nosso trabalho, Senhorita. Por favor, se seque e se aqueça e tenha uma boa noite.

Entrei, com minhas roupas pingando água por todo o chão do hall de entrada de mármore. Fechei a porta e depois caí contra ela. Meus nervos pareciam tensos e eu não sabia dizer se estava irritada com Noah ou oprimida pelo alívio de que ele estivesse seguro. Eu decidi, e ambos subiram as escadas.

Enviei uma mensagem para Lucien: ***ele está em casa. Ele está bem. Eu vou matá-lo.***

A resposta veio quando eu contornei o segundo lance de escadas. ***Graças aos céus. Tente não mutilá-lo mais do que acha necessário e me ligue de manhã. Adeus.***

Abri a porta do quarto principal sem bater. Noah estava no banheiro, no chuveiro. Suas roupas estavam em uma pilha no chão - jeans pretos, camiseta, jaqueta de couro, todos sujos e arranhados.

Fiquei no meio do quarto, me abraçando, com a minha raiva crescente me mantendo quente, apesar do meu estado encharcado.

No banheiro, a água foi fechada e a porta se abriu. Ocorreu-me - uma fração de segundo tarde demais - que Noah poderia sair nu. Mas ele tinha uma toalha pendurada nos quadris. Uma sensação quente de luxúria tomou conta de mim ao ver seu corpo, e eu me abracei mais forte, me perguntando como era possível sentir tantas emoções diferentes ao mesmo tempo.



Noah parou no limite entre o quarto e o banheiro. — Charlotte. – Um pequeno corte acima do olho estava escuro com o sangue coagulado, e um galo arredondado crescia em sua bochecha. Fora isso, ele parecia ileso.



— Estou aqui. – eu disse.

Ele não disse nada, mas caminhou até o closet.

— Onde você estava? – perguntei.

— Queens, aparentemente. – disse ele por dentro. Ouvi gavetas abrir e fechar.

— Mas por quê? Você estava visitando alguém? – *Alguma outra mulher?* Pensei naquela modelo com o qual ele havia sido fotografado antes do acidente. Eu engoli em seco. — Você saiu sem me dizer.

Noah saiu do closet. Ele usava uma camiseta branca que acentuava cada curva definida de seu tronco e calça de pijama de flanela. Ele parecia um modelo de Ralph Lauren, caramba. Ele se encostou no batente da porta e cruzou os braços, com seu olhar em minha direção.

Bati minhas mãos. — Bem?

— Eu estava andando de metrô.

— O metrô. – eu afirmei. — Você pegou um metrô para o Queens...?

— Mais de um metrô. Dezenas. – ele disse, com sua voz soando estranhamente calma. — Um parava, eu descia, atravessava a plataforma e pegava outro. De novo e de novo, trocando de metrô e entrando neles até que os nomes no interfone fossem estranhos para mim.

— Mas por quê?



Ele inclinou a cabeça. — Uma janela está aberta? Sinto cheiro de chuva.

— Noah, eu estava morrendo de medo. Eu não sabia onde você estava ou o que aconteceu com você. Você está me dizendo que acabou de dar um passeio? Não me diga que saiu à procura de adrenalina. Outro risco.

Seu silêncio falou alto.

A raiva transbordou dentro de mim como se fosse de uma jarra. — Ah não. Não, não, não. Não vou ouvir você dizer que entrou em uma briga com alguns bandidos de rua por mais de cem dólares. Deus, não me diga isso, ou passarei mal.

As sobrancelhas de Noah se juntaram em confusão. — Como você sabia que fui assaltado?

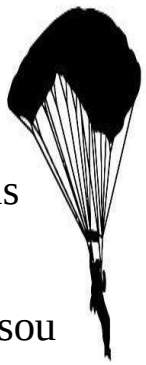
— Os policiais que o deixaram foram gentis o suficiente para me informar. Diferente de você, que não me disse *nada*.

Remorso apareceu em seu rosto. — Eu tenho que sair. Eu tive que tentar. Eu precisava de um pouco de ar e precisava sentir algo além da raiva.

Isso dói. Mais do que deveria. Meu coração começou a rachar. Pequenas fissuras que prometi a mim mesma que nunca mais permitiria formar novamente estavam se formando. Essa era a minha penitência, sofrer repetidamente, cada vez que me deixava cuidar de alguém?

— Precisava sentir alguma coisa? – perguntei, odiando o quanto baixa minha voz soou. — Bem, pena que você não sou eu. Porque, aparentemente, sinto o suficiente por nós dois.

Fui até a porta, mas Noah me alcançou. — Charlotte, espere. – Sua mão pegou meu suéter encharcado. — O que…? – ele esticou sua outra mão, me agarrou, me puxou para perto, com o seu rosto incrédulo. Ele tocou meus ombros e depois meu cabelo grudado nas



minhas bochechas. — Pensei que você tinha saído com seus amigos. Você estava... me procurando?

— Claro que sim! – eu me afastei dele. — Você nem pensou nisso, pensou? Você não se importa se preocupa ou não as outras pessoas. Como os seus pais e amigos. Como Lucien. Deus, pobre Lucien...



— Charlotte. – a voz de Noah estava alterada. — Não faça isso. Não se coloque nesse lugar em que você se machucará. Não pense que sou como todo mundo, porque não sou.

— Não, você não é. – eu disse. — E eu estou contente. Eu...

— Não! – ele gritou. — Não fique *contente*. Não me diga que você não me quer de outra maneira ou que minha cegueira me fez ser quem eu sou. Eu me quero de outra maneira. Eu quero ser o que eu era.

— Você não tem ideia, não é? – eu respondi. — Nenhuma. Você está tão envolvido com o que aconteceu com você que não dá a mínima para o que os outros pensam ou sentem. *Você está cego.* Você não é o que era. Mas você está vivo. Você não tem ideia de quanto pior poderia ser.

— Pior? – ele trovejou de volta. — Você quer dizer paraplégico ou vegetativo? Porque já ouvi toda essa merda antes, lembra? Mil vezes.

— E ainda assim nenhuma palavra parece ter chegado até você. – eu disse, com as lágrimas molhando minha voz. — Eu me senti mal por ninguém ter deixado você lamentar sua perda. Mas você já teve tempo e ainda não conseguiu. Eles falaram sobre ter sorte, mas não estavam falando apenas de você. Estavam falando de si mesmos. Os que se importam com você. *Eles* são os sortudos. Lucien, seus pais, sua irmã... Eles têm sorte de não precisarem fazer *preparações finais*, ou fazer telefonemas horríveis e ouvir as pessoas do outro lado desmoronar. Eles não precisaram escolher o que vestir no seu *funeral* ou planejar o que dizer na frente de uma sala cheia de pessoas



chorando quando a única coisa que eles querem dizer *é que eu gostaria que não estivéssemos aqui de pé, fazendo isso agora.*

Meus soluços estavam ficando altos agora, com as lágrimas quentes nas minhas bochechas onde a chuva estava fria. Eu tentei me acalmar porque o impacto total do meu medo por ele - a enormidade dos meus sentimentos - estava tentando me afogar.

— Charlotte...

— O que estou tentando dizer, Noah, é que você não pode fazer isso de novo. Nunca. Não enquanto estou aqui. Eu não aguento. Eu não posso...

As lágrimas caíram novamente e senti seus braços em volta dos meus ombros.

— Sinto muito. – ele sussurrou, pressionando sua bochecha contra o meu cabelo úmido. — Eu fiz isso por você. Por nós. Sei que isso parece loucura, mas tive que sair, me jogar daquele penhasco no escuro e provar que isso não me destruiria.

— Mas poderia ter. Poderia ter sido muito pior. – eu sussurrei, agarrando-me a ele, e então suas palavras me atingiram, enroladas em mim como um cobertor quente para parar meu tremor. Eu olhei para cima. — Você fez isso por... nós? O que isso significa?

— Charlotte, você está encharcada...

— Diga-me.

Ele segurou minhas bochechas em suas mãos, enxugando minhas lágrimas com os polegares. — Isso significa que estou tentando ser o que você precisa. Para não ser um covarde. Viver... do jeito que sou agora. – ele engoliu em seco, com seus olhos castanhos encontrando os meus, sustentando o meu olhar por alguns breves segundos, e embora eu saiba que ele não viu nada, meu coração doeu ao vê-lo olhando para mim, mesmo por apenas um momento. — Você merece mais do que sobrou de mim.



Eu balancei minha cabeça. — Há muito...

— Ainda não, mas estou tentando. Sinto muito por te machucar hoje à noite. Ou sempre. Você é a luz na minha escuridão, Charlotte. Você é…



Ele me beijou então, com seus lábios quentes na minha pele fria. Um toque rápido e depois recuou, com uma breve inalação, e então sua boca desceu novamente; cobrindo a minha e depois entrando com um delicioso movimento de sua língua.

O beijo de Noah se infiltrou em minhas rachaduras, encheu todos os meus lugares quebrados. Eu senti isso na medula dos meus ossos, e me agarrei a ele, beijei-o também com tudo o que tinha, sabendo que era isso que eu estava esperando, que nunca mais teria algo tão forte e real.

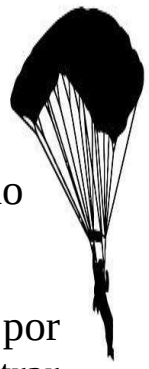
Ele abrandou o beijo e depois se afastou. — Charlotte, você está tremendo.

— Sim. – eu respirei, levantando, não querendo que minha boca se separasse dele.

Ele fez uma careta, com sua expressão sedutoramente feroz e faminta. — Precisamos tirar você dessas roupas molhadas.

Eu gemia baixinho, sofrendo por ele. Noah voltou a entrar imediatamente, forte e insistente, com a sua língua buscando entrada. Eu me entreguei a ele, absorvendo-o profundamente quando me beijou com uma agressão ardente que inundou meu corpo inteiro com calor. Sua língua deslizou na minha boca, entrelaçada com a minha, e o cheiro de sua pele no meu nariz - sua proximidade - enviou arrepios pela minha pele e fez o meu coração bater forte.

— Charlotte. – Noah respirou, com suas mãos se movendo para me envolver, para me puxar para perto, mesmo quando suas palavras tentaram me afastar. — Estou com medo de não ser bom para você. – ele enterrou o rosto no meu pescoço, beijou minha pele entre suas palavras. — Eu não quero te machucar.



Eu me afastei, segurei seu rosto em minhas mãos. — Então não machuque.

Ele olhou, com seus olhos procurando desesperadamente por mim e sua expressão dolorosa. Mas o beijei novamente, para mostrar a ele que confiava nele, mesmo quando ele não confiava em si mesmo.



Ele correspondeu o beijo, primeiro gentilmente, com reverência, como seu próprio voto silencioso. Então nós deixamos a atração entre nós alcançar-nos novamente, e os seus beijos se tornaram deliciosamente ferozes com a necessidade. Eu me agarrei a ele, delirante sob o ataque de seus lábios, língua e dentes me mordendo. E suas mãos... Ah Deus, suas mãos estavam movendo com luxúria e desejo, mas construindo uma imagem de mim em sua mente também, esculpindo-me para os olhos de sua mente. Ele tocou a parte plana da minha barriga, a curva da minha cintura, a curva arredondada dos meus quadris, me beijando com força o tempo todo.

Ele tirou meu suéter de mim e depois tocou o meu lado para determinar o que eu usava. Arrepios enlouquecedores passaram sobre a minha pele quando suas mãos deslizaram pela minha cintura, meu quadril, até a barra do meu vestido. Ele levantou e puxou acima de mim, deixando-o cair no chão para se juntar ao suéter.

Agora, até meu sutiã e calcinha, vi seu olhar cego passar sobre mim, sem ver nada, e ainda me senti bonita em seus olhos - mais bonita como uma mulher diante de um homem do que eu já tinha visto antes.

Noah deu um meio passo mais perto e me envolveu em seus braços. Ele abriu o meu sutiã e começou a tirá-lo dos meus ombros, parando apenas o tempo suficiente para sussurrar no meu ouvido: — Eu quero tocar em você.

O sutiã caiu no chão.

Eu assenti debilmente e ele me abraçou por um momento, me aquecendo com seu corpo.



Então suas mãos deslizaram pelas minhas costas nuas, por cima da minha calcinha, e nós dois gememos quando ele me pressionou contra ele. Então, de novo, suas mãos surgiram nos meus cabelos e ele inclinou a minha cabeça para me beijar profundamente. Ele me segurou lá com uma mão enquanto a outra escorregava, sobre a clavícula e até o peito.



Ele gemeu na minha boca quando a sua mão me segurou, seu polegar deslizando sobre o meu mamilo que já estava duro e sensível por ele. Ele trouxe a outra mão para se juntar à primeira, e explorou meus seios, apalpou-os, sentiu seu peso em suas mãos com uma audácia primorosa.

Apertei sua cintura, tonta com as sensações que ele estava criando em mim. Fragmentos de prazer elétrico irradiavam para todas as partes do meu corpo e convergiam entre as minhas coxas. Eu não estava mais com frio; Eu não conseguia lembrar como era o frio. Eu estava pegando fogo.

Ele andou para trás, levando-nos para a cama. Quando atrás dos joelhos encontraram a beirada, Noah me levantou com um gemido selvagem, virou-se e me deitou de costas na cama. Eu imediatamente o tive em cima de mim.

Ele se apoiou nos antebraços sobre mim, me beijando com dentes e lábios, e sua língua que era tão doce, apesar da insistência. E o peso de Noah em mim... Deus, só isso estava me deixando louca. Ele era tão alto, forte e esbelto, que eu não conseguia entender que o homem lindo que eu vi na foto promocional do *Planet X* estava agora em cima de mim e me beijando como se sua vida dependesse disso.

Seu gemido encheu minha boca, e ele pressionou seu corpo contra o meu, seus músculos fortes contra meus seios macios, sua ereção pressionando na fenda das minhas coxas e meus quadris subindo e descendo em resposta. Eu suspirei, deleitando-me com a excitação dele - uma que cresceu - desde que ele me disse que isso não acontecia desde o acidente.



Eu nunca quis tanto um homem, mas havia muita roupa entre nós. Comecei a levantar a camisa quando Noah interrompeu o nosso beijo como um homem vindo para o ar.

— Espere, espere... Droga... Ah, Deus, espere... – ele moveu seu peso para a cama e lutou para recuperar o fôlego. — Sinto muito... é apenas... uma sobrecarga sensorial. Não sinto nada há meses e agora estou sentindo tudo de uma só vez.



Respirei fundo para acalmar meu próprio coração acelerado. — Está tudo bem. – eu disse, acariciando a sua bochecha. — Me desculpe, eu deveria ter pensado nisso.

Ele balançou a cabeça, com sua voz rouca. — Você não sabia. Eu não pensei.

— Talvez possamos apenas... ir devagar? – eu passei as mãos sobre os seus bíceps e subi os músculos dos ombros dele. — Você ainda está... excitado?

Ele deixou escapar uma risadinha. — Isso para dizer o mínimo.

— Então me deixe cuidar de você. Devagar.

Eu o beijei novamente, embora não tenha sido um beijo. Meus lábios pairaram sobre sua boca enquanto minha língua lambeu a dele. Coloquei o lábio inferior em minha boca, chupei por um momento antes de soltar.

— Jesus, Charlotte...

Eu o empurrei de volta nos travesseiros. Ele levantou uma perna para esconder a evidência que estava em sua calça, mas não antes que eu pudesse ver que parte dele era tão impressionante quanto o resto. O latejar entre minhas próprias pernas aumentou, e eu queria montá-lo até que nós dois gozássemos, mas tive que esperar. Seus sentidos estavam sobrecarregados para compensar a perda de visão e ele não tocava em ninguém há quase um ano.



Eu me levantei para que meu corpo estivesse alinhado com o dele e seguisse com beijinhos suaves ao longo de seu pescoço, minha língua lambendo de vez em quando para provar o sal quente e fraco de sua pele. Ele cheirava tão bem. Masculino e limpo, e o que quer que tenha feito dele, ele.



A respiração de Noah aumentou de uma só vez, e minha mão em seu peito sentiu as batidas do seu coração. Movi-me mais para baixo, fui para baixo da bainha da camiseta dele para sentir as curvas de seu abdômen. Elas eram tão rígidas e firmes que dificilmente pareciam reais para mim. Ele respirou fundo e esses músculos se contraíram sob o meu toque.

Eu esfreguei seu pescoço agora, enquanto minha mão abaixava, tocando-o sobre suas calças pela primeira vez. Ele soltou um suspiro alto e fechou os olhos. — Ah, Cristo...

Lentamente, devagar, acariciei-o sobre o tecido macio e depois me aventurei por baixo da cueca boxer, até que a minha mão se fechou em torno do seu comprimento quente e duro. Ele fez um barulho profundo no peito, e eu respondi com um gemido suave.

— Ah meu Deus, Noah. – eu deixei escapar, incapaz de evitar. — Você é magnífico.

Ele agarrou meu pulso e pensei que isso era demais, mas ele me mostrou o que gostava: aperto, acariciar, soltar, repetidamente.

Eu me apoiei sobre ele, e toquei-o do jeito que ele queria, enquanto deslizava seu braço direito em volta de mim, com sua mão agarrando o meu cabelo e enviando deliciosos arrepios na espinha. Os olhos de Noah estavam abertos agora, encobertos de luxúria, enquanto a minha mão o acariciava com velocidade e pressão crescentes.

— Está tudo bem? – eu sussurrei em seu ouvido.

Ele assentiu, rangendo os dentes. — Eu pensei que você seria tímida. Você não é tímida.



— Não. Eu gosto de fazer isso por você.

Deus, eu nunca fiz isso.

Ele se virou para mim, com seus olhos sempre procurando. — Eu quero te tocar. Eu tenho que tocar em você, Charlotte.



— Sim. – eu sussurrei, tremendo de antecipação. — Ah sim, por favor…

Noah passou a mão esquerda pelo corpo, acariciando o meu braço, e encontrou minha cintura. Seus dedos desceram pelo meu quadril e eu abri minhas coxas imediatamente, chocada com o quanto eu queria isso. Ele pressionou contra a umidade entre as minhas pernas, e eu pressionei para trás, com meu corpo implorando por ele.

— Você quer que eu faça? – ele perguntou, com os seus dedos se aventurando sob a minha calcinha.

Eu não conseguia falar, apenas acenei com a cabeça no ombro dele, depois inalei bruscamente e quase perdi o controle da minha mão que o tocou como um raio de êxtase que passou por mim. Noah fez um movimento convidativo com os dois dedos dentro de mim enquanto circulava o polegar sobre o meu clitóris sensível. Eu reprimi um grito, com minhas costas arqueando e meus pensamentos reduzidos ao desejo mais básico de *mais*.

— Ah, Deus, você é tão gostosa. – Noah respirou contra o meu pescoço. — Charlotte, você parece incrível...

De alguma forma, eu consegui continuar tocando ele, e ele me tocou quando nos beijamos e nos entrelaçamos um no outro. O prazer cresceu entre nós como um sol nascente até Noah dar um meio gemido entre os dentes. Seus músculos ficaram tensos, e então ele soltou, exalando com força e seu corpo estremecendo de alívio.

Uma emoção fugaz de orgulho que eu o fiz gozar passou pela minha mente, depois se perdeu no delírio do meu próprio clímax. Os dedos de Noah penetraram gentilmente, mas profundamente, uma última vez, com o polegar pressionando essa pilha de nervos e, em



seguida, um prazer diferente de tudo que eu já experimentei explodiu em cada centímetro do meu corpo. Pareceu continuar, até que Noah retirou a mão e nós dois desmoronamos, respirando pesadamente na penumbra de seu quarto.



Fiquei quieta por um momento, mergulhando em um brilho posterior que foi - descobri - uma coisa real. Eu me deliciei. Eu me diverti. Meu primeiro orgasmo não auto-criado. Olhei para Noah ao meu lado. Seus olhos estavam fechados, a tensão desapareceu de seu corpo, de modo que ele parecia estar afundando na cama.

Senti uma risada querendo se libertar, mas eu praticamente podia ver toda a dúvida e preocupação surgir de volta aos pensamentos de Noah, roubando a satisfação pacífica de seu rosto. Eu não podia deixar.

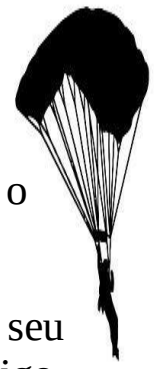
— Então. – eu disse, sorrindo. — Foi bom para você?

Noah paralisou por um segundo enquanto a minha pergunta boba foi assimilada. Então vi seus lábios se moverem um pouco. Segurei minha respiração quando sua boca virou para cima, e então ele sorriu. Noah Lake realmente sorriu. Meu coração deu um pulo - nunca vi nada mais bonito. Mas o sorriso continuou quando um som estranho retumbou em seu peito e depois explodiu fora dele. Riso.

Noah riu, e eu não pude deixar de rir com ele, até que ele se virou para mim e eu quase desmaiei ao ver seu rosto bonito, sorridente e risonho tão perto de mim. Santo Deus, ele era lindo, apesar de mal humorado e pensativo, mas um sorriso o transformou no homem que eu suspeitava que fosse quando vi sua foto pela primeira vez. O verdadeiro Noah Lake estava ali, logo abaixo da superfície o tempo todo.

— Deus, Charlotte, você é inacreditável. – disse ele. — Eu devo ter feito algo certo para você estar aqui.

Ele me beijou e senti seu sorriso nos meus lábios, e esse era outro tipo de beleza própria. Lágrimas tolas e felizes arderam meus olhos por um momento, porque aquele sorriso significava que ele



estava - por um tempo, pelo menos - livre da dor amarga que o dominara por tanto tempo.

— Você vai passar a noite comigo? – ele perguntou, com seu olhar vagando em meu rosto. — Não quero dizer *dormir* comigo. Quero dizer, vá e vista o que você veste para dormir enquanto eu me troco. Então volte para mim, deixe-me te beijar um pouco mais e depois durma.



— Sim. – eu disse, sorrindo como uma lunática. — Sim, eu vou. Eu adoraria. Definitivamente, e outras maneiras variadas de dizer sim.

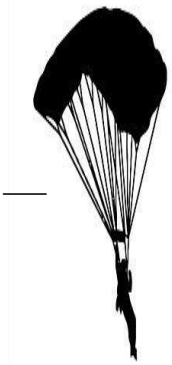
Desci as escadas para vestir uma camiseta, roupas íntimas limpas e calças de dormir macias. Meu corpo ainda estava tremendo com o toque de Noah quando corri de volta para o andar de cima. Ele estava deitado na cama, depois de trocar de calça e vestir uma camisa preta que fazia seus olhos parecerem surpreendentes demais para palavras. As tábuas do assoalho rangiam à sua porta e sua cabeça se levantou. Ele sorriu suavemente e isso o colocou no limite.

Eu não sabia se ou quando me acostumaria com o quanto bonito ele era quando sorria. Eu esperava que nunca.

Subi na cama com ele e ele me abraçou de uma vez, me beijando profundamente antes de me soltar. A exaustão ergueu sua cabeça - eu estava atormentada pelo espectro de emoções que experimentei naquela noite: do pavor à luxúria, à pura alegria do coração. Senti meus olhos ficando pesados ao mesmo tempo.

Do lado de fora das janelas, trovões retumbavam e a chuva atingia o vidro.

— Talvez seja bom não termos dormido juntos hoje à noite. – disse Noah. — Talvez seja melhor ir devagar. – ele me segurou com mais força para ele. — Ainda tenho trabalho a fazer, Charlotte. Demônios para combater, eu acho.



— Eu também. – eu disse, pensando na minha audição. — Mas eu me sinto... esperançosa.

— Sim. – disse Noah. — Esperança. Nuances de escuridão.

Eu mal conseguia manter os olhos abertos. — Hummm?



— Algo que alguém me disse uma vez. – ele me beijou, acariciou a minha bochecha. — Obrigado, Charlotte.

— Pelo quê?

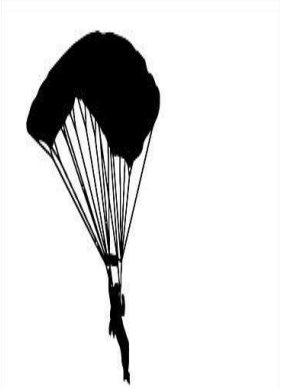
— Por estar aqui. Comigo.

Ele me segurou mais apertado e eu me encolhi nele, deixando o calor do seu corpo me levar a dormir onde eu sonhava, e nos meus sonhos eu estava voando alto.

Ato II

Alegro[27]

[27] *Alegro* **ou Allegro ("alegre" em italiano) é um andamento musical leve e ligeiro, mais rápido que o allegretto e mais lento que o presto.**



24

Noah

Ela desceu as escadas, mas eu ainda podia sentir o cheiro dela nos meus travesseiros, nos lençóis e na minha pele. Eu deitei, envolto nos cobertores, no cheiro dela, meu corpo lembrando da sensação dela e querendo mais. Querendo tudo, desejando-a completamente, em todos os sentidos, agora e em algum trecho desconhecido de tempo.

Percebi que o meu futuro com Charlotte era o último país não descoberto que eu jamais viajaria. Mas tinha que fazer algumas adaptações antes que pudesse dar um único passo.

Encontrei o meu telefone na mesa de cabeceira e disse para ligar para Lucien. Falei com o velho por vinte minutos. Uns *bons* vinte minutos. Eu não disse tudo o que precisava dizer; Guardaria isso para quando estivesse com ele pessoalmente, mas eu disse o suficiente.

Planos feitos, desligamos e eu tirei as cobertas. Cruzei o quarto, até o fundo do meu closet. Eu senti o cheiro dos restos da minha colônia favorita pairando no ar, toquei nas calças e os paletós pendurados ao meu redor. Todas as roupas de marcas, geralmente usadas para alguns eventos especiais do *Planet X*. Uma pontada de arrependimento bateu no meu peito. Eu me perguntava o que eles estavam fazendo na revista. O quartel-general estava aqui na cidade. Meus ex-colegas de trabalho estavam aqui. Meus antigos amigos também; Ignorei firmemente todas as mensagens de alguém desde a



reabilitação. Eles estavam na região, cuidando de suas vidas, planejando viagens, trabalhando em artigos.

Eu deveria estar lá. Ou melhor, em missão em algum lugar, sentindo o vento passar por mim enquanto pulo, esquio ou plano sobre um vasto horizonte repleto de cores.



A raiva começou a queimar e eu quase permiti. Mas então pensei em Charlotte e engoli isso. Continue, pensei, da mesma maneira que costumava me impulsionar mentalmente durante a fisioterapia. *Apenas continue.*

Senti meu caminho até o canto de trás do closet e achei o que eu tinha vindo buscar.

Levantei a bengala na minha mão direita e a desdobrei. Quarenta e seis centímetros de alumínio, duas grandes seções cobertas com fita refletora branca - ou assim os terapeutas me disseram. O cabo era preto – mais rumores - e tinha uma alça de nylon na parte superior para contornar o pulso. A bengala - ou bastão branco, como eles chamavam - era retrátil e leve e eu odiava isso.

Eu quase joguei de volta no canto. Em vez disso, usei-a para encontrar o caminho para a cômoda. Eu disse a mim mesmo que não tornava nada mais fácil; o closet era pequeno. Apenas um idiota se perderia nele. Mas eu tinha que admitir, me senti bem segurando o bastão branco. Mais seguro, de alguma forma.

Em cima da cômoda, encontrei um boné de beisebol velho. Sob meus dedos, a costura frente se resumia em um N sobreposto em um Y. Azul e fio branco. Coloquei e virei para trás. Meu cabelo escondia as cicatrizes na parte de trás da minha cabeça - também elevadas e distintas - mas não se pode ter muito cuidado.

Abri a gaveta da cômoda superior e procurei entre as abotoaduras, os relógios caros que nunca mais usaria e os clipes de dinheiro que não podia mais usar. Encontrei o de óculos de sol que minha irmã comprou quando saí da reabilitação. Eu quase os esmaguei quando Ava me deu, para mostrar a ela que eu não faria o



papel do cego atencioso que esconde o olhar vazio do público. Mas isso era apenas eu sendo um pé no saco, já que eu não tinha planos de me aventurar de qualquer maneira.

Agora que estava indo para o mundo de verdade, o pensamento do meu olhar sem objetivo chamando a atenção fez minha pele coçar. Coloquei os óculos. Eles pareciam leves, mas resistentes. E caro. Ava tinha muito bom gosto. Eu me perguntava como eu estava neles.

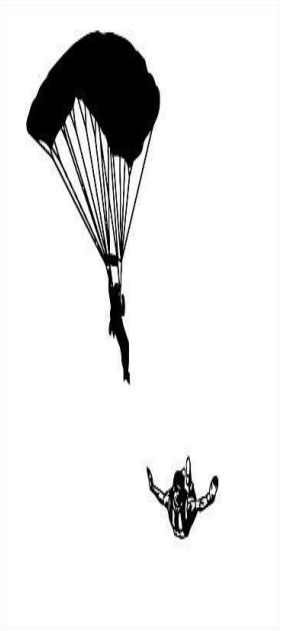


Eu me perguntei se poderia esquecer como eu era.

Charlotte me chamou. — Pronto?

Não. Mas estou tentando, baby. Eu realmente estou.

— A caminho. – eu respondi e saí.



22

Charlotte

Eu quase desmaiei ao ver Noah descer as escadas com um boné de beisebol, óculos escuros e segurando uma bengala. Ele usava um jeans azul desbotado e uma camisa de algodão preta de manga comprida que se ajustava firmemente ao tronco, acentuando tudo. Eu estava na sala do segundo andar, de queixo caído quando ele se aproximou.

— Você está me encarando, não é? – ele perguntou. Um eco da primeira vez que eu o conheci, mas desta vez não havia amargura em sua voz, e um pequeno sorriso apareceu em seus lábios.

— Como se eu pudesse evitar. – eu disse. — Vou precisar pegar emprestada essa bengala para espancar as mulheres. Elas vão se deparar com toda essa coisa adorável de boné de beisebol para trás que você cara cego está usando aí.

Ele sorriu. — Certo. O acidente no penhasco foi apenas um truque elaborado para pegar garotas.

Foi a primeira vez que ele falou do acidente com tanta leveza. Meu coração inchou de orgulho.

— Não sou uma grande fã de esconder seus olhos incríveis. – eu disse a ele. — Mas você parece... sexy.

— Humm. – disse ele, passando as mãos pelos meus braços nus. — O que você está vestindo?



— Blusa azul, sem mangas. Calças de algodão Billowy, bege. Sandálias.

— Você está bonita.

Eu quase o provoquei que ele estava apenas me elogiando, mas pude ver que ele estava falando sério, da maneira que me via. — Obrigada.



Ele se inclinou para me beijar e tremores passaram na minha espinha. Foi um beijo gentil, mas com Noah, descobri rapidamente, que sempre havia uma energia ardente em cada toque, pronta para acender.

Eu me afastei com uma risada nervosa. — Isso é... estranho.

— Estranho? Por quê?

— Estar *com* alguém novamente. Eu simplesmente não estou acostumada, eu acho. E já estamos morando juntos...

— Vamos devagar, lembra?

— E a coisa toda sobre funcionária e empregador? – perguntei. — Não quero particularmente falar sobre nós no sentido de negócios, mas não precisamos lidar com isso?

— Sim, nós precisamos. – disse Noah. — Mas podemos ter *um* primeiro encontro?

— Sim, por favor. – eu ri. — Você está pronto para ir?

Noah franziu a testa. — Eu acho. Nós não estamos comendo lá, certo? Acho que já tive Annabelle's suficiente para durar uma vida inteira.

— Não, nós estamos indo para uma pequena padaria de bagels[28] de Amsterdã, mas prometi a Anthony que iria passar no Annabelle's. Mal posso esperar para você conhecê-lo.

Ele esfregou o queixo. — Eles me conhecem lá, não é? Ou eles sabem de mim. O idiota que ficou demitindo seus assistentes?

Segurei a mão dele que não estava segurando o bastão branco. — Você não precisa fazer nada do que não gosta. Eu sempre posso ligar para Anthony...

Noah levou a mão ao meu queixo, traçando o meu lábio inferior com o polegar. — Vai fazer você feliz em ir para o Annabelle's, certo? Então vamos para o Annabelle's.

Meu coração parecia que estava pronto para explodir agora, e eu tentei não ficar excessivamente emocional. Mas estava demorando algum tempo para se acostumar com isso; a inebriante euforia de ser amada e cuidada. Eu me senti imprudente e impetuosa, mas também alegre. Senti como uma paraquedista deve sentir no momento antes de ela se jogar do avião.



Na calçada do lado de fora, Noah pegou na curva do meu braço com a mão esquerda e segurou o bastão branco na direita.

— Fale sobre o estranho. – ele murmurou.

— Você vai se acostumar com isso.

— É disso que eu tenho medo.

Apertei a mão dele.

[28] ***Bagels: são rosquinhas.***



Nós andamos, e eu pude praticamente sentir a tensão enrijecida em todos os músculos de Noah. Sua boca estava virada para baixo em uma máscara de concentração e seu aperto no meu braço era um pouquinho tímido e desconfortável. Mas quando chegamos à Amsterdam Street - úmida do dilúvio da noite anterior - ele estava andando mais fácil, com seu o bastão branco batendo na calçada de um lado para o outro em um ritmo leve.



Eu não queria deixar Noah constrangido, então reduzi o fluxo de encorajamento alegre que ameaçava escapar de mim e apenas passeava com ele.

Chegamos ao Annabelle's, com seu toldo listrado de amarelo e branco, com uma pequena poça de água da chuva. O restaurante estava cheio, mas não lotado. Maxine nos cumprimentou na porta com seu sorriso rígido de sempre. — Dois para o café da manhã?

— Olá, Maxine.

Ela piscou sob camadas de delineador preto e sombra prateada, e então o reconhecimento apareceu em seu rosto. — Charlotte? Meu Deus, você parece... diferente! – ela se recuperou rapidamente, e seus lábios super-pintados se voltaram para baixo em sua testa franzida de sempre. Ela olhou por cima do meu ombro para Noah e vi seus olhos arregalarem um pouco, mas ela não disse nada; ela não estava prestes a mostrar que foi pega de surpresa duas vezes.

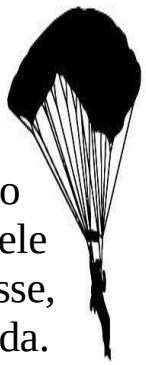
— Humm? Café da manhã?

— Não, estamos aqui apenas para ver...

— Conroy! Venha pra cá.

Anthony atravessou a entrada e me pegou em seus braços. Ele me levantou do chão em um enorme abraço de urso, antes de me sentar e me segurar no comprimento do braço.

— Você está bem, garota!



— Já chega, Sr. Washington. – disse Maxine, batendo levemente no braço de Anthony com um cardápio. — Depois que ele terminar de fazer uma cena, Anthony cuidará de você. – ela me disse, e saiu para atender outros clientes com um sorriso final de despedida.



— Quem é o seu amigo? – Anthony perguntou casualmente, embora ele piscou comicamente os olhos para mim.

— Este é o Noah Lake. – eu disse, sorrindo. — Noah, este é meu melhor amigo, Anthony Washington.

Noah ofereceu sua mão incerto. — Prazer em conhecê-lo, cara.

— Você também, você também. – Anthony estendeu a mão e a sacudiu com entusiasmo, embora estivesse olhando para mim e repleto de perguntas. — Ei, eu tenho apenas a mesa para você...

— Ah, não podemos ficar. – eu comecei, mas Noah cutucou o meu cotovelo.

— Eu posso suportar mais uma omelete daqui, se você puder.

— Tem certeza?

— Divirta-se com o seu amigo, Charlotte. Eu estou bem. Ou estarei assim que nos sentarmos e não sentir que todos estão me encarando.

— Ninguém está olhando para você. – Vi Clara correndo, com os olhos arregalados, rabo de cavalo ruivo voando. — Bem, quase ninguém.

— Charlotte? – Clara gritou, como se não nos tivéssemos visto há anos, em vez da última vez que peguei um pedido, algumas semanas atrás. — Como você está? – ela me envolveu em um abraço, e rapidamente - muito rapidamente - virou-se para Noah. — Olá, sou amiga de Charlotte, Clara Burns.

— Noah Lake. – ele ofereceu sua mão novamente, rigidamente, na direção dela, e pude perceber que ele estava perdendo a paciência.



Clara pegou a mão dele e segurou firme. — É um prazer. Charlotte nos disse que estava trabalhando para você, mas não mencionou como você é encantador. E alto! O que 1,95m? Eu tenho 1,73m e você apenas é mais alto do que eu!

Ele sorriu levemente. — Eu aceito sua palavra.



Clara não desistiu. — Eu amo seus óculos de sol! Você pode usá-los aqui dentro, certo? Como Bono? Muito legal.

Anthony apareceu e apressou Clara de volta ao trabalho, e eu me inclinei para Noah. — O que eu te disse sobre as mulheres? Ela até usou "encantador".

— Você não pode ver, mas estou revirando os olhos para você por trás dos óculos escuros. Que eu uso aqui dentro. Porque eu sou legal como Bono.

Anthony nos levou a uma mesa em sua seção - um tampo duplo perto da janela onde pedestres passeavam pela calçada do outro lado. Ele começou a nos entregar dois menus, depois parou, estremecendo se desculpando. Peguei um e acenei para o outro.

Eu olhei para Noah. Ele sentou-se rigidamente, silenciosamente, e eu comecei a me sentir culpada por isso ser demais para ele. Um busser[29] chegou - alguém que eu não reconhecia - e deixou dois copos de água.

— Água à sua direita, à duas horas[30].

— Obrigado, querida. – disse ele, e aliviou a respiração. Eu pensei que ele estava feliz por algo a ver com as mãos enquanto eu folheava o menu.

---

[29] ***Busser: é ajudante de garçom. Ele é encarregado de limpar a mesa e levar a louça suja para máquina de lavar louça.***

[30] ***à duas horas: aqui foi uma forma de dar uma direção ao Noah onde estava o copo, como se fosse para ele se guiar pelo movimento do ponteiro de um relógio.***



— O que você está no humor para comer? –perguntei.

— Você. – disse Noah. — Mas vou me contentar com os ovos Benedict. Por enquanto.

— Não estamos atrevidos hoje? Pensei que iríamos devagar.



— De quem foi a ideia idiota?

Percebi que estava sorrindo de orelha a orelha, mas não pude evitar. Noah estava sentado aqui, em um restaurante, contando piadas e flertando comigo.

Annabelle's começou a ficar mais cheio. Anthony voltou para anotar nosso pedido, mas não teve tempo de conversar. Sob o barulho agitado e as conversas, ouvi o meu celular tocar com uma mensagem de texto. Tirei-o da minha bolsa e o olhei.

— Algo errado? – Noah perguntou depois que olhei para a mensagem sem dizer nada.

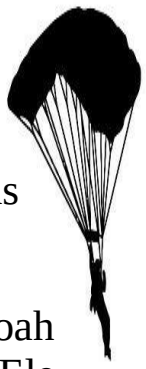
— Não, apenas minha amiga me lembrando sobre uma festa nesta sexta-feira.

— Por que você faz parecer ser uma má notícia?

— É uma festa da Juilliard. – respondi. — Regina convida um monte de músicos para tocar temas de programas de TV e jogos de bebida musical. Eu costumava ir o tempo todo, mas não estou em um desde... hum, desde que tirei uma folga. Mas meio que prometi para a minha melhor amiga que iria e agora...

Noah se inclinou sobre a mesa. — Por que não ir? Sair com seus amigos...

— Porque eles não querem apenas "sair". – eu disse, mais mal humorada do que pretendia. — Eles se perguntam por que eu não toco, e me infernizam, e fazem várias perguntas que não tenho vontade de responder.



Pensei que Noah iria me infernizar ele mesmo, mas ele apenas assentiu pensativo e deixou o assunto em paz.

Anthony voltou com ovos Benedict e rabanada. Observei Noah encontrar o saleiro, cheirar, colocar para baixo e pegar a pimenta. Ele colocou um pouco na palma da mão e, quando tinha o quanto queria, esfregou-o sobre a comida, como se estivesse fazendo isso há anos.



Meu coração disparou de alegria que Noah parecia estar no caminho da aceitação. Ele ainda não estava lá - ele ainda fez uma careta e encolheu os ombros conscientemente quando uma mordida de ovo escapou de seu garfo. E quando alguém na cozinha deixou cair uma enorme bandeja de talheres no chão de azulejos, ele xingou como um marinheiro, recuando o suficiente para jogar nossos cafés nos pires. Mas ele estava tentando, e eu fui tomada pelo orgulho.

Quando ele teve tempo, Anthony apareceu de fininho para dizer as fofocas de Annabelle's - Harris era um garçom terrível - e Clara apareceu novamente para flertar sem vergonha com Noah. Então chegou a hora de partir. Mas estávamos demorando. Sendo tranquilos.

Às vezes me pergunto como as coisas teriam sido diferentes se tivéssemos saído de Annabelle's cinco minutos antes.

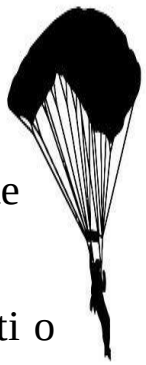
— Caramba! *Noah Lake? Porra, Noah Lake? É você?*

Eu me virei para olhar - o restaurante inteiro virou para olhar - quando um homem alto, com cachos de cor cobre, vestido com roupas elegantes e casuais, parou em nossa mesa a caminho da porta com dois amigos.

Noah inclinou a cabeça. — Deacon?

— Em carne e osso! – O homem acenou para os amigos. — Ei, eu já vou.

Esse cara, Deacon, ficou de pé sobre a nossa mesa, com as mãos nos quadris, balançando a cabeça de um lado para o outro. — Eu mal posso acreditar. Os mortos ressuscitaram! Como você está? Ah,



porra, eles não estavam brincando! Você ainda está realmente cego, não é?

Deacon acenou com a mão na frente do rosto de Noah e senti o sangue correr pelas minhas bochechas.



— Como você está, Deacon? – Noah disse, parecendo estranhamente controlado. — É bom ouvir sua voz, cara.

— Eu tenho estado bem. Realmente muito bem, na verdade.

Deacon pediu uma cadeira para a mesa ao lado. O casal quase não teve chance de responder antes que ele a pegasse e colocasse o encosto da cadeira contra a nossa mesa. Ele colocou as pernas longas em ambos os lados e apoiou os braços no encosto, como se estivesse se preparando para ficar um pouco.

Deacon olhou para Noah, ainda balançando a cabeça. — Irreal. Tem sido... o que? Seis meses?

— Quase. – disse Noah. — Dean McCormick, esta aqui é Charlotte Conroy.

— Porra, onde estão minhas maneiras? – Deacon riu. Ele se virou para mim, com seus olhos me percorrendo de cima a baixo. Senti o rastro do seu olhar como lodo na minha pele. — Doce Charlotte, um prazer conhecê-la.

Ele ofereceu sua mão. Eu relutantemente a peguei.

— Você conhece Noah da revista? – perguntei.

— Sim, de fato, e posso apenas dizer, em um negócio cheio de filhos da puta loucos, esse cara aqui era o mais louco de todos nós!

Deacon estendeu a mão e bateu a mão no ombro de Noah. Eu estremeci e Noah também, e eu tinha certeza de que ele empurraria Deacon no chão - eu esperava que ele fizesse isso. Deacon instantaneamente e completamente me agradou da maneira errada. Mas Noah só ouviu o amigo contar uma história sobre mergulho na



Austrália e um encontro com um grande tubarão branco. Um leve sorriso de dor apareceu nos lábios de Noah enquanto Deacon falava.

— Estávamos todos nos borrando em nossos trajes, e Lake, aqui, parecia que ele estava prestes a colocar uma rédea curta na maldita coisa e levá-la para casa.



— Não era um tubarão tão grande. – Noah me disse, como se sentisse que eu não estava impressionada.

Deacon riu. — Mentiroso. Este homem era uma lenda.

Noah estremeceu novamente com a situação. Deacon não percebeu, mas eu percebi, e senti a alegria da manhã diminuir um pouco.

— Porra, Yuri vai soprar uma junta para saber que você está aqui! – Deacon gritou. — Você vai dar uma passada no PXHQ[31]? Você tem que ir! A turma toda vai se virar para vê-lo passar pela porta!

— Eles não estão em missão? – Noah perguntou. — Nossa turma, quero dizer? Billy, Logan e todos aqueles caras?

— Billy está na Rússia, Logan está na... Nova Zelândia, acho. E Polly está se preparando para os *X Games* em agosto. Eles são os últimos a chegar à cidade.

— Todo mundo está vindo aqui?

— Cara! O *Baile Global* será daqui a duas semanas e este ano estará *aqui*. O *Grand Empire Ballroom*, no grande edifício do *Empire State*. Inferno, quase imaginei que você estivesse aqui para a festa.

— Eu não trabalho mais no *Planet X*. – disse Noah, e ouvi a saudade em sua voz, fraca, mas estava lá.

---

[31] ***PXHQ: é a sigla do quartel general da revista Planet X.***



— Ei, você teve uma queda feia, mano. – disse Deacon, instantaneamente solene. — O fato de você ainda estar vivo é um milagre, e eu sei que não foi fácil para você, com toda a recuperação. Eu também sei que você não quis dizer nada disso que você me disse de volta ao hospital. Você teve alguns problemas para resolver e eu respeito isso.



Deacon olhou para mim e piscou, com toda solenidade voando pela janela. — Mas você tem essa garotinha atraente cuidando de você e você está melhor, certo? Você tem que vir! Vai ser uma loucura. E quem sabe o que pode acontecer na frente de trabalho? Estou lhe dizendo, Yuri vai chorar por vê-lo. Ele não para de falar sobre o quanto bom foram seus artigos e não para de reclamar do resto de nós para intensificar o nosso jogo.

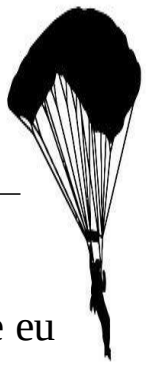
— Seria bom conversar com Yuri novamente. – disse Noah.

Eu não disse nada, mas tomei um gole de água, com o meu estômago cheio de pavor. Não sabia exatamente o porquê, mas não queria que Noah tivesse mais nada a ver com o *Planet X*.

Não é pela revista, é apenas porque Deacon é um desprezível, eu disse a mim mesma, mas não fez nada para dissipar a minha inquietação. Olhei incerta para Noah, desejando poder dar uma olhada nele - alguma dica sobre como ele estava absorvendo tudo isso, mas seus olhos estavam escondidos atrás dos óculos de sol.

— Yuri quer vê-lo. – Deacon estava dizendo, assinalando nomes em seus dedos grossos. — Jonesy diz que você é a única razão pela qual ele sobreviveu a Cabo naquele ano... lembra? Ele se embriagou no estúpido telhado da fazenda? Ele teria batido as botas se você não o tivesse convencido.

Deacon virou-se para mim. — Sempre demos importância a Noah porque ele nunca bebia, mas naquela noite Jonesy teve sorte de um de nós estar sóbrio o suficiente para ajudar o pobre bastardo. Nenhum de nós sabia o que dizer.



— Você quer dizer que você falou com ele? De... pular? – perguntei a Noah, mas Deacon respondeu.

— Ah, quem diabos sabe? Jonesy é sempre tão dramático que eu não ficaria surpreso se ele estivesse fazendo isso pela atenção.



Agora eu queria que Noah pudesse ler *meus* olhos, mas Deacon ainda continuava falando.

— Quem mais? Um monte de gatas habituais... Oooh la la! Valentina estará lá. Tenho certeza que ela mal pode esperar para vê-lo novamente, bom amigo. Mas espere, você está fora do mercado? – ele olhou entre Noah e eu e moveu as sobrancelhas.

Noah começou a responder quando Deacon, brincando, deu uma cotovelada nele. — Isso significa mais para mim. Inferno, pobre Lake! Não consegue nem ver, mas não o toque!

Ele acenou com a mão na frente dos olhos de Noah novamente e meu joelho involuntariamente bateu na mesa.

— Pare de fazer isso. – eu disse.

Noah sacudiu a cabeça. — Fazer o que? – O franzido que estava ausente de seus lábios estava de volta e eu meio que odiava Deacon por isso.

— Aaah, ela é uma mulher temperamental! – Deacon riu. — Eu gosto disso. Ei, eu estou apenas brincando. Noah sabe como eu sou. Você tem uma mal humorada em suas mãos, meu homem. – ele olhou para a vidraça onde os dois amigos que ele abandonou estavam esperando impacientemente. — Porra, eu tenho que ir. – ele pegou um cartão da carteira e deu para mim. — Charlotte, este é o telefone principal da sede. Se você quiser ir ao baile - você e o seu acompanhante - ele acrescentou com uma piscadinha -, basta ligar e dizer a eles, e já está garantido. OK?

Eu sabia que Deacon estava brincando, mas não estava com vontade de brincar com ele. — Isso depende de Noah.



Deacon virou. — O que vai ser, Lake?

— Vou pensar. – disse Noah, e para minha consternação, percebi que ele estava falando sério.

— Porra. – Deacon disse, e então ele observou Noah por um momento novamente, balançando a cabeça. — Depois daquelas fotos que eu vi de você no hospital, mano? Com as costas toda machucada e cagada? Você é um cara durão, mas não vai desaparecer de novo, ok? Sinto sua falta, cara.



— Sim, sinto de você também, Deacon. – disse Noah, abatido. A careta se foi. Ele parecia alguém perdido no nevoeiro.

Deacon me deu uma última olhada mais uma vez quando se levantou. — Doce Charlotte. Foi um prazer. Leve esse cara para a festa, está bem? – ele se inclinou sobre mim e disse em um sussurro que propositalmente foi para o Noah ouvir. — *Certifique-se de que sua calça combine com seu casaco.*

Ele riu alto, com sua mão roubando uma carícia do meu ombro antes de finalmente ir embora.

Um silêncio caiu e eu estava esperando Noah me dizer o quanto seu velho amigo era um idiota, e que ele nem pensaria em ir a essa festa. Em vez disso, ele girou sua caneca de café várias vezes.

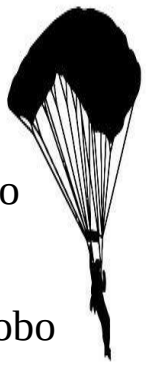
— O que ele quis dizer com fotos do hospital? – ele perguntou, com sua voz baixa.

Meu estômago apertou. Não vi sentido em esquivar-se, então contei a ele a verdade sobre as fotos ilícitas de celulares.

— Quando você as viu? Antes de você trabalhar para mim?

— Sim.

— Elas são... ruins? – ele bufou. — O que estou dizendo, é claro que são ruins. O quê mais?



— O que você quer dizer? – perguntei, me sentindo um pouco enjoada.

— Quero dizer, que é realmente muito fácil me fazer de bobo hoje em dia. Existe algo mais que eu não saiba?



Eu era incapaz e não queria iniciar nosso relacionamento - ou o que quer que fosse - com uma mentira, omitida ou não.

— Lucien me disse que você tem um Camaro. Em um depósito, na Flórida. Que é o amor da sua vida e que você não pode vendê-lo.

Ele assentiu, com a boca virada para baixo e os olhos escondidos atrás dos óculos. — Algo mais?

— Não. Eu juro. Você está bravo comigo?

A cabeça de Noah se levantou. — O que? Não, querida. Três meses atrás, sim, provavelmente. Mas isso seria injusto de qualquer maneira. As fotos estão lá. Não há nada que possa fazer sobre isso. E meu carro... – ele apertou os lábios em um sorriso melancólico. — Não há muito que eu possa fazer sobre isso também.

Estendi a mão e apertei sua mão.

Ele levou os meus dedos aos lábios. — Vamos sair daqui.

Conduzi Noah para fora do restaurante depois de dar um abraço em Anthony e fazer uma promessa de ligar mais tarde.

Voltamos para o sobrado em um silêncio que se estendeu pelo resto do dia. Noah falou apenas um pouco de palavras distraídas para mim e, quando ele tirou os óculos escuros, pude ver que seus olhos estavam cheios de pensamentos, pensamentos que ele não estava compartilhando comigo.

Naquela noite, nos deitamos na cama dele e eu li *A Origem do Silêncio,* de Mendón. Noah estava deitado de costas, com seu olhar para cima e os dedos atrás da cabeça.



"Eduardo pressionou a pedra e não ficou surpreso quando a pedra moveu, uma porta se abrindo em uma câmara escura. Eduardo deu um passo e Sara agarrou seu braço. 'Não'."

"Ele tocou sua bochecha. 'Não posso voltar e não posso ficar aqui. Venha comigo.'"



Fechei o livro rapidamente e Noah - finalmente - virou o rosto para mim.

— Charlotte?

— Não estou com disposição para isso, eu acho.

Noah virou de lado para mim e, pela primeira vez desde Annabelle's, senti que ele estava realmente comigo. — Sinto muito por ter ficado fora o dia todo. Ouvir Deacon falar sobre a Planet X, e sobre Yuri - meu antigo editor - e todos os nossos amigos... Inferno, apenas ouvir a voz de Deacon... Era como ser catapultado no tempo e estou submerso em memórias desde então.

— É compreensível. – eu disse, com meus dedos virando as páginas do livro, fazendo-os vibrar. — Você vai a essa festa?

— Você não quer que eu vá. Consigo ouvir isso.

— Eu não gosto do Deacon. Sinto muito, mas não gosto, e toda a ideia desse *Baile Global*, ou o que quer que isso seja, me deixa nervosa. Por você.

— Me desculpe, Deacon foi um idiota com você. Ele é um cara legal, na verdade, mas ele é intenso.

— *Muito* intenso. E não gostei da maneira como ele falou sobre sua cegueira. Todo mundo na festa vai ser assim? Tão... grosseiros?

Noah encolheu os ombros. — Talvez. Mas eu aguento. Eu tenho que pegar e seguir em frente. Esse não é o objetivo?

— Eu suponho que sim. Parece muito, muito rápido.



— Parece apenas assim, porque até agora não fiz nada. Até você. – ele me deu um sorriso que eu não retribui. — E eu não iria apenas para a festa. Eu iria encontrar o Yuri. Para me reconciliar. Eu preciso de uma carreira. Uma proposta. E se eu ainda tivesse um emprego na P.X, poderia ser bom para mim. Saber que minha vida antiga não está tão morta e acabou quanto eu pensava. – ele sorriu tristemente. — Como o livro diz, não posso voltar e não posso ficar aqui.



— Eu sei, é como Mendón é um médium. – eu fiz uma cara feia para *A Origem do Silêncio*. — Você não pode encontrar o Yuri em particular? Você tem que ir a esta festa?

— Eu tenho que ir. Para mostrar a todos que não estou mais me escondendo. Para me mostrar que parei de me esconder.

Eu me esqueci de mim mesma e assenti.

— Charlotte?

— Estou aqui. – eu disse suavemente.

— Sim, você está. – Noah se aproximou, deslizando os braços por debaixo de mim e me segurando com força. Seus olhos castanhos passaram por mim, procurando, e então ele abaixou sua boca na minha em um beijo suave. — Até você, eu estava perdido. Às vezes, você é a única coisa que me parece real.

Eu acariciei sua bochecha. — Eu sempre estarei aqui para você, Noah.

— Promete? Venha comigo, Charlotte. Eu quero entrar naquele salão com você. Eu ficaria orgulhoso pra caralho de fazer isso.

— Ah, você e seus palavrões, seu doce falador.

Ele riu. — Deacon é uma pessoa difícil, mas Yuri é um bom homem. Ele é uma versão russa de Lucien. Você o amará. E prometo que a festa não será terrível. Para você. Provavelmente será um



pesadelo para mim, mas se você estiver lá, acho que posso superar isso.

— Por você. – eu disse. — Mas Noah, me prometa que se for demais ou apenas... não é o que você pensa que fosse, nós vamos embora. OK?



— Eu prometo. – ele me beijou e rolou, me levando com ele para que eu estivesse aconchegada contra ele. — Mas você também me fará uma promessa? Na verdade, uma promessa e um favor.

— Favor primeiro.

— Você vem comigo a Connecticut no próximo fim de semana? Para visitar meus pais? Liguei para Lucien hoje de manhã e...

— Você ligou? Você vai? Você vai vê-los? – eu senti vontade de pular para cima e para baixo, exceto que não queria deixar os braços dele. — Eu estou tão feliz por você. Claro que vou. – Então, a realidade disso afundou. — Espere. Eu vou conhecer seus pais?

— E Ava, minha irmã. Lucien diz que vai vir.

— Ok, então isso não é nada intimidador. – eu ri nervosamente. — Quando você pretende ir? Na noite de sexta-feira?

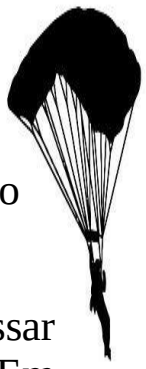
— Sábado de manhã. Sexta à noite é a festa musical da sua amiga e essa é a promessa que quero de você. Que você vai.

Suspirei. — Tantos compromissos sociais e tão pouco tempo.

— Isso é um sim?

— Sim. Mas você vem comigo? – eu enterrei meu sorriso no ombro dele. — Eu ficaria muito orgulhosa se você fosse.

Noah riu e eu ri com ele até que me beijou. E então novamente. E de novo. Cada beijo me afastava dos meus pensamentos e me aproximava mais dele. Sua língua sondou minha boca de uma



maneira que me fez doer entre as pernas. Esse beijo era... como uma promessa de algo mais por vir.

Ofeguei quando ele finalmente interrompeu o beijo para passar sua boca quente no meu pescoço, generoso com dentes e língua. Em segundos, eu estava tonta por falta dele. Ele me segurou, me levantou e me levou com ele enquanto descia da cama.



— Vou fazer você se sentir bem agora, Charlotte. – ele sussurrou, então tirou a minha camiseta e jogou-a para longe. — Você merece se sentir bem...

Meu coração bateu forte no peito por pensar no que ele tinha em mente, e então ofeguei quando ele me pressionou contra a cabeceira da cama.

— O que você está fazendo? – eu disse.

— Colocando essas postagens estúpidas em bom uso. – ele disse rispidamente, e passou os braços em volta de mim, para abrir o meu sutiã. Ele o jogou para longe também e colocou as duas mãos nos meus seios, fantasticamente ásperas e necessitadas. Ele pressionou sua boca na minha novamente, com sua língua girando em círculos, e senti aquela promessa tácita novamente no beijo bruto e arbitrário.

— Eu amo seus seios. – disse ele, movendo-se para lamber e chupar meu lóbulo da orelha, enquanto seus dedos provocavam meus mamilos.

— Eu notei. – eu consegui dizer, e o alcancei, precisando sentir sua pele contra a minha. Eu levantei sua camisa para cima e a tirei, e avidamente deixei minhas mãos explorar os músculos tensos de seu abdômen e os músculos firmes de seu peito. — E você... eu nunca vou me acostumar com isso.

Ele interrompeu minhas palavras com outro daqueles beijos que pareciam criados para corroer minha sanidade, e ele agarrou meus pulsos e os levantou sobre minha cabeça.



— Espere e não solte. – ele ordenou e quase gozei com apenas essas palavras, com a ansiedade do que viria a seguir. Era tão bom vê-lo assim, cheio de confiança, agressivo, tão seguro de cada movimento que ele fazia. Uma pequena voz sussurrou que ele esteve com inúmeras mulheres antes do acidente; ele tinha experiência de sobra.



Mas ele é meu agora, eu pensei, até que os meus pensamentos foram levados quando Noah se ajoelhou diante de mim, beijando minha barriga enquanto suas mãos seguravam meus quadris.

— Ah Deus... – sussurrei, enquanto ele puxava a minha calcinha até que ela pousou em torno dos meus tornozelos.

— Saia dela. – ele resmungou e, logo que eu tive um pé livre, ele colocou minha perna por cima do ombro e colocou a boca entre as minhas coxas, mergulhando fundo.

Eu gritei e agarrei a cabeceira da cama acima da minha cabeça pela vida querida, como Noah me beijou da mesma maneira que ele beijou minha boca - com intensa e impulsiva paixão que era quase animalesca, exceto que ele sabia exatamente o que estava fazendo.

Senti o êxtase aumentar, rugir e bater quase imediatamente, mas ele continuou, chupando e girando sua língua até os meus quadris se contraporem impotentes contra seu beijo implacável. Eu me deparei com ele novamente e ele teria tentado pela terceira vez se eu não tivesse implorado para ele parar.

— Eu não aguento... – eu ofeguei. — E minhas pernas... não funcionam mais.

Noah se levantou devagar, traçando um caminho pelo meu corpo com a boca até que ele estava de pé. Então ele me pegou nos braços e me deitou na cama onde eu parecia afundar no colchão macio. Ele deitou sobre mim, me abraçou, com um sorriso de gato de Cheshire de satisfação em seus lábios.

— E você? – eu disse, ainda tentando recuperar o fôlego.



— Se eu fiz o que pretendia, você não deveria querer fazer nada além de dormir por cem anos.

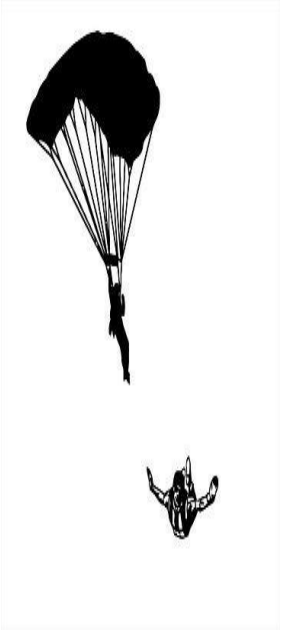
Suspirei altamente. — Isso é verdade. Mas se você está com dor...



Ele riu. — Nós temos tempo. Além disso, é muito fácil me perder em você, seu corpo, seu perfume e sua pele. – ele caiu de costas ao meu lado. — Eu quase preciso me recuperar. A partir de hoje em geral. E você. Tenho a sensação de que, quando dormirmos juntos, vou precisar de terapia depois.

Eu me aconcheguei perto dele. — Ok, mas se você mudar de ideia hoje à noite...

Ele sorriu. — Você será a primeira a saber.



23

Charlotte

Na sexta-feira seguinte, Noah e eu pegamos um táxi para a casa de Regina Chen em Hell's Kitchen, com a minha mão apertando com força a dele o caminho todo. O prédio de tijolos vermelhos pairava acima de nós, com suas janelas retangulares e escada de incêndio em zigue-zague na fachada. Os sons da música - rádio moderno, não ao vivo - e vozes conversando e rindo podiam ser ouvidos, mesmo que a casa de Regina estivesse a quatro lances de escada acima.

— Está pronta? – Noah perguntou.

— Hum, claro. Eu acho. – eu toquei a campainha. — Vai ser alto lá. E lotado. Você está pronto?

Ele sorriu na minha direção. — Baby, eu nasci pronto.

Soltei uma risada quando a porta se abriu, mas eu senti Noah apertar seu aperto no meu braço quando começamos o primeiro dos três lances de escada.

— Existe um terraço na cobertura, se isso ficar insuportável. – eu disse a ele quando subimos. — Ou podemos simplesmente ir...

— Charlotte, esta é sua noite. Não vamos embora até que você queira. – Em um dos andares, ele me puxou para ele. — Você vai se sair bem e depois... – ele se inclinou e me beijou, com um de seus



beijos patenteados de Noah Lake que inundaram[32] todo o meu corpo com calor e deixaram uma promessa prolongada de mais quando terminou.

Uma porta no andar acima de nós se abriu e a voz de Regina Chen flutuou em uma conotação de música alta. — Eu não sei quem diabos é; Falei com eles há um milhão de anos atrás...

Eu olhei para cima e vi Regina inclinar-se sobre o corrimão.

— Ah. Meu. Deus. Você está realmente aqui. Charlotte Conroy está realmente aqui!

Regina desceu as escadas correndo e jogou os braços em volta do meu pescoço. — Estou tão feliz que você não faz ideia.

— Eu tenho *uma* ideia. – eu ri.

Ela olhou para o case de violino na minha mão. — Meu Deus, o jogo começou. Essa festa será épica. – Seus olhos escuros observaram Noah atrás de mim. — Ah, eu vejo que você trouxe um modelo da GQ model[33] com você, como qualquer uma faria.

Um rubor subiu pelo meu pescoço. — Este é o Noah Lake. Noah, Regina Chen.

Regina agarrou sua mão estendida brevemente e depois voltou a subir as escadas. — Vamos. Os caras vão tocar. *Game of Thrones, Walking Dead, Mad Men*... Como eu disse, será *épico*.

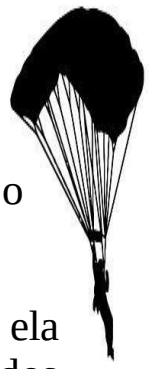
— Regina, por favor, não faça nada demais...

Tarde demais. Chegamos à porta do sótão que Regina abriu com um estrondo. — Charlotte está aqui!

Um coro de gritos altos, assobios e aplausos aumentaram, e fiquei genuinamente emocionada.

---

[32] ***Inundaram: Aqui foi um trocadilho com o sobrenome do Noah. Lake significa "lago" em Inglês.***
[33] ***GQ model: é uma revista.***



— Eu não sabia que seria assim... – eu disse, segurando o braço de Noah.

Regina se apoiou no meu ouvido. — Bem-vinda de volta. – ela beijou minha bochecha, depois correu para atender seus convidados enquanto eu levava Noah para dentro.



Amigos de Juilliard, a maioria que eu não via há mais de um ano, nos cercavam. Eu dei meu braço para Noah se apoiar enquanto eu estava envolvida em uma rodada de abraços. Eu o apresentei mais vezes do que eu poderia contar, e fiquei orgulhosa quando todos os meus amigos o cumprimentaram como se ele fosse outra pessoa - mas por alguns olhares persistentes de algumas das mulheres.

O sótão de Regina era um grande retângulo, com cerca de 800 metros quadrados de espaço industrial, cheio de vasos de plantas, dutos de metal e tijolos expostos. Ela amarrou cordas de luzes brancas de Natal, e uma área perto das janelas inclinadas era montada como um pequeno palco. Controlei o nervosismo e levei Noah para a área de estar onde Melanie, sua namorada Sasha e Anthony estavam reunidos.

Melanie me abraçou forte. — Eu tenho um segredo.

Eu olhei para ela com desconfiança. — Você?

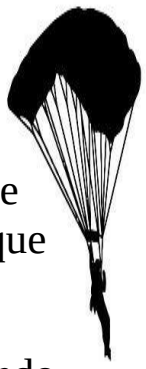
— Mais tarde. – disse ela com um pequeno sorriso animado. Ela se virou para Noah. — Sou Melanie Parker, a melhor amiga. E você deve ser o Sr. Lake.

— Devo ser. – disse Noah com um sorriso. — Prazer em conhecê-la.

— Igualmente. – disse Melanie, dando-me um olhar significativo, que eu claramente ignorei.

— E você se lembra de Anthony Washington. – eu disse quando Anthony se levantou para nos cumprimentar.

Noah ofereceu sua mão. — Como está indo, cara?



Observei com um orgulho estranho e bobo quando Anthony e Noah fizeram um daqueles apertos de mão masculinos que terminaram com um meio abraço e um tapinha nas costas.

Sentei-me com Noah no sofá e o ouvi suspirar de alívio quando ele sentou e colocou o bastão branco ao lado dele.



— Vou tomar uma bebida. – disse Anthony. — Vocês querem alguma coisa? Noah, cerveja?

— Estou bem, obrigado.

— Char?

— Pensei ter visto uma tigela de sangria quando chegamos.

— Você viu. – Anthony virou-se para Melanie e Sasha. — Senhoritas?

— Você só pode carregar até certo ponto. – disse Sasha, e se levantou para ir com ele. Ela tinha cabelos curtos e descoloridos e duas mangas de tatuagens nos braços finos. Ela se inclinou para beijar a bochecha de Melanie. — Seja legal. – ela disse à namorada, me dando um sorriso rápido.

Estreitei meus olhos para Melanie. — Sim, o que há com você? Você parece pronta para explodir.

Ela acenou com a mão. — Mais tarde. Então. Noah, conte-me sobre você. Nascido em Nova York ou o quê?

— Sim, nascido, embora eu só tenha me mudado recentemente.

— Charlotte me disse que você trabalhou para a *Planet X*.

Fiquei tensa, olhando para Noah, mas ele assentiu. — Trabalhei. Por cerca de cinco anos. Talvez irei de novo. Veremos.

Melanie perguntou a Noah sobre algumas de suas viagens quando Anthony e Sasha retornaram. Um cara parado atrás de nós ouviu Noah falar sobre o Nepal e o Monte Everest, e se juntou a ele.



Ele se apresentou como Zach e disse que esteve em Katmandu há um ano. Ele praticamente tossiu cerveja pelo nariz por saber que Noah havia trabalhado na *Planet X*.

— Cara! Essa revista é o máximo! – Zach virou-se para contar a alguns de seus amigos. A próxima coisa que soube foi que estávamos cercados, e Noah estava cheio de perguntas sobre alguns dos lugares em que esteve e os esportes radicais nos quais participou.



Observei Noah cuidadosamente para detectar quaisquer sinais de que tudo era muito doloroso para ele, mas ele parecia estar bem até Zach cutucar seu ombro.

— Ei, Noah. Você conheceu o cara que trabalhou na *Planet X*? O alpinista que acabou em coma?

— Sim, eu o conheço. – disse Noah, com a voz baixa. — Era eu.

Agora Zach realmente engasgou com a cerveja. — Aquele era…? Meu Deus! Mas você parece bem, cara. Sem um arranhão.

— Eu não diria isso.

Vi um dos amigos de Zach fazer um movimento negativo. Ele bateu no canto do olho e apontou para o bastão branco de Noah dobrada ao lado dele.

— Ahhhh, merda... – Zach disse. — Ei, me desculpe. Já tive muitas dessas coisas. Quero dizer cerveja. – ele acrescentou rapidamente. — Deixe-me pegar uma para você. Ou algo mais forte? Qual é o seu veneno?

— Eu não bebo. – disse Noah.

— Ah. – Zach franziu a testa. — Isso é porque...?

— Não, cara. Eu sou o motorista designado.



Um silêncio caiu entre aqueles reunidos ao nosso redor e Zach piscou. Então todos começaram a rir, dissipando a tensão que começara a engrossar no ar.

Anthony bateu no ombro de Noah - mas não com muita força. — Aposto que você aproveita *bastante* essa piada. – disse ele e todos gemeram.



— Sem trocadilhos na minha presença! – Regina se aproximou. Ela segurava um copo alto cheio de gelo e bolhas. — Noah Lake. – disse ela, segurando a bebida para ele. — Pellegrino[34] com limão, porque isso é uma festa.

Ele aceitou agradecendo e o meu coração estava pronto para explodir de felicidade... até que Regina se virou para mim. — Conroy. Sua vez. Vamos fazer isso.

Minha alegria ficou nervosa e senti a mão de Noah deslizar na minha quando a música do rádio ficou em silêncio. Regina anunciou no lugar que a parte de entretenimento da festa estava prestes a começar. Noah tirou os óculos escuros, inclinou-se e me beijou suavemente e essa foi toda a segurança que eu precisava.

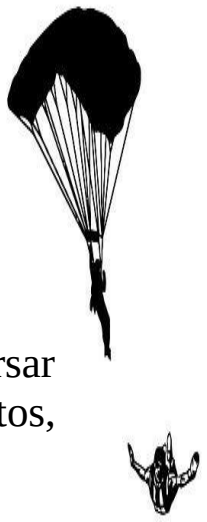
Regina, uma pianista, tinha um velho Steinway ao lado do palco improvisado. No palco, havia três pequenas cadeiras dobráveis e uma bateria. Peguei meu case de violino e sentei-me ao lado de Melanie, que apoiou o violoncelo no joelho enquanto rosqueávamos nossos arcos. Depois de um abraço em mim, Mike Hammond foi para trás da bateria, enquanto Felicia Strickland, em tranças, vestindo uma roupa de vinil preto e botas de combate, afinava seus violões - um elétrico e um acústico.

O sorriso conhecedor estava de volta no rosto de Melanie. — Então. Você e o Sr. Lake parecem muito íntimos. Como estão indo?

— Devagar. – eu disse. — Estamos indo devagar. Ou tentando. Por muitas razões.

---

[34] ***Pellegrino: é a marca da água com gás.***



— A menor delas, você trabalha para ele e vive junto.

— Tem isso.

— Estou supondo que você seguiu meu conselho de conversar com ele? Ou foi o bom e velho truque de colocar as mãos nos peitos, afinal?

Eu ri incrédula. — O que há com você hoje à noite? Você está sorrindo como um demônio.

— Eu não consigo sorrir?

— Você *não* sorri. – eu corrigi. — Não tanto assim. E aí?

— Sssshh. – Melanie piscou. — O show está prestes a começar.

Regina tinha acalmado a multidão, e meu estômago revirou ao ver a festa inteira - mais de cinquenta pessoas - nos encarando com ansiedade. Meus olhos procuraram Noah. Ele colocou os óculos de sol novamente e olhou para frente, mas eu percebi pela linguagem corporal dele que ele estava ouvindo atentamente.

— Senhoras e senhores. – começou Regina. — Se você já esteve em uma das minhas festas antes, sabe como fazemos: seus temas de TV favoritos tocados a seu pedido pela a banda na minha própria casa, por assim dizer. Você notará a falta de partituras. Isso porque é improvisação musical e, se não soubermos, vamos fingir. E se não podemos fingir, bebemos!

Aplausos e assobios da multidão.

— Então, sem mais delongas... quem tem um pedido?

— *Game of Thrones*! – Alguém na parte de trás falou.

— Naturalmente. – Regina sentou-se no banco do piano de frente para o nosso pseudo-maestro. — Melanie... se importa?

Rapidamente, lembrei-me mentalmente do tema, organizando as notas em minha mente como se estivessem em partituras. Todos



concordamos com nossa preparação e Melanie começou a tocar as primeiras tensões. Entrei na segunda estrofe com a melodia, um eco mais alto do tom dela. Tocamos o primeiro movimento, depois novamente a segunda vez com a bateria de Mike e a guitarra de Felicia. Então o tema se repetiu, desta vez com meu violino aumentando e assumindo o violoncelo de Melanie.



Estávamos longe de todo um conjunto, mas eu pensei que tivéssemos acertado. E quando terminou e os gritos e aplausos enchiam o sótão, percebi que me diverti. Mais que diversão. Eu estava tocando novamente, fazendo meu violino tocar para uma plateia extasiada. Senti a emoção antiga e a esperança aumentou. *Talvez,* pensei, *não esteja perdida, afinal.*

Nós continuamos assim por mais ou menos uma hora, com Regina tocando uma versão solo assustadora do tema do *Arquivo-X* em seu piano. Felicia ligou sua guitarra elétrica e gravamos um cover dos *Os Monstros* que atraiu uma reclamação de ruído dos vizinhos. Tentamos - e falhamos miseravelmente - recriar o tema dos *Simpsons*, mas essa música tinha muita coisa acontecendo, e todos fomos forçados a beber uma dose de Schnapps[35] de hortelã como punição. Finalmente, fechamos a rodada com *The Walking Dead.*

A multidão ficou louca quando Regina tocou seu próprio violino e começou o tema, mas tive um momento de pânico tentando me lembrar da minha parte. Mas ouvi e encontrei a música, encontrei minha voz. Eu toquei o lamento assustador bem na hora e o lugar entrou em erupção novamente.

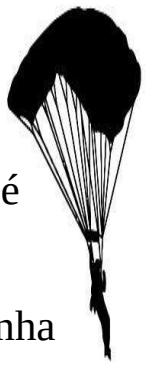
— Nada mal, Conroy. – disse Regina. — Acho que você tem um futuro nesse negócio.

Ela saiu para atender seus convidados e Melanie apareceu. — Estou orgulhosa de você.

— Eu me sinto bem. – eu sussurrei. — Eu sinto... quase como eu era.

---

[35] ***Schnapps: é uma marca de aguardente.***



Ela bateu as mãos na boca. — Ah, Charlotte. Isso é maravilhoso. Isso é *tudo*.

Eu me juntei a Noah, Anthony e Sasha. Noah segurou minha mão quando me sentei ao lado dele, mas ele não disse nada, com um pequeno sorriso estranho em seu rosto.



— Char! – Anthony gritou. — Eu nunca soube! Garota, você precisa subir no palco. – ele olhou para Melanie, que se juntou a nós. — Todos vocês. Comece sua própria sinfonia, se for necessário.

Eu esperava que Noah gritasse e concordasse, mas imaginei que, já que ele já havia me dado esse discurso, não sentiu a necessidade de fazer isso duas vezes. Ou talvez ele sentisse a eletricidade zumbindo ao longo dos meus nervos, ou o calor da minha felicidade. Eu senti como se estivesse brilhando.

A noite passou e o sótão estava cheio de música, principalmente do violão de Felicia, enquanto ela e um grupo de amigos se sentavam em um canto à luz de velas, tocando e cantando juntos. A noite tinha abrandado; as minúsculas luzes de Natal pareciam suaves e suaves, e as vozes dos convidados eram menos severas. Foi uma das melhores noites que tive, mais ainda pelo fato de Noah estar claramente se divertindo.

— Isso é um treino para o baile da *Planet X*. – ele me disse.

Balancei a cabeça, de repente um pouco vazia, mas Melanie finalmente não conseguiu segurar o que ela precisava me dizer e me levou para a pequena cozinha onde latas de cerveja e garrafas de bebida meio vazias entulhavam os balcões. Seu sorriso permanente ainda estava lá, mas ela parecia quase nervosa. Exceto que Melanie Parker nunca estava nervosa.

— Tudo bem, desembucha. Parece que você tem segredos do universo.

— Eu apenas posso ter. – ela respirou fundo. — A *Vienna Touring Orchestra*. Já ouviu falar dela?



— Não posso dizer que sim. É novo?

— Novíssimo. Definitivamente não é tão elaborado quanto alguns outros, mas eles também não são uma merda. Eles estão fora de Viena - obviamente - e a notícia nas ruas é que estão ganhando alguma força na Europa por apresentar uma série excepcional, principalmente Mozart.

— Ok. – eu disse lentamente. — E?

— Regina tem uma irmã em Praga e soube que o VTO está enviando algumas pessoas para cá. Para preencher algumas vagas, se é que você me entende.

Mordi meu lábio. — Mel...

— Charlotte, apenas me ouça. Eu acho que isso seria bom para você em vários níveis. Você sempre quis ir a Viena, a companhia não é tão grande e poderosa, então uma musicista desconhecida do seu calibre poderia realmente subir ao topo, e eles são todos sobre Mozart! É como se tivessem sido criados com a lista obrigatória de Charlotte Conroy em mente.

— Bem…

— E a experiência! – Melanie disse. — Para ser sincera, acho que você precisa. Para sair da cidade e as más lembranças e o maldito fiasco do Spring Strings, e fazer uma dessas turnês. Apenas... afunde seus dentes em algo novo.

Sorri apesar de tudo. — Você deveria ter sido uma vendedora.

— Então você fará o teste?

— Bem espere. Eu não sei…

— Ah, querido Jesus, não me diga que você não quer ir por causa de Lake.



— Não comece, Mel. – eu disse, sentindo os meus arrepios subirem. — Pelo menos com Noah, estou fazendo algo útil. Eu estou ajudando ele.

— Sim. Você tem feito um bom trabalho ajudando-o. Mas quem está ajudando você? – ela cruzou os braços. — Você não pode colocar sua vida em espera - de novo - por um homem. Não deixarei você fazer isso.

A temperatura ambiente parecia cair quinze graus. — Coloquei minha vida em espera por um homem? – eu cruzei os braços parcialmente para parecer feroz, principalmente para esconder como minhas mãos tremiam. — E qual homem seria esse? Meu irmão que morreu ou meu namorado que partiu meu coração em pedaços um minuto depois?

Melanie estendeu as mãos. — Eu sinto muito. Isso não foi o que eu quis dizer. Só acho que essa orquestra seria perfeita para você e eu odeio ver você perder uma chance por qualquer motivo. – ela olhou por cima do ombro. — Quero dizer, qual a seriedade das coisas entre você e Lake?

— Não sei. – eu menti. Bem, era uma meia-mentira. Não sabia o quanto sério Noah nos levou, mas o pensamento de deixá-lo fez o meu interior se encolher. — Mas, de qualquer forma, é importante o que você está sugerindo. Deixar o país por uma temporada inteira e ficar tão longe dos meus pais e... da cidade.

— E Noah?

— Posso pesquisar um pouco antes de você decidir que estou atrasando o movimento das mulheres em cinquenta anos?

Melanie franziu os lábios. — Claro, claro, embora o tempo seja essencial...

— O que você quer dizer? Quando é a audição?

— Duas semanas a partir de segunda-feira.



— Ah, Mel...

— Você teve o seu ano sabático, mas acabou agora. Sua hora chegou. É isso! Eu posso sentir isso. – ela amoleceu. — Prometa que você vai considerar?



— Vou considerar. – eu disse, e fiquei surpresa ao descobrir que essa era a verdade. A ideia desta *Vienna Touring Orchestra* não me encheu de pavor, como eu pensava. Pelo contrário, parecia exatamente como Melanie havia dito: algo que eu poderia ter desejado em outra vida.

Não nesta vida. Eu poderia fazer isso... E Noah... ele poderia vir comigo.

As possibilidades estavam passando na minha cabeça. Provavelmente teria que fazer um teste com Mozart. Isso foi assustador, pois sinceramente não sabia se congelaria ou derreteria em uma poça de lágrimas, ou ambos.

Ou talvez você apenas foda isso.

A noite passou rapidamente e eu estava pronta para ir. Ou melhor, eu estava pronta para ficar sozinha com Noah, mesmo que isso apenas significasse adormecer com ele em sua cama. Fiquei muito feliz por ele estar voltando ao mundo, mas ainda me sentia protetora. Talvez eu estivesse atrasando o movimento das mulheres, mas queria cuidar dele, mantê-lo seguro.

Mas se ele viesse comigo em uma turnê, eu poderia tocar e ele poderia viajar pelo mundo que pensava ter perdido.

Comecei a perguntar se ele estava pronto para ir quando ele se inclinou para mim, com sua respiração quente e provocando arrepios agradáveis no meu pescoço. — Gostaria de levá-la para casa agora.

Minha respiração acelerou. — Essa é uma escolha interessante de palavras. – murmurei de volta. — E o que acontece quando você me levar para casa?



— Qualquer coisa. Tudo. Não quero mais esperar.

Fechei os olhos enquanto o sangue corria entre as minhas coxas, deixando-me tonta. — Nem eu.

Nos despedimos e eu conduzi Noah pelo sótão que agora estava muito menos lotado, passando pelo cantinho de Felicia Strickland.



— Precisamos de suas cordas, senhorita. – Felicia me disse. — Time of Your Life do Green Day. Você sabe?

— Está tarde…

— Por favor. – Felicia se inclinou sobre o círculo de amigos ao seu redor, e de repente eu fui bombardeada com pedidos implorantes e rostos lamentáveis.

— Tudo bem, tudo bem. Vocês parecem uma manada de gatos famintos. – eu me virei para Noah. — Uma última música.

— Sou todo ouvidos. – disse ele. — Quase literalmente.

— Você não é fofo. – eu o guiei para uma poltrona.

Peguei meu violino e me sentei no braço da poltrona, enquanto Felicia estava sentada no chão com as pernas cruzadas. Ela começou a tocar e cantar a música sozinha, o que, em seu timbre rouco e feminino, tornou tudo ainda mais bonito na minha opinião. Toquei ao fundo do violão dela, as cordas carregando as letras poéticas e cruas em uma conotação suave.

Enquanto eu tocava, realmente ouvi a voz de Felicia e a mensagem da música. Uma nova vida. Virando a página. A encruzilhada na estrada. Vi o meu caminho diante de mim; um caminho com Noah na cidade de Nova York e o outro viajando pela Europa, fazendo música.

Ou talvez eu não precise escolher. Talvez eu possa ter os dois.



Dissemos adeus, abraços e beijos foram trocados, e Melanie arqueou uma sobrancelha para mim. Ela murmurou *eu te amo*, e eu respondi, *eu sei.*

Na rua abaixo, Noah e eu estávamos sozinhos pela primeira vez no que pareciam eras. Ele não perdeu tempo, mas me pegou nos braços e me beijou com força. Eu caí contra a parede e agarrei seus quadris, puxando-o para mim. Meu case de violino caiu no chão entre nós.



— Exceto por minha irmã, eu nunca admirei uma mulher antes. – ele sussurrou entre beijos. — Isso é terrível, mas é verdade. Mas você... – Suas mãos cessaram de percorrer meu corpo e agarraram meu rosto. — Jesus, Charlotte. Isso foi tortura.

— Tortura? – Inclinei-me para frente, mordi seu lábio, e ele me empurrou para trás, com os quadris esfregando em mim. Fomos separados por muita roupa. *Isso foi* tortura.

— O talento é excitante. – disse ele, passando os lábios nos meus em uma provocação enlouquecedora. Sua respiração ficou ofegante, e pude sentir sua ereção contra seu jeans. — E você está além do talento. Queria você a noite toda. – ele me beijou novamente. — Mas não aqui. Quero você na cama, nua. Eu quero mergulhar em você, Charlotte...

Ah, meu Deus... as palavras de Noah sozinhas estavam me tornando instável bem ali na rua. — Então é melhor parar de falar, ou nunca conseguiremos.

Relutantemente, ele recuou, respirando com dificuldade. — Cristo, você está certa. Onde estamos? Que horas são?

Eu ri e lutei para acalmar meu pulso acelerado. A noite estava escura e um vento aumentou, esfriando minha pele quente. — Nós nem saímos do quarteirão de Regina. – eu peguei o meu celular da minha bolsa. — E são quase duas da manhã.



— Porra. – ele murmurou, e puxou seu bastão branco que ele enfiou na parte de trás da calça jeans. — Não há muitos táxis a essa hora.

— O metrô está a alguns quarteirões acima.

Peguei meu case de violino e ofereci-lhe meu braço, com o meu coração ainda batendo com seus beijos e palavras quase tão potentes.

— Havia algo que surgiu hoje à noite sobre o qual gostaria de conversar. – eu disse enquanto caminhávamos pelas ruas prateadas pelas chuvas recentes. — Algo que Melanie me falou. Uma turnê de uma orquestra que ela acha que eu deveria fazer o teste.

— Ah, é? – Noah perguntou. Sua voz soou cuidadosamente neutra. — Onde ela faz turnê?

— Europa. – eu disse. — Não tenho todos os detalhes, mas parece que estive fora o verão todo, se não mais. Se é que eu entrei. Quero dizer, diabos, quem sabe o que aconteceria se eu fizesse o teste. Posso não saber. Eu *provavelmente* não saberia. – Exceto pela primeira vez em muito tempo, que pensei que isso não seria verdade.

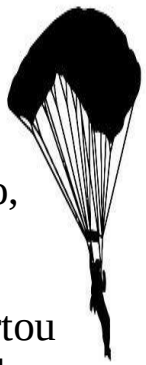
— Você provavelmente saberia. – disse Noah, com a voz baixa. — Mas a única maneira de saber com certeza é se você tentar. Isso é algo que você quer, Charlotte?

— Eu não sei. Eu acho que talvez seja. – eu parei e o encarei. — Mas você poderia vir comigo... se você quisesse.

— Charlotte, eu...

Noah parou de falar e inclinou a cabeça para o lado. Comecei a falar, mas ele me silenciou. Ele ouviu por um momento e disse em voz baixa: — Vamos continuar.

Começamos a andar de novo, mas Noah manteve seu o bastão branco fora da calçada e ouvi o que sua audição aguçada já havia captado: passos atrás de nós. Suspirei um pouco, e a mão de Noah se apertou.



— Não pare, não vire e não diga nada. Pode ser inofensivo, mas continue.

Eu assenti. Meu coração subiu na garganta e depois apertou quando a próxima placa de rua apareceu. Estávamos a duas quadras de distância de multidões, luzes e segurança.

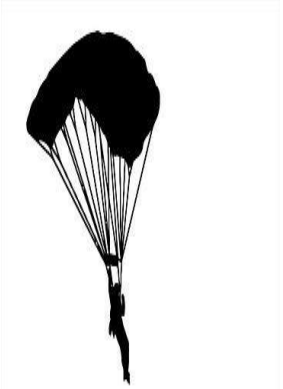


Então, um tom de voz duro e áspero quebrou o silêncio, me fazendo pular.

— Já chega.

Duas palavras simples e ainda prometendo tanto perigo e violência. Nós paralisamos, e o aperto de Noah apertou meu braço até que era tudo que eu podia sentir; meu corpo que estava entorpecido de medo.

— Seu dinheiro e sua bolsa. – disse a voz baixa. — Grite por ajuda e ela morre. Corra e ela morre. Você não a verá, garoto cego, mas a ouvirá gritar pouco antes de eu cortar sua garganta.



24

Noah

Mesmo que o medo apertasse meu estômago como um torno, o ridículo de ser assaltado duas vezes em uma semana não estava perdido para mim. A única diferença foi que a primeira eu estava sozinho, estúpido e procurando; voando para adrenalina como nos bons velhos tempos. Mas nessa noite com Charlotte, o tipo de medo que corria por minhas veias agora era lento e espesso como lodo. Eu tinha um pensamento e apenas um pensamento.

Aconteça o que acontecer, ele não a machucará. Ele não chegará perto dela.

— Vire-se agora. – disse o homem, e eu pude ouvir o barulho de seus sapatos, uma dança de pé em pé. — Devagar. Bem devagar.

Nos viramos.

— Ele tem uma faca. – Charlotte sussurrou para mim em uma voz tão abafada pelo medo que eu mal a reconheci.

Uma faca, não uma arma. — Corra, Charlotte. – eu sussurrei.

— Não.

— Corra.

— Eu não vou deixar você.



Maldita seja ela. Se eu enxergasse, eu a faria correr. Eu a pressionaria se fosse necessário, mas fui preso pela escuridão. Fraco. Eu poderia machucá-la por engano ou piorar as coisas de maneiras que não ousei imaginar.



— Cale a boca, vocês dois. Ninguém está correndo para lugar algum.

Ele soou a uns cinco metros de distância, mas se aproximando. Eu me movi entre Charlotte e o assaltante, mantendo-a atrás do meu braço e agarrei meu bastão branco firmemente na minha outra mão.

— Largue a bengala.

Foda-se não. O bastão branco era leve, mas tinha um longo alcance, e era a única arma que eu tinha. A raiva rapidamente afogou meu medo em uma inundação fundida neste imbecil por ameaçar Charlotte, por deixá-la tão assustada. Mas ele parecia jovem. Ele pode perseguir Charlotte se eu estragar tudo. Então as coisas ficariam muito mais feias.

— Ok, cara, tenha calma. – eu disse. O bastão branco atingiu o chão. — Vou te dar minha carteira. Eu tenho pelo menos cem dólares aqui...

— E a bolsa dela. – disse o cara. — E o case dela.

Eu ignorei o último e me inclinei para Charlotte. — Coloque sua bolsa no chão.

Eu a senti obedecer, e fiz o mesmo com minha carteira, o tempo todo, meus nervos se acenderam como uma mesa telefônica, e eu gritei mentalmente para o meu cérebro trabalhar, e mostrar-me o criminoso que usava a faca do outro lado da cortina preta.

— Vamos recuar agora. – eu disse.

— Você é surdo também, filho da puta? – O cara disse. Eu quero o case. Violino, certo? Os instrumentos são vendidos por muito.



— Noah. – Charlotte sussurrou. — Vamos fazer o que ele diz.

— Vadia inteligente. – eu ouvi o cara se mover, com um som de sapato no asfalto, e eu me afastei para trás. Ele riu. — Você não pode ver nada, não é? Eu poderia apunhalá-lo na garganta e depois foder sua garota seis maneiras diferentes, e não haveria nada que você pudesse fazer sobre isso.

Meu pulso bateu nos meus ouvidos, e Charlotte deu um pequeno choro. Eu me aproximei e encontrei a mão dela segurando o violino. Soltei seus dedos - ela estava petrificada pelo medo - e agarrei-o com força em minhas próprias mãos. A ideia de dar o violino a esse cara me deixou mal do estômago. Os pais de Charlotte se esforçaram para economizar; ela o tinha desde antes da morte do irmão... Mas que escolha eu tinha? Charlotte era tudo o que importava.

— Aqui, cara. – eu coloquei o case no chão, me odiando por desistir. — Você tem tudo agora. Nós vamos continuar andando...

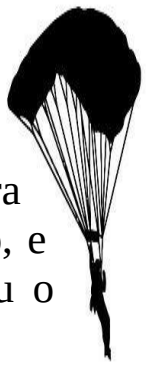
— Você não pode dizer o que fazer. – zombou o sujeito. — Eu digo. E digo que gostaria de um tempo a sós com essa doce jovem ali.

Ouvi a briga novamente e sabia que ele estava se aproximando antes mesmo de Charlotte falar.

— Ele está vindo. – ela sussurrou. — Noah…!

Meus instintos assumiram; eles eram tudo que eu tinha em primeiro lugar. Coloquei Charlotte atrás de mim e gritei para ela correr. O cara correu para mim e peguei o case de violino do chão e o levantei como um escudo. Eu esperava sentir a ponta da faca abrir minha bochecha ou pousar na minha garganta, como prometido. Mas ouvi sua lâmina raspar o case de plástico duro. Empurrei para frente com tudo o que tinha, e ele se agarrou, nos prendendo juntos enquanto Charlotte gritava por ajuda.

Senti o cheiro de dentes podres, suor azedo e álcool. Acho que prendi a faca dele entre ele e o case, mas isso não duraria. Puxei o



case em minha direção e o empurrei de volta para ele. O cara gemeu, senti sua faca rasgar a manga da minha jaqueta de couro, e então o case foi arrancado das minhas mãos quando ele perdeu o equilíbrio e recuou.



O assaltante caiu no chão com outro gemido, e as mãos de Charlotte estavam no meu braço, me afastando, chorando para eu correr com ela. Eu odiava que aquele cara fosse pegar o violino dela, mas Charlotte precisava estar segura. Peguei seu braço e a deixei me guiar para longe, correndo como um maldito covarde.

Ouvi a rua tranquila se abrir: sons de carros e vozes, mesmo a essa hora tardia. Paramos para recuperar o fôlego, e as mãos de Charlotte estavam subitamente em mim, me dando um tapinha, e levei um segundo para perceber que ela estava procurando uma lesão. Ela encontrou o rasgo na minha jaqueta, deu um gritinho e levantou a manga para inspecionar meu braço.

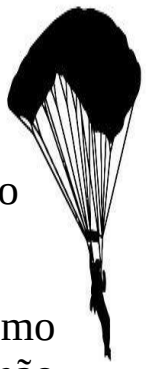
Não encontrando nada, ela jogou os braços em volta de mim e me abraçou com força; Eu podia sentir seu coração batendo contra o meu.

— Você está bem. – ela disse contra o meu ombro. — Você está bem. – Uma e outra vez, e eu estava atordoado demais para fazer algo além de abraçá-la até que ela se acalmasse.

Charlotte nos levou a uma lanchonete 24hs que cheirava a graxa velha e café, e ligamos para a polícia.

— Tenho minha bolsa. – disse Charlotte, sem expressão, quando perguntei como ela ainda tinha o celular. — Tropecei quando você me disse para correr e apenas... a agarrei. Eu não estava pensando claramente ou teria pegado sua carteira também. Ou seu bastão branco e tentar ajudar. Mas não ajudei. Eu mal podia me mover, estava com tanto medo...

Os policiais vieram até nós e fizemos um depoimento. Charlotte descreveu o viciado que nos roubou, enquanto eu ficava com raiva,



arrependimento e o conhecimento de que eu havia falhado completamente.

Os policiais não pareciam esperançosos. Não havia como rastrear o violino através das casas de penhores, pois a maioria não compraria mercadorias roubadas de um viciado, mas os policiais prometeram ligar de qualquer maneira. Eu quase disse a eles para não se incomodarem. O violino estava tão bom quanto foi e todos sabíamos disso.



A polícia nos levou de volta ao sobrado - minha segunda carona na traseira de uma viatura em uma semana. Entramos no hall de entrada e Charlotte abriu todas as fechaduras da porta, com a sua respiração em suspiros trêmulos.

— Sinto muito, Charlotte. – eu disse rispidamente. — Eu estraguei tudo.

— O que? Por quê?

— Perdi seu violino.

— Deus, Noah, isso não foi culpa sua. Você me protegeu. Você nos protegeu. Amanhã, talvez, eu lamente, mas agora...

Sim, agora eu mal conseguia pensar em nada além de Charlotte e no fato de que ela estava viva e sem ferimentos e aqui comigo. Peguei-a pelos ombros e puxei-a para mim ferozmente, segurando-a enquanto uma avalanche de emoções saía do meu peito. Agora que o perigo havia acabado, a enormidade do que poderia ter acontecido hoje à noite me inundou. Não por mim, por Charlotte. A força dos meus sentimentos por ela me assustou mais do que uma faca no escuro.

— Você deveria ter fugido. – disse a ela. — Você estaria segura.

— Eu deveria ter deixado você? – ela balançou a cabeça contra mim. — Impossível. E eu estou segura. Sinto-me segura com você.



Eu a beijei suavemente, provando o sal de suas lágrimas, mas não caía mais. Nosso beijo se aprofundou, e eu o infundi com todas as emoções que eu tinha muito medo de falar, e quando ela gemeu baixinho na minha boca, eu sabia que ela sentia tudo o que eu não podia dizer.



Ela se separou, sem fôlego. — Eu não quero ficar sozinha esta noite.

— Você não vai. – sussurrei, acariciando seus cabelos, sentindo a suavidade sob minha pele. — Eu não poderia te deixar se tentasse.

Mas, pela primeira vez em muito tempo, eu estava nervoso. Ela seria a primeira desde o acidente, e eu não tinha ideia do que aconteceria, como seria diferente quando eu não pudesse ver a mulher debaixo de mim. Preocupei-me em não agradá-la, que me humilhasse, que todo o meu equilíbrio e elegância da minha antiga vida se foram e eu fosse reduzido a algo como um bêbado; desastrado, desleixado e terminando antes mesmo de começar.

Charlotte colocou minha mão na curva do braço e me puxou com ela. Não para as escadas; ela estava me levando para o quarto dela em sua sala de estar - um lugar que eu nunca tinha pisado até agora.

— Meu quarto. – disse ela, e ouvi o tom nervoso em sua voz.

Parei na porta, chocado com a reação do meu corpo inteiro; um flash branco quente de desejo que surgiu através de mim. O quarto estava cheio de Charlotte. Seus perfumes, sabonetes e xampus, o cheiro dela na cama... ela estava por toda parte aqui, e os meus sentidos estavam cheios dela.

— Noah?

— Lentamente. – eu consegui dizer. — Ou não durarei um minuto.

— Não estou preocupada. – disse ela, tirando minha jaqueta dos ombros.



Eu peguei uma das mãos dela. — Eu estou. Você merece tudo.

— Eu tenho tudo.

Ela me levou para a sua cama e me sentou. Era incrivelmente suave, e imaginei uma colcha branca; Imaginei tudo branco e opaco, e confuso com a agradável névoa de seu perfume flutuando ao nosso redor. Eu a senti ficar entre os meus joelhos, suas mãos apoiando levemente em meus ombros. Eu estava dolorosamente duro e eu me perguntei se ela me queria tanto. Odiava não poder ver o seu rosto, e então ela se inclinou e me beijou suavemente, molhado, e eu a senti tremendo.

— Noah. – Seu hálito estava quente na minha bochecha. — Toque me. Por favor.

Minhas mãos encontraram os seus quadris e eu os agarrei, ancorando-me a ela. Eu apoiei minha cabeça contra seus seios macios e volumosos, os aninhei gentilmente.

O tecido passou pelo meu nariz quando ela tirou o vestido, e então sua pele quente estava lá. Inclinei-me para frente, beijando o espaço entre aqueles seios gostosos, com minha respiração já ficando irregular. *Lentamente!* Eu respirei fundo, firmemente.

— Seu sutiã...

Ela se mexeu, e eu o deslizei, e então ela estava me segurando no pescoço, me puxando para ela.

Eu beijei a suavidade redonda de um seio, depois segui minha língua ao longo de sua curva. Senti a textura da pele mudar e depois peguei o mamilo na minha boca, chupando suavemente, enquanto meu polegar movia em círculos preguiçosos sobre o outro. Cristo, seus seios eram uma perfeição. Eu senti como se esperasse eras para prová-los e beijá-los. Eu me movi de um para o outro, mordendo e chupando-os com força, e então os acalmei com movimentos suaves e gentis das minhas mãos até que ela se contorcia e tremia.

— Chega. – ela finalmente disse.



Ela tirou minha camisa em um piscar de olhos e depois me empurrou de volta na cama. Eu a senti sobre mim, com seus cabelos ao nosso redor, fazendo cócegas em minhas bochechas e testa. Ela me beijou daquela maneira enlouquecedora dela, macia e molhada, passando a língua pelos contornos dos meus lábios até eu ficar meio louco de luxúria, e teve que invadir a sua boca com a minha.



Os sons molhados do nosso beijo, o cheiro de Charlotte, seu corpo abrangendo meus quadris... Comecei a me perder, mas ela deve ter percebido. Ela sentou-se, apoiando as mãos no meu peito. Eu podia sentir o calor dela através da calcinha, na minha ereção dolorida. Mas ela ficou parada e arrastou as mãos levemente pelo meu peito, por cima do meu abdômen, traçando os contornos dos meus músculos.

— Estou aqui. – ela sussurrou e então senti sua boca quente na minha pele, beijando o lugar sobre o meu coração. Ela arrastou a boca para o outro lado. — Aqui. – Abaixando em um mamilo. — E aqui. – disse ela e chupou levemente.

Ela continuou assim, e eu segui o som de sua voz, a sensação de sua boca. Pequenos pontos de sensação. Eu não sentia mais que estava me afogando, mas o meu desejo de tê-la estava se tornando a fome mais feroz.

— Charlotte... *agora*.

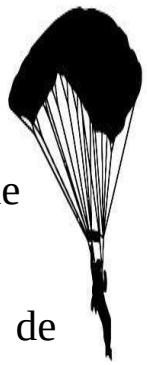
— Sim. – ela disse, e eu a senti se afastar de mim; Ouvi uma gaveta abrir e fechar.

Tirei meu jeans e minha ereção se esticou contra o tecido da minha cueca. Ela estava tão pronta quanto eu? Eu precisava sentir o quanto ela queria isso, e novamente, como se ela pudesse me ler, ela voltou, montou em mim, colocou minha mão entre as pernas dela.

Deus, ela estava nua, e o calor úmido dela... Eu respirei fundo.

— Pode sentir isso? – ela respirou. — Quanto eu quero você?

— Sim…



— Estou pronta, Noah. – Sua mão deslizou para baixo para me acariciar. — Eu quero você dentro de mim.

Agarrei-a então, pressionei meus lábios nos dela e a deitei de costas. Ela empurrou a cintura da minha cueca e senti algo em sua mão arranhar minha pele. Um pacote de preservativo. *Graças a Deus*, pensei, porque não aguentava ir devagar por mais um maldito segundo.



Eu me despi e ela rolou a camisinha para baixo. Mas uma vez que estávamos prontos, tive que garantir que ela se sentisse segura, que sabia que eu a queria mais do que seu corpo. Eu me apoiei em meus braços sobre ela, beijando-a profundamente e suavemente.

— Charlotte, eu não consigo ver seu rosto. Eu preciso saber…

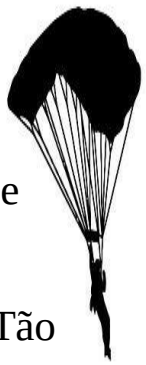
— Estou sorrindo para você, Noah. – disse ela suavemente, acariciando minha bochecha. — Porque eu estou muito feliz por estarmos aqui. Estou tão feliz que é você.

Eu a beijei novamente, e então lentamente - muito lentamente – a penetrei, na sua suavidade quente e molhada. Ela soltou um pequeno gemido irregular e sussurrou e murmurou uma palavra. — Sim...

E, ah, Cristo, eu nunca senti nada tão bom ou perfeito na minha vida até esse momento.

O corpo de Charlotte, todo o seu ser, se tornou meu mundo. Minha pele estava quente com a dela, respiramos o mesmo ar e eu estava dentro dela. De alguma forma, isso parecia impossível, novo e mais intenso do que jamais imaginei. Uma voz minúscula sussurrou que eu estava sendo estúpido, que a minha cegueira não era inteiramente por que esse momento parecia tão monumental. *É porque é Charlotte*, e essa era a verdade.

— Você está bem? – perguntei a ela, com meu ego me proibindo de mostrar fraqueza. Por causa de nós dois, era eu que precisava ter



certeza de que não iria me desintegrar em um milhão de pontos de luz.

— Sim. – ela respirou. — Ai sim. Isso é bom demais. Tão bom…



— Você é tão incrível. – disse a ela, movendo os meus quadris lentamente. — Você parece... – *Como tudo o que eu sempre quis.*

Eu a beijei, com meu corpo arqueado sobre o dela, movendo-se mais rápido agora, e ela me puxou para mais perto, angulou seus quadris para me levar mais fundo. Um fluxo constante de belos sons veio dela: pequenos gemidos, suspiros ofegantes e ela sussurrou palavras de *mais* e *sim* e meu nome, repetidas vezes, para que eu nunca duvidasse que ela queria tanto isso como eu.

Suas mãos estavam por todas as minhas costas, suas unhas cravando na minha pele cicatrizada e na imaculada, como se fossem a mesma coisa. E então no meu cabelo, onde senti seus dedos tocarem as cicatrizes hediondas também, sem recuar. Somente aceitação. Mais que aceitação, porque ela não via minha feiura e decidiu que isso estava tudo bem. Ela não fez distinção entre carne cicatrizada e toda. Era só eu que ela queria, como eu era, e quem tem sorte o suficiente para sentir isso neste mundo?

A urgência entre nós cresceu; meu corpo estava se movendo agora por conta própria e levou tudo o que eu tinha para segurar. Senti Charlotte mover debaixo de mim e suas mãos se foram das minhas costas. Sua boca se levantou para encontrar a minha em um beijo que era toda língua e lábios molhados e mal contendo fome. Gemi em nosso beijo, quando minha mão esquerda encontrou os seus seios, distendidos de alguma forma. Continuei explorando, sobre a clavícula, o ombro e depois o braço para descobrir que ela estava segurando a cabeceira da cabeça com as duas mãos.

A imagem que surgiu em mente veio rapidamente: as mãos presas acima da cabeça, apoiando-se, com os olhos fechados, a cabeça jogada para trás, a boca luxuriante, em um perfeito *O* de prazer.



— Sim. – ela sussurrou, como se estivesse respondendo a uma pergunta que eu tinha feito com minhas mãos. — Vamos, Noah. Eu quero isso. Eu quero você. Forte. Por favor…

Ah, Cristo. Como foi possível ela dizer essas coisas e ainda parecer delicada, suave e doce debaixo de mim? Isso não importava. Ela queria o que eu queria, e meu corpo obedeceu seu pequeno comando imediatamente.



Eu me preparei, com palmas das mãos em ambos os lados dela, e levantei-me para penetrá-la profundamente. Ela respondeu com um grito e as pernas em volta da minha cintura. Eu penetrei de novo e de novo, mais e mais rápido a cada vez. Então Charlotte - meu Deus, essa mulher - ela me segurou com tanta força, levantando a metade inferior do corpo da cama para encontrar todos os meus impulsos enquanto eu a penetrava, repetidamente, cada vez que se aproximava da beira de um êxtase. Eu nunca sonhei que era possível.

Sem mais sussurros ou suspiros, agora Charlotte estava gemendo, *gritando* em seu prazer a cada impulso, e desisti de tentar não me perder nela e me perdi. Febril. Minha pele, ossos e carne estocada eram dela agora, e ela era minha. Toda minha. Cada centímetro dela estava em volta de mim e ela me levou para dentro dela tão completamente que eu não sabia dizer princípios ou fins, limites ou corpos, apenas ela e eu.

No final, ela me puxou para ela e eu a penetrei mais, como se isso fosse possível, e ela me beijou, me apertou com força. Eu a senti tensa, senti seus dentes afundarem no meu ombro e então ela gozou, arqueando as costas e gritando uma última vez - meu nome - então eu sabia que havia me tornado seu mundo inteiro também.

Isso foi tudo o que foi preciso. Penetrei uma ou duas vezes mais, erraticamente, enquanto meu clímax aumentava e atingia, lançando-me em um delírio de prazer que pulsava como um segundo pulso em cada grama do meu corpo para me deixar drenado.



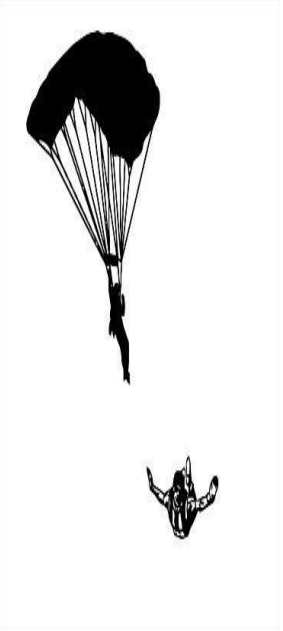
Caí em cima dela e queria ficar lá, envolto nela para sempre. Mas eu era muito pesado. Ela se mexeu embaixo de mim e pegou algo perto da cama.

— Lixeira.



Eu descartei a camisinha e virei, levando-a comigo. Coloquei meus braços em volta da pele macia e aveludada de suas costas, que era escorregadia com um fino brilho de suor. Ela estava deitada em cima de mim, com seus seios contra o meu peito, os braços ainda em volta de mim e sua respiração soprando sobre o meu pescoço. Nossos corações estavam batendo juntos, depois desacelerando juntos, e parecia que seu corpo quente e macio estava fundindo ao meu.

Ficamos assim por um longo tempo, com nenhum de nós dizendo uma palavra, até que ela finalmente levantou a cabeça e me beijou uma última vez, respirando a vida dentro de mim quando nada e ninguém mais tinha antes.



25

Charlotte

Acordei certa de ter tido o sonho mais louco e bilateral da minha vida. A primeira metade foi um pesadelo assustador, a segunda metade foi a experiência mais arrebatadora e alegre da minha vida. Noah estava em volta de mim, nu, e meu corpo estava vibrando de prazer. Fizemos amor três vezes, até o amanhecer e eu tive que relutantemente implorar por um pouco de sono. Ele era insaciável e tinha resistência de sobra. Não sei por que diabos ele se preocupou em não durar um minuto. Noah era um amante incrível. Um homem de verdade, onde Keith era apenas um garoto.

E não foi apenas o prazer físico que trouxe um sorriso aos meus lábios naquela manhã. Foi a profunda emoção que senti através de cada toque seu que foi uma camada adicional de êxtase. Foi em seus beijos, em seu corpo que se moveu sobre o meu, e na sensação de suas mãos que me olhavam porque seus olhos não podiam. Nunca me senti mais segura em minha vida do que nos braços de Noah, e a lembrança de ser assaltada provavelmente desapareceu rapidamente da minha mente se meu violino não tivesse sido levado também.

Mais tarde. Vou me preocupar com isso mais tarde, pensei, aconchegando-me mais perto de Noah. Ele se mexeu, acordou e me beijou com intenção.

— Sério? – eu ri incrédula.

— Sério. – ele murmurou, e desta vez foi gentil e lento; Ele demorou um pouco e apreciou cada centímetro meu até eu gritar seu nome, delirante e embriagada.



Pegamos um trem da Grand Central Station para New Canaan por volta do meio da manhã. A estação não estava tão cheia quanto em um dia de trabalho, mas os corredores ainda ouviam os ecos de centenas de passos. Noah ficou perto de mim quando caminhamos, mas uma vez que nos sentamos no velho Amtrak[36], ele deu um suspiro.

— Minha mãe vai fazer um escândalo. – disse ele quando o metrô saiu da estação. — Esteja preparada para muitos abraços e lágrimas dela. Meu pai apertará sua mão como se você tivesse acabado de fechar um negócio e, quando Ava parar de gritar comigo, provavelmente também a abraçará.

Balancei a cabeça e sorri gentilmente, vendo a paisagem do lado de fora da janela se transformar em um borrão.

— Charlotte?

— Ah, desculpe. Isso parece ótimo.

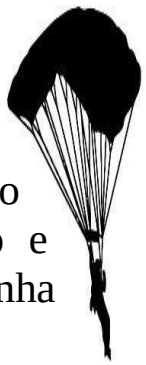
Ele se virou para mim. — Você está bem? Você quase não disse uma palavra a manhã toda.

— Nervosa, eu acho. – eu disse. — É muito importante conhecer sua família.

— Eles vão te amar. – ele disse. Ele tirou os óculos escuros, torceu-os pela haste. — Você está pensando na noite passada?

---

[36] ***A Amtrak é uma empresa estatal federal de transporte ferroviário de passageiros dos Estados Unidos, com sede na capital americana.***



— O assalto ou o que aconteceu depois? – perguntei, tentando ter leveza. — Passamos de terrível e péssimo, para glorioso e sublime em um tempo recorde. Parece impossível que tudo tenha acontecido na mesma noite.



Ele se inclinou e me beijou e eu sorri, mas o sentimento inquieto não iria embora. — Eu continuo pensando que esqueci algo no sobrado. Ou que deixei uma boca de fogão acesa ou a porta da frente destrancada. E então lembro que meu violino se foi.

Ele baixou o olhar vazio. — Sinto muito, Charlotte.

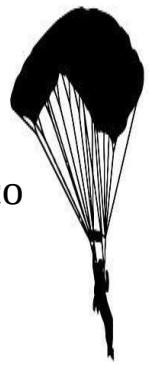
— Não é sua culpa, Noah. – eu disse gentilmente. Você tem que saber disso. Mas agora que tudo acabou, sinto que perdi um membro ou algo assim. Estúpido, é verdade. Mal toquei a coisa em um ano. Não é sério, de qualquer maneira. Mas eu estava começando a sentir algo novamente. – eu suspirei e mostrei meu sorriso. — De qualquer forma, sim, estou muito nervosa por conhecer sua família. Mas Lucien estará lá, oui?

— Sim, ele e meu pai estão de férias, eu acho.

— Ótimo. – disse, sentando-me. — Será bom vê-lo novamente.

Quanto mais o trem chegava a Connecticut, mais nervosa eu ficava. Eu não era exatamente tranquila enquanto socializava com pessoas da minha idade, não importa aquelas que viviam em enormes mansões e tinham nomes como Grayson Lake III. Eu me senti como uma caipira. Ou como uma hippie, com meu vestido boêmio e sandálias. Imaginei que todos eles eram altos como Noah, e eu seria a criança tropeçando em seus calcanhares.

A estação de trem de Nova Canaã era elegante e pitoresca, e Lucien Caron, estava esperando por nós lá, e parecia igualmente elegante e antiquado. Ele estava quase sozinho na plataforma, em seu terno amarelo pálido e lenço de pescoço azul pálido com um diamante sob o sol brilhante piscando no centro. Observei com lágrimas nos olhos, quando Lucien pegou Noah pelos ombros e lentamente o puxou para um abraço apertado.



— Ah, meu garoto. – Lucien enxugou os olhos com um lenço de seda.

— Está bem, está bem. – Noah limpou a garganta.

— Charlotte, *ma chere*. – disse Lucien, e foi a minha vez de um abraço. Ele cheirava a roupas caras, colônia e seus cigarros Dunhill. Ele não disse nada por medo de deixar Noah constrangido, mas quando se afastou, seus olhos expressaram um grande volume de gratidão.



— Ava chegou tarde a noite passada. – disse Lucien, depois de guardarmos nossa bagagem - uma mala de rodinhas cada - no porta-malas do seu sedan Cadillac prateado. — Ela está muito... curiosa para vê-lo, Noah.

— Eu aposto que sim. – ele disse sombriamente. Eu olhei para ele. Todos os contornos severos e traços voltaram ao seu rosto e, quando eu me ofereci para sentar no banco de trás, ele fez uma observação inteligente sobre a visão ser a mesma para ele.

— Ei. – eu puxei-o para o lado enquanto Lucien discretamente fumava um cigarro a alguns metros de distância. — O que está acontecendo?

— Sinto muito, Cristo, eu sinto muito. – Os olhos de Noah vagavam sem rumo pelo estacionamento. — Isso de repente ficou muito mais difícil do que eu pensava. Eu sou um idiota para todo mundo há tanto tempo, que isso é como minha configuração padrão. Eu só sei que não poderei aceitar muitos elogios sobre *melhoria* e *aceitação* e...

Segurei a mão dele nos meus lábios. — Você estará cercado por pessoas que amam você e que sentiram sua falta. É provável que exista um pouco de *ohhh* e *ahhh*.

Ele assentiu com relutância. — Mas se eu pedir para você fugir comigo, prometa que vai dizer sim ou não vou muito longe.

Eu ri e o beijei, e ele parecia animado.



Partimos da estação com Noah sentado no banco de trás e eu no banco da frente. Lucien descreveu o cenário enquanto dirigia por uma estrada arborizada, rodeada pelas casas mais enormes que eu já tinha visto. Algumas eram pouco visíveis atrás de muros fechados ou escondidos no final de estradas longas. O comentário de Lucien foi para o benefício de Noah, mas ele habilmente o direcionou para mim como convidada e recém-chegada a Connecticut.



Ele entrou com o carro em uma entrada circular que dava para uma enorme casa branca com janelas no terceiro andar. Árvores cercavam a mansão por três lados, dando a aparência de estar escondida em sua própria floresta em miniatura. Um gramado exuberante que parecia verde demais para ser real estava espalhado diante dela, protegendo-a da rua.

Eu olhei pela janela do carro. — Esta é a sua casa?

Lucien deu um tapinha na minha mão. — Você encontrará uma recepção calorosa por dentro, minha querida, eu garanto.

Balancei a cabeça e saí do carro desejando ter usado algo um pouco menos casual do que meu vestido e sandálias. *Como uma tiara ou uma daquelas estolas de pele que ainda têm as cabeças de raposa presas.*

Noah e Lucien levaram a bagagem atrás deles, e Noah pegou meu braço com a mão livre. Seu rosto estava tenso e eu decidi que apenas um de nós deveria estar surtando, e eu provavelmente deveria deixar que fosse ele. Eu estava fora do meu elemento, mas a expressão de Noah era de tumulto de arrependimento e desejo. Beijei sua bochecha.

— Estou aqui com você.

Seus contornos severos suavizaram, e ele virou o olhar na minha direção. — E é assim que termino este fim de semana.

Lucien nos conduziu por uma calçada de pedra e abriu uma das duas enormes portas de ferro forjado e vidro. Eu segui com Noah no

meu braço atrás de mim quando entramos em um hall de entrada de madeira em uma rica cor de caramelo e paredes brancas.

Sr. e Sra. Lake estavam de pé rigidamente na base de uma escada em caracol, como se tivessem decidido que encontrar Noah parecia menos impaciente do que na varanda da frente. Ambos tinham os cabelos grisalhos, ambos estavam vestidos como se tivessem acabado de tomar um brunch no clube. Eles podem ter, pelo que eu sabia. Ambos estavam nervosos demais, mas tentaram esconder isso com maneiras e o que minha mãe chamaria de "boa educação".

Victoria Lake puxou um pingente de ouro em volta do pescoço, enquanto Grayson balançava nos calcanhares, com as mãos nos bolsos e os lábios franzidos. Assim que o filho cruzou a porta, vi lágrimas surgirem nos olhos da Sra. Lake, e ela se aproximou dele lentamente, como se estivesse andando debaixo d'água.

— Noah. – disse ela. — Gostaria de te abraçar agora.

— Tudo bem, mãe. – disse Noah com voz rouca. Ele soltou meu braço e eu me afastei para que Sra. Lake pudesse cuidadosamente abraçá-lo pelo pescoço. Quando ele a abraçou também, primeiro com hesitação, do que com força, um pequeno som escapou dela, e minha visão instantaneamente ficou turva.

— Você está maravilhoso. – disse Sra. Lake, segurando Noah à distância. — Ele não parece tão saudável e forte? Grayson?

Sr. Lake caminhou para frente. — Filho.

Noah parecia saber o que era esperado e estendeu a mão para o pai agitar. — Oi, pai.

Sr. Lake puxou Noah para ele e o abraçou também - o que surpreendeu os dois homens - e eu agarrei o braço de Lucien. Era como assistir a vídeos virais on-line em que uma senhora entusiasmada é informada de que será avó ou um filho militar surpreende sua mãe ao voltar para casa. Esses momentos me faz



sempre chorar, e aqui estava acontecendo diante dos meus olhos, apenas um milhão de vezes mais forte. Quando algo maravilhoso acontece com a pessoa que você ama, você não pode deixar de se sentir muito feliz também.



Sra. Lake virou-se para mim. — E você deve ser Charlotte. – ela me abraçou em uma nuvem de perfume e roupas caras, mas seus braços em volta de mim eram macios e acolhedores. — Estou muito feliz em conhecê-la. Precisamos sentar neste fim de semana e conversar, você e eu. – ela falou lentamente e distintamente, com seus olhos falando tudo. Ela queria falar comigo sobre Noah, é claro, mas não queria deixá-lo constrangido. O marido dela era menos discreto.

Sr. Lake apertou minha mão. — Excelente trabalho, Senhorita Conroy.

— Pai. – Noah balançou a cabeça.

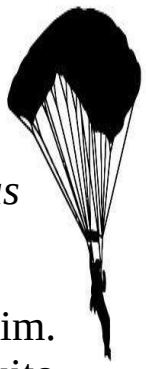
— Bem, você está aqui, não é? – Grayson Lake sorriu para mim. Ele era tão alto quanto seu filho. Todos eles eram; até Lucien era mais alto do que eu. Sr. Lake apertou minha mão. — Alguém merece um aumento.

— Ah, não... eu não... – eu gaguejei algo ininteligível até para mim mesma, com minhas bochechas queimando.

Com uma tranquilidade treinada, a Sra. Lake disse. — Charlotte, vamos colocá-la na suíte oeste... Ah. A menos que seja melhor você ficar perto de Noah? Podemos dar-lhe o quarto ao lado do dele...?

— Dê a eles o mesmo quarto, mãe. – Veio uma voz do alto. — Eles são um casal, afinal.

Olhei para cima e vi uma jovem descer a escada curva como uma debutante fazendo sua apresentação. O fato de ela estar de short e blusa de seda não fez nada para afastar a ideia. Ela era a imagem cuspida de Noah, uma versão como uma mulher com toda a sua beleza na forma feminina: alta, cabelos escuros e com os mesmos



olhos castanhos surpreendentes. *Gêmeos. Eles não são apenas irmão e irmã, eles são gêmeos.*

— Eu sou a Ava. – disse a mulher, estendendo a mão para mim. Você deve ser Charlotte. Eu ouvi muito sobre você de Lucien. Muito prazer em conhecê-la.



Apertei a mão dela, me sentindo um pouco tímida. Ava Lake tinha mais equilíbrio, autodomínio e confiança em um dedo mindinho do que eu em todo o meu corpo. *Exceto quando estou no palco, surgiu um pensamento repentino.* No palco, sou poderosa... Uma pontada de perda tomou conta do meu coração ao me lembrar do violino perdido, mas forcei um sorriso.

— Prazer em conhecê-la também.

— Como assim, eles são um casal? – Sra. Lake perguntou, olhando para o filho. — Isso é verdade?

— Eu os vi chegarem do meu pequeno pedestal no andar de cima. – disse Ava. Ela se moveu para ficar na frente de seu irmão. — Óculos legais.

— Ainda me dedurando? – Noah perguntou grosseiramente.

Ava observou seu irmão, com seus olhos luminosos cheios. — Sim. E se o histórico for uma indicação, você poderá compartilhar um quarto, porque você é um homem. A última vez que trouxe um namorado para casa, papai queria colocá-lo em um hotel.

Noah sorriu. — Você tem namorado, Ava? Ou você coloca uma gravata em uma pilha de trabalho e a trouxe para casa?

Ava não respondeu, mas apenas se apoiou no peito de Noah e suspirou. Ele inclinou a cabeça para cima, como se estivesse olhando para o teto, e então abraçou a irmã.

— Estou tão feliz. – Victoria apertou as mãos sobre o coração. — Tão feliz. Vamos para o pátio. Está um dia lindo e Ramona preparou sua deliciosa limonada.



Houve um momento embaraçoso em que todos caminhamos no hall de entrada e com todos os Lakes querendo ajudar Noah, mas cada um hesitante ou sem saber o que fazer. Entrei entre todas essas pessoas altas e ofereci meu braço, e Noah deu um suspiro aliviado que só eu podia ouvir. Ele desdobrou seu o bastão branco - um reservo, desde que o primeiro foi perdido na noite passada.



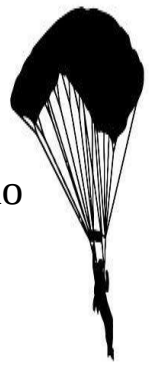
Era surreal pensar que apenas algumas horas antes estávamos de pé na rua escura, temendo por nossas vidas, e agora estávamos na riqueza luminosa e arejada da residência dos Lakes.

Lucien liderou o caminho para fora do hall de entrada e, embora os Lakes fossem refinados demais para olhar, eles se viravam frequentemente para sorrir para nós. Sra. Lake bebeu o máximo de Noah que pôde em pequenos goles, observando-o percorrer a casa com orgulho, entusiasmo e tristeza.

Percorremos a casa que parecia um labirinto interminável de um cômodo elegantemente decorado atrás do outro. Chegamos a uma cozinha - uma das duas, eu vi - que parecia ser exibida em um catálogo ou em um programa de TV em casa e no jardim. A vista além dos balcões de quartzo e dos utensílios de aço era algo da maior fantasia de um ganhador de loteria.

Lucien abriu as portas francesas e nos levou a um pátio sombreado por uma pérgola cheia de trepadeiras. Cadeiras e sofás cinza prateado com almofadas azuis pálidas - mais bonitas do que em nossa sala de estar em casa em Montana - estavam em torno de uma mesa que já trazia uma jarra de limonada e seis copos. Levei Noah para o sofá e me sentei à sua esquerda, olhando como uma tola para uma segunda sala de estar à nossa esquerda que tinha uma *lareira*.

Eu levantei meu olhar de queixo caído para frente, para uma vista de uma piscina cintilante, jardins, gramados e uma quadra de tênis, todos cercados por árvores em vez de paredes, embora eu suspeitasse que houvesse uma escondida em algum lugar na folhagem exuberante, separando a mansão dos Lakes de seus vizinhos igualmente impressionantes.



— Eu sei o que você está pensando. – Ava disse, sentando ao meu lado. — Onde está o fosso?

— Ah, hein, não, é lindo. Como algo saído de um sonho.

— Mas agora Lucien nos diz que você é de Montana. – disse a Sra. Lake. — Ouvi dizer que as paisagens são impressionantes. – ela pareceu perceber o que havia dito e pigarreou delicadamente, observando o filho.



Eu me atrapalhei com algo a dizer e Lucien resgatou toda a situação com uma palavra. — Limonada? – ele serviu a bebida, mas sentou-se conosco, e ficou claro que os Lakes o consideravam mais um membro da família do que um empregado.

— Você gostaria de uma? – perguntei a Noah, que ficou quieto. Ele assentiu e eu alcancei para pegar um copo. — Doze horas. – murmurei e ele o pegou com a mão direita enquanto a esquerda encontrava a minha. Entrelacei os meus dedos com os dele, que imediatamente atraíram sorrisos radiantes de seus pais e Lucien. Ava nos deu um olhar mais cauteloso: não é bem um franzir de testa, definitivamente não um sorriso.

Sra. Lake conduziu uma pequena conversa fiada e com delicadeza, perguntando sobre o tempo em Nova York e o quanto confortável eu achei a casa. Centenas de perguntas não respondidas pairaram em torno de nós, e o Sr. Lake, aparentemente, não era de se segurar. Noah havia me dito que ele estava semi-aposentado, mas a ousadia decisiva que havia sido uma marca registrada de seus dias com financiamento era muito evidente.

— Então, como você fez isso, Senhorita Conroy?

— Como eu...?

— Como você domesticou nosso filho? Lucien nos diz que você é violinista. Foi a música que acalmou a fera selvagem?

— Jesus, pai. – Noah murmurou.



— Acho que é uma pergunta justa, especialmente considerando a última vez que conversamos. Pensei que nunca veria esse dia. Nenhum de nós pensamos, e ainda aqui estamos. – Sr. Lake virou seu sorriso para mim. — Devemos à Senhorita Conroy uma enorme dívida de gratidão.



— Oh, não. – eu disse rapidamente. — Eu estava apenas fazendo meu trabalho. Foi Noah quem...

— Não. – disse Noah, levantando a cabeça. — Papai está certo. Eu não estaria aqui se não fosse por Charlotte, e se o resto de vocês quiser elogiá-la por ter aguentado minhas besteiras, então vão em frente. Ela merece isso. E enquanto estamos expondo as coisas, vou me desculpar oficialmente por ser um idiota insuportável para todos vocês nos últimos seis meses. Sinto muito por isso, e espero que todos possam me perdoar.

Houve um breve silêncio em que todos se olhavam para qualquer lugar, menos um para o outro. Ele foi quebrado pelo aplauso lento de Ava. — Isso foi lindo. – disse ela. — Sério. Tão emocionante... fui superada aqui.

Noah reprimiu um sorriso. — Ah, cale a boca.

Todos começaram a rir e a tensão que pairava sobre nós foi dissipada de uma só vez. A conversa fluiu facilmente de um tópico para outro, enquanto a tarde ficava progressivamente mais quente.

— Alguém gostaria de nadar? – Sra. Lake perguntou. — Charlotte? Se você não estiver muito cansada...?

Eu estava reprimindo um bocejo e rapidamente abaixei a minha mão. Noah me disse para não mencionar o assalto até que todos nós nos acalmássemos um pouco. Eu tinha concordado naquele momento e agora, porque sua pobre mãe obviamente ainda estava tentando lidar com o fato de que seu filho era cego. Eu a peguei observando-o com um amor melancólico que estava cheio de alegria por vê-lo, mas também doía por sua perda. Percebi também que os Lakes também

não tinham sido permitidos o luto por Noah; ele não tinha deixado até agora.

— Eu adoraria nadar. – eu disse radiante. — Obrigada.

— Noah? – Sra. Lake perguntou, e havia tanto quanto *"Você pode?"* como havia *"Você vai?"* nessa pergunta.

— Claro. – ele encolheu os ombros com um sorriso. — Por que não?



Ava nos mostrou a suíte oeste, brigando levemente com Noah o tempo todo, antes de voltar ao seu quarto para trocar de roupa.

— Eu te encontro aqui em dez minutos. – disse ela em um tom cortante e profissional.

— Não ligue para ela. – disse Noah quando entramos em nosso quarto. — Parece que ela ainda está no horário de expediente. Ava vive para trabalhar.

Balancei a cabeça distraidamente, olhando. — Você poderia colocar meu antigo apartamento em Greenwich aqui.

Noah ficou atrás de mim e passou os braços em volta da minha cintura. — É demais depois de ontem à noite? Deveríamos ter esperado para vir aqui?

— Não. – eu disse. — Eu não sei. Talvez seja melhor estar aqui e distraídos do que na cidade que moramos. E você? Isso deve ser mais difícil para você do que para mim.

Ele ficou rígido. — Isso é difícil para você?



— Sua família é maravilhosa, mas é um pouco intimidadora. Eu me sinto como uma caipira do campo. Quero dizer, Ava é como uma supermodelo.

— Não a deixe ouvir você dizer isso, a menos que você queira falar sobre sexismo contra mulheres no local de trabalho.



Virei nos braços de Noah. — Você parece estar se saindo bem.

— Eu acho que sim. Não os tratei bem por muito tempo.

— Eu observei o rosto deles enquanto você falava. Eles são sua família. Tudo está perdoado.

Isso o animou, mas eu pensei no dia em que Noah teve uma enxaqueca terrível e me perguntei - não pela primeira vez - o que teria acontecido com ele se eu não estivesse lá. Porque nenhum deles estava lá para ele.

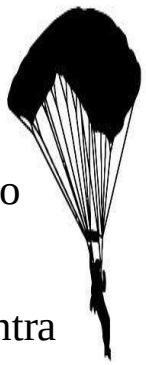
Mas os Lakes não eram as pessoas ricas e afastadas que eu as construíra para pensar. Eu só podia imaginar que o desprezo de Noah tinha sido mil vezes pior quando ele estava lidando com sua cegueira.

Vestimos nossas roupas de banho - as minhas são uma peça antiga de duas peças que eu tenho desde o ensino médio. Estava desbotada pelo sol e pelo cloro, mas era tudo o que eu tinha a curto prazo. Noah vestiu calção de banho e olhei seu peito descaradamente até que ele vestiu uma camiseta.

— Tsc tsc. – disse ele, movendo-se para me pegar em seus braços. — Isso não é justo quando não posso te ver.

— Dê uma olhada. – eu disse. O pesadelo do que aconteceu ontem à noite estava pairando sobre mim, mas também o fato de Noah ter feito amor comigo pela primeira vez também. Fechei os olhos enquanto ele passava as mãos pelo meu pescoço, pelos meus seios, deslizando sobre o meu estômago.

— Um biquíni. – ele disse rispidamente. — Que cor?



— Listras azuis e rosa desbotado. – murmurei. — Muito chique.

— Mudei de ideia. – disse ele, segurando os meus quadris contra ele. — Não vamos nadar.



Ele me beijou forte e profundamente, mas Ava bateu com força na porta bem na hora.

— Vamos. – ela chamou. — Nossos pais estão esperando para ver como tudo está normal agora. Não deve decepcionar.

Noah suspirou e relutantemente me soltou. Ele encontrou seus óculos escuros e o bastão branco enquanto eu vestia um vestido de verão.

Ava nos inspecionou quando aparecemos, com um brilho penetrante nos olhos. — Podemos ir?

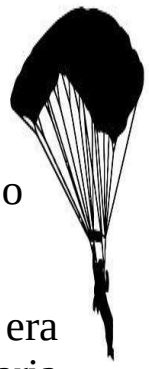
Eu tentei não olhar, mas santo Deus, ela era impressionante. Ela devia ter pelo menos 1,80m; a primeira mulher para quem eu poderia aplicar a palavra "escultural". Ela usava uma canga elaboradamente estampada em dourado e preto em volta da cintura fina, e seus cabelos sedosos fluíam em ondas escuras e espessas sobre os ombros nus. Seus seios pequenos estavam perfeitamente resguardados em um top de biquíni preto, enquanto eu sabia que passaria a tarde inteira rezando para que meus seios não saíssem da minha roupa velha e desbotada.

— Nossos pais compraram esta casa quando papai se aposentou. – Ava estava dizendo enquanto descíamos as escadas. — Exagerada, se você me perguntar, apesar de ter certeza de que mamãe se divertiu decorando-a.

— Quando você voltou aqui? – Noah perguntou à irmã.

— Fevereiro. O jornal foi fechado por ameaças de bomba e eles nos mandaram para casa por uma semana.

— Jesus, Ava.



— Covarde, sério, mas depois de *Charlie Hebdo*, posso entender o raciocínio. *Marginalmente*.

— Onde você trabalha? – perguntei, me perguntando se ela era uma autoridade do governo ou uma agente da CIA. Eu não ficaria surpresa com nenhum dos dois.



— Sou assistente do editor-chefe da *World Voice*. Estamos em Londres. Um jornal político. – disse Ava, embora eu não perdi o orgulho em sua voz. — Reportamos dos piores países devastados pela guerra, tentando fazer ouvir a população local e chamar a atenção para as injustiças que a maioria dos outros veículos apenas tocaram a superfície.

— Ah, jornalista também. – eu disse. — Parece um trabalho muito gratificante. Mas ameaças de morte? Isso é comum?

— Sim, Ava. – Noah disse secamente. — Isso é comum?

Ela sorriu para ele por cima do ombro. — Silêncio é cumplicidade. Vai demorar muito mais do que um telefonema assustador para nos fechar.

— E, no entanto, um fez.

— Essa foi a decisão do Ministério da Defesa, não a nossa.

— Então, por que você está aqui agora? – Noah perguntou. — Outra ameaça de bomba? Porque eu sei que você não tira férias.

— Não, foi um milagre. – Ava disse, abrindo as portas francesas para o pátio. Ela lhe deu uma cotovelada brincalhona nas costelas. — Alguém me disse que meu irmão havia retornado da Terra dos Idiotas e eu tinha que ver por mim mesma se isso era verdade.

Chegamos ao pátio. Lucien, Sr. e Sra. Lake haviam se mudado para uma mesa coberta perto da piscina, enquanto nós três montávamos acampamento em espreguiçadeiras. Noah tirou a camisa e eu coloquei protetor solar nas costas dele.

— Eles estão encarando as minhas cicatrizes, não estão? – Noah murmurou baixinho.

Olhei para onde seus pais e Lucien estavam sentados. Sra. Lake estava com as pontas dos dedos pressionadas contra a boca. — Sim. – eu murmurei também.

— Eu não deveria ter mostrado a eles. – disse Noah. — Isso só vai incomodá-la. Ela está chateada?

Olhei novamente. — Acho que ela parece agradecida. Ela está sorrindo. Ela está feliz por você estar aqui.

Ele se virou e me beijou. — Eu estou feliz por você estar aqui.

Correspondi o seu beijo e sentindo os olhos de Ava em nós o tempo todo.



Nadar provou ser mais fácil para Noah do que eu acho que até ele poderia ter imaginado. Uma vez que ele tinha em mente as dimensões da piscina - gigantesco por gigantesco - eu o vi pular do trampolim, girando, rolando e mergulhando com um abandono imprudente. Nunca o vi rir ou sorrir tanto. Ele, Ava e eu nadávamos e brincávamos como crianças, enquanto os Lakes e Lucien tomavam coquetéis e observavam.

— Costumávamos brincar de Marco Polo com as crianças vizinhas em casa na Flórida. – Ava me disse enquanto nós três nos agarrávamos à parede no fundo, respirando fundo. — Você conhece esse jogo? Onde uma pessoa mantém os olhos fechados enquanto as outras tentam nadar?

— Ah, claro. – eu disse. — Eu acho que é obrigatório se três ou mais crianças se reunirem em uma piscina.



— Nós brincávamos constantemente, só que o Noah era um trapaceiro terrível.

— Mentirosa. – disse Noah.

— Não, é verdade. – Ava me disse, ignorando os pequenos respingos que Noah enviou em sua direção enquanto ela falava. — Eu saía da piscina e Noah, o pequeno traidor que ele era, chamava o de peixe fora d'água imediatamente.



— Mentiras e calúnias. – disse Noah, espirrando mais água agora.

— Eu podia até ver a coisa apertando os olhos enquanto fingia sentir ao redor. – Ava me disse, e depois lançou um dilúvio que Noah enviou em sua direção.

— Você está arrastando meu bom nome Marco Polo pela lama.

— Deveríamos brincar disso agora e Noah deveria ser ele. – ela continuou e deu risadas enquanto Noah avançava em sua direção. — Porque pela primeira vez podemos garantir absolutamente que ele não trapaceará.

Noah pegou a Ava e a afundou. Ela veio engasgando, afastando mechas de cabelo escuro dos olhos. Ela o jogou, pegando-o de frente, já que ele não sabia que estava chegando, e eu fiquei para trás, observando-os, enquanto eles riam, brigavam e se jogavam como crianças novamente.

Eu pensei que ficaria muito feliz em ver Noah se reunindo com sua família e fiquei feliz por ele. Mas uma dor de nostalgia tomou conta do meu coração. Observar Ava e Noah era como assistir os fantasmas de Chris e eu brincando na piscina da comunidade ou na casa de um vizinho. Inexplicavelmente, quanto mais eu pensava em Chris, mais eu pensava no meu violino perdido, e senti como se uma sombra fosse lançada sobre o sol brilhante do dia, e isso me seguiu por toda a tarde.



Nós lavamos a louça para o jantar, e coloquei meu vestido mais bonito - com uma bainha de cor violeta com miçangas turquesas no corpete. Levei três tentativas para amarrar os cadarços da frente. Imaginei que o horror do assalto finalmente estava me alcançando. Mas Noah precisava que eu terminasse o jantar, então estampei o meu melhor sorriso e fui com ele.



Uma tempestade pequena e repentina se instalou enquanto nos preparávamos para jantar, acabando com nossos planos de comer lá fora. Em vez disso, nos sentamos na sala de jantar formal, enquanto a chuva fraca espirrava nas janelas com vista para o jardim de rosas da Sra. Lake. O Sr. e a Sra. Lake reservaram a mesa enquanto Noah e eu nos sentávamos ao lado, Ava e Lucien em frente a nós. Ramona, a governanta, serviu-nos tilápia grelhada e pimentões recheados assados, e a mesa inteira assistia com pequenos sorrisos no rosto, enquanto eu descrevia a mesa para Noah para que ele pudesse comer sem incidentes.

Enquanto o prato principal estava sendo retirado, a Sra. Lake se virou para mim, com um sorriso caloroso e agradecido no rosto. — Agora, Charlotte, Lucien nos disse que você se formou em Juilliard. Isso é uma conquista e tanto.

Tentei reunir uma palavra de agradecimento à Sra. Lake, mas de repente minha língua ficou grossa demais para minha boca. Balancei a cabeça e sorri, incapaz de encontrar seus olhos. Algum peso feio estava desencontrado em meu intimo e eu desejava poderosamente que alguém mudasse de assunto.

Sr. Lake assentiu do outro lado da mesa. — Juilliard, na verdade. Você deve ser uma jovem talentosa.

— Ela é um gênio. – afirmou Noah, se aventurando com cuidado para encontrar seu copo de água.

— Sério? – Sra. Lake bateu palmas. — Que adorável. Eu sempre adorei violino. Um instrumento tão lindo.



Brinquei com o meu garfo e o abaixei; minha mão estava tremendo. Olhei para cima e vi Ava e Lucien me olhando.

— Você deve tocar para nós. – disse Sr. Lake. — Espero que você tenha trazido seu violino.



— Não, hum... não. – eu gaguejei. *O que há de errado comigo?* — Eu não posso. Ele foi roubado. Na noite passada.

Os sorrisos simpáticos desapareceram de seus rostos com idêntica vivacidade.

— Roubado como? – Ava perguntou. — Do sobrado?

Lucien se inclinou sobre a mesa. — Vocês tiveram um arrombamento?

Noah pegou a minha mão. — Não queríamos assustá-los imediatamente. – disse ele e brevemente, e sem muitos detalhes, contou a eles sobre o assalto.

— Ah, minha querida. – Sra. Lake pôs a mão no peito. — Que horror.

— Sim, e foi muito assustador. – eu soltei de repente, com as palavras saindo da minha boca. — Mas Noah foi muito corajoso e ele me protegeu. Ele lutou com o assaltante, mas meu violino foi levado. Foi tirado e agora é... Bem, acabou. – A realidade dessas palavras finalmente afundou, como facas frias. — Estou realmente muito cansada, na verdade. Se vocês me derem licença, acho que gostaria de me deitar. Muito obrigada pelo jantar e... foi muito bom. Obrigada e boa noite. Boa noite.

Subi correndo as escadas e, por algum milagre, encontrei a suíte oeste sem me perder. Fui ao banheiro cavernoso de azulejos bege e cobre e joguei um pouco de água fria no rosto, o que só fez meu inexplicável tremor piorar. Quando comecei um banho quente, uma batida veio à porta.

— Charlotte? Você está bem?



Abri a porta. O rosto de Noah era uma máscara de preocupação. — Sinto muito por ter deixado você assim. – eu disse. — Eu não sei o que aconteceu comigo.

— Não, é tudo culpa minha, querida. Não sabia que você estava chateada. Eu deveria saber.



— Não, estou apenas sendo boba. – eu insisti. — E Deus, que vergonha. Por favor, diga a seus pais que sinto muito. Chegamos em casa tarde da noite passada e estou cansada, e acho que tudo está me alcançando. Vou tomar banho e deitar na cama. Estou bem, juro.

Sua expressão ficou séria e eu sabia que ele nunca passaria tempo com sua família se eu não o convencesse.

Eu o beijei levemente nos lábios. — Estou bem, Noah. Verdade. Um banho quente irá ajudar.

— Eu também estou cansado. – disse ele. — Vou me certificar de que minha mãe não esteja tendo um chilique e voltarei.

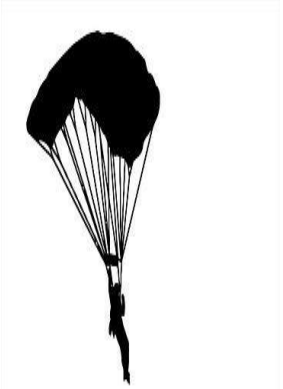
— Me desculpe, eu não quis falar sobre isso de ontem à noite.

— Vai parar de se desculpar? – Noah repreendeu gentilmente. — Eles precisariam saber eventualmente, e eu não me importo com isso de qualquer maneira. Estou preocupado com você.

— Você deve estar preocupado que este banheiro transbordará se eu ficar aqui por mais um minuto. – eu disse facilmente. — Vai. Vou mergulhar nesta mini piscina e depois me deitar naquela barcaça de cama e dormir.

Ele assentiu com relutância e me beijou novamente. — Eu volto em breve.

Eu suspirei quando fechei a porta do banheiro, agradecida, pela primeira e única vez que Noah estava cego e não conseguia ver como minhas mãos tremiam ou ele nunca teria me deixado.



26

Noah

Lucien tinha me guiado até a suíte e estava esperando por mim quando eu saí.

— Tudo certo? – ele perguntou. — Como está a nossa garota?

— Ela está bem. Cansada, eu acho. Não dormimos muito ontem à noite.

— Imagino que não. – disse Lucien. — Mon Dieu[37], que assustador.

Concordei com a cabeça, mas honestamente, a pura alegria de fazer amor com Charlotte pela primeira vez era muito mais poderosa do que qualquer medo que restasse do assalto. Mas então, ela havia perdido algo precioso para ela e ela conseguia ver o viciado com a faca. Para mim, ele era apenas uma voz no escuro.

Lucien me levou de volta para o andar de baixo e tentei mapear mentalmente o caminho, mas a casa era grande demais, cheia de móveis, corredores e portas. Eu podia sentir o tamanho dela ao meu redor, e pensei que levaria meses para aprender a planta.

Lucien me ajudou a voltar ao meu lugar na mesa de jantar, e eu pude ver praticamente as expressões de dor no rosto de meus pais.

---

[37] ***Mon Dieu: Meu Deus em Francês.***



— Ela está bem. – eu disse uniformemente. — Foi um dia longo e uma noite ainda mais longa, mas ela está bem. Ela insistiu que eu voltasse e passasse algum tempo com vocês, então aqui estou eu.



— Ela é uma pequena alma generosa, não é? – A minha mãe disse.

— Sim, ela é. – Ava respondeu do meu lado, e pude perceber pelo tom de sua voz que ela tinha algo em mente. Mas, aparentemente, ela estava guardando o discurso para mais tarde. Ela não disse mais nada, mas ouviu enquanto nossa mãe exigia que eu recontasse o assalto novamente, com forte ênfase no fato de que nenhum de nós estava machucado.

— Mas ela perdeu o violino, a pobrezinha. – disse minha mãe. — Não é de admirar que a conversa sobre Juilliard a tenha perturbado.

— Mas agora conte-nos sobre Charlotte. – disse o meu pai. — Ela deixou a mesa antes que pudéssemos... como você colocou? Dar elogios a ela?

Eu não poderia explicar aos meus pais tudo o que Charlotte era, e tudo o que ela havia feito por mim ou o quanto ela significava para mim. Teria levado a noite toda. Encolhi os ombros. — Ela é extraordinária e eu cuido dela. – eu disse, com essas palavras soando bobas e inadequadas em meus próprios ouvidos. — O que mais eu posso dizer?

Essa resposta enviou meus pais à apoplexia[38] de alegria, mas senti uma frente fria de Ava que só ficou mais forte à medida que a conversa progredia.

— Então, quais são os seus planos agora? – Meu pai perguntou. — Você pensou em uma nova carreira?

---

[38] ***Apoplexia: é um enfarte ou hemorragia súbita da glândula pituitária .***



— Na verdade, eu pensei. Uma nova carreira das cinzas da antiguidade, suponho. O *Planet X* fará sua grande festa na próxima semana na cidade e eu irei.

— Sério? – Minha mãe perguntou, e eu pude ouvir o pavor, quase disfarçado, em sua voz. — Pensei que você cortou laços com a revista após o acidente?



— Você pensou que eu tinha queimado todas as minhas pontes, você quer dizer. – eu disse com um pequeno sorriso. — Está tudo bem, eu também pensei. Mas Deacon - Deacon McCormick, lembra-se dele? Ele me disse que Yuri adoraria um encontro, então... – eu levantei minhas mãos. — Vamos ver o que acontece, mas Deacon fez parecer que a porta está aberta lá.

— Por favor, não me diga que vai retomar todas aquelas cenas de terror. – disse minha mãe. — Já era ruim o suficiente quando você podia... Já era ruim o suficiente antes do acidente. Honestamente, Noah, acho que não aguento.

— Não sei o que vou fazer. – eu disse, com a velha irritação queimando com vingança, surpreendendo até a mim. Tomei cuidadosamente um gole de água fria. — Obviamente, não posso fazer o que costumava fazer. Não tudo mesmo. Vou falar com Yuri... eu não era um escritor assim tão mau, sabe. – eu acrescentei, odiando o quanto petulante eu parecia.

— Isso mesmo. – disse o meu pai. — E acho que seria melhor você colocar suas energias lá e não pular de aviões. Não há razão para fazer sua mãe passar por outra catástrofe. Você está limitado agora. Você tem... limitações. Não seja estúpido o suficiente para pensar que não.

A raiva despertou e me pegou, e esperei sentir a mão reconfortante de Charlotte na minha. Mas ela não estava lá, e apertei minha mão vazia em um punho.

— Acredite, eu estou bem ciente das minhas limitações. – eu disse uniformemente. — Não fiz nada além de ficar sentado, ciente



das minhas limitações nos últimos quatro meses. Agora finalmente estou fazendo algo e você está me infernizando por isso.

— Noah, calme-toi[39], s'il te plait[40]. – disse Lucien, e por algum motivo sua voz não era combustível para o fogo, como a do meu pai.



Respirei fundo e virei para o fim da mesa de minha mãe. — É apenas uma festa, mãe. Um encontro. Não precisa ser terrível.

Eu a ouvi empurrar a cadeira e dar a volta; o perfume dela ficou forte e então ela estava segurando meus ombros. — Eu não posso te perder de novo. De novo não.

Ela partiu, presumivelmente para assistir a uma das dezenas de programas de CSI que amava. Meu pai me encarou com um olhar de desaprovação que eu não precisava ver para sentir, e então ele e Lucien se retiraram para o escritório para fumar e conversar sobre assuntos internacionais. Ava ficou na mesa comigo, e sua frente fria ficou positivamente fria.

— Preciso voltar para Charlotte, então diga o que você vai dizer.

— Onde começar? – Ava ponderou. — Mamãe está certa, você sabe.

— Sobre minhas "acrobacias ousadas?" – eu bufei. — De acordo com os terapeutas da instituição, não havia nada que eu não pudesse fazer se me propusesse, certo? Não é a merda *Kumbaya* que vocês estavam constantemente me alimentando com colher?

— Porra, mas você é egoísta. – Ava perdeu a cabeça. — Eu quis dizer, que mamãe estava certa em não ser capaz de te perder de novo. Você não tem ideia do que você fez quando trabalhou para aquela porra de revista. Você se orgulha de escrever. – ela zombou. — Sim, você é bom. Tão bom, na verdade, que a mãe estava chorando lendo sobre os seus esportes, tão requintadamente detalhados. Ela estava

---

[39] ***calme-toi: significa "acalme-se" em Francês.***

[40] s'il te plait: ***significa "por favor" em Francês.***



tão assustada o tempo todo, o que aconteceu em Acapulco nem foi uma *surpresa*.

Recostei-me na minha cadeira.

— Ah, não tinha pensado nisso, não é? – Ava bufou com desgosto. — Não, você estava muito ocupado vivendo sua vida, nunca pensou no que isso significava para ela ou para o papai. Ou Lucien. Ou eu.



— Grande conversa vinda da mulher cujos escritórios são rotineiramente fechados por *ameaças de bomba*. – eu respondi. — Você tem coragem, citar o nome *Charlie Hebdo* e depois me ensina sobre o quanto perigoso é o meu trabalho. Ou foi. Encare isso, Ava, nenhum de nós é obrigado a viver vidas chatas e calmas. Você, mais do que ninguém, sabe que não posso sentar atrás de uma porra de mesa. Ou talvez você estivesse mais feliz comigo escondido na casa, são e salvo?

Houve um silêncio e imaginei Ava girando seu copo de vinho, planejando sua próxima linha de ataque. Em vez disso, ela suspirou.

— Você está certo. Eu também odiava suas acrobacias, mas odeio a ideia de você ter que desistir mais disso. Lamento que você tenha precisado. Mas o *Planet X*? Gosto do Yuri; ele sempre parecia estar cuidando de você. Mas o resto daqueles caras eram idiotas e Deacon, rei deles.

Encolhi os ombros. — É o que é.

— Sério? E o que Charlotte acha do seu grande plano? Porque ela não me parece uma garota do tipo do *PX*[41]. Na verdade, ela é exatamente o oposto de todas as mulheres pelas quais eu sempre soube que você se sente atraído. E isso é um elogio.

— Como ela é diferente? Ela é inteligente, bonita, talentosa...

---

[41] ***PX: é a sigla do Planet X.***



— Ela também é doce, generosa e deve ter um coração de ouro para não apenas tolerar seu temperamento, mas também ver você nesses últimos meses. Mas ela estava realmente chateada esta noite. O que aconteceu? E não me dê a versão mentirosa que você deu a mamãe e papai.



— Não há mais nada a dizer. O cara tinha uma faca, roubou o violino de Charlotte e fugimos.

Eu não estava prestes a repetir as ameaças vis que o viciado havia feito para Charlotte, nunca mais.

— E isso é muito importante para uma violinista de concertos, eu imagino. – Ava disse. — Ela provavelmente estava realmente ligada ao seu instrumento.

— Sim. – eu disse lentamente. — Mas ela não falava sério sobre tocar há muito tempo. Ela teve... um ano difícil e está tirando uma folga.

— E é isso?

Eu me mexi no meu lugar, pensando na desta *Vienna Touring Orchestra*. Aquele que a afastaria de mim se ela fizesse o teste.

— Claro que não. – respondi finalmente. — Esse instrumento significava muito para ela. Seus pais trabalharam duro para economizar... e isso tinha um valor sentimental. Olha, no que você está chegando? Ela precisa de um novo violino, então eu comprarei um novo para ela.

— Ela é uma concertista formada pela Juilliard? – Ava comentou. — Você não pode simplesmente entrar em uma loja de instrumentos musicais e escolher alguma coisa de fábrica na parede.

— Ela não faz mais testes. – eu disse, abaixando minha voz. — E isso é assunto dela. Eu parei de falar disso pelas costas dela.

— Hummm. – Ava disse. — Você quer saber o que eu acho?



— Mal posso esperar.

— Acho que essa garota colocou toda a vida dela na sua, tirando você daquela casa. Ela é dedicada a você. E o que você fez por ela?

— Você está brincando comigo? Você passa uma tarde conosco e já descobriu tudo? – eu balancei minha cabeça. — Ela é a única coisa boa que aconteceu comigo desde o acidente. Eu faria qualquer coisa por ela. Qualquer coisa.

— Isso é lindo. – Ava disse, sem sarcasmo. — Ela é bonita. E amável. E não uma garota do *PX*. Se ela é tão talentosa como você diz, ela precisa estar tocando e você sabe o porquê. A adrenalina não se limita apenas a pular de penhascos ou dar o dedo para ameaças de bombardeio. Minha melhor amiga é atriz no West End e fala sobre isso o tempo todo. A adrenalina. Apresentação é onde os artistas se sentem vivos.

Bati meus dedos em cima da mesa. — Eu preciso dela. Eu não posso funcionar sem ela. Nem consigo encontrar meu caminho para o nosso quarto sem ela.

— Precisar dela não é o mesmo que amá-la.

Amá-la. Amar Charlotte... Meu peito apertou dolorosamente. *Não precisamos resolver tudo de uma vez*, eu disse a mim mesmo e percebi que Ava estava esperando por uma resposta.

— Eu posso fazer as duas coisas. Eu me preocupo com ela mais do que tudo, e essa é a última vez que vou dizer isso antes de sentir que estou apenas tentando provar algo para você.

— Acredito em você. – disse Ava. — Nunca vi você assim. Você está um tipo diferente de feliz do que eu já vi. Não é óbvio; está em seus ossos, ou algo assim, e estou realmente feliz por você, Noah. Mas sobre seu trabalho, você ainda está inquieto e se apega a algo que não existe mais.

— Você não sabe disso, Ava. Vou ao baile do *Planet X* e vou falar com Yuri sobre um emprego. Uma carreira...



— Que carreira? Você não pode ter sua antiga vida de volta. – Ava perdeu a cabeça. — Você é diferente agora. E Charlotte é diferente. Ela não é como Angelina...

— Valentina. – eu disse.



— Tanto faz. – Ava empurrou a cadeira para trás. — Eu gosto de Charlotte. Concordo que ela é a melhor coisa que já aconteceu para você. Não desde o acidente, mas desde sempre.

Eu senti a mão dela no meu braço.

— Não estrague tudo.



Levei dez minutos para encontrar a suíte, mas raios me partam antes de eu pedir ajuda a alguém. Abri a última porta de um corredor e dei um suspiro de alívio; Podia sentir o cheiro de vapor perfumado, sabonete e o doce aroma de baunilha de Charlotte pairando no ar. Tirei a roupa de baixo e subi na cama com ela. Ela imediatamente se aproximou de mim, com suas costas contra o meu peito.

— Pensei que você estaria dormindo. – murmurei, segurando-a com força.

— Eu dormi também.

"O que você fez por ela?" A pergunta de Ava voltou à minha mente.

— Fale comigo, Charlotte. – eu disse suavemente. — Por favor.

— Não posso deixar de pensar no meu violino. E minha música E minha carreira, seja ela qual for. Não sei mais o que é. Ou o que resta dela.



Respirei fundo e forcei as palavras. — A *Vienna Touring Orchestra*. Você vai fazer o teste?

— Com o que? – ela perguntou e sua voz falhou. — Ele se foi. Meu violino se foi. Meus pais trabalharam tanto... e agora ele se foi, e eu me sinto como uma amputada. O que é tão estranho, porque comecei a pensar que não tocaria mais. Não profissionalmente. Mas sinto falta disso. E sinto muita falta, Noah. Sinto falta de Chris. – ela começou a chorar a sério agora e eu enterrei meu rosto em seus cabelos, sentindo sua dor quando ela estremeceu contra mim.



— Continue, Charlotte. – eu sussurrei. — Está tudo bem.

— Ele realmente se foi, não é?

— Sim, querida, ele foi.

Ela chorou mais alto, segurando o meu braço, e eu apenas a segurei, com meu coração doendo por ela.

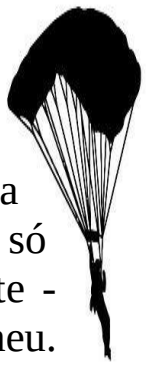
— Tudo vem do mesmo lugar. – ela sussurrou, com a sua respiração saindo. — Minha música e amor, e a paixão que senti quando toquei. E quando Chris morreu... doeu muito tocar e eu não sabia o porquê. Mas acho que sei. – ela engoliu as lágrimas, ou talvez elas finalmente secassem. — Parece injusto seguir em frente quando aqueles que amamos não conseguem.

Fechei os olhos até doerem. — Quero que seja feliz, Charlotte. Farei o que for preciso para fazer você feliz.

— Estou feliz com você, Noah. Como nada que eu já tenha conhecido.

Ela se virou para mim e me beijou, e provei suas lágrimas salgadas, sua doçura e seu amor por mim. Nosso beijo se aprofundou rapidamente, e seu desejo queimou suas lágrimas, mas eu hesitei. Ela estava tão chateada.

— Eu quero. – ela respirou. — Eu quero você, Noah. Você me faz sentir que tudo de ruim está tão longe.



Ela me beijou de novo e de novo, e comecei a sentir aquela sensação peculiar que era emocionante e desorientadora de uma só vez, onde meu mundo se transformou em nada além de Charlotte - sua pele, sua respiração, a doce suavidade de seu corpo sob o meu. Ela tirou a camisola e a calcinha e, quando o meu corpo estava nivelado com o dela, e depois nos unimos, eu me afoguei nas sensações, me perdendo completamente nela.



Depois, ela se aconchegou em mim e o sono a reivindicou rapidamente; ela se exauriu, purgando-se da dor que a pesava. E eu acreditava nela que ela era feliz, mas não era suficiente. Eu poderia fazer mais. Eu *tinha* que fazer mais por ela.

Na tarde seguinte, antes de nos despedirmos de minha família, Ava levou Charlotte de lado para uma 'conversa de garotas'. Eu aproveitei a oportunidade para encontrar Lucien e dizer a ele o que eu queria. Eu falava em francês para que, se Charlotte aparecesse - e eu não sabia -, ela não entenderia.

— Você está certo? – Lucien perguntou duvidoso, embora eu pudesse ouvir que ele estava satisfeito. — Pode levar algum tempo.

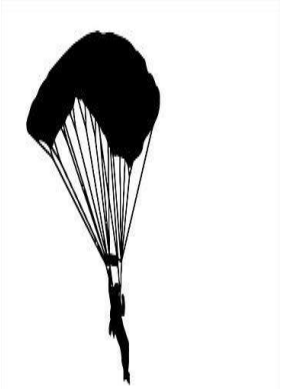
— Tenho certeza. – eu disse. — Faça o que for preciso.

Eu senti a mão dele no meu ombro. — Muito bem, meu garoto. Muito bem.

Ato III

Cadência[42]

[42] ***Cadência ou (Suspensão Ornamentada) é uma sucessão de notas musicais e ornamentos que formam desenhos melódicos, logo a seguir a uma suspensão, essas notas e ornamentos perdem o valor rigoroso determinado, a melodia é executada à vontade de forma mais livre, o executante apenas se preocupa em atribuir às notas musicais um valor temporal aproximado em relação umas às outras, por ex.: atribuir a uma colcheia metade do valor temporal que atribui à semínima e assim sucessivamente.***



27

Charlotte

A semana que antecedeu a festa do *Planet X* parecia passar, como um trem em fuga pronto para sair de seus trilhos. Fui às compras com Melanie para comprar um vestido com todo o entusiasmo de alguém prestes a enfrentar uma cirurgia dentária. Uma festa chique em um ponto de referência mundialmente famoso deveria ter me causado um nervosismo agradável, e, em vez disso, meu estômago se revirou que parecia apenas apertar à medida que a semana avançava. Pior, Noah estava distraído e nervoso, e eu sabia que a ideia de enfrentar seus antigos colegas de trabalho do *PX* o deixava mais nervoso do que ele admitiria.

— Ainda não entendo por que você não pode conversar com seu editor. – disse a ele na quinta-feira à noite.

— Eu tenho que ir à festa. É a única maneira.

— Eu não sei o que você quer dizer. O único jeito?

— Saber se ainda tenho uma carreira no *Planet X*. Se ainda pertenço a aquele lugar.

Ele me puxou para ele então, me segurando com força e inspirando profundamente, como se estivesse tirando força de mim.

— Chega de viver em um quarto escuro. – ele disse contra o meu cabelo e eu assenti. Eu entendi Eu queria uma vida gratificante para

ele. Mas a noção de que o *Planet X* não era o caminho tinha cravado suas garras em mim e não me largava.



A noite da festa chegou e eu coloquei meu vestido novo: sem alças com chiffon preto que movia lindamente em volta dos meus joelhos em camadas diáfanas. Eu prendi meu cabelo rebelde em uma trança. Algumas mechas escaparam para enquadrar meu rosto, mas parecia que eu tinha feito isso de propósito. Armada com as técnicas de maquiagem de Sasha, eu me dei olhos esfumaçados e lábios brilhantes. Os saltos pretos com tiras me davam alguns centímetros extras para que, quando eu dançasse lento com Noah, eu ficasse perfeitamente sob o queixo dele. Ele disse que havia um DJ e música ao vivo, e eu me confortei com a promessa de que ao menos, eu dançaria com ele e realizaria um sonho estranho que eu tinha desde a primeira vez que o conheci.

Saí do meu quarto e subi as escadas para o terceiro andar, disposta e determinada a ser o mais otimista possível. Era completamente possível voltar ao *Planet X*, isso era perfeito para Noah e eu estava sendo ridícula. Ou talvez estava apenas nervosa por mim. Eu estive na cidade de Nova York por cinco anos, mas 'chique' ou 'elegante' não eram as palavras normalmente usadas para me descrever, e eu sabia que essa festa estaria cheia de mulheres que eram ambas. O *Planet X* incorporou supermodelos em algumas de suas sessões, e Noah namorou mais de uma durante seu auge. Eu vi as evidências fotográficas em primeira mão.

— Você está decente? – perguntei a Noah quando entrei no quarto dele.

— Não tenho ideia. – respondeu ele, saindo do closet.

— Ah. – eu respirei. — Ah, uau...



Ele usava um smoking preto elegante, com uma gravata estreita e um colete embaixo do paletó, que era de alguma forma a peça de roupa mais sexy que eu já vi em um homem. Ele colocou o cabelo para trás com gel para dar uma aparência molhado, tornando suas feições angulares mais proeminentes. Um lenço verde esmeralda no bolso do paletó destacou seus olhos, transformando-os em pedras preciosas.



— Você parece... devastador.

Ele sorriu de lado. — Eu estava esperando por *"apresentável".*

— Então você supera isso, tipo, muito. – eu ajeitei a gravata dele e alisei o canto do lenço, depois passei minhas mãos pelas lapelas de seda de seu paletó, e de alguma forma ele sentiu meu humor, embora eu não tivesse dito uma palavra.

— O que há de errado, querida?

— Nada. – eu disse, forçando uma risada. — É só que... você parece tão bonito e elegante, e eu sei que há mulheres lá um milhão de vezes mais resolvidas do que eu e... *mais altas*. – eu me movi. — Estúpido. Eu só estou sendo vaidosa e estúpida.

Noah colocou as mãos suavemente em ambos os lados das minhas bochechas, depois as moveu cuidadosamente para sentir meu cabelo, sentir as mechas que soltei e os pequenos brincos de prata que eu usava. Ele deslizou as mãos para os meus ombros nus. — Sem alças. – disse ele com aprovação e um sorriso fantasmagórico nos lábios. Ele passou as mãos pelas minhas costas, depois pela minha cintura, sentindo o tecido e deixando deslizar por entre os dedos.

— Cor?

— Preto. – eu consegui dizer, pois suas mãos deixaram pequenas trilhas de calor por todo o meu corpo.

— Você está usando batom?

— Sim.

— Você vai ter que retocá-lo. – disse ele com voz rouca, e me beijou profundamente, com sua língua deslizando contra a minha e suas mãos em volta da minha cintura, me puxando para ele.

Eu gemia baixinho em seu beijo e quando ele se afastou, ele estava respirando com dificuldade. Ele pressionou sua testa na minha. — Você é mais que bonita. – ele acariciou minha bochecha. — Você é o amanhecer, Charlotte, e nenhuma mulher pode chegar a seus pés.

— Ah, caramba. – respirei. — Eu estava esperando um *"bonita"*.

— Você sabe que eu não posso fazer isso sem você. – disse Noah, com seus olhos procurando os meus no escuro sem fim. — E você sabe que eu preciso disso. Por nós, não apenas por mim.

— Se é a coisa certa, Noah, então eu apoio você.

— Será. – disse ele, e virou-se, de modo que eu mal pude ver suas últimas palavras. — Eu não tenho mais nada.



O sedan contratado nos levou pela noite de Nova York, onde as luzes da cidade brilhavam ao nosso redor e acima de nós, estendendo-se tão alto que eu não conseguia ver o seu fim. O *Empire State Building* estava iluminado com luzes azuis e verdes piscantes, colorindo o céu noturno acima. Noah me disse que o *Planet X* pagou pelo show de luzes e alugou todo o observatório externo do 86º andar durante a festa. O baile era no *Grand Empire Ballroom*, no 85º andar, recém-construído depois que a sede da empresa se mudou.

A Midtown era uma cacofonia de táxis buzinando e pedestres na rua. Nosso carro parou em frente ao *Empire State Building*, um lugar em que eu só pisei uma vez, quando me mudei para a cidade, cinco anos atrás. Pessoas elegantes em trajes formais saíam de limusines e



sedan, passando por baixo do toldo da frente e pelas portas em meio a colunas e vidro art déco.

Eu estava nervosa por usar um vestido na altura do joelho, pensando que a maioria das mulheres usaria vestidos de baile até o chão - o tipo de vestido que era muito grande para a minha baixa estatura. Mas fiquei surpresa ao ver que a maioria dos vestidos eram muito justos, muito curtos e sem alças, adornados com miçangas ou faixas transparentes de tecido brilhando com pedras preciosas. Os homens usavam smoking ou ternos da moda em cores exageradas. Ouvi vozes altas e estridentes de um grupo de homens e as risadas de resposta das mulheres, quando nosso motorista abriu a porta e me estendeu a mão.

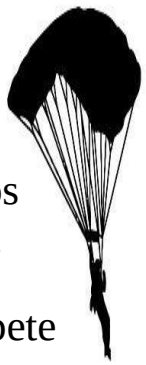
Alisei meu vestido que agora parecia um pouco simples e ajudei Noah a sair do carro. Ele colocou os óculos de sol e carregou o bastão branco, o que só aumentou sua beleza aos meus olhos. Eu o conheci apenas cego, e essa cegueira era parte do que o tornava o homem que confiei em meu coração. As pessoas dentro do hotel conheciam um Noah Lake muito diferente, e como elas iriam reconciliar os dois me deixavam nervosos.

— Há tantas pessoas. – eu disse a Noah enquanto esperávamos com uma multidão nos elevadores. — Eu não tinha ideia de que a revista era tão grande.

— Este é o *Baile Global*. – respondeu Noah. — Pessoas de todos os escritórios, em todo o mundo, estão aqui, além da enorme equipe da sede.

Balancei a cabeça, observando pessoas de etnias variadas, algumas em versões chiques em suas roupas locais, e ouvi vozes falando em sotaques ou em línguas estrangeiras. A inclusão e a diversidade me amparou um pouco. *Você deixou Deacon influenciar sua opinião de toda a revista,* pensei. *Isso pode não ser tão ruim.*

Nós nos juntamos em um elevador com alto-falantes e uma nuvem de perfumes e colônias. Ninguém reconheceu Noah até agora, e estávamos no canto de trás. Ele apertou meu braço e eu sabia que



ele se sentia encaixotado, mas então o elevador disparou e todos nós estávamos quebrando a mandíbula com a mudança de pressão.

As portas se abriram em um elegante corredor, com tapete marrom e dourado. Seguimos a multidão por um corredor até um conjunto de portas duplas onde está escrito *Grand Empire Ballroom*.



Eu descrevi o salão, a decoração e as pessoas para Noah. — Imagine um bando de pássaros com plumagem e lantejoulas de cores vivas, todos gritando e fazendo barulho até chegar a um ponto de água para champanhe.

Ele sorriu agradecido. — Eu posso ver isso.

Fomos até a entrada do salão do baile, para uma mesa cheia de crachás e mapas de lugares. Duas mulheres estavam aceitando os crachás e verificando-os em pastas cheias de nomes e dando aos participantes seus números de mesa. Uma delas, uma loira de vestido prateado cintilante, olhou quando Noah e eu nos aproximamos, com sua boca aberta. Ela deu uma cotovelada na companheira - uma morena de vestido azul safira - e sua boca se abriu em uma expressão idêntica.

— Noah Lake? – A loira gritou. — Ah, meu Deus, querida, venha aqui neste instante!

Noah inclinou a cabeça. — Barbara?

— Sim, é a Barbara. Ah merda, é verdade, você não pode ver nada, pode? – Barbara deu a volta na mesa e abraçou Noah. — Eu não acredito. Eu vi seu nome na lista e pensei que alguém estava me enganando. Eu não disse isso, Wendy?

A morena assentiu e, por sua vez, abraçou o Noah. As duas olhavam, tagarelavam e murmuravam sobre ele, tomando posse dele quando outros velhos amigos e colegas de trabalho vieram para a mesa. Ele se agarrou ao meu braço como um torno, ou então eu teria sido empurrada para o lado.



— Estamos todos tão felizes por você estar aqui. – disse Wendy, enxugando as lágrimas e voltando para o outro lado da mesa. Ela consultou a lista de convidados. — E você deve ser... Charlotte Conroy? A assistente dele?



— Charlotte é minha namorada. – disse Noah, e foi a primeira frase de toda a conversa que não me fez estremecer. A piedade delas era tão tangível quanto o perfume.

— Ah, droga, mas isso é precioso. – Barbara murmurou, e me entregou nossos crachás. — Tão gentil da sua parte cuidar dele assim. – ela suspirou, olhando para Noah como se ele fosse algo bonito e agora arruinado. — Você está na mesa 42, com o Yuri, e vou lhe dizer agora, que ele acha que seu nome na mesa dele é uma piada.

Elas riram com as lágrimas e finalmente fomos autorizados a entrar. Noah leu meu silêncio, como costumava fazer.

— Charlotte...

— Você não é uma piada.

— Eles não quiseram dizer isso literalmente.

— Ou algo a ser lamentado.

— Você só me conheceu cego. – disse Noah, com a voz baixa. — Eles sabiam o que eu era antes.

Na frente do salão de baile, havia um pequeno palco com uma cortina suspensa sobre ele. A palavra *"Bem-vindos"* brilhou em uma dúzia de idiomas diferentes. Um terço da sala estava livre de mesas e as pessoas dançavam ao som de música pulsante de uma mesa de DJ montada na esquerda. Procurei a música ao vivo que Noah disse que estaria aqui, mas não vi nada, nem mesmo um palco em que uma banda pudesse montar mais tarde.

Passei por mesas maravilhosamente arrumadas com lindas peças centrais de brilhantes luzes e cristais de LED. Fomos parados várias



vezes por velhos amigos que queriam apertar a mão de Noah e perguntar sobre sua saúde. Fiquei tensa todas as vezes, mas fiquei aliviada por a maioria ser educada e genuinamente feliz em vê-lo. *Claro que são,* eu me repreendi. *Nós não estamos cercados por monstros.*



Então chegamos à mesa quarenta e dois e meu coração apertou.

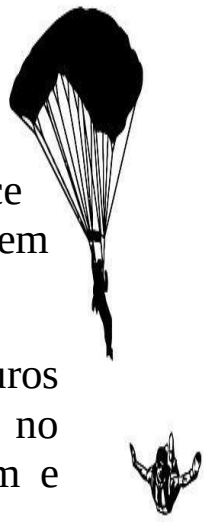
Vi seus cachos cobres uma fração de segundo antes de Deacon se levantar da mesa, com sua voz estrondosa carregada até no salão de festas lotado e de teto alto.

— O homem do momento. – Deacon disse. Ele abraçou Noah e depois pegou minha mão e a beijou. — Doce Charlotte. É sempre um prazer. Você parece arrebatadora. Você sabe o quanto encantadora é sua doce Charlotte, Sr. Lake? Você provavelmente não sabe, ou não a teria trazido a este poço de víboras.

Ele apontou para as pessoas sentadas à mesa: um homem corpulento com grandes mechas de cabelos brancos e dois jovens - Logan e Jonesy pelos seus crachás, o primeiro pálido de sardas, o último afro-americano - e uma mulher com cabelos espetados em vestido de couro preto. Seu crachá estava de cabeça para baixo. Polly, eu decifrei. Todos se levantaram para cumprimentar Noah, abraçá-lo e apertar sua mão.

Fui apresentada a todos e depois nos sentamos, Noah à direita de Yuri, depois eu e depois Deacon. De alguma forma, eu sabia que esse acordo não era acidental.

— Pensei que Barbara me disse uma mentira. – disse Yuri Koslov, esfregando o nariz avermelhado. Ele me lembrou o Papai Noel sem a barba e o traje vermelho, mas com uma garrafa de algo em seus dedos carnudos que fez seus olhos brilharem. Ele se levantou da cadeira e deu um tapa nas costas de Noah. — Sinto falta do seu rosto. Mas nunca pensei em vê-lo aqui. Surreal.



— Sem negócios ainda. – Deacon riu. — Noah e a doce Charlotte nem sequer tomaram uma bebida. Os negócios podem esperar.

Yuri se inclinou para trás, observando com os olhos escuros Deacon puxar uma garrafa de champanhe de um balde de gelo no meio da mesa e servir duas taças. Ele entregou uma para mim e estendeu a mão para oferecer uma a Noah.

— Aqui está, amigo.

Deacon pressionou a taça nos dedos, mas Noah abaixou a taça, apertando a haste com os dedos.

— A Noah: O próprio Lázaro do *PX*! – Deacon passou por mim novamente para dar um tapinha no ombro de Noah. — Bem-vindo de volta, chefe.

Os outros brindaram e eu os vi trocando olhares estranhos.

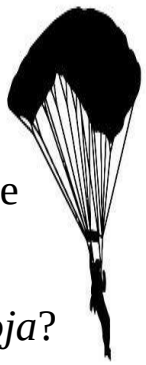
— Então... – disse Logan. Ele era um cara baixo e atarracado, vestindo um terno xadrez e gravata vermelha. — Como tem passado, Lake? A última vez que ouvi você estava em reabilitação. Como... hum, como foi?

— Foi péssimo. – disse Noah, sorrindo levemente.

— Ele está apenas sendo modesto. – disse Deacon. — Fiz uma visita no começo. Esse cara teve que aprender a andar e falar tudo de novo. Não é, amigo? – ele balançou sua cabeça. — Porra.

Após algumas perguntas superficiais para Noah, os quatro - Logan, Jonesy, Polly e Deacon - falaram bastante sobre artigos recentes em que estavam trabalhando e os países que visitaram. Noah ficou sentado em um silêncio sepulcral enquanto Yuri foi chamado para conversar com outras pessoas.

O DJ começou uma música lenta, *"Time After Time"*, de Cyndi Lauper. Comecei a me inclinar para pedir a Noah para dançarmos quando o vi encontrar sua taça de champanhe e tomar tudo de uma só



vez. Jonesy estava falando sobre uma vila no Vietnã onde ele esteve e Noah falou.

— Você se lembra daquele ano em que estivemos no *Camboja*? O ano das inundações?



— As sanguessugas! – Jonesy gritou, rindo, e logo Noah se envolveu em reminiscências de seus dias no *Planet X*.

Deacon encheu a taça de champanhe de Noah e depois a minha - embora a minha não precisasse ser cheia - e piscou para mim — Então, o que você achou do nosso pequeno baile? Muito bonito, certo? A porra do *Empire State Building*. Muito elegante para nós vagabundos. Os superiores devem ter tido um ano muito bom. Na verdade, eu sei que sim, porque todo mundo da Contabilidade ficou bêbado a semana toda.

Eu sorri levemente. — Parabéns.

Logan levantou-se de repente. — Vamos lá, Lake. Há algumas pessoas que você ainda não viu.

— Ah. – eu disse, quando Noah se levantou. Notei que a taça dele estava vazia novamente. — Você precisa de mim…?

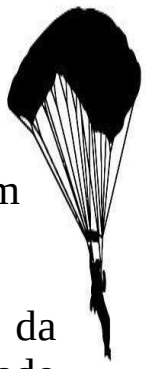
— Ele está comigo. – disse Logan. — Prometo não levá-lo contra uma parede.

— É com você que estamos preocupados, Logan. – riu Deacon.

Logan deu volta por Deacon. Seu rosto estava vermelho brilhante e seus olhos estavam vidrados quando ele deu a volta para pegar o braço de Noah.

Eu olhei para cima. — Noah?

— Estou bem, baby. – ele se inclinou para dar um beijo na minha bochecha. Ele errou e beijou meu nariz, e eu pude sentir o cheiro do champanhe em seu hálito. — Nós vamos ter aquela dança, eu prometo.



Observei Logan levá-lo embora, e minhas mãos estrangularam o guardanapo de linho no meu colo.

— O bêbado liderando o cego. – Deacon riu, e o restante da mesa riu com ele. — E Lake é um peso leve total! Ele ficará bêbado em pouco tempo.



— Então, o que você faz, Charlotte? – Jonesy perguntou. — Você é assistente de Noah? Como isso está funcionando?

— Sim, como está esse trabalho? Ele foi um idiota com a gente quando tentamos visitar. – Polly reclamou. — Parece melhor agora, mas caramba, permanentemente cego? Eu também ficaria irritado. Mais do que irritado.

— Suicida. – disse Deacon, assentindo solenemente.

Olhei para Jonesy, que rapidamente tomou outra taça de champanhe. — Qual é o plano dele? – ele perguntou-me. — Escrever para o *PX*? – ele soprou o ar pelas bochechas. — Noah pertence a uma montanha, não atrás de uma mesa. Não consigo imaginar isso.

— Ele não vai tentar saltar de novo, não é? – Polly se perguntou, e eu não tinha certeza se era para mim ou não. E não importava, pois ela continuava falando de qualquer maneira. — Cristo, espero que não. Já chega, certo?

— Você pode imaginar o pesadelo do RH? Do seguro? – Deacon riu. — Mas ei, nós temos que fazer... o que? Acomodações? E se uma pessoa é deficiente, mas ela quer voltar ao trabalho? Essa é a lei.

— Ele quer escrever. – disse, com minha voz soando pateticamente baixa em meus próprios ouvidos. — Ele não pode fazer tudo o que fez uma vez, mas ele ainda não acabou.

Polly balançou a cabeça e tomou um gole de sua bebida muito mais forte que champanhe. — É uma situação chata. É quase difícil vê-lo aqui assim. Doloroso. Ele foi um dos melhores. – ela se inclinou sobre os braços, com seu olhar abaixado. — Este lugar não é para ele. Não mais.



Jonesy olhou para mim, com seus olhos escuros sérios. — Todos nós o amamos. Nós o amamos. A administração o amava. Inferno, as pessoas nas aldeias no meio do nada o amavam. Mas agora…

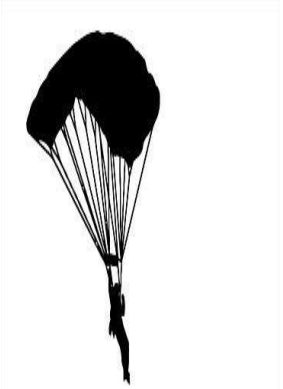


— As mulheres o amavam. – Deacon falou um pouco tarde demais. — Era um Casanova, aquele cara.

Polly franziu a testa para Deacon, depois levantou a sobrancelha com piercing para mim. — Você e ele...?

— Sim. – eu disse. — E, na verdade, é melhor eu checá-lo. Ele precisa…

Deixei as minhas palavras sumirem, quando percebi naquele momento que não sabia o que Noah precisava.



28

Charlotte

Vasculhei o salão sombrio e lotado e encontrei Noah perto do bar, apoiando-se pesadamente em um pilar no meio de um grupo de pessoas, com um coquetel na mão. Fiquei ao lado dele.

— Sou eu. – eu disse. — Posso falar com você por um minuto?

Afastei-o da multidão e o firmei, pois ele já estava balançando. — Você está bêbado.

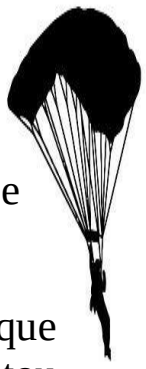
— Você pode me culpar?

— Eles estão servindo o jantar agora. – eu disse, observando um pequeno exército de garçons sair com pratos de frango ou bife ou macarrão vegetariano. — Você precisa comer um pouco, e então eu acho... acho que devemos ir.

— Eu não estou comendo na frente dessas pessoas. – disse Noah enigmático.

— *Essas pessoas?* – eu cruzei meus braços. — Você quer dizer, aqueles com quem você estava conversando e rindo? Eles não são seus amigos?

— Eles são e não são. – ele esvaziou o copo. — Eu preciso falar com o Yuri. – ele forçou um sorriso doloroso. — E você não teve sua dança.



— Não vejo como você realizará uma dessas coisas se continuar bebendo.

— Eu sei. – disse ele, esfregando a ponta do nariz. — Sinto que estou em um navio de cruzeiro. O chão está se movendo e estou ficando enjoado.



Eu me inclinei mais perto dele. — Você está gostando disso? É isso que você quer?

— É uma noite. – disse Noah. — Uma noite para provar que não sou uma causa perdida e depois acabou. Então já vamos.

Mordi meu lábio.

— Por favor, Charlotte. – disse ele, segurando meu braço. — É como se tudo que eu deixasse para trás estivesse aqui o tempo todo, esperando por mim. Isso não precisa terminar.

Eu podia ouvir o desejo em sua voz, e meu coração doía por ele. Eu assenti e me peguei. — Tudo bem. – eu disse. — Mas sob uma condição. Você não me deixa sozinha com Deacon novamente.

— Ele está assediando você? Ele é desagradável, mas eu nunca soube que ele foi longe demais.

— Apenas me prometa.

— Qualquer coisa, baby. Vamos voltar. – ele deu um passo e depois parou. — Espere. Você poderia me dar um seltzer[43] com limão? Diga a eles para colocá-lo em um copo alto para que pareça um gin com tônica.

Fiz o que ele pediu e voltamos para a nossa mesa, onde os outros já estavam comendo. Yuri Koslov também havia retornado e observou Noah com um olhar peculiar em seus pálidos olhos azuis; um olhar meio triste, meio alegre. O homem mais velho me pegou olhando e deu um sorriso caloroso. Eu gostei dele. Noah estava certo;

---

[43] ***Seltzer: é uma água com gás com sabor e é bem parecida com o H_2O.***



ele me lembrou de Lucien. Eu só queria que ele não estivesse tão bêbado. Todo mundo estava bêbado e continuou bebendo, incluindo Deacon, embora seus olhos nunca perdessem a nitidez. Eu os senti em mim como Noah e voltei aos nossos lugares.



O jantar de Noah foi bife e frango. Ele lutou um pouco com o corte da carne. Não ousei oferecer ajuda e ele desistiu depois de uma ou duas mordidas.

Senti os outros olhando para ele, com pena dele, não por sua cegueira - pensei que se outra pessoa cega estivesse entre eles, eles a tratariam como qualquer outra pessoa. Mas Noah não era mais ninguém. Ele era um deles, e agora estava com cicatrizes e incapacitado - um exemplo ambulante do preço que poderiam pagar na próxima vez que saltarem, mergulharem ou descerem uma montanha. Noah era um estranho, agora. Ou pior. Um exilado. Eu sabia que eles nunca o aceitariam, não porque ele era cego, mas porque ao mesmo tempo ele não era ele.

Eu me perguntei se Noah também sentia isso, e imaginei que sim. Quase nada passou despercebido e, quando Polly passou a garrafa, Noah abandonou o seltzer e deu um longo gole.

Enquanto os garçons limpavam os pratos, pedi licença para ir ao banheiro. Eu não queria deixar Noah, mas não aguentava vê-lo se torturar por mais um minuto.

Saí do salão de baile, por um corredor mais silencioso, alinhado com sofás macios e pinturas em molduras douradas. No banheiro, verifiquei meu reflexo quando um trio de mulheres entrou, cada uma usando um vestido de grife, com suas vozes altas e nítidas. Elas se juntaram, fofocando enquanto retocavam a maquiagem.

— Ah, ei, você está com o Noah Lake, certo? – Uma perguntou, chamando minha atenção no espelho. — A assistente dele?

— Eu sou a Charlotte...



— Ele está completamente cego, certo? Não posso acreditar. – disse outra, colocando uma mecha de cabelo ruivo de volta ao seu penteado. — Você não o conhecia antes, mas ele era uma lenda por aqui. – ela me disse. — Uma *lenda*.

— Você viu as fotos dele no hospital? – perguntou uma morena. — Jesus, que pesadelo. Que desperdício.



— O que ele está fazendo aqui? – A loira me perguntou. — Quero dizer, o deck de observação? O que ele vai observar? E haverá uma *apresentação de slides*. Fazem isso todos os anos, mostrando os destaques. Uma *apresentação de slides*. – ela repetiu e fez um movimento com os olhos. — Coitadinho. Quem o convidou, afinal?

— Deacon. – eu consegui dizer.

A morena fez uma careta. — Ele.

As outras mulheres trocaram olhares, murmuraram algumas gentilezas e se afastaram. Segurei a pia com as duas mãos. Uma apresentação de slides. E Deacon deveria saber. Ele estava tentando humilhar Noah? Isso não fazia sentido.

Outra mulher - uma loira alta e deslumbrante em um vestido cor de lavanda, definitivamente uma modelo - surgiu de uma cabine atrás de mim. Ela ficou tão calada que eu não sabia que ela estava lá. Eu a reconheci imediatamente do Google: *Valentina Paquette*. A ex-namorada de Noah.

Trocamos pequenos sorrisos enquanto ela lavava as mãos, e então ela saiu, com todas as pernas longas e bronzeadas e uma nuvem da Chanel nº 5. Esperei um minuto, para ter certeza de que ela se foi há muito tempo, e depois saí para encontrar Noah.

Ao passar pelo banheiro masculino, ouvi a voz de Noah e Deacon respondeu. Noah parecia rouco. Ele provavelmente vomitou, e Deacon, bom amigo, estava lá para ajudá-lo. Eu esperei do lado de fora, furiosa, dividida entre querer ser uma namorada solidária e querer arrastar Noah para fora do prédio. De qualquer forma, eu não

ia deixar Noah com Deacon e me sentei para esperar no banco almofadado do lado de fora dos banheiros.

O banheiro dos homens parecia tão cavernoso quanto o das mulheres. Deacon e Noah devem estar de pé junto às pias perto da porta, pois eu podia ouvir a conversa deles como o dia.

— Você viu a Mona? – Deacon bufou uma risada. — Ha! O que estou dizendo? Você não a viu. Que pena, cara. Ela está sexy hoje à noite. E vi Valentina não faz um minuto atrás. *Porra*, não acredito que você não poderia levar ela a sério. E ela estava *disposta*. Que desperdício. Eu teria dado a minha noz esquerda por ela e você foi embora.

— Deacon. – disse Noah, parecendo cansado. — Eu estou com Charlotte...

— Sim, você está. – respondeu o Deacon, com seu tom soando estranho. — Escolha interessante, mas acho que você mudou muito.

Senti uma lasca de gelo escorrendo pela minha espinha.

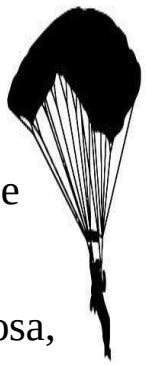
— O que isso deveria significar? – Noah perguntou.

— Ah, vamos, cara. – disse Deacon. — Charlotte é adorável, mas você se *lembra* da Valentina, certo? Precisa de um lembrete? Corpo de matar, pernas que duram para sempre... Inferno, não preciso te falar. Você sabe *exatamente* do que estou falando.

Eu esperei e todos os músculos do meu corpo ficaram rígidos, esperando Noah dizer a Deacon para calar a boca ou socá-lo em sua boca feia e estúpida. Eu queria me levantar e correr, mas me senti colada ao banco. Então Noah falou e meu sangue virou gelo.

— Lembro-me da Valentina. – Noah parecia estar mal. — Mas Charlotte... Como ela é, Deacon? Não consigo ver o rosto dela.

— Charlotte? Você quer que eu a descreva?



— Não vejo o rosto dela. – disse Noah tão baixinho que quase não o ouvi. — Eu nunca vou ver o rosto dela.

— Ela é bonita, como eu disse. Doce. Uma coisinha deliciosa, mas não sei se você teria dado atenção para ela.

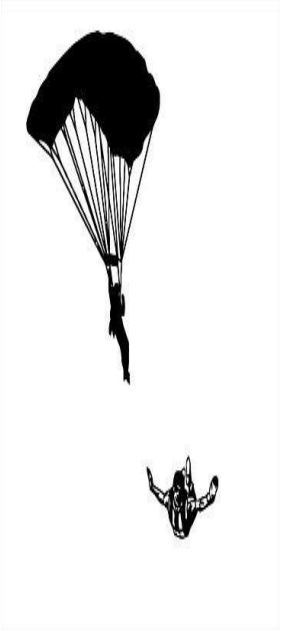


— Não diga isso. – disse Noah. — Não é isso que eu... não diga isso, cara. – ele murmurou outra coisa que eu não pude ouvir, ou talvez tenha sido o sangue correndo em meus ouvidos que me ensurdeceu.

A voz de Deacon era alta e aguda. — Vamos, amigo. Você está embriagado. Vamos colocá-lo de volta no seu lugar e você possa falar com o Yuri. Qual é o seu plano, afinal? Escrever nossos artigos para nós? – ele riu maliciosamente. — Relaxa, já acabou por hoje, meu amigo.

Levantei-me com as pernas trêmulas, pronta para enfrentar os dois. Lágrimas arderam em meus olhos. *Noah tinha vergonha de mim? Ou com medo de eu não estar de acordo com seus padrões de costumes?* Uma voz baixa me disse que as minhas próprias inseguranças provavelmente estavam se alimentando da conversa de Noah e Deacon como um banquete, mas doeu ouvir Noah perguntar.

Eles saíram, Deacon apoiando o Noah, que parecia amassado e cansado. Levantei o meu queixo, preparei-me para um confronto e senti um ponto frio crescer no meu peito quando Deacon olhou diretamente para mim... e continuou andando.



29

Noah

Deacon me levou à minha cadeira e Yuri decidiu que era hora de falarmos a sós. Mas não foi a entrevista de pseudo-emprego que estupidamente pensei que seria. Em vez disso, Yuri me disse para sair e não olhar para trás.

— Eu preciso te falar isso? – ele se perguntou.

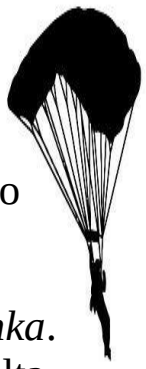
Seu sotaque ficou mais forte com a vodka que eu podia sentir em seu hálito. Ele segurou meu pescoço em um torno, pelo qual eu fiquei meio agradecido, enquanto o chão tentava girar debaixo de mim.

— Sei por que você está aqui e estou feliz em vê-lo, *bratishka*[44], mas o que queria? Sentar comigo no escritório? Como documentos de classificação de professores de inglês quando os artigos são publicados? Não, não. Não para você.

— Não sei o que queria. – murmurei. — Voltar para onde eu estava antes. Que alguém me mostrasse como, ou me dissesse que estava tudo bem em tentar.

— Tente. – Yuri refletiu, e finalmente soltou meu pescoço. — Tentou mergulhar, planar e saltar de novo? Não agora. Aqui não. – ele disse. Lembra-se de Lyle Baker? Ele estourou o joelho na Suíça e voltou para cá. Um herói em uma cadeira de rodas. E todo mundo ri, bate palmas e seis meses depois, ele está de volta à Suíça e a neve foi

[44] ***Bratishka: significa "irmão mais novo" ou "maninho" em Russo.***



derretida, então ele sobe as montanhas sem neve. E todo mundo está feliz e continua com suas vidas.

Yuri disse e recostou-se na cadeira. — Mas você, *bratishka*. Você quase morreu e não podia andar, falar ou ver, e quando volta, eles não veem o herói que agora pode andar e falar novamente. Eles veem sua cegueira. Eles veem o perigo. O preço que pode ser pago.



As palavras de Yuri afundaram em mim como pequenos dentes.

— O que eu vou fazer?

— Há muito tempo, agora digo que você é melhor que o trabalho. Você pode escrever. Você pode contar sua história.

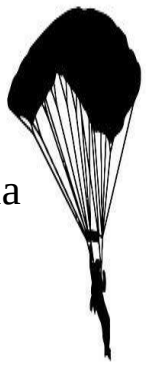
— Não tenho nada a dizer. – sussurrei. — Está tudo escuro, Yuri. Vazio.

— Você escreve daqui. – ele bateu no meu peito. — Isso está vazio? Ou cheio?

Pensei em minha ridícula tentativa de escrever - em uma máquina de escrever, pelo amor de Deus - onde minhas palavras desapareceram no segundo em que apertei a tecla. Mas me sentei para escrever sobre *Machu Picchu* e, de alguma forma, essa experiência se ligou a Charlotte porque meu coração estava cheio. Claro que sim. Estava cheio dela.

— Sim. – disse Yuri, como se eu tivesse falado em voz alta. Talvez eu estivesse, eu estava tão bêbado. — Ela é uma beleza. Os olhos dela... eles estão cheios de amor quando olham para você.

É o que eu estava perguntando bêbado a Deacon; tentando articular um desejo que eu tinha em ver Charlotte, para ver o que ela sentia por mim refletido em seus olhos. Eu precisava disso, como eu precisava da uma grande adrenalina, e eu percebi, sentado em um salão cheio de barulho sem sentido, que não havia nada mais importante neste mundo do que encontrá-la e contar o que ela significava para mim. Que eu a amava. Eu estava apaixonado por ela.



Estou apaixonado por Charlotte, pensei, e lá estava. A adrenalina que pensei ter perdido para sempre.

— Obrigado, Yuri. – eu disse. — Obrigado. É hora de ir.

— É, é.



— Onde ela está?

— Não aqui. – disse Yuri. — Talvez... ela já foi?

— Não a culparia. – eu dei um tapinha nas costas de Yuri e me atrapalhei com meu paletó, antes de começar a árdua caminhada para fora do salão de baile.

Senti meu caminho através de um labirinto de mesas e cadeiras entupidas até um espaço aberto, percebendo - tarde demais - que eu precisava do meu maldito bastão branco. Eu estupidamente deixei debaixo da mesa.

Não demorou muito tempo para perceber o quanto fútil tudo isso era. Eu consegui sair do salão de baile, mas e daí? Eu não tinha ideia de onde eu estava ou onde os elevadores poderiam estar. Eu estava cercado por barulho e corpos passando por mim e tilintar de copos. Eu estava perdido sem minha bengala ou Charlotte para me guiar, e meus sentidos se entorpeceram ainda mais pelo álcool que bebi para aliviar a dor. A noite inteira foi dolorosa. Eu deveria ter ouvido Charlotte. Em vez disso, eu pateticamente tentei me agarrar a algo que escorregou por entre meus dedos no momento em que minha cabeça bateu naquelas pedras um ano atrás.

"Time of Your Life" do Green Day começou a tocar no salão de baile, e eu lembrei de seu segundo título, "*Good Riddance"*.

— A boa viagem é certa. – eu murmurei.

Um aplauso coletivo aumentava de vez em quando. Imaginei que a apresentação de slides tinha começado. Minha pele queimava e eu dei vários outros passos adiante. A humilhação perdia apenas para a terrível desorientação. Eu bebi demais. Uma bebida foi suficiente



para me destruir e perdi a conta de quantas eu tinha tomado. Minha escuridão habitual agora pulsava, se contorcia e tentava me puxar para baixo como uma corrente fria e escura.

Encontrei uma parede, um pilar arredondado. Eu me inclinei contra ela e afundei, pendurando minhas mãos sobre os meus joelhos erguidos. Alguém viria eventualmente, eu imaginei. *Charlotte, encontre-me. Eu sinto muito…*

Alguém apareceu, mas não era Charlotte.

— Jesus Cristo, Lake! Você está se jogando no limbo sozinho? O quanto baixo você pode ir?

Deacon. Ele conseguiu parecer enojado e triunfante ao mesmo tempo. Senti as mãos debaixo dos braços quando ele me puxou para ficar em pé.

— Eu tenho que encontrar Charlotte. – eu disse, cambaleando no escuro. Como a escuridão absoluta podia girar estava além de mim. — Me ajude a encontrar Charlotte.

— Claro, amigo. Você quer um gole?

O cheiro forte de uísque encheu meu nariz. — Droga, Deacon, estou bêbado o suficiente. Apenas me ajude. Você a vê em algum lugar?

— Não tenho certeza. Deck de observação, talvez? Fico feliz em levá-lo.

Algo na voz de Deacon me disse que tudo ou parte do que ele disse era mentira, mas eu não tive escolha. Eu não consegui sentar no chão a noite toda. Peguei o braço dele e o deixei me levar até os elevadores e depois para o convés. Eu tive uma vaga ideia da planta por uma visita há alguns anos atrás. Uma banda de jazz estava tocando na galeria, mas Deacon me levou para fora; para o próprio deck. Eu podia sentir o vento frio contra a minha pele quente pelo álcool.



Senti meu peito apertar ao pensar em Charlotte aqui, sozinha, contra o cenário brilhante da cidade e a música tocando... *sinto muito, querida. Eu quero aquela dança com você, eu quero...*

— Você a vê?



Sem resposta.

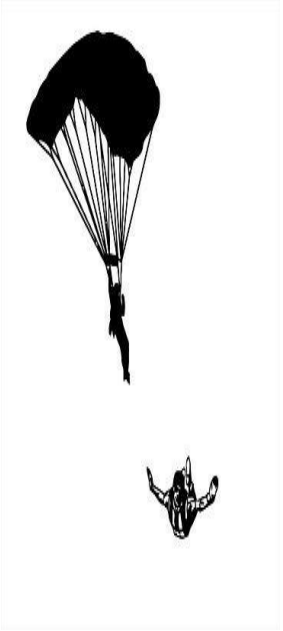
— Deacon? – E de repente eu sabia que ele foi embora. *Que merda é essa?*

Ouvi o barulho do salto alto se aproximar e depois parar. Uma mulher

— Charlotte...?

O perfume Chanel nº 5 encheu meu nariz. Muitas mulheres usavam esse perfume, mas o reconheci imediatamente na Valentina, e uma apresentação de slides própria começou em minha mente; dela e eu em vários quartos de hotel, em várias posições, com várias paisagens da cidade do lado de fora das janelas do quarto.

— Oi, Noah. – disse ela, com seu sotaque francês forte e rico, exatamente como eu me lembrava. — Eu senti sua falta.



30

Charlotte

Deacon levou Noah para fora do banheiro e de volta ao salão de baile, e eu olhei, enraizada no chão, sem saber o que fazer. Eu sentei por uns bons dez minutos naquele banco estúpido do lado de fora do banheiro masculino, me sentindo perdida.

Quando finalmente voltei para a mesa. Noah não estava lá. Deacon também não. Os outros olharam para mim com misturas de pena e vergonha, enquanto assistiam a apresentação de slides na frente do salão de baile.

Eu estava diante deles, de braços cruzados. — Onde está Noah?

Logan apontou um dedo para o teto. — Vi Deacon levá-lo até o deck.

Voltei ao meu lugar para pegar meu embrulho e Yuri Koslov me chamou para a cadeira vazia de Noah ao lado dele. Eu corri e o grandalhão se inclinou para perto, dando-me uma rajada de hálito encharcado de vodka.

— Você leu seu Shakespeare, *devochka*[45]? – Yuri perguntou, com seu sotaque forte e mais grosso com a bebida. — *Otelo*?

— Faz um tempo, mas sim.

[45] ***Devochka: significa "garota ou menina" em Russo.***



— Iago, ele finge ser amigo de Otelo. Mas ele é um monstro de olhos verdes. Ele enche a cabeça de Otelo com ciúmes, para que Iago possa assistir o poderoso rei cair. E como isso termina?

— Nada bem. – murmurei. Meu estômago apertou e um gosto amargo subiu na minha boca. — Nada bem.



— Se eu fosse você... – disse Yuri, para que os outros não ouvissem. — Tirava Noah de perto do Deacon McCormick e do *Planet X*, e não olhava para trás.

— Sim. – eu disse. — Isso parece certo.

Dei-lhe um beijo na bochecha corada e voltei para os elevadores, para o 86º andar.

Assim que as portas se abriram, ouvi a música; a banda ao vivo estava aqui, tocando pequenos números jazzísticos[46] enquanto a cidade inteira se espalhava abaixo, como um oceano de luzes.

Passei pela galeria, a sala fechada com janelas altas no centro do convés. Um pequeno trio: clarinete, bateria, saxofone tocou enquanto meia dúzia de casais dançavam lentamente diante deles. Meus olhos ardiam e as luzes se tornavam poças embaçadas de branco e dourado. Saí e deixei o vento - preparando-se para esta altura - secar minhas lágrimas.

Passei pelo perímetro em busca de Noah e vi uma faixa de vestido lavanda contra a escuridão de um smoking. Noah estava contra uma parede de cimento e Valentina Paquette pressionava contra ele. Ele a segurou pelos pulsos, e pensei por um momento que ele a estava afastando. Mas meu coração se partiu quando ela apoiou as mãos no peito dele sem protestar contra ele, falando palavras que não conseguia ouvir pela música. Havia uma familiaridade entre eles, entre seus corpos, como se estivessem acostumados a se tocar.

Eu me virei e desci do jeito que vim, sentindo-me fraca e trêmula, como se fosse quebrar em pedacinhos. No corredor que

[46] ***Jazzísticos: musicas de jazz.***



levava ao salão, Deacon estava lá, parecendo que estava esperando por mim. Ele se afastou da parede e caminhou, bloqueando o meu caminho.

— Eu preciso falar com você. – disse ele, pegando meu braço.



Eu me livrei dele. — Não me toque!

— Por favor. – disse Deacon. — Fale comigo.

— Não tenho nada a dizer e se você acha que vai ficar sozinho comigo em algum lugar, está doido.

Caminhei para o salão de baile, em direção à mesa para pegar minha bolsa.

Ouvi aplausos. A apresentação de slides ainda estava acontecendo: um ano de memórias, acrobacias, locais lindos e exóticos apareciam em uma tela, mudando uma após a outra.

Olhei em volta para os outros na mesa. Eles ainda estavam lá, se preparando para assistir ao show, ou talvez bêbados demais para fazer qualquer outra coisa.

— Digam a Noah que eu já fui. – eu disse, esperando parecer mais calma do que me sentia.

Logan piscou para mim. — Você está indo? Você não é a assistente de Noah?

Polly revirou os olhos. — Não, cara, essa é a namorada dele.

Algo em mim se moveu, com uma mudança tectônica que me reordenou, me recompôs, como um quebra-cabeça cujas peças estavam espalhadas por toda parte e agora se uniam para mostrar o todo.

— Sou violinista de concertos. – disse suavemente. Então, novamente, mais alto. — Sou violinista de concertos.

Os outros piscaram para mim. — Pode repetir?

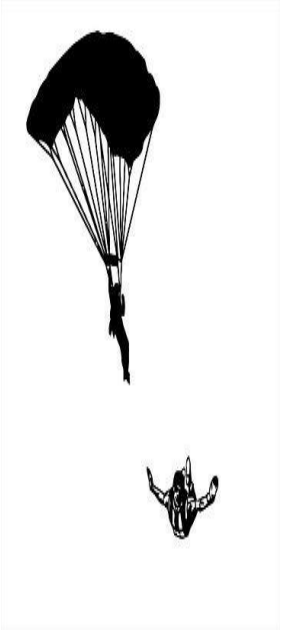


Eu não respondi; Eu não lhes devia nada. Eu dei meia volta e saí do salão de baile, até os elevadores. Apertei o botão para o hall de entrada, não me permitindo sentir ou pensar em nada até voltar para o meu quarto no sobrado. Ou talvez o táxi, já que eu tinha certeza de que não chegaria até o sobrado.



Enquanto esperava, olhei em todos os lugares, para encher meus olhos com algo além da imagem de Noah e Valentina juntos.

As portas se abriram em um elevador vazio. Dei um passo, vi um flash de cobre, senti um cheiro de uísque, e então uma mão nas minhas costas me empurrou para dentro, e Deacon bloqueou a porta quando ela se fechou atrás dele.



34

Noah

Valentina pressionou seu corpo contra mim e eu caí contra a parede de cimento. Suas mãos seguraram minhas bochechas e com um hálito quente no meu rosto, e então lábios macios nos meus que rapidamente se tornaram insistentes.

Ela cheirava mal. Ela tinha um gosto errado. Tudo nela parecia errado e ao mesmo tempo completamente familiar. Mas eu estava me movendo em câmera lenta. Fui agarrar seus pulsos, afastá-la de mim, quando os seus dedos no meu cabelo encontraram as cicatrizes enrugadas.

Ela deu um gritinho e se afastou. *Charlotte nunca se encolhe*, pensei, esgotado. *Ela nunca...*

— Val, não. – eu tentei afastá-la, mas me senti degradado, sem ossos. Eu me inclinei contra a parede e apenas segurei suas mãos até afundarem no meu peito. — Você tem que ir embora. Deixe-me. Antes que Charlotte veja...

— Charlotte? – Valentina se afastou de mim; Eu senti o peso do corpo dela levantar. — Deacon me disse que ela era apenas sua assistente. – Uma pausa. — Ele mentiu?

— Sim, ele mentiu. – eu fechei os olhos, mas não fez diferença. — Você a vê? – *Deus, ela viu aquele beijo? Deacon armou-me uma cilada?*



— Ela não está aqui.

Balancei minha cabeça e tentei pensar. — É o Deacon. Ele está me sacaneando.

— Eu acho que você está certo. – disse Valentina calmamente. — Ele me disse que você queria me ver. Que você sentiu minha falta. Que você... queria tentar de novo.

Mentiras. Tudo mentira. — O que mais ele te disse? Onde ele está? – Um sentimento horrível e tenso apertou minhas entranhas. Eu me senti culpado pela dor na voz de Val, mas algo próximo ao verdadeiro medo por Charlotte estava me deixando em pânico. Eu me xinguei por beber tanto. Eu precisava de uma mente clara e não conseguia pensar, não podia imaginar o que Deacon estava fazendo. "*Não me deixe sozinha com ele",* Charlotte me fez prometer.

— Cristo, me ajude, Val. Ajude-me a encontrar Charlotte. Alguma coisa não está certa.

— Sim. Aqui.

Peguei no cotovelo dela. Era ossudo onde o de Charlotte era macio. Valentina andou quase rápido demais para o meu estado de embriaguez, me levando através do convés, mas não rápido o suficiente.

No silêncio do elevador, senti o peso das esperanças esmagadas de Valentina. Ela sempre quis mais de mim quando estávamos juntos e eu estava sempre com um pé fora da porta.

— Val, eu sei que terminei as coisas... mal.

— Você não acabou com elas. – disse ela. Sem acusação, mas sua voz soou ferida com uma dor antiga. — Você apenas... parou de falar comigo. E então, Acapulco aconteceu e você se foi.

Deus, foi assim? Fiz isso com ela? Foi o que Keith fez com Charlotte. A sensação de mal estar aumentou. Eu nunca me senti tão perdido, à deriva no nada preto, sem Charlotte para segurar.



— Sinto muito, Val. Eu realmente sinto.

— Está tudo bem. – ela disse e ouvi um sorriso. — Esta não é a melhor circunstância, mas é bom ver que você ama alguém.

Eu amo, Deus me ajude, eu amo. Eu amo Charlotte e nunca disse a ela...



As portas finalmente se abriram e Valentina me levou de volta pelo salão de baile. — Ela não está aqui. – disse ela.

— Deacon?

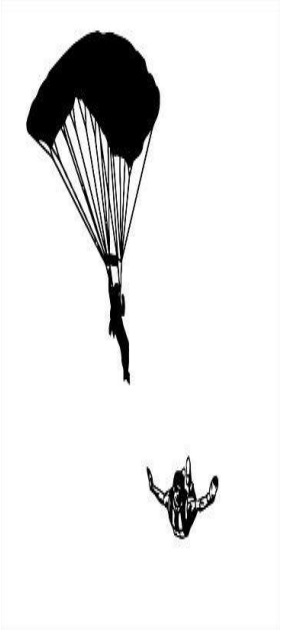
— Eu também não o vejo.

Ah, Cristo. — Lá embaixo. – eu disse. — Talvez Charlotte tenha ido embora. – eu esperava que ela estivesse. Eu esperava que Deus a estivesse escondido em segurança no banco de trás de um táxi, me odiando, mas a salvo. *Por favor,* rezei quando Val me levou de volta aos elevadores. *Qualquer coisa. Farei qualquer coisa, desde que ela esteja bem.*

Eu pensei que estava demorando uma eternidade para o elevador chegar e Val disse: — Parece que um elevador está preso.

Um alarme disparou; um barulho alto, repetidamente, dos poços do elevador. Meu sangue virou gelo em minhas veias.

— Charlotte.



22

Charlotte

— Não, não, não! – eu gritei. — Isso não vai acontecer, Deacon. Não vai.

— Charlotte, acalme-se. – disse Deacon. Ele apertou o botão de parada de emergência e estava estendendo as mãos de maneira calmante, como se prender uma mulher em um elevador fosse perfeitamente normal e eu estivesse louca por ficar irritada com isso. — Eu só quero falar com você. É isso aí.

— Mentiroso. – eu disse. Meu coração estava batendo tão forte que pensei que iria explodir do meu peito. — Você poderia ter conversado comigo lá fora. Você não segue alguém... você não o *encurrala*...

Deacon pairou sobre mim, como a maioria das pessoas, bloqueando a porta. E ele estava bêbado. Muito mais bêbado do que eu já havia notado antes. Suas bochechas estavam coradas e seus olhos brilhavam, mas embaçavam ao mesmo tempo. Na primeira vez desde que eu o conheci, sua risada fácil e seu sorriso presunçoso se foram, substituídos por uma expressão preguiçosa e predatória que fez meu sangue gelar.

— Você não falaria comigo por aí. – disse Deacon. — Mas isso é melhor. Mais silencioso. Longe de todos.

Ele deu um passo à frente e eu me afastei; minhas costas bateram na parede do elevador. — Existem câmeras de segurança. – eu disse,



segurando minha bolsa no peito como se fosse algum tipo de escudo. Minha voz tremia tanto quanto minhas mãos. — As pessoas estão assistindo. Elas têm que estar.

— Deixe-as assistir. – disse Deacon, aproximando-se. — Estamos apenas conversando. Isso é tudo o que eu quero. Conversar.



— Não tenho nada a lhe dizer, exceto que se você já foi amigo de Noah, abrirá essas portas agora. *Agora mesmo.*

— Amigo de Noah. – ele bufou. — Esse era o meu título: *amigo de Noah.* Pode ter sido o meu nome e você quer que eu volte a isso? Foda-se não, doce Charlotte. Não vai acontecer.

— Deacon…

— Quando ele estava perto, todo mundo ficava invisível. Eu me tornei invisível. Para a administração do *PX*, sempre dando a ele as melhores tarefas. Para as mulheres... para *Valentina*. Eu a conheci primeiro. Você sabia disso? Ela deveria estar comigo, mas não... Ela deu uma olhada em Noah e foi isso. E ele nem a amava. Eu poderia tê-la amado. Eu poderia ter…

Ele se aproximou e eu corri para o painel de botões. Ele bloqueou o caminho com o braço, me prendendo na parede, com sua respiração de uísque pairando sobre mim.

— Deacon, eu vou gritar...

O alarme começou a soar, tocando repetidamente; o elevador ficou parado por muito tempo. Deacon nem reagiu. Ele se inclinou para mim, esfregou minha bochecha com o nariz. Estremeci, com minha pele arrepiada.

— Eu pensei que tinha acabado de me sentir mal. Eu pensei que me faria sentir melhor trazê-lo aqui e mostrar a todos... Vê? Ah, como caíram os poderosos. Mas não. Ainda me sinto mal, Charlotte. Sei que ele está coberto de cicatrizes repugnantes e nunca será capaz de ver como você olha para ele e o ama mesmo assim.



A mão de Deacon acariciou minha bochecha suavemente, e então seu toque gentil se tornou um aperto doloroso no meu queixo.

— Então eu acho que se eu te beijar, Charlotte, talvez eu não me sinta mais tão mal. Acho que, se eu tiver uma pequena amostra do que ele tem, posso parar de me sentir tão mal.



Ele se inclinou sem minha resistência desde que eu estava abrindo a minha bolsa para pegar o pequeno frasco de spray de pimenta que Ava me deu antes de sairmos de Connecticut.

Assim que os lábios de Deacon tocaram os meus, eu levantei meu joelho entre suas pernas. Não foi muito difícil, mas isso o surpreendeu e o corpo dele se afastou de mim. Levantei minha mão, fechei os olhos e pressionei o botão. Um jato rápido e curto, pois o elevador era tão pequeno.

Imediatamente, meu nariz ardeu e meus olhos lacrimejaram sob minhas pálpebras fechadas. Mas Deacon recuou com um grito abafado e começou a tossir como se os seus pulmões estivessem sido arrancados de seu peito. O alarme tocou e tocou...

Sai da parede, em direção ao painel, apertando com força. Deacon caiu de quatro, com o rosto vermelho brilhante e os olhos escorrendo, com o corpo dele sacudindo.

Eu apertei o botão para abrir a porta, tossindo um pouco com a névoa apimentada que pairava no pequeno espaço. As portas se abriram e eu saí correndo, colidindo diretamente com Noah.

— Charlotte? – Noah gritou, me segurando pelos ombros. — Você está bem? Que porra é essa? Spray de pimenta?

— Sim. – eu disse com uma respiração instável. — Deacon…

Eu não precisava dizer mais nada. O rosto de Noah se contorceu em uma careta de dor que rapidamente se transformou em raiva.

Uma multidão estava se reunindo para assistir. Deacon havia se arrastado até a metade do elevador e estava sentado caído do lado de

fora. As portas continuaram tentando fechar e depois se abriram, repetidas vezes. Ele tossiu, com os olhos arregalados. Noah avançou guiado pelo cheiro ardente e pelo som. Debruçou-se sobre o amigo, procurou as lapelas do homem e o ergueu, batendo-o contra a parede.

— O que você fez com ela? – ele ficou furioso. — *O que você fez com ela?*

Os olhos de Deacon estavam fechados, com a pele vermelha e úmida de lágrimas. Ele meio que riu, meio que tossiu. — Eu só queria uma pequena amostra, amigo. – ele riu. — E eu estava certo. A doce Charlotte é tão doce...

Noah xingou e pressionou Deacon contra a parede pelo queixo, segurando-o ali, para que ele pudesse voltar com o punho direito e acertá-lo no rosto. A multidão que se reuniu fez um coletivo *"Ahhh!"* e alguém riu.

— Noah, pare! – eu corri e peguei seus braços. — Por favor!

Eu o afastei e Deacon caiu de volta no chão.

— Sua mãe... nunca te disse... para não bater em um cara cego? – Deacon riu fracamente.

Noah pairava sobre o amigo, com as mãos em punhos. — Eu vou matar você. Eu juro por Deus, eu vou te matar...

Segurei o braço de Noah. — Ele não me machucou, Noah. Eu estou bem.

Deacon bufou ironicamente e depois tossiu. — Me matar. Por causa de uma mulher? Tudo por uma pequena amostra. Você só dá a mínima para uma pessoa: o maldito Noah Lake. Uma *lenda*. Ha! Olhe para você.

Uma veia pulsava no pescoço de Noah e o único outro som eram os passos dos seguranças que corriam pelo corredor em nossa direção.



Deacon deu uma risada áspera. — O que você achou do deck de observação, bom amigo? O que você achou da apresentação de slides? Eu sabia que você não podia ficar longe. Mas é uma pena que você seja cego, Lake, porque não consegue ver como todos sentem pena de você. Você é uma piada. Isso é tudo que você é agora. Uma maldita piada.

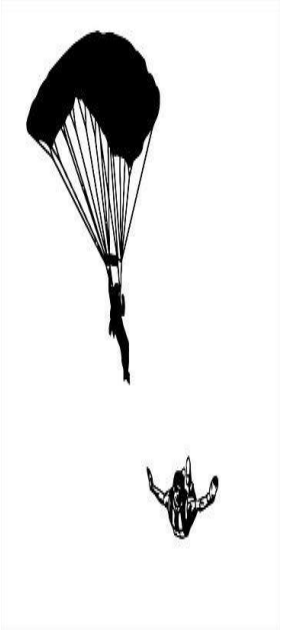


A multidão ao nosso redor ficou em silêncio e eu tinha certeza de que Noah voaria em Deacon e o mataria. Mas ele apenas balançou a cabeça, enojado. Ele se virou para mim.

— Ele te machucou? Diga-me a verdade.

— Ele não me machucou. – eu disse. *Toda a dor está aqui dentro.* — Eu quero ir embora agora. Podemos ir agora, por favor?

Noah assentiu e pegou meu braço, e já parecia diferente. Uma noite, e já parecia diferente.



33

Charlotte

O segurança levou Deacon e me fez várias perguntas que não me lembro de responder. Eu teria que apresentar queixa contra ele: ataque e agressão, cárcere privado. Eu não queria. Eu queria dormir por mil anos e acordar em um dia ensolarado, onde esta noite seria apenas uma vaga lembrança. Mas eu poderia não ter sido a primeira mulher que Deacon encurralou. Eu posso não ser a última. Por esse motivo, fui à delegacia e registrei as acusações. Noah veio comigo, sem dizer nada.

Depois da denúncia, pegamos um táxi de volta para o sobrado. Eram quase quatro da manhã quando destranquei a porta, mas antes que eu pudesse fechá-la, vi outro táxi chegar, e Valentina, com suas pernas longas e elegância mesmo tarde assim, saiu. Ela disse ao taxista para esperar e subiu os degraus da frente rapidamente, com o bastão branco de Noah e os óculos de sol na mão.

— Sinto muito por seguir. Pensei que ele poderia precisar disso.

Olhei incerta para Noah. Ele já havia começado a subir as escadas.

— Está tudo bem. – disse Valentina. — Não quero incomodar. Diga a ele... – ela balançou a cabeça. — Eu não sei o que dizer a ele.

— Nem eu. – eu disse.



— Eu o beijei. – disse Valentina, sem encontrar meu olhar. — Deacon me disse que Noah queria me ver. Reconciliar-se. Então, eu concordei em ir ao deck.

Cruzei meus braços. Suas palavras doíam, como pequenas facas no meu coração.



— Ele não correspondeu ao meu beijou. – disse Valentina rapidamente. Um pequeno sorriso triste apareceu em seus lábios. — Noah não me amava. Ele nunca amou. Mas eu sempre carregava a esperança, sabia? E isso é difícil de esquecer. – ela levantou o olhar, olhando para mim agora atentamente. — Não deveria ter acreditado em Deacon, mas queria. Você entende?

— Entendo. – E eu entendia, mas isso não tornou mais fácil.

Valentina assentiu, com um sorriso débil e triste em suas belas feições. — OK. Boa noite, Charlotte.

Eu a observei voltar para o táxi e ir embora, depois fechei a porta da frente e a tranquei com força.

Noah estava lá em cima, no terceiro andar. Eu o encontrei em seu closet, jogando uma muda de roupa em uma mala de rodinhas aberta.

— Aquela foi a Valentina. Ela trouxe seu bastão branco e óculos. – falei lentamente, sem entender o que estava vendo.

— Ela contou o que aconteceu? – Noah perguntou, jogando uma jaqueta na lateral da mala.

— Ela disse que beijou você.

— Sim, ela disse. Eu a afastei, mas e daí? Eu sei como isso soa patético. – ele parou e virou-se para mim. — Você não viu?

— Não. Deacon criou uma boa armadilha, mas estava fora de sincronia. Eu só vi você... juntos. – eu me abracei quando o quarto de repente pareceu frio. — Noah, o que você está fazendo?



Ele se ajoelhou junto à mala e procurou o zíper. — O que eu deveria ter feito quando soube o quanto me importava com você. No primeiro segundo, que eu senti algo. É quando eu deveria ter ido embora.

— Você está indo embora?



Suas mãos abaixaram e ele levantou a cabeça para mim, com o seu rosto em uma máscara de angústia e seus olhos brilhando. Mas ele não falou ou não conseguiu. Ele levantou-se, levando a mala com ele, e a jogou na cama. Ele encontrou o bastão branco dobrado e os óculos e os jogou também.

— Fale comigo. – eu disse. — Por que você não está falando comigo?

— Porque eu estou tão enojado comigo mesmo que não posso... – ele passou as mãos pelos cabelos. — Quando penso no que aconteceu com você... O que quase aconteceu com você e com Deacon. Se ele tocou em você... Deus, Charlotte, se ele realmente machucasse você? Me deixa doente pensar nisso. E eu fiz isso. Eu deixei isso acontecer.

— *Deacon* fez isso. Você não pode se culpar...

— Não? – ele deu uma risada áspera. — Você me disse para não deixá-la sozinho com ele. Você me fez prometer, e o que eu fiz? Eu fiquei bêbado e deixei você sozinha com ele. Para que ele pudesse empurrar você para dentro de um elevador e tentar... – Suas palavras diminuíram, e ele balançou a cabeça, com uma careta ferida no rosto. — Não consigo respirar pensando no que poderia ter acontecido. E por quê? Porque eu estava muito envolvido em minhas próprias besteiras. Eu só tinha que provar que podia trabalhar no *PX* e fingir que tudo estava do jeito que era, quando não está. Minha antiga vida se foi e até eu aprender a viver com isso, essa merda continuará acontecendo com você. Mais dor e mais sofrimento, estou apenas acumulando isso em você.



Tremi de pavor para onde suas palavras estavam nos levando. — Não. Isso não é verdade…

— Não é? A viagem de metrô... – ele fechou os olhos com força. — Ainda posso ouvir como você chorou naquela noite, a dor em sua voz e o medo por mim porque fui egoísta e imprudente. Eu fiz isso. Eu coloquei isso aí, Charlotte. E o assalto - seu violino se foi por minha causa e hoje à noite. Ah Cristo, hoje à noite.

— Noah…

— Não precisei dessa noite desastrosa para me dizer que não podia voltar ao *PX*. Você sabia disso. Você me disse e eu não ouvi. Mas no fundo eu também sabia. Ainda está tudo aqui, esperando por mim. A fúria, frustração e raiva. – ele fechou a mala com um golpe furioso. — Eu tenho que ir. Tenho que sair e encontrar uma maneira de deixar minha vida antiga, e tenho que fazer isso sozinho. Não posso me apoiar em você, ou te sobrecarregar ou causar mais um segundo de dor. Eu não posso.

Ele se virou para mim e segurou meus ombros, olhando-me atentamente à sua maneira. — A única coisa que importa agora é que você vai a aquela audição. Para a turnê da orquestra. Você ganhou essa vaga, Charlotte. Estenda a mão para ela e agarre-a. Aproveite porque é sua e você sabe disso.

Suas mãos caíram, e eu o observei pegar a mala, puxar a alça, porque ele estava realmente indo. Eu não podia ou queria acreditar.

— Noah, o que você vai fazer? Pra onde você vai?

— Chamei um táxi. Eu vou para Connecticut primeiro. Depois disso? Não sei e não diria se soubesse.

Ele fez uma pausa, com um músculo em sua mandíbula se contraindo, com sua voz rouca. — Eu sei que isso dói. Deus acredite em mim. Meu coração parece que está pronto para explodir pela dor que estou lhe causando. Mas é melhor. Você não pode vê-lo agora, mas é. Eu tenho que ir e me tornar digno de você, Charlotte. Se eu



tiver que lutar e abrir caminho no inferno, lutarei se isso significa que podemos ficar juntos, como você merece que estejamos juntos.

Olhei, incapaz de encontrar as palavras. — Não sei o que devo fazer ou dizer. Adeus? Devo deixar você sair daqui? Não. – eu fui na frente dele, bloqueando-o com sua mala. — Eu sei que tenho que ir a essa audição. Eu posso sentir isso esperando por mim. Essa turnê. Mas como vou deixar você assim? Eu pensei... – As lágrimas estavam rompendo o choque agora. — Pensei que você viria comigo.

Ele me segurou desta vez, com seus braços envolvendo-me e suas palavras contra minha bochecha. — Vou te encontrar, Charlotte. Voltarei para você como o homem que você merece. Todo. Não me diga adeus. Espere por mim. Por favor. É a última coisa que eu vou pedir para você. Espere por mim. Confie em mim. Eu vou voltar para você. Eu juro. OK?

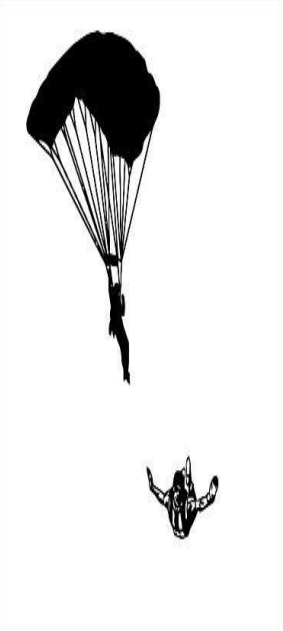
Eu me agarrei a ele. — Não, eu não posso...

Ele segurou meu rosto molhado de lágrimas, com seus próprios olhos castanhos brilhando.

— Eu te amo, Charlotte. – disse ele, me interrompendo. — Eu te amo mais do que a mim e essa é a única razão pela qual posso sair por aquela porta hoje à noite.

Fechei os olhos, sentindo seus lábios na minha boca e suas mãos me segurando, com a dor vibrando fora dele. Ele aprofundou o beijo por um momento e depois soltou um pequeno som de angústia rasgando sua garganta. E então suas mãos se afastaram.

Eu mantive meus olhos fechados por um longo tempo, vendo nada além de escuridão. Quando os abri novamente, a casa estava vazia. Noah se foi.



34

Charlotte

— Você está pronta? – Melanie perguntou.

— Eu não sei. – eu disse, e essa era a verdade. Meu estômago parecia que estava tentando sair das minhas entranhas, e ainda assim minha pele estava estranhamente fria por toda a parte. — Estou assustada e calma ao mesmo tempo. Como isso é possível?

— Você está assustada porque vai conseguir e está calma porque sabe que isso deve acontecer.

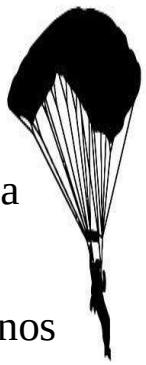
Apertei a mão dela em gratidão. O saguão do Alice Tully no Lincoln Center estava repleto de candidatos, principalmente violinistas, embora eu tenha visto alguns cases maiores de violinos e até alguns baixos. O cenário deveria ter me impressionado: foi onde Keith e seu Spring Strings fizeram o teste - minha última audição até hoje. Mas Keith, suas mentiras e traição pareciam distantes agora e não podiam me tocar.

— Como está o violino? – Melanie perguntou. — Ben prometeu que não seria ruim.

— Não. Mas é estranho. – falei. — Durante toda a semana, senti como se estivesse praticando em objetos roubados.

— Falando nisso, nenhuma palavra da polícia sobre o seu *Eastman*?

— Desapareceu. Mas nunca esperei recuperá-lo.



Paramos de falar quando um jovem, de suéter apertado, calça xadrez e óculos, entrou no saguão. — Gregory Carter?

Um violinista esperançoso se levantou e seguiu o jovem nos bastidores.



— Carter. Você precisa estar calma. – disse Melanie. Ela me olhou de cima a baixo. — Você parece bem. Muito bem. Como se você envelhecesse uma década.

Eu sorri. — Isso é um elogio?

— Não envelhecer na sua cara e nos seus olhos. Você parece mais sábia, minha amiga.

— Não me sinto mais sábia. – eu olhei para minhas mãos. — Sinto falta dele. Sinto muita falta dele, Mel.

Ela apertou os lábios. — Ainda está em Connecticut?

— Eu não sei. Eu acho que sim. Não sei onde ele está ou o que está fazendo...

— Ele quer que você tenha isso. – disse Melanie suavemente, — Porque ele sabe que é a melhor coisa para você.

Eu pisquei para conter as lágrimas. — Eu sei. E isso é. Mas ele também é a melhor coisa, embora não perceba. Ainda não.

— Dê um tempo a ele.

Movi na minha cadeira e olhei em volta. — Não sei o que vai acontecer quando chamarem meu nome. Não sei o que acontecerá quando eu tocar. Posso acabar com isso ou me fundir em uma bagunça chorosa. E mesmo se eu acertar, quem dirá que é suficiente para ganhar uma vaga? Este lugar está cheio de talentos. Um ou mais provavelmente serão melhor que eu. Certamente melhor preparados.

Melanie deu um suspiro sofrido. — Vou sentir sua falta quando você estiver na Europa.

Eu reprimi uma risada. — Ah, pare. Você não terá a chance de sentir minha falta, já que eu vou morar com você e Sasha depois que eu estragar tudo e ficar sem teto.

O homem esbelto de calça xadrez voltou. — Charlotte Conroy?

— Ah, merda. – Levantei-me, com meu violino emprestado na mão.

— Quebre uma perna. – disse Melanie e me deu um polegar para cima.

Balancei a cabeça e segui o homem nos bastidores. Pelo Noah. Pelo o Chris. Por mim.



Uma tela foi montada no palco, me protegendo dos assentos da plateia, mas eu já participara de audições suficientes para imaginá-la claramente: uma mesa de diretores - talvez três, talvez mais - sentados nas fileiras do meio com uma mesa montada para eles. Eles já revisaram minha inscrição para a audição, que listou as três peças que eu estava preparado para tocar: *Sibelius, Mendelssohn* ou *Mozart.*

O jovem me levou a uma cadeira atrás da tela.

— Você não precisa se sentar. – disse ele com um forte sotaque alemão, indicando a cadeira. Ele sorriu gentilmente. — Você decide.

Eu não tinha permissão para falar; a mesa não sabia nada além do meu nome para evitar parcialidade, então assenti e respirei fundo. Sentei-me na cadeira e peguei meu violino emprestado. Era um modelo mediano. Ótimo para estudantes ou músicos quase sérios. Um instrumento de qualidade, mas não um clássico. Eu me perguntei se era o suficiente. Eu me perguntei se o que eu estava prestes a fazer era suficiente.



— Charlotte Conroy. – disse a voz de uma mulher mais velha do teatro. Sabina Gessler, diretora da *Vienna Touring Orchestra*, talvez.

— A cadência de Mozart, por favor.



Engoli em seco. Claro. E não apenas Mozart, mas a cadência do concerto, o movimento em que o violinista rompe a orquestra e se deixa tocar com tudo o que ela tem. Como fogos de artifício. O coração pulsante da peça.

Preparei o meu arco e fechei os olhos, ouvindo a orquestra fantasma na minha cabeça tocando a melodia e movi meu arco, meio curiosa para saber o que iria acontecer, como se estivesse fora do meu corpo, assistindo de cima.

E então eu toquei. As primeiras notas deslizaram pelas cordas e eu me perdi.

Nenhum outro compositor conseguiu alcançar através dos séculos e arrancar meu coração como Mozart. Isso é como voltar para casa novamente; aquela sensação de passar pela porta em *Bozeman*, *Montana* e ver minha família, inclusive Chris, que se reunia em volta da mesa, esperando por mim. Parece que eu estou procurando por algo há muito tempo e finalmente o encontrei. Uma sensação de alívio, de esperança, de amor... Eu toquei e o lindo rosto de Noah apareceu diante de mim, com seu olhar cego pousando no meu queixo, como sempre, e isso era perfeito e certo, porque era ele. Eu toquei e tudo o que eu pensava ter perdido, toda aquela música, veio de mim, aflorando sobre a dor e o sofrimento, não lavando-a, mas limpando-a com lágrimas de água salgada, transformando-a em algo com o qual eu sempre viveria, em vez disso, ela vivia dentro de mim, oculta, forte e escura.

E quando terminou, senti como se dormisse por anos e perdesse milhares de quilos, ou pudesse respirar novamente quando todo esse tempo estivesse me afogando. Abaixei o meu violino e o arco emprestados e olhei em volta, atordoada. Eu tinha começado a peça sentada na cadeira e agora estava de pé, embora não me lembre de



me levantar. Minhas bochechas estavam molhadas. Minha respiração ficou curta. Um barulho de passos veio na minha frente e a tela foi subitamente tirada.

Uma mulher de meia-idade com cabelos loiros e um elegante terninho azul estava diante de mim, me olhando. Sabina Gessler, diretora da *Vienna Touring Orchestra*. De perto, reconheci os nítidos olhos castanhos de sua foto publicitária, só que agora eles estavam com óculos aros vermelhos e brilhantes.



— Charlotte Conroy. – disse ela, com seu forte sotaque.

— Sim. – eu respirei, chocada ao descobrir que as lágrimas ainda estavam ali, atraídas pelas emoções dessa mulher que eram tão fortes quanto as minhas e emanavam dela como vapor.

— *Senden Sie sie Weg.* – ela disse por cima do ombro para os outros dois membros da mesa que estavam de pé, olhando. — *Alle von ihnen.*

Um começou a protestar, mas Sabina levantou a mão e eles ficaram instantaneamente em silêncio.

— Você sabe o que acabei de dizer a eles? – ela me perguntou, se aproximando.

Balancei minha cabeça que não.

A mulher estava diante de mim, apertando meus ombros em suas mãos. — Disse para eles mandarem o resto embora, Charlotte Conroy. *Todos eles.*

Senti o meu rosto deformar em uma tentativa vã de conter o dilúvio, mas quando a própria Sabina explodiu em uma risada chorosa e alegre e me abraçou, eu apenas chorei. Ela acariciou meu cabelo e eu senti o cheiro da seda de sua blusa, seu perfume que não parecia nada com o que minha mãe já tinha usado, mas cheirava reconfortante e familiar, no entanto.



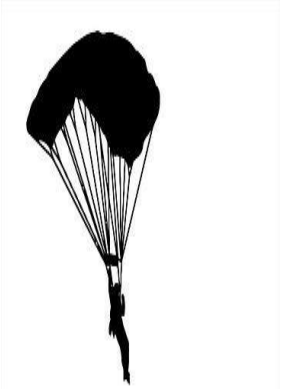
— Você toca com todo o seu coração. – disse Sabina. — Com ardor, paixão, amor, alegria e dor. – ela me abraçou e enxugou uma lágrima do meu rosto. Suas feições ficaram nítidas, com seus olhos me observando, mas brincalhões também.



— Mas pergunta: você faz isso todas as noites, não é?

Eu ri e assenti e nós nos abraçamos novamente, como se nos conhecêssemos há anos. Mas às vezes é assim que acontece com as pessoas; uma conexão é feita e pode transcender o espaço e o tempo.

Pode transformar estranhos em família.



35

Charlotte

Cheguei de volta em casa por volta da meia-noite. Tive que resolver alguns detalhes da minha nova posição na *VTO* e, em seguida, Melanie insistiu em convocar a turma para comemorar no Pony Bar.

— Ela tocou o Mozart. – disse Melanie a Regina, Mike e Anthony. — *E depois mandaram todo mundo para casa.*

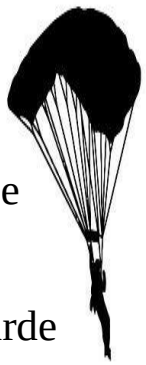
Regina quase cuspiu sua cerveja artesanal. — Jesus, Char. O que você fez?

— *Eles mandaram todo mundo para casa*. – disse Melanie novamente. — O que mais nós precisamos saber?

— Não é grande coisa. – eu disse, pensando que os outros iriam se incomodar, mas meus amigos foram generosos com sua felicidade por mim e apenas lamentaram que sentiriam a minha falta quando eu estivesse na Europa.

Voltei para a casa vazia que parecia ainda mais vazia sem Noah. De manhã, eu teria que ligar para Lucien e me demitir como assistente de Noah. Seria um aviso muito curto: Sabina queria começar os ensaios em Viena na próxima semana. Eu estaria fora até Setembro, pelo menos, talvez mais se a *VTO* decidisse me manter.

Também pensei em ligar para meus pais de manhã, mas com a diferença de fuso horário não eram nem dez horas. A casa parecia



muito vazia e silenciosa sem Noah. Eu precisava ouvir outra voz, e meus pais provavelmente precisavam de boas notícias.

Meu pai atendeu depois de dois toques. — Charlotte? É tarde onde você está. Você está bem?



— Estou bem, pai. – eu disse, estremecendo. — Lamento incomodá-lo. Como você está? Como está a mãe?

Meu pai soltou um suspiro aliviado. — Ela está bem, na verdade. Melhor. Ela teve dor de cabeça e foi dormir cedo, mas fico feliz em dizer que isso é não tão ruim quanto ultimamente. Ela até consegue voltar ao trabalho.

Fechei os olhos. — Ah, estou tão feliz em ouvir isso.

— E você, docinho? Como está o seu trabalho?

— Bem, na verdade, é por isso que estou ligando.

Eu contei a ele sobre minha audição e como eu me mudaria para Viena dentro de uma semana. Eu tinha que garantir a ele que a *VTO* era uma empresa sólida e que eu estaria segura com eles, a tantos quilômetros de distância. Eu tinha quase 23 anos, mas a distância parece tirar anos de uma criança aos olhos dos pais.

Ele falou baixo. — Estou tão orgulhoso de você. Estou um pouco triste por você vai estar à alguns fusos horários a mais, mas principalmente tenho orgulho de você. E eu sei que sua mãe também ficará.

— Você vem me ver? Estaremos em turnê por toda a Europa. Você escolhe uma cidade e eu vou ver os arranjos.

— Claro, querida. Não perderia isso. Mas e a sua posição atual? Eles também não sentirão sua falta?

Eu limpei minha garganta. — Eles são muito compreensivos.



— Ok, amor, você parece cansada. – disse meu pai. — Você teve um dia emocionante. Descanse um pouco e ligue-nos antes de ir. Eu sei que sua mãe terá um milhão de perguntas.

— Eu vou. – eu disse, e senti lágrimas nos meus olhos. De repente, meu pai parecia tão longe. — Eu te amo.



— Eu te amo, Charlotte. Estou feliz por você. E eu sei que Chris também estaria.

Minha visão ficou turva. Foi a primeira vez que meu pai falou de Chris sem soar como se estivesse se separando por dentro.

Estamos todos encontrando uma maneira de seguir em frente, pensei depois que desligamos. E seguir em frente, eu percebi, não era o mesmo que esquecer ou até deixar ir. Ele estava tentando fazer as pazes com a tragédia e fazendo o melhor que podíamos para sempre.



Na manhã seguinte, liguei para Lucien e pedi minha demissão e, durante todo o tempo em que falei com ele, me esforcei para ouvir a voz de Noah ao fundo. Mais de uma vez tive que me impedir de pedir a Lucien para passar para ele.

Mas no final, eu não conseguia desligar sem saber.

— Lucien?

— Sim, *ma chere?*

— Ele está bem? Você pode pelo menos me dizer isso?

— Ele está bem, minha querida menina. – respondeu Lucien, com sua voz grossa.

— Tudo bem. – eu disse, com minha própria voz se afogando em lágrimas. — Eu só queria ter certeza. Diga a ele... – eu engoli em seco. — Diga a ele que vou esperar. Eu vou.

— Ele ficará muito feliz em ouvir isso. Lembre-se, por favor, que a melhor coisa a fazer raramente é a mais fácil. Para você ou para ele.

Desliguei, em uma espécie de choque entorpecido, pensando que estar separada de Noah não poderia ser a melhor coisa para mim. Vou para Viena em quatro dias. Eu não ia ver ou falar com ele antes de sair? Era impensável, mas talvez fosse isso que ele queria. Que ele quis dizer o que disse sobre ficar longe de mim até que ele pudesse deixar sua antiga vida e seguir em frente.

A casa estava muito vazia. Deitei na cama de Noah em vez da minha e me aconcheguei debaixo dos lençóis e no travesseiro. Ainda cheirava a ele e eu respirei profundamente, me agarrei ao travesseiro como se fosse ele e adormeci imediatamente.



Os três dias seguintes foram gastos com mais arrumação e despedida de velhos amigos. Melanie e Regina fizeram uma festa de despedida para mim na sexta-feira anterior. Meus amigos de *Juilliard* estavam lá, e Anthony e Samneric, e eu começamos a sentir falta deles antes mesmo do fim da noite, Melanie e Anthony acima de tudo.

— Não vou embora para sempre. – eu lembrei a todos, inclusive a mim. — Volto em Setembro.

— Você sabe como essas coisas acontecem. – disse Melanie. — As portas vão se abrir e nem todas podem trazê-la de volta a Nova York. – ela me abraçou forte. — Vá aonde isso te levar e aproveite, ok?

Saí da festa e caminhei até a estação de metrô, absorvendo tudo pela última vez, nesta cidade que era minha casa há cinco anos. Uma sinfonia cintilante de som e luz, aço, concreto e abundante humanidade, cada pessoa conectada ao resto pelo zumbido elétrico que não podia ser sentido em nenhum outro lugar da Terra.



Noite de domingo. Minha última noite, e eu me deixei chorar nos travesseiros de Noah. Passei o dia inteiro me preparando para ir embora na manhã seguinte e ele não ligou. Ele realmente iria me deixar sair da cidade sem se despedir? Ou fui eu quem estava saindo sem ligar para ele, sem dizer que eu também o amava?

Isso não importava. Não poderia entrar naquele avião no dia seguinte sem ouvir sua voz e sem saber o que ele pensava ou sentia. Peguei meu celular na mesa lateral e encontrei o número dele no meu celular e digitei.

Ele não vai responder. Porque acabou. Eu apenas sei disso.

— Oi, querida.

Fechei os meus olhos contra a rápida onda de emoção que me inundou com o som de sua voz. E ele parecia terrível, rouco e cansado, como se não dormisse há dias.

— Oi. – eu disse. — Lamento ligar tão tarde. Ou sequer atendê-lo. Eu não sabia se você queria falar comigo...

— Claro que sim. – disse ele. — Eu queria falar com você todos os dias nos últimos dias. Mas eu tinha medo de dificultar a nossa vida.

— Já é muito difícil.



— Eu sei. – ele inalou bruscamente. — Lucien me contou sobre sua audição. Isso é incrível e ainda não estou surpreso. Estou tão orgulhoso de você.

— Eu vou embora amanhã. – eu disse. — Lucien te contou isso também?



— Não chore, baby. – disse Noah, parecendo angustiado. — Por favor, não chore.

— Não tenho muito a dizer sobre o assunto. Noah, isso é a coisa certa? Porque é horrível.

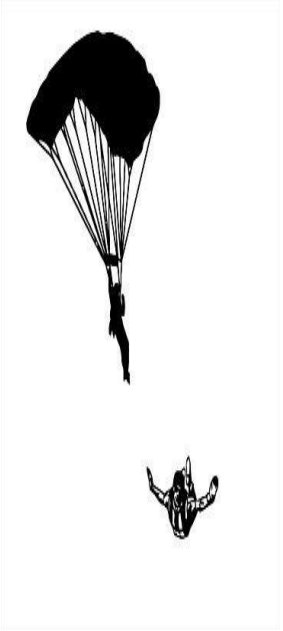
— Isto é. Por favor, confie em mim. – ele fez um som áspero, limpando as lágrimas de sua voz. — Lucien vai levá-la ao aeroporto amanhã. Ele a encontrará no sobrado às onze horas.

— E onde você estará?

— Desejando estar lá, para te beijar e te abraçar uma última vez antes de você ir. Eu te amo.

— Eu também te amo. – sussurrei. — Eu te amo, Noah. Eu te amo.

— Tenha um voo seguro, Charlotte. – disse ele, e então a linha ficou muda.



36

Charlotte

Lucien me levou ao aeroporto para o meu voo de quatro horas para Viena, Áustria. Fiquei grata pela viagem e feliz por ele estar lá, para poder agradecer e dizer adeus ao homem que considerava meu padrinho[47] de várias maneiras.

— Ah, que maravilha. – eu reclamei, enxugando os olhos. — Eu já estou uma bagunça e nem passei pela segurança.

— Charlotte, minha querida, foi uma honra conhecê-la. – disse Lucien, com os próprios olhos molhados. Ele se curvou formalmente e beijou minha mão. — Você será, sem dúvida, uma estrela brilhante para o público da Europa como foi em nossas vidas aqui.

Joguei meus braços em volta do pescoço dele, inalando sua colônia e sua elegância esfumaçada. — Obrigada. – sussurrei. — Por tudo. Por ele.

Eu o senti balançar a cabeça. — Foi você quem devolveu Noah para nós. Por isso, nunca posso retribuir.

— Mantenha-o seguro, Lucien. O que quer que ele faça ou o que ele acha que deve fazer, você o mantém a salvo. – eu sorri através das minhas lágrimas. — É assim que você me paga.

---

[47] ***Padrinho: no original "fairy godfather". É uma espécie de fada madrinha, mas em versão masculina.***





Noah



Eu estava com os fones de ouvido, ouvindo o computador ler o prólogo quando Lucien voltou. Senti a mão dele no meu ombro e desliguei o tradutor.

— Ela conseguiu, não é?

— Sim, sim. – disse ele. Eu o ouvi sentar-se na cadeira em frente à mesa. — Ela fez tudo bem.

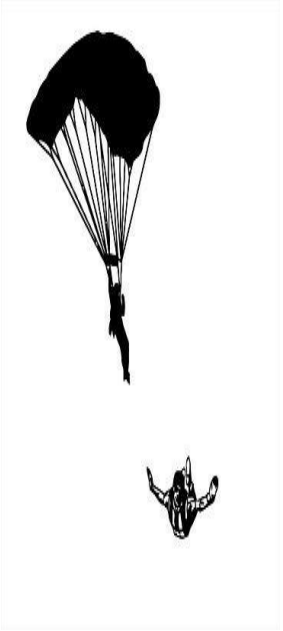
— Como ela estava?

— Adorável, *bien sûr*[48]. – Lucien respondeu, ouvi-o mover, puxar seu maço de Dunhills ansiosamente, mas os meus pais não o deixavam fumar em casa. — Você tem certeza de que deseja fazer isso?

Eu soltei uma risada curta. — Inferno, não. Mas você sabe o que está em jogo. Você acabou de levá-la ao aeroporto.

Lucien fez um barulho, mas pude ouvir que ele estava sorrindo. — Realmente.

[48] ***bien Sûr: significa "evidentemente" em Francês.***



37

Charlotte

Viena, Áustria...

A *Vienna Touring Orchestra* ensaiava na *Gesellschaft der Musikfreunde*, uma maravilha arquitetônica coral e branca por fora e uma sala de concertos dourada por dentro. Sabina Gessler percorreu os estrangeiros em seu novo conjunto pelo corredor, com os nossos pescoços esticados. Era onde deveríamos começar nossa turnê - dentro de duas semanas; com uma série que era quase inteiramente Mozart.

— Um crítico vienense disse uma vez que o *Gesellschaft* era a sinfonia de "*Júpiter' de Mozart"*. – Sabine piscou para mim. — Nós vamos descobrir isso, não é?

Para nossa temporada em Viena, toda a orquestra - todos nós sessenta - foi montada no Hotel Domizil, um pequeno e encantador hotel que ficava a uma curta caminhada da estação *Stephansplatz*, a partir da qual nós poderíamos explorar Viena, e a dois minutos literalmente de *Mozarthaus*, o apartamento onde o meu amado compositor viveu por um tempo enquanto escrevia uma de suas óperas mais famosas, O Casamento de Figaro.

Minha colega de quarto era Annalie Dalman: uma flautista ruiva de *Innsbruck* que fumava que nem uma chaminé. Suspeitei que Sabina me juntou com ela por causa de nossa proximidade de idade,



e para que Annalie pudesse me ajudar com meu alemão, o que foi terrível.

Desfizemos as malas juntas e ela olhou meu violino emprestado duvidosamente. — Você vai fazer uma turnê com esse pedaço de Scheiße?



— Até que eu possa comprar algo melhor, eu vou precisar.

Mas aqui era Viena. Cidade da Música. Imaginei que poderia entrar em uma loja de instrumentos musicais e comprar algo cem vezes melhor do que um bom produto de uma loja americana pela metade do custo.

Acontece que eu não precisava.

No meu segundo dia, eu voltei de um café com Annalie e alguns dos outros músicos mais jovens. Bebi apenas uma cerveja, mas era de uma caneca do tamanho de um pequeno barril e fiquei um pouco embriagada quando voltamos ao Hotel Domizil.

Havia uma caixa de madeira de forma alongada na mesinha do nosso quarto. Um selo intrincado em tinta preta na madeira amarela dizia *Haia*. Havia um recibo de entrega colado na frente e eu o abri. Meu pequeno zumbido da cerveja evaporou e meu coração começou a bater forte ao ler a pequena nota datilografada escondida entre os detalhes da remessa.

Charlotte,

Espero que isso chegue até você a tempo e em uma peça. Eu também espero que não seja tão velho que você tenha medo de respirar, e muito menos tocar, mas Lucien me garante que é adequado para um gênio como você.

Faça tocar, Charlotte, e talvez pense em mim quando o tocar.

Com todo o meu amor,



Eu segurei a nota no meu coração por um momento até Annalie pigarrear e bater no meu ombro com uma alavanca.



— Onde você conseguiu uma alavanca? – perguntei, limpando meu nariz.

— Em minha bagagem. – ela me deu um olhar estranho. — Você não tem?

Nós abrimos a caixa. Um case de violino repousava confortavelmente dentro dos limites do material de embalagem, tampões de isopor e papel picado, rígido como palha. Eu peguei o case e o abri. Borboletas voaram no meu peito e minhas mãos tremiam quando levantei um pequeno cartão, um certificado de autenticidade e com a assinatura do fabricante na frente.

Johannes Cuypers

— Ah, meu Deus. – eu respirei. — Eu não acredito nisso.

Annalie falou ao meu lado. — É do seu namorado que você me contou? Noah?

Balancei a cabeça, piscando para conter as lágrimas. — Sim. Meu namorado. – *O amor da minha vida*.

Soltei o cartão e levantei o instrumento do case. A madeira era escura e cara. Arranhões relataram sua idade - *Cuypers* fez alguns dos melhores violinos do mundo há quase duzentos e vinte e cinco anos atrás - e eu pude ver que ele havia sido repintado pelo menos uma vez, mas o corpo ainda estava liso e leve. Um laço prateado estava no veludo preto da caixa e eu o peguei na minha outra mão,

olhando estupidamente para a crina[49] amarelada esticada ao longo de seu comprimento que parecia original. *Impossível…*

Com as mãos trêmulas, coloquei o violino no queixo e coloquei o arco ao longo das cordas, maravilhada com a perfeição de ambos em minhas mãos. Toquei um longo C. O som era nítido e vibrante e rapidamente abaixei o instrumento de volta ao case, eliminado.

— Como…? Como ele...? – Minhas palavras diminuíram indefesas. Não queria estragar o momento com pensamentos grosseiros sobre o custo, mas um violino de *Cuypers* pode chegar a US$ 70.000, dependendo da condição. E então eu soube.

Ele pagou por isso. Não seus pais, que poderiam ter comprado uma orquestra cheia de *Cuypers* e *Stradivariuses*. Noah comprou com seu próprio dinheiro porque vendeu seu *Camaro*.

Meu coração inchou e as lágrimas vieram novamente. Ele vendeu um dos últimos vestígios de sua antiga vida e usou o dinheiro para ajudar a me dar uma nova.

Pense em mim toda vez que você o tocar.

— Eu vou. – prometi. Como se eu pudesse evitar.



Nós praticamos por duas semanas e então a turnê começou. Um turbilhão de datas e cidades, e uma deslumbrante sala de concertos após a outra. Por dois meses, fizemos uma turnê. Eu era apenas uma violinista de uma seção, secundária, mas toquei como se fosse nossa solista. De vez em quando, Sabina me dava um pequeno solo e, a cada apresentação, sentia a música crescer e florescer em mim, com

---

[49] ***Crina: O arco é uma peça muito importante para o violino. Ele conta com a madeira e a crina, que é a parte que entra efetivamente em contato com as cordas. Ela é feita com fios tensionados de crina de cavalo ou com fios de*** **nylon.**

meu coração descongelando pelo inverno mais longo. Como artista, realizando e aperfeiçoando seu ofício, nas cidades da Europa que detinham grande parte da história musical, eu estava tendo o momento da minha vida.

A única sombra sobre minha felicidade era a ausência de Noah. Ele escreveu para mim no *"software para um pobre cego que minha namorada incrível achou conveniente encomendar para mim"* e, enquanto seus e-mails estavam cheios de amor e aquecia meu coração para lê-los, ele não dava ideia do que estava fazendo ou quando podíamos estar juntos novamente.

Espere por mim, ele pediu, e eu também, embora eu sentisse tanto a falta dele que havia noites em que tocava com o coração na garganta e lágrimas molhando o queixo do meu glorioso violino Cuypers.

Uma noite, no início de Agosto, nosso solista de violino, Gian Medeiros, embebedou-se em Munique, caiu de um banco de parque e quebrou o pulso. Estávamos programados para retornar à Áustria na noite seguinte, a Salzburgo, e realizar uma série inteiramente de Mozart em homenagem ao seu local de nascimento.

Sabina nos reuniu na Estação Central de Munique enquanto esperávamos nosso trem, e ela, junto com o nosso maestro, nos disse que Gian estava fora durante o resto da turnê. Sabina me pegou no meio da multidão e disse: *"Charlotte. Você será nossa solista do Concerto, nº 5. "*

A orquestra, que se tornara uma segunda família para mim, encheu a estação de gritos e aplausos, enquanto eu estava sentada no chão, atordoada. A alegria guerreou com uma forte e profunda tristeza que meu momento havia chegado e nem meus pais nem Noah estariam lá para ouvi-lo.

Nosso trem chegou a Salzburgo naquela manhã. A chuva caiu nas ruas estreitas e de paralelepípedos da pequena cidade. Annalie e eu olhamos as lojas, muitas das quais vendiam algum tipo de cafonice relacionado a Mozart, para nos lembrar que era lá que a

lenda havia nascido. E todas as lojas traziam o chocolate *Mozartkugel* em suas pequenas latas vermelhas e brancas.

Almoçamos em um pequeno e encantador bistrô sob a sombra da Fortaleza *Hohensalzburg*, situada no topo da cidade. O céu parecia de cor chumbo e um vento frio assobiava pelas ruas estreitas, me fazendo tremer.

— Nervosa? – Annalie me perguntou quando voltamos para o hotel.

— Não. – eu disse. — Eu apenas sinto falta dele.

Annalie não era Melanie, mas ela era muito próxima. Ela passou o braço em volta dos meus ombros e não tentou me animar com palavras vazias. Ela estava lá apenas para mim, e eu a adicionei à lista de pessoas na minha vida que eu queria ter para sempre.



Naquela noite, eu usava um vestido de veludo preto com tiras de finas para permitir o movimento dos braços (mas com um decote modesto), e tinha um tule preto dos joelhos para baixo. Um solista deve se destacar da multidão e, portanto, eu usava brincos brilhantes e prendi o meu cabelo em uma trança para mantê-lo longe do meu violino.

— Está muito bonita. – Annalie me disse enquanto me observava no espelho. — Devo tirar uma foto? Para o seu Noah?

Dei um sorriso. Ela não sabia que Noah era cego, porque nunca me ocorreu contar a ela. Porque a sua cegueira é apenas uma pequena parte do homem que amo. E percebi então que o Noah poderia estar procurando isso por si mesmo, para se definir da parte de sua deficiência. E se ele pudesse fazer isso, talvez não parecesse uma deficiência.

Ah, meu amor, pensei. Eu entendo. Acho que finalmente eu entendo...



Nossa caravana de ônibus alugados parou nas ruas adjacentes à *Mozarteum Concert Hall* ao entardecer. Entramos sob um céu cinza escuro que não mostrava sinais de chuva, apenas ameaçava. Mas o salão melhorou meu humor e me acalmei pela primeira vez desde que Sabina me disse que eu seria solista.

O *Mozarteum* era pequeno, mas elegante, com dezenas de lustres pendurados no teto dourado. Um enorme órgão de tubos compunha a parede traseira e tomamos nossos lugares diante dele. Ou, pelo menos, meus colegas músicos fizeram. Agora eu deveria esperar no palco até que nosso maestro, Herr Isaak Steckert, me apresentasse à plateia. Olhei para o folheto com meu nome e as lágrimas ameaçaram novamente. *Vou ter que enviar isso para meus pais. E Melanie. Eles ficarão tão orgulhosos.*

A sala de concertos estava cheia de visitantes vestidos formalmente. Espiei por trás da cortina para inspecionar os rostos da plateia como eu fazia todas as noites. Procurei o homem alto e bonito que usava óculos escuros dentro de casa e que carregava um bastão branco para encontrar seu assento, mas ele nunca estava lá. E ele não estava lá naquela noite também.

As luzes da casa diminuíram, os retardatários se sentaram e, em seguida, Herr Steckert subiu ao pódio com grandes aplausos. Sabina apareceu atrás de mim.

— Eles não me conhecem. – sussurrei.

Ela colocou as mãos nos meus ombros. — Dor. Esperança. Ardor. Amor. Você toca para eles hoje à noite, Charlotte Conroy, e eles lembrarão de você para sempre.



Herr Steckert gesticulou para mim e eu entrei no palco com aplausos educados e reservados. Isaak beijou minha bochecha e sussurrou: — Quebre a perna.

Eu reprimi uma risada e me senti um pouco melhor. Tomei meu lugar, diante dos instrumentos de cordas, exatamente como o violinista que eu tinha visto na TV quando criança. Eu estava realizando o meu sonho e ninguém que eu amava estava lá para vê-lo.

Decidi, quando os primeiros sinais começaram atrás e ao meu redor, que eu tocaria para todos eles, não importa onde estejam no mundo ou se eles o deixaram. Deixei meu amor por todos da minha vida e todos que eu perdi me encher até que eu não tivesse escolha a não ser canalizá-lo no meu violino.

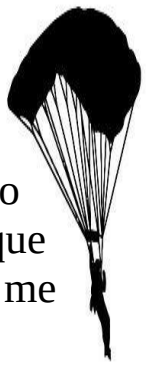
Não me lembro de nenhum momento individual. Foi tudo um sonho fantástico, uma experiência extracorpórea que senti como pura emoção. Toquei a música de Mozart na cidade em que ele nasceu com um instrumento que carregava tempo e história.

E quando acabou, os aplausos não foram reservados ou educados, mas estrondosos, e vieram depois de um breve silêncio no qual eu quase podia ouvir todos os membros da plateia recuperar o fôlego.

Abaixei meu violino e deixei o som passar por mim, vi os rostos radiantes da plateia sorrirem para mim e eu fiquei espantada e humilhada por ter criado essa reação.

Um anfitrião se aproximou com um buquê de rosas vermelhas. Ele estendeu a mão para entregá-lo para mim, e a multidão explodiu novamente. Eu me virei para Sabina, pensando que ele devia ser dela, ou Isaak, ou mesmo o resto da seção de cordas. Mas o anfitrião apontou para a plateia e então eu soube.

Ele está aqui.



Os aplausos continuaram enquanto eu procurava pela multidão febrilmente, procurando pelo rosto que eu queria ver mais do que qualquer outro... E então meu coração apertou e um suspiro me escapou.



Noah Lake estava em pé na parte dos fundos da casa, com o bastão branco em uma mão e a outra mão sobre o coração, como se isso o machucasse. Ele não estava usando seus óculos e, mesmo à distância entre nós, pude ver o pequeno e doloroso sorriso que enfeitava seus lábios.

E então ele se virou e caminhou, sozinho, pelo corredor e saiu.

— Noah! – eu gritei. — Noah! – Mas os aplausos estavam apenas começando a diminuir. Eu estava com as mãos ocupadas. Coloquei as rosas no chão e entreguei meus Cuypers a um Isaak chocado.

— Venha aqui, venha aqui, venha aqui. – eu disse, acenando freneticamente para o anfitrião com uma demonstração claramente deselegante de mover os braços. O anfitrião me ajudou a descer do palco e eu peguei meu vestido e corri pelo corredor, passando pela multidão aplaudindo.

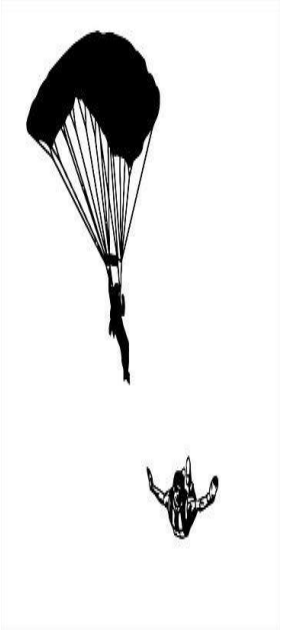
Cheguei ao saguão quase vazio e passei meu olhar por toda parte. — Noah! – *Nenhum sinal.*

Corri para fora, para uma noite escura e fria. A fortaleza na colina pairava sobre a cidade. Procurei pelas ruas em ambas as direções, olhando os rostos dos pedestres que passavam sob as luzes. — Noah!

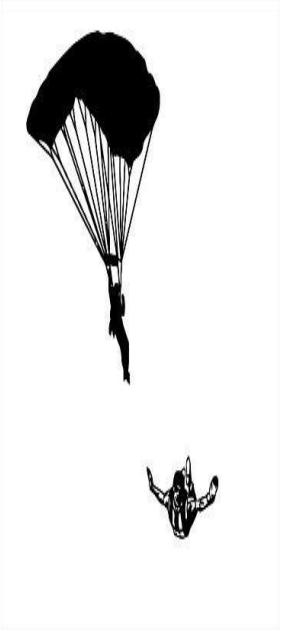
— Ei, querida.

Eu me virei. Ele se encostou na parede, com as mãos apoiadas no bastão branco, parecendo devastador em um terno cinza claro, colete e gravata cor de ameixa. Um sorrisinho hesitante apareceu em seus lábios.

— Eu vou abraçar você. – eu o avisei.



— Deus, sim. – disse ele, e eu fiz.



38

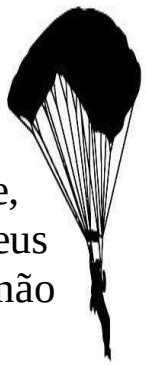
Charlotte

Eu o abracei, beijei-o, com medo de parar de tocá-lo e ele desapareceria em uma nuvem de fumaça. Ele me beijou também, forte, me abraçando com mais força, me pressionando contra ele. Suas mãos percorreram minhas costas enquanto ele beijava meus lábios, minhas bochechas, meus olhos com intensidade desesperada antes de encontrar minha boca novamente. Provei minhas lágrimas salgadas, ou talvez elas fossem dele, e então não pudemos mais nos beijar, mas nos abraçamos enquanto a multidão que saía da sala de concertos se separava em torno de nós.

Eu queria exigir respostas, mas fui superada pela pura realidade de sua presença. Eu me agarrei a ele, o inalei, ouvi o seu coração disparando no meu ouvido. Meu corpo sentia falta dele tanto quanto eu, e mesmo que parecesse um pouco obsceno, levei-o ao hotel mais próximo, onde o recepcionista levantou uma sobrancelha na nossa entrada sem bagagem.

Nós não chegamos na cama. Nós nem chegamos perto. Eu mal tinha fechado a porta quando Noah me colocou contra uma parede no pequeno quarto. Ele empurrou o meu vestido de veludo ao redor dos meus quadris e me penetrou, forte, rápido e deliciosamente brutal.

Quando os primeiros tremores de êxtase começaram a desaparecer, Noah me acalmou, com todos os seus toques se tornando gentis, como se fossem encontrar a intensidade desesperada daquela primeira vez. Mas a necessidade entre nós não foi saciada. Damos longos beijos, toques suaves e o lento despir seu e o meu. Ele



me deitou na cama e eu o levei para dentro de mim novamente, deleitando-me com a sensação dele. Apertei-o com força, com meus braços e pernas, com minha boca e o calor suave do meu corpo, não querendo deixá-lo ir novamente.



Depois, deitamos nos travesseiros, frente a frente, entrelaçados, comigo passando meus dedos pelos cabelos sedosos na parte de trás de sua cabeça. Senti as cicatrizes estriadas ali, mas o que elas eram senão testemunhos do que ele havia sobrevivido? Eu adorava tocá-las apenas por esse motivo.

Ele passou as mãos pelos meus ombros e braços, minhas bochechas, lábios, meu pescoço e seios, olhando para mim com o toque.

— Você foi incrível naquele palco hoje à noite. – disse Noah, acariciando minha bochecha. — Nunca ouvi nada tão incrível na minha vida.

— Você voou para me ouvir? Há quanto tempo você está em Salzburgo?

— Estou na Europa desde Julho.

Minha cabeça virou. — Julho? Isso foi há quase um mês e meio atrás! O que você tem feito?

— Escutando você, Charlotte.

— Eu não entendo. Você seguiu a turnê?

— Sim.

— Sozinho?

— Sim. Eu lhe disse que precisava me tornar digno de você. Eu precisava ser autossuficiente e aprender a viver cego. Então é isso que me propus a fazer.

— Como?



Ele se acomodou contra os travesseiros. — Lucien organizou meus voos e me instalou em hotéis em todas as cidades, mas essa foi a extensão de sua ajuda. Decolei e fiz o resto, viajando de cidade em cidade, de ônibus ou trem, depois encontrei o caminho para o hotel, depois do hotel para o local onde você estava se apresentando.



Eu procurei seu rosto. Ele parecia diferente. Pacífico, de alguma maneira intangível, eu não conseguia entender. — Eu não acredito. Não consigo imaginar o quanto difícil deve ter sido para você, em cidades estrangeiras? Com barreiras linguísticas e costumes diferentes e...

— Foi a coisa mais difícil que já fiz. Mais difícil que a fisioterapia. Mas fiz isso e nunca perdi uma única apresentação sua. Nenhuma.

Meu queixo abriu sem som até que uma pergunta de centenas escapou. — Às vezes, ficamos na cidade por dias seguidos. O que voce fez em seguida?

— Eu escrevi.

— Você escreveu?

— Estou escrevendo um livro. Com esse software que você falou para Lucien. Não sei se o livro é bom, mas me sinto bem com isso. Pode ser o que devo fazer agora.

— Mas eu não entendo. Você está na Europa há seis semanas e não tentou me encontrar até hoje à noite? – Minha alegria em vê-lo estava se transformando em confusão. — Eu sinto tanto a sua falta e você esteve aqui o tempo todo.

Seus braços em volta de mim se apertaram. — Eu não encontrei, mas Deus sabe que eu queria. Ouvindo você tocar - mesmo quando você era uma violinista em uma dúzia, eu juro que ainda podia ouvi-la. Foi a melhor tortura.

Eu me movi no travesseiro para olhar para o teto. — Eu não sei o que sentir, Noah. Feliz? Estou feliz, muito feliz em vê-lo, sinto que



estou irradiando. Mas você estava tão perto. Todo esse tempo, você estava lá na minha frente, na plateia, e eu nunca soube disso. Isto é justo? Que você sabia onde eu estava e o que estava fazendo e eu não sabia?



— Eu escrevi para você para que você não se preocupasse. – disse ele. — Era tudo o que conseguia pensar em fazer, para facilitar as coisas para você. Mas não foi fácil para mim, acredite. Foi uma tortura saber que você estava na mesma sala e eu não podia deixar você saber. – ele balançou sua cabeça. — Foi cansativo fazer isso. Eu fiquei tão cansado... Muitas vezes eu queria desistir e pedir a alguém para me colocar em sua direção. Mesmo se você ainda estivesse no maldito palco, eu queria invadir e agarrar você e beijá-la na frente de todos, e nunca deixar você ir.

Apesar da angústia para mim, esse contentamento inexplicável atrás de seus olhos nunca vacilou.

— Mas isso teria sido egoísta. Teria sido eu arruinando seu desempenho, porque eu não aguentava mais minha luta. E eu tive que lutar. Eu tive que continuar, por todos os contratempos frustrantes, por todas as curvas erradas, todos os ônibus ou trens perdidos, todos os estrangeiros que precisei pedir ajuda, até encontrar você. E quando eu fiz, tive que sentar e ouvir você tocar, e saber que o show terminaria e eu teria que ir para o hotel sozinho, em outra cidade estranha, e começar tudo de novo no dia seguinte e o seguinte, até que eu sabia que estava pronto. Até que eu pudesse fazer isso sem raiva e amargura me comendo por dentro. Eu tive que fazer isso, Charlotte, até parar de lutar. Até eu apenas... deixar ir. E eu fiz isso por você. E eu. E por nós. – ele se mexeu, com as sobrancelhas franzidas. — Você pode me perdoar?

— Estamos na cama juntos, então... – eu dei uma risada curta, então as lágrimas ameaçaram novamente. — Eu senti tanto a sua falta. Meu coração doía, meus ossos doíam...

— Eu também senti sua falta, baby. – disse Noah. — E acredite, nunca parei de pensar em como você deve se sentir. Mas, a longo prazo, teria te machucado ainda mais se continuássemos como eu



estava. Eu sei disso, Charlotte, com a mesma certeza que conheço meu próprio nome.

— Ok. – sussurrei. — Se isso significa que estamos juntos agora, fico feliz que você tenha feito isso. Se isso lhe trouxe paz, então sim, é claro que eu te perdoo. Talvez não haja nada a perdoar de qualquer maneira.

— Há sim. Mas é a última coisa que vou pedir para você. Obrigado Charlotte. Por esperar.

Ele me beijou suave e docemente, mas quando nos afastamos, seus olhos passaram por mim com um desejo tão estranho e comovente.

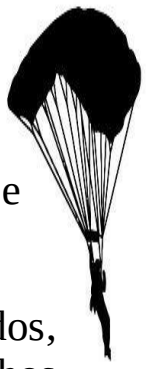
Eu acariciei sua bochecha. — O que foi?

— Um último desejo que receio nunca desaparecer. Fiz as pazes com a minha cegueira, mas se eu pudesse ver apenas mais uma vez - apenas uma coisa neste mundo - queria que fosse você. Eu precisaria apenas de um segundo. Um segundo, e eu manteria a sua imagem em meu coração para sempre.

Eu o beijei suavemente, aproveitando do amor entre nós. Fiquei maravilhada por ele estar aqui comigo depois do que pareceram anos separados, dizendo essas coisas para mim - coisas que eu sabia que ele nunca diria a mais ninguém. Só que já vi esse seu lado gentil. Minha alegria derrotou cada fragmento persistente de arrependimento, e eu pensei que sabia como conseguir conceder a ele seu desejo.

— Você não precisa ver como eu estou olhando para você. Eu posso te mostrar o que você faz comigo, Noah. Eu vou te mostrar...

Ainda deitados e encarando um ao outro, deslizei meus dedos em seus cabelos sedosos na base de seu pescoço, segurando-o perto. Com a outra, peguei a mão dele e coloquei as pontas dos dedos nos meus lábios.



— Você pode sentir minha respiração? Quanto irregular e ofegante está?

Ele assentiu e seus olhos procuraram os meus, desaparecidos, como sempre, mas não vazios, ah não. Seus lindos olhos castanhos estavam cheios de pensamentos. Eu amei como eles chegaram tão perto de encontrar os meus, mas erraram, porque era ele. Era quem ele era e eu o amava com cada partícula que era eu.



— Você rouba meu fôlego, Noah, e o que você está sentindo sou eu, tentando recuperá-lo, mas eu nunca posso. Não quando você está tão perto de mim.

Noah engoliu; Eu vi o pomo de Adão dele mover. Resisti à vontade avassaladora de beijá-lo e me movi o suficiente para continuar falando, com nossas bocas tocando enquanto eu falava.

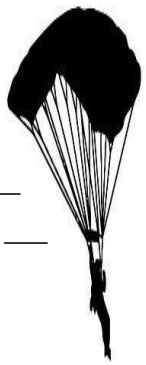
Movi sua mão para baixo, para meu peito, sobre o meu coração. — Você sente meu coração batendo forte? Você pode sentir como ele bate nas minhas costelas? Faz isso constantemente. Sempre que você entra em um lugar, ou quando eu vejo você, ou ouço sua voz... ele bate tão forte que eu tenho medo... – Minha voz diminuiu para um sussurro. — Eu tenho medo que ele se quebre.

— Charlotte...

Movi sua mão para baixo, para o meu estômago. — Borboletas se agitando. Você pode senti-las? É a ansiedade mais agradável... tentar me mover para com você, imaginando se poderíamos nos tocar, beijar ou discutir, ou apenas sentar e conversar. De qualquer forma, não importa o que, quando estou com você, elas também estão lá.

Ele assentiu, com sua expressão dolorida, mas cheia de saudade também.

— Eu te amo, Noah. Com o meu coração e minha alma e este corpo. Com cada parte de mim. Eu te amo tanto que você não precisa vê-lo. Você pode sentir isso. – eu engoli em seco e abaixei a mão



dele, e pressionei seus dedos longos entre as minhas pernas. — Você sente isso? – eu respirei e toquei meus lábios nos dele. — Você sente o que faz comigo?

— Sim. – ele murmurou. — Deus, sim. – ele tentou me beijar e eu lhe dei apenas um gostinho, depois me afastei novamente.



Eu o empurrei de costas e me sentei, montando nele, e suas mãos agarraram meus quadris, me segurando enquanto sua respiração entrava em suspiros ásperos, desenhando as curvas de seus músculos em uma definição ainda mais nítida.

Peguei-o na mão e acariciei-o gentilmente, mas ele estava duro e pronto novamente. Lentamente, eu o guiei, observei meu corpo receber todo ele. Um pequeno gemido de desejo me escapou da pressão primorosa dele dentro de mim.

Noah gemeu, inclinando a cabeça para trás na mais pura expressão de êxtase que eu já vi, e me agarrou com força, com seus dedos cravando na minha pele. Movi meus quadris lentamente, tortuosamente devagar, e me inclinei sobre ele. Eu toquei meus lábios contra os dele com lambidas suaves, até que ele soltou um rosnado feroz de frustração. Ele puxou meu cabelo e pressionou minha boca na dele, e senti uma sensação de calor correr através de mim com a crueldade de seu beijo.

Quando ele parou para respirar, sentei-me, com minhas mãos em seu peito, minhas costas arqueadas, levando-o para dentro e para fora de mim em movimentos lânguidos deliberados, até que ele eliminou meu ritmo lento com seus próprios quadris. Então eu me movi. Eu me perdi, e quando Noah se sentou, eu imediatamente me movi para envolver minhas pernas em volta da cintura dele.

Eu nunca estive tão próximo de outro homem. Sua pele estava corada com a minha, não havia ar, não havia espaço entre nós. Eu estava ligada a ele de todas as maneiras, enquanto nos movíamos em conjunto, que era ao mesmo tempo áspero e lascivo, e ainda mais íntimo e terno do que qualquer coisa que eu pudesse imaginar.



Suas mãos me agarraram, me levantaram sobre os seus impulsos. Movi meus quadris para frente cada vez, levando-o tão profundamente dentro de mim que eu queria chorar.

Quando meu clímax chegou, cruzou através de mim até que eu estava quase tonta. Ouvi minha voz gritar seu nome e depois caí contra ele, com minha cabeça em seu ombro, o êxtase caindo sobre mim e através de mim e me deixando drenada.



Mas sua necessidade ainda estava ardendo quente, e ele pegou meu rosto em suas mãos e me beijou, como se eu tivesse me afogado e precisasse ressuscitar. E funcionou porque sua língua na minha boca, exigente e desesperada, começou tudo de novo. Fiquei com tanta fome dele quanto antes.

Eu o beijei também, inclinando a cabeça para aprofundar esse beijo, saboreando o gosto dele enquanto ele se afastava por baixo de mim, se empurrando para cima quando eu desci. Mas não foi o suficiente. Ele passou os braços em volta de mim e me rolou de costas, e eu gritei com a bela sensação dele deslizando ainda mais fundo em mim do que eu pensava ser possível.

Assim, ele gozou, com seu corpo deslumbrante contra o meu, tão perfeitamente áspero e forte. Meu corpo ainda estava latejando de antes e o prazer começou a se formar em mim novamente.

— Você está perto? – Noah perguntou. — Sim, eu posso sentir que você está. Você está...

Eu não conseguia falar porque ele estava certo. Outro orgasmo disparou através de mim em uma fração de segundo depois e ele gemeu como se fosse seu orgasmo. Era o que ele estava esperando; ele me segurou e agora gozou, estremecendo contra mim quando seu próprio clímax surgiu através dele e o deixou pesado e saciado.

— Não quero mais me separar. – eu disse, mesmo antes de recuperar o fôlego.

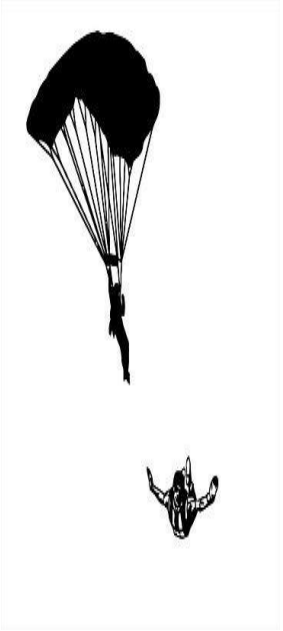


Ele balançou sua cabeça. — Eu também não. Mas, se estivéssemos, sei que encontraria o meu caminho de volta para você. Sempre.

E eu soube então por que ele foi embora. Para tornar suas palavras verdadeiras. Para criar uma parceria entre nós, onde não havia mais nada em nosso caminho.

O amor, o amor verdadeiro, não eram mãos vazias, ou mentiras que pareciam verdades. E não era perfeito, puro ou sempre fácil. Ele era um sol nascente em um novo dia.

Ele era uma possibilidade sem fim.



Epílogo

Noah

1º de Novembro...

Meu aniversário. Charlotte me leva pelo caminho sinuoso e cheio de folhas, o mesmo que andei sozinho quatro anos atrás. Minha mão está em seu braço, mas ela caminha devagar. Está escuro para ela. Ainda não amanheceu. Eu posso sentir seus músculos tensos sob meus dedos. Ela está nervosa nesse ambiente estranho, mas não para. Ela é corajosa, minha Charlotte.

Caminhamos até o pico e sinto o ar livre. Está quente e úmido, mesmo que o sol ainda precise nascer. Mas vai e ela estará pronta quando o fizer.

Sento na terra rochosa, com meus joelhos flexionados, enquanto Charlotte se agacha ao meu lado. Ouço o *clique* do case do violino e meu peito aperta com a ansiedade. E amor.

Deus, eu a amo. Eu amo Charlotte com todas as fibras do meu ser. Eu a amo tanto que o pensamento de passar mais um dia sem pedir que ela seja minha esposa parece ridículo; há uma pequena caixa enfiada na minha bagagem no hotel. Sei que somos jovens, mas como um homem sábio me disse uma vez, a certeza é seu próprio tipo de paz. E posso pedir a ela agora, porque a raiva, o ódio e o sentimento furioso de injustiça foram todos abandonados. Eles nunca



mais aparecerão para machucá-la. Fiz o que me propus a fazer e me tornei alguém que poderia ser seu parceiro em todas as coisas. Eu deixei toda a amargura para trás.



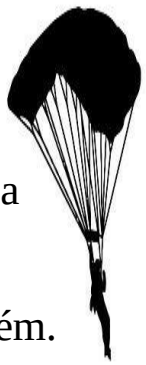
Minha vida é muito diferente da que levei antes. Quando me disseram que seria cego para sempre, minha mente inventou uma lista de coisas que nunca mais veria ou faria novamente. Agora, vejo a beleza de outras maneiras: ouço isso na risada de Charlotte e na voz dela, na sua música. Sinto o cheiro em um fósforo queimado, em café moído, em um churrasco na casa dos pais dela ou nos meus. Sinto quando toco Charlotte, quando a abraço e faço amor com ela; quando danço com ela, com sua cabeça enfiada sob meu queixo, tão perfeitamente... eu sinto no Braile que eu estou aprendendo meticulosamente enquanto digito o meu livro, o livro que ditei enquanto fazia o meu caminho árduo pela Europa.

Estou escrevendo um livro de memórias. Existe uma palavra mais pretensiosa? Duvido, mas é isso que é. Um livro de memórias do meu acidente e tudo o que vem depois. De cruzar toda a Europa sozinho e de viajar pelo mundo com Charlotte, enquanto ela toca em casas lotadas em salas de concerto douradas. De nossa vida juntos, é mais cheio e mais rico do que qualquer coisa que eu conhecia antes do acidente.

Yuri quer meu livro e posso entregá-lo, mas agora não me importo. Ainda não tem um título, mas tem uma dedicação. Para Charlotte. Claro, para Charlotte. Sem ela, eu estou curvado em um quarto mofado, ouvindo outras pessoas lendo e morrendo um pouco por dentro todos os dias. Gostaria de pensar que poderia ter encontrado o meu próprio caminho para sair dessa dor e tristeza, mas não quero pensar nisso. Eu não preciso. Não tenho que xingar, gritar e agitar meu punho bravo no grande céu vazio. Não mais.

Encontrei minha esperança e minhas nuances de escuridão. Não pulo mais de aviões, mas ainda assim voo. Sinto uma sensação de adrenalina nas veias quando meu amor por Charlotte me domina. E eu sinto isso agora, quando ela toca minha mão.

— Está quase na hora. Você está pronto?



Eu concordo. Fecho os olhos, esperando, e com uma pequena inspiração, Charlotte começa a tocar.

Seu violino toca uma nota baixa, mas intensa, e ela a mantém. No fundo escuro do meu universo, surge um brilho fraco, como uma brasa que brilha à beira de um horizonte. Sua nota sobe, um vibrato suave, depois segura novamente, e vejo a luz se espalhar. Eu vejo isso.



O violino de Charlotte pinta o lento feixe de luz sobre a floresta verde, iluminando-a com cobre. Vejo o rio branco e sinuoso serpenteando embaixo, brilhando onde a luz o toca. Vejo ruínas reveladas quando a luz se arrasta sobre elas. Seu violino segura uma nota suave e baixa e depois explode - seu arco passa sobre as cordas - e vejo o sol se libertar em uma coroa de vermelho ardente e amarelo brilhante. Meu peito aperta e meu coração dói com uma dor tão profunda que mal consigo respirar.

Charlotte toca o amanhecer, a cada nota crescente uma pincelada sobre uma pintura viva. As notas brilham e explodem como fogos de artifício ao meu redor, um tumulto de som e luz, e sinto lágrimas ardendo nos meus olhos inúteis. Vejo o amanhecer e sei, com um final agonizante, que esta é a única maneira de voltar a vê-lo. O que restou da minha antiga dor e amargura é transformado em pó para sempre.

A última nota flutua no ar quando a luz do sol nasce o suficiente para que a noite seja dissipada durante o dia, e eu cubro meus olhos com a mão, com meus ombros tremendo. Sinto os braços de Charlotte em volta de mim. Levanto minha mão e encontro seu rosto em forma de coração, sua bochecha macia e lábios carnudos.

— Eu vi, Charlotte. – eu sussurro. — Eu vi tudo.

Eu a sinto assentir, e ela solta uma respiração irregular, e vou em direção a esse som, para a boca que o fez e a beijo, porque ela me deu tudo.



Eu sou cego, mas não estou mais perdido no escuro. O futuro com Charlotte é vasto e brilhante, e nesse horizonte - nosso horizonte - posso ver para sempre.



Continua...